



A MÁFIA ITALIANA

CAPO

GLEEN BLACK



o Capo

A Máfia Italiana

Gleen Black

Copyright © 2020 Gleen Black

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação, sem a permissão por escrito do proprietário dos direitos autorais. A violação dos direitos acima mencionados pode constituir um crime contra a propriedade intelectual (Art. 270 e seguintes códigos penais).

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência. Todos os personagens, nomes, eventos, organizações e diálogos neste romance são produto da imaginação do autor ou foram usados nesta obra de forma fictícia.

ISBN: 9798696255613

Capa: A&A Ediciones

Layout: Gleen Black

Tradução: Divinas Lectoras

Editora: Independently Publisher.

*Cada livro, cada volume que você vê aqui, tem uma alma.
A alma da pessoa que o escreveu e daqueles que o leram, viveram e
sonharam com ele. Cada vez que um livro muda de mãos, cada vez que
alguém direciona os olhos para as páginas, seu espírito cresce e se fortalece.*

“A Sombra do Vento, Carlos Ruiz Zafón”

CAPÍTULO 01

Dominic

O melhor amigo do homem, não é o cachorro, mas uma xícara de café recém-preparada logo cedo. Isso é vida infiltrando no meu corpo e alimentando minhas veias. Por isso, todos os dias antes que o alarme do meu despertador dispare, meus olhos já estão em alerta. Diz-se que as pessoas feitas para liderar conseguem dormir apenas quatro ou cinco horas, enquanto as outras que dormem até tarde e adiam o alarme mais de seis vezes, são feitas para serem lideradas. Eu pertencço ao primeiro grupo.

Meus olhos se abrem mesmo quando o céu de Manhattan ainda está escuro. Giro meu corpo, em seguida toco meu rosto, nem preciso olhar o emaranhado de cabelos castanhos na minha cama para que algo se mova. Duas coisas se alteram, meu pau, orgulhosamente ereto com uma dura ereção matutina. E uma parte do meu cérebro, dizendo-me o quão errado foi fazer sexo com Katniss, a filha de um dos juizes mais conceituados do distrito, na noite passada, além da advertência de possíveis problemas. Merda! Saio da minha cama para ir diretamente ao banheiro e resolver meu primeiro problema da manhã. Não gosto desse cheiro de mulher no meu corpo, preciso de um banho demorado e quente para limpar qualquer vestígio... Saio da ducha, molhado, envolvendo minha cintura com uma toalha. Ligo a cafeteira na minha cozinha e olho rapidamente para o jornal que lá repousa — como acontece todas as manhãs — no balcão. Sempre as mesmas notícias, o estúpido do presidente fazendo comentários em uma rede social e que se converteu no seu gabinete de imprensa. É um maldito pé no saco e bem que poderia chupar meu pau. Tomando meu café e suspirando de puro prazer, caminho na direção do meu quarto. A mulher na minha cama continua dormindo, sendo assim, deduzo que ela pertence ao segundo grupo de pessoas. Preciso de um pouco de exercício e concentração. Algo que me traga ao agora. Emoção. A vida atrás de uma mesa está acabando comigo. Uma boxer preta cobre meu corpo quando me inclino para pegar meu conjunto de moletom para correr e queimar toda essa energia acumulada. A opção de foder a garota não é mais tão atraente quanto me parecia na noite passada. Não raciocinava e, hoje, o homem controlador que sou, sabe o quão

equivocado estava ao comer sua boceta. Conversarei com ela e deixarei bem claro os meus termos. Reviro os olhos ao sentir seus seios nas minhas costas. Acho que está na hora.

— Volte para a cama — sussurra.

Sexo é sexo e algo que não gosto de tê-lo, é o que acontece na manhã seguinte... Por uma questão pessoal não sou de levar uma mulher para a minha cobertura, costumo ir a um local seguro dentro da organização. Durante meses vinha fazendo isso e evitava toda esta merda.

Ontem à noite tomei uns drinques e, não estou usando isso como desculpa, mas a ideia de foder a filha do juiz Florentino ficou mais atraente, quando a garota caiu de joelhos e meteu a boca no meu pau sem que eu pedisse. Ela sabe chupar um pau grosso como o meu, ela deveria ser reconhecida como esses aspiradores; Dyson, excelente na sucção.

— Deve ir para sua casa, Katniss.

— Não quer ficar na cama?

— Não — rosnou.

Estou cansado da cama, chateado com esta vida monótona. Sou um maldito deus, por favor, deveriam respeitar-me mais.

E esse é o problema, passei muito tempo nas sombras da organização, deixando meu braço direito assumir o controle de quase tudo, enquanto estava atrás de uma mesa. Preciso voltar ao sangue, essa adrenalina de ver a vida sair dos corpos dos meus inimigos. Preciso desse prazer distorcido...

Fecho meus olhos, e sinto a raiva subindo pela minha garganta.

— Don...

— Fique de quatro e levante essa bunda.

Ela dá um pulo com o meu tom de voz agressivo.

— Sim, senhor.

— Foderei essa bunda. Novamente. Você é apenas uma mulher para ser fodida.

E não minto. Deixo isso bem claro antes que ela comece a idealizar um possível romance em sua cabeça. Conheço as mulheres e sei o quão sensíveis e sonhadoras são. Certamente, já imaginou como seria nosso casamento ontem à noite e hoje de manhã já tínhamos dois filhos e vivíamos felizes para sempre. Lixo que a televisão e os livros nos vendem. Ela cumpre bem a minha ordem. De quatro, com sua bunda pronta para me receber. Prostitutas

não precisam de preliminares. Pressiono meu pau em seu buraco, sua mão frágil tentando conter-me. Todas as mulheres são prostitutas como ela... Merda.

— Vou correr duas horas, então encarregue-se de pedir-lhe um taxi... Ela está lá dentro — dou a ordem, caminhando em direção ao elevador. Nick, um dos meus homens acena, pronto na porta, como todas as manhãs. Recebo um aceno sutil.

— Já está feito, senhor.

— Sim?

— O senhor me pediu ontem à noite — disse.

Bem, parece que o meu eu de bêbado, também não está feliz com Katniss.

— Chegou ontem à tarde.

Paro, olhando pela primeira vez a pasta preta que está em seu poder. Peço-lhe que a abra enquanto saímos do elevador para começar uma corrida tranquila. Preciso exercitar-me mais do que nunca.

Essa pasta só significa problemas, assim que Nick me repassa mais informações, pude comprovar que se tratava de um grande problema.

Faço uma ligação para o meu braço direito, meu *Consigliere*.^[1]

— A filha do juiz, hein?

— Como...? — interrompo antes mesmo de saber a resposta.

Porra. Na rua, alguns centímetros atrás de mim, ele está dentro uma van de vigilância.

— Deixe de se meter na minha merda — ordenou. Roth ri. É meu amigo, meu maldito irmão. Conhece cada ponto da porra da minha vida.

— É seu pau. — Ele ri —. Só peço que use preservativo, pois ela é uma prostituta.

— Meu sêmen vale seu peso em ouro. Nenhuma vagabunda pode tê-lo.

— Você recebeu meu presente?

— Não preciso de uma mulher.

— É a esta na pasta — dê uma olhada —. Ela precisa de um marido.

— Então case-se com ela.

— Precisa de proteção, ela sabe muito sobre os negócios.

— Por que ainda está viva?

— É um favor para um velho amigo.

Isso faz mais sentido. Está preocupado.

— Gabriel foi bem claro sobre os favores, não é verdade?

Meu pai ofereceu proteção para a puta da minha mãe biológica, e ela acabou pagando a gentileza traindo-o com seu segurança. Meu pai terminou sua vida fazendo-a muito infeliz. Não o defendo, mas ele sempre foi um filho da puta. Mesmo com seus filhos. Razão pela qual agora reside permanentemente debaixo da terra. Eu mesmo cuidei disso.

— Só dê uma olhada na foto, vai que você gosta... Lombardi a levará.

Lombardi é um velhote de quase sessenta anos. Gordo, cabelos grisalhos. Ficou viúvo recentemente. Roth o mencionou para me persuadir a olhar a fotografia.

— Mate-a.

— Pensei que estava entediado.

Matar uma garota não é minha diversão.

— Voltarei aos negócios. — É um aviso. Roth suspira. Você me manteve fora de ação o suficiente. Está na hora de voltar.

— Está pronto? Depois de...?

— Voltarei, porra.

— Bem — Roth aceita mesmo sem concordar —. Reunirei nossos homens. E... novamente sugiro que olhe a foto da garota. Deveríamos considerá-la.

Seu pai era um agente da CIA^[2], obteve muitas informações sobre nossos negócios na Sicília. E se você não quiser casar-se com ela, poderíamos uni-la com algum homem de nossa confiança ou matá-la.

— Só confio em você — sabe disso. E Raze, seu irmão.

Ele é um motoqueiro, zombaria de tudo isso, mesmo antes de se casar com alguma mulher e, provavelmente, esta garota terminaria morta sem suas mãos antes que pudesse fodê-la.

— Então me casarei com ela, se preferir. No entanto, acho que é o seu tipo. Vladimir Ivanov a está investigando. Não é muita coincidência?

Vladimir pertence à máfia russa e está controlando Nevada. Ele é um filho da puta, tenho muita vontade de matá-lo. Prejudica minhas rotas. Controla grande parte do leste, e está firmando-se com muito poder. Se por algum desejo distorcido ele quer ficar com a garota, poderia pegá-la primeiro. Seria uma forma de zombar da minha cara. Afinal de contas, ninguém me nega nada.

— Quantos anos ele tem?

— Vinte.

— Universitária?

— Não. Acho que é editora. Tem uma foto na pasta, dê uma olhada... ou olhe com o seu pau.

— Isso não tem graça.

— Não estava brincando... Dá para se divertir um pouco.

— Não suporto as mulheres — digo. E é verdade.

— Aproveite algumas semanas com essa garota e depois a matamos, qual é o maldito problema?

Nenhum, mas só de pensar em ter que aguentar uma mulher por semanas faz meu estômago revirar.

Não sou bom para ninguém, gosto de foder e sair sem ser questionado. Gosto de coisas que duvido que uma jovem de vinte e poucos anos suportaria. Casar não se encaixa comigo. Não tenho o costume de passar as noites na minha cobertura e muito menos dar qualquer tipo de explicações a alguém, talvez só a Roth. Sempre tem sido uma pedra no meu sapato, uma que adoro guardá-la. Não, definitivamente não preciso de uma mulher.

— Precisa de um herdeiro — afirma como se tivesse acabado de ler minha mente.

— É você, Roth, você é a porra do meu herdeiro.

— Don, pense nisso. Precisa de uma esposa e de pelo menos dois filhos.

«Para que eles lutem entre si até a morte?».

— Providencie o meu retorno — ordeno e desligo.

— Esta é a foto da garota — informa Nick ao meu lado e me entrega a pasta. Paro na *Central Ave.*, bruscamente.

Cabelo castanho claro quase loiro, pele branca como porcelana, lábios voluptuosos rosados e olhos enormes para um rosto tão angelical.

Estão gozando com a minha cara.

— Só pode ser brincadeira — sussurrou surpreso.

Só pode. Ela é um anjo... Merda! Sei reconhecer bem um problema quando o tenho bem na minha frente. Essa foto é um grandioso problema. E o que sei, é que não estou disposto a aceitar.

Todo o meu corpo coça por causa de alguma substância estranha quando olho para a imagem. Estou paralisado observando a pequena ninfa, quase loira e ardente. Adorei seu cabelo, um castanho natural. Imaginar-me brincando com as mechas que caem em seu rosto, dando-lhe uma aparência de menina inocente me hipnotiza. Seus traços são suaves, mas marcantes, assim como

sua boca natural em formato de coração de cor de cereja. Lábios desenhados para serem beijados... com força. «Que diabos...?!».

Oh, não! Uma parte muito abençoada do meu corpo está reagindo ao que meus olhos veem. Suas pernas estão expostas graças a um shortinho e ainda usa uma camiseta regata grande que diz “Eu não sou um bebê” Porra!

Isso me deixou à beira de gritar como um maldito animal.

Estou impressionado com o que vejo, muito mesmo. Meu amigo também concorda, pisco e me remexo inquieto ou nervoso?

Excitado, nunca me senti tão excitado e ardente como agora. Ela é linda.

Entrego-lhe a pasta e começo a correr.

Agora acho que devo correr três horas, essa hora extra é por causa desse rosto. Corro pela *East Central* em direção à vista da *Central Ave. Commercial. Play With Fire* queimando meus ouvidos, em qualquer outra manhã minha cabeça estaria fria planejando todo o meu itinerário, mas hoje, o dia parece cinza e amargo.

Merda, volto rápido orando internamente para que Katniss já não esteja mais na minha cobertura. Decido subir as escadas até meu andar com esse rosto gravado na minha retina. Nicolás se surpreende quando empurro a porta. E Olivia, a empregada doméstica, que já está na cozinha preparando o meu café da manhã. Eles estão falando sobre alguma sacanagem a julgar pelo rubor monumental no rosto da garota. Pego a pasta.

— Cancele essa chamada. Eu cuidarei disso.

— Don.

Vou para o meu quarto e me sento na cama com um monte de papéis espalhados, enquanto coloco minhas abotoaduras depois de outro banho e meu estômago roncando de fome. Já tomei uma decisão. Estou com a foto novamente nas mãos, avaliando mais uma vez toda essa perfeição. Ela é magra, sua cintura é pequena e sua bunda é de matar qualquer um.

Minha mente pervertida já a imagina com essas pernas ao redor dos meus quadris, empurrando-me para dentro dela enquanto grita pelo meu pau duro. Como se meu pau tivesse cérebro, ergue-se em aprovação. É uma pena. Uma beleza de garota desperdiçada, quanto é que já experimentou? É uma jovem vivendo em Nova York. Certamente já teve muita ação. Não, não teve. Ela é

irmã de Holden Greystone. O filho pródigo fugindo de casa, sob meu território. Buscou refúgio na minha cidade há anos. No entanto, nunca me mencionou que tinha uma porra de irmãzinha.

Se ele for virgem, eu a pegarei para mim. Se não, eu a cederei para Roth. Um casamento por compromisso comigo só serviria para foder Vlad Ivanov, como uma doce provocação, mas se sua boceta já teve outro pau, Roth deverá ser suficiente. Pego os papéis novamente e, por algum motivo estranho, mantenho a sua foto na minha carteira e não na pasta. Tenho que ir para o escritório. Talvez o deixe divertir-se... Não. Preciso estar focado. Serei eu quem se divertirá um pouco. Pego meu celular novamente.

— Você quer visitar Greystone?

Maldito filho da puta.

— Sim, estou a caminho.

Desligo sem ouvir mais nada. Essa garota, doce, morena com fios claros, será minha, nesta mesma tarde ela será minha. Propriedade de Dominic Cavalli.

O Don da Máfia Siciliana.

CAPÍTULO 02

Emilie

Aparte essencial de uma pessoa é saber o que quer ser na vida, é sua responsabilidade saber que rumo tomar, mas acima de tudo, cumprir seus objetivos e limites sem culpar ao “*Eu sou assim porque...*” odeio as pessoas que se vitimizam por ter tido uma infância de merda. Sim, foi fodido, mas sabe de uma coisa? Supere-o! Vá lá fora, coma o maldito mundo de uma vez por todas, faça alguma coisa com a porra da sua vida, mas não fique parada chorando por algo que não tem remédio. Esse conselho comecei a repetir para mim mesmo desde o primeiro dia em Nova York, quando fiquei com a minha bunda chorando por mais de três meses e parecia uma mártir. Só para ter uma nova oportunidade. Meu corpo está quente, sedento e excitante. Agradeço por ter colocado meu sutiã, caso contrário, meus seios estariam para cima e para baixo com o suor bruto escorrendo pelo meu corpo inteiro.

— *Mais... Mais!* — rosno.

Meu coração está batendo freneticamente, implorando pela próxima respiração enquanto tudo em mim se contrai dolorosamente. Mexo-me mais forte sentindo esse frenesi que sempre chega nesse ponto. Estou quase lá, justo nessa zona de prazer e dor.

— Deus... Só mais um pouco — peço.

Com todo ardor do meu corpo acalorado, consigo ouvir algo irritante. Meu celular está tocando, cortando a voz de Imagine Dragons, *Natural*, instantaneamente. Amaldiçoo ao ver a tela e toda a excitação desaparece. Então meus pés se enroscam e caio no chão. Grito contra todos os meus antepassados interpondo minhas mãos e evitando machucar meu rosto. Minha respiração está irregular quando me coloco em pé. Maldito seja Holden Greystone.

— Deveria ficar nessa posição, querida! — grita um afro-americano na esquina, agarrando-se na sua virilha e fazendo movimentos com os quadris. Sem pensar muito, mostro-lhe meu dedo médio e me inclino para pegar meu celular —. Já tenho pau suficiente para essa bunda!

— Vá a merda! — bufo e fico em pé novamente para me afastar do idiota.

Sinto uma sensação estranha de ser observada e olho por cima do meu ombro e comprovo um imbecil que está acendendo um cigarro sem prestar muita

atenção em mim. Acelero o passo, quase trotando até o apartamento — que divido com a minha melhor amiga — encontrando-o em silêncio. Vou direto ao banheiro porque estou suada e irritada comigo mesma por não ter conseguido correr mais de uma hora como tinha planejado.

Meu cabelo está horrível quando coloco um pé no meu quarto e desejaria que fosse como nos filmes, onde uma garota sai com o cabelo molhado e seis segundos depois, ela o tem lindo, liso e brilhante. Não tenho tempo para isso, evidencio mais uma vez, enquanto me inclino para pegar minha roupa íntima. — Valerie! — grito da minha porta —. Onde está meu sutiã de bolinhas?

Silêncio, mais silêncio. Tenho certeza de que decidiu jogar fora meu sutiã favorito, por estar tão desgastado.

— Valerie! — insisto, sem obter resposta.

Maldita, certamente se foi e me deixou com a minha procura absurda, como é possível que ela não goste? Bufando bem alto, procuro no meio da montanha de roupas, lembro-me de ter deixado um sutiã preto em algum lugar nessa pilha.

— Bingo! — disse ao encontrar a preciosa peça. Valerie, eu a matarei.

— Homens de uniforme são tão excitantes.

Cubro meu corpo assim que ela entra no meu quarto, com um cesto de roupa vazio nas suas mãos. Valerie balança a cabeça com a minha reação.

— Vejo seios e bundas todos os dias, Millie, sabia? Sou modelo.

— Bem, os meus não formam parte de sua lista valiosa. E meu nome é Emilie.

— Eu sei. — Dá de ombros —. *Millie*.

— Vai sair ou ficará aí me olhando?

— Bem, ficarei para organizar sua bagunça.

Bufo. É apenas uma desculpa para jogar fora minhas roupas. Valerie não sabe usar máquina de lavar roupas, é uma das mulheres que deixa queimar até cereal. Entende?

— Pare de tocar nas minhas coisas, é nojento que olhe minha roupa íntima.

— Seria nojento se você estivesse transando com alguém, mas não está.

— Como pode ter tanta certeza? Talvez tenha um namorado secreto.

— Estão secas.

— O quê?

— Suas calcinhas.

— Oh, pelo amor de Deus?

Simplesmente me ignora enquanto recolhe minha roupa do chão. É minha bagunça, perfeitamente ordenada. Faço malabarismos escondendo meu corpo atrás da toalha para me vestir. Não gosto que me olhem, isso me desagrada. Ela é mais liberal do que eu nesse sentido, anda pela casa de calcinha e com seus seios perfeitos de silicone expostos. Corro para o meu banheiro minúsculo.

— Escovar os dentes depois de mudar de roupa não é boa ideia.

— Estou atrasadíssima, não devia ter ficado lendo esse livro ontem à noite.

Comecei a escovar os dentes. Valerie começa um discurso sobre minha falta de coordenação, meu fascínio por livros e depois se mete com as minhas roupas. Jesus!

— Dein ligou ontem à noite. Perguntou por você, está preocupado.

— Eu o chamarei hoje — minto.

Um grito sai da minha garganta assim que me olho no espelho. Meu cabelo é um nojo, mas não tenho tempo para pensar nisso. Só tenho cinco minutos para estar no orfanato. Deveria estar lá há quinze minutos. Trabalho para uma editora, a mesma que está patrocinando um café da manhã para arrecadação de fundos para este orfanato. Saio correndo do quarto assim que sinto apresentável no meu vestido com estampa de flores silvestres. Pego minhas chaves sobre a mesa e junto uma xícara de café quente.

— Você é tão doce, Valerie. — Beijo sua bochecha rapidamente —. Obrigada.

— É que sou uma mistura de Katherine e Anastasia.

— O quê?

Penteio meu cabelo com os dedos enquanto a olho sem entender.

— Charlie e toda essa porcaria.

— É estranha.

— Olha quem fala! A garota trabalha em uma editora e não leu Grey. Que vergonha! — grita. «Oh, deuses». Que vergonha para sua família!! Deveria estar envergonhada!! Envergonhada sua vaca!! Por ter envergonhado seu Kindle!!

— Valerie! Fale baixo, olhe os vizinhos! Além do mais, meu Kindle está cheio de orgulho, como estou?

— Como um adolescente sem fazer sexo. *Vergonha para sua vagina*, amiga.

— Não sou uma adolescente.

— E nunca fez sexo.

— Cadela! — reclamo em voz alta —. Terá que me compensar desta vez com algo melhor. E pare de jogar minhas roupas fora!

— Hamburger e série da HBO? Netflix?

— Feito. Essa de vampiros. *True Blood*.

— Eu sabia. Eu te amo, garota que não entende nada de moda.

— Eu te amo, *Kasia*.^[3]

Ouçõ sua risada escandalosa enquanto abro a porta do nosso apartamento. Moro com ela há mais de dois anos e estou acostumada com que muitas das minhas roupas desapareçam sendo substituídas por roupas novas, as quais não uso. Valerie é minha única amiga, mas nossos gostos pelos garotos e roupas são muito diferentes como branco e preto. Bem, neste caso não dá para comparar muito porque não tive tantos garotos assim. Só Dein Jason, o irmão da minha melhor amiga.

E ainda dói ao lembrar-se dele.

Corro pelo estacionamento, com essa maldita sensação de ser observada. Outra vez paranoica, o lugar inteiro está vazio, exceto pelos carros. Então entro no meu carro velho e o conduzo pelas ruas congestionadas. Algumas pessoas amam as diferentes culturas de Nova York, como sendo uma cidade que integra todos em uma unidade. O que adoro na *Big Apple* é o anonimato que ela me proporciona, estar aqui é seguro, pelo menos por enquanto. Procurar algo ou *alguém* em Nova York é tão difícil quanto encontrar uma agulha em um palheiro.

A doce música de Imagine — meu grupo favorito — é interrompida por uma ligação. Hannah, minha chefe na Editora Universal, uma pequena empresa de Manhattan. Recuso a chamada. Minha vida está um pouco agitada, acho que de alguma forma me esforço a continuar andando. Trabalho de manhã para Hannah, de segunda a sexta-feira, à tarde passo assistindo a séries ou passeando ocasionalmente com Valerie, ou ainda conhecendo outros restaurantes que reservo para jantar sozinha. Pode parecer patético, penso, mas para mim não é. Gosto da solidão, gosto do meu mundinho. E a todo instante passo fugindo, do passado e de algo muito importante, amor, não tenho tempo para nada relacionado a esse assunto.

Amar, descobri tragicamente, dói horrores.

Tenho um passado que me assombra e devo seguir um caminho diferente dos demais. Não há romance, não há amor. Apenas minha melhor amiga, seu irmão e seu gato Garfield.

— Bom dia, Hannah — murmuro sem muito ânimo. «É apenas mais um dia, Emilie. Sobreviva, assim como sempre fez.» A verdade é que quero voltar para casa, deitar na minha cama e nunca mais sair de lá. Minha cama me ama. O que posso dizer? Hannah com seu cabelo ruivo me lança um olhar de censura.

Sim, já sei. Cheguei tarde, mas, vamos lá, estamos em Nova York e o trânsito é uma merda. E minha melhor amiga jogou fora meu sutiã favorito.

— Está atrasada, Emilie.

— Se quer culpar alguém, essa é Valerie. Jogou fora meu sutiã favorito.

— Qual é o problema de Val com suas roupas?

— Diz que é muito inocente, sabe, está em uma fase que acha que preciso de um namorado.

— Pensei que saía com esse garoto loiro, Dein Jason?

— Não.

Eu a ajudo pegando cinco caixas que quer carregar. Hannah está nessa linda fase de ser quase mãe, nessa linda e doce espera.

Não sei como você pode ter esta barriga enorme de seis meses, usando saltos de cinco centímetros e ainda tentando manter o equilíbrio.

— Ele foi enviado para a zona de amigos.

— Pior — digo.

— Pior?

— Humm, como se fosse a de irmão.

— Bem, vamos trabalhar. Esqueça os homens rejeitados!

— Sim, estou muito ansiosa para saber o que você tem para mim.

— Um doador. Está na capela, seja um amor com ele, *por favor*.

— Ok, chefe.

— Não seja boba, vamos, vá até lá. E, Emilie, é importante.

O jardim do orfanato está cheio de gente, algumas comprando as peças de artesanato feitas pelas irmãs, outras estão passeando com um copo na mão olhando as instalações. Vítimas e predadores, assim é o mundo real. Muitos dos que hoje andam por aí com seus vestidos de gala, são milionários esperando comprar o terreno e construir algo “Fabuloso”, diriam eles, outros, estão aqui porque querem muito ajudar.

Imediatamente a Madre Superiora, Irmã Angeles, se aproxima de mim, com sua voz autoritária e cheia de amor ao mesmo tempo. Ela é uma grande mulher, amorosa e compreensiva. Com seu hábito preto e véu branco

cobrindo seu cabelo.

— Deus te abençoe, Emilie.

Faço uma careta ao ouvi-la. Deus e eu não estamos no nosso melhor momento. Nossa conexão não tem *wifi*, eu acho.

— Bom Dia. — Sorri sem graça. Deixa escapar um suspiro e mesmo que ela não diga, sei que é de resignação ou isso quero acreditar.

— Temos um futuro doador na capela, e gostaria que lhe mostrasse o orfanato — resmungo baixinho —. É importante para nós, estamos prestes a perder nosso teto e as crianças... Elas... — Sua voz falha.

— Hannah me comentou a respeito.

— Trate-o bem, ok?

— Mas por que me enviam se temem minha reação? — pergunto, porque vejo seu rosto assustado. A mesma expressão em Hannah.

— Os homens a deixam nervosa, só isso.

— Já estou indo — digo.

— Seja um amor! É o senhor, Cavalli! — grita enquanto me afasto.

«*Esse velho tinha que estar justamente na capela*». Penso amorosamente. O lugar é exatamente como me lembro, cheio de mofo e, como diz a irmã Angeles, está caindo aos pedaços. As paredes de tijolos não suportam mais um ano, por incrível que possa parecer, esse é o único lugar que tem brilho, luz natural e está iluminada fazendo tudo parecer um santuário. Um homem — nada do que eu esperava — está de costas para mim, vendo Cristo na cruz. Toda a luz solar está focada nesse objeto dando uma aparência de filme de terror ou de forma milagrosa. Se é que alguém acredita nisso.

A ironia da situação é que, esse homem que tem no máximo trinta anos, está recebendo parte da luz.

Fazendo brilhar um cabelo rebelde cor de chocolate. Brilha como um anjo, usa calça jeans preta e uma camisa de linho branca enrolada três quartos em seus braços fortes. Costas largas e é... *lindo!*

— Impressionante, não é mesmo? — Ouço sua voz rouca —. Como parece...

— Aponta para a imagem. E sei que se refere à hera que está emaranhada na cruz.

— Você é o senhor... Cavalli? — pergunto com a boca seca e uma voz ansiosa. Avanço os pequenos passos que nos separam e paro repentinamente ao ver como me olha, por cima do seu ombro.

Engulo em seco, seus olhos azuis tempestuosos me encarando intensamente.

Nossa Senhora!

— Sim. — Limita-se a dizer o necessário, depois volta seu olhar a imagem. Tenho medo de falar, então fico ao seu lado, mas um pouco afastada e em silêncio. Não sei por que sinto frio e a necessidade urgente de me proteger, nunca me senti tão cheia de medo. Ao mesmo tempo, uma torrente de intrigas me chama para esse desconhecido. Parte da minha razão que sempre foge, está gritando para que eu fuja daqui o mais rápido possível. Passam mais de cinco minutos antes que ele volte a falar. Em todo esse tempo meu celular não deixou de vibrar nos meus seios, lugar este que às vezes substituiu minha bolsa.

— Deveria dizer alguma coisa, senhorita, não acha? — aponta categoricamente.

— Meu nome é...

— Não me interessa seu nome — interrompe friamente. Vira-se deixando-me apreciar seu rosto de arrogante e a maneira desdenhosa e insolente de como me olha. Cerro minhas mãos em punhos e fecho minha boca para não praguejar. *Que filho da p...!*

— E o que lhe interessa, então? — rosno.

Ele entrefecha esses olhos azuis na minha direção e milhares de sensações cruzam em seu rosto, a mais clara de todas é a de rejeição e outra; reconhecimento. Não me olha como se fosse uma estranha, apenas com um pouco de curiosidade e rejeição.

Sou insignificante para menino rico? *Foda-se.*

— É um orfanato onde deixarei parte da minha fortuna. O mínimo que pode fazer é explicar os problemas das crianças, que se beneficiarão com o meu dinheiro — responde com altivez e orgulho disso, mas de uma péssima maneira.

— Encontrarei outra pessoa para que possa atendê-lo melhor — aviso com o semblante sério e irritada. Maldito arrogante!

— Quero que seja você, se eu quisesse outra pessoa, já teria pedido.

Bruscamente se vira e volta a olhar a imagem, percebo como está quase tremendo, seus punhos se abrem e fecham com grande velocidade e parece... Irritado? Por quê? O que me importa, afinal?

É seu maldito problema.

De seus lábios sai uma quantidade violenta de ar, depois um suspiro, então levanta a vista para a imagem, é como se isso o acalmasse ou o alterasse

mais, não sei bem o que dizer. Devido a situação, estou pensando seriamente em como dar-lhe uma bofetada bem no meio da sua cara, por ser tão bruto e idiota e depois deixá-lo falando sozinho. Que se dane!

Não sei o porquê não o faço, no entanto, fico como uma idiota olhando-o. Vários minutos passam antes que se digne a falar novamente.

É um pé no saco.

— O que poderia dizer sobre isso? — Ele se refere a imagem e eu engulo em seco violentamente.

— Não tenho nada para dizer, é só uma imagem figurativa. Só isso.

— O quê? Agora sua voz é incrédula e me encara, mas seu olhar mudou para o de surpresa seus punhos estão abertos e uma veia no seu pescoço lateja. Seus olhos tão intensos e azuis, como as profundezas do mar, observam-me. Seu olhar queima cada parte do meu corpo, minhas pernas, minha cintura estreita, meus seios ocultos sob meu vestido florido e, finalmente, meu rosto, ele se diverte olhando o seu contorno, meus lábios, minhas maçãs do rosto e depois direto nos meus olhos.

Suas brilhantes estrelas azuis parecem como uma criança perdida, longe de casa, na chuva, com muita fome e com a dor do abandono. Reconheço esse olhar, é o mesmo que o espelho me devolvia anos atrás quando meu pai morreu, quando meu mundo desabou. Dor e tempestade. Uma pessoa despedaçada. Hipnotizada, não consigo desviar meu olhar, apenas nos olhamos, como se ambos observássemos muito além do que ninguém pode ver. Eu fiz isso, contando sua respiração, cada batida que salta em seu peito e até mesmo a única vez que ele piscou. Está nervoso, mas por quê? Eu o deixo nervoso? Isso é um absurdo. Ele é uma montanha de carne.

— Não acredito em... — Ele me olha esperando por uma resposta que não lhe posso dar. Ele me está encorajando a continuar —. Gostaria de encontrar outra pessoa, você me deixa um pouco nervosa e costumo dizer idiotices quando estou assim.

— Isso foi sincero, mas gostaria que fosse a senhorita que me mostrasse o lugar. Não tem motivo para estar inquieta, não mordo.

Um sorriso fugaz se esboça em seus lábios, acho que o imaginei.

— Nem eu — sussurro, porque pareço estar hipnotizada. É ridículo.

— Não acredita em Deus, senhorita?

— Estou em um momento conturbado... Vejo essas notícias na televisão com toda essa maldade no mundo e me pergunto onde ELE está, é só uma fase,

acho.

— Entendo, às vezes isso acontece comigo também.

Um sorriso bobo surge em meus lábios, o primeiro desde que parti o coração de Dein Jason. E fico olhando para o deus do Olimpo, sim! Para o próprio Zeus! O homem bem na minha frente é um deus.

CAPÍTULO 03

Emilie

Caminho ao seu lado com os braços cruzados, de repente sinto muito frio mesmo estando ao seu lado. Isso me intimida e me atrai de uma forma ilógica. Não entendo, balanço a cabeça negativamente com a intensidade com que ele me olha, tentando assim, clarear meus pensamentos. Percorremos ao redor do orfanato em silêncio, enquanto as pessoas compram e brincam no jardim com as crianças.

— Srta. Emilie!

— Nial!

Grito ao ver um menino de oito anos correndo na minha direção.

— Com licença, Sr. Cavalli. — Sem esperar por uma resposta, giro meu corpo e me encaminho na direção da pequena criatura, que vem correndo com os braços abertos.

— Não tenho mais as bandagens, senhorita. Olhe minhas mãozinhas!

— É verdade! — Comemoro com ele.

Examinando suas mãos, a pele está completamente curada, crescendo uma nova mais rosada, sensível, fina e enrugada. — Já pode brincar com seu carro, campeão.

— Sim. Já disse à Madre Superiora!

— O que está esperando? Vá, corre.

O menino corre, afastando-se, então ele para e volta para me dar um abraço. Menino travesso. Finalmente corre para a lateral do prédio.

— O que aconteceu com suas mãos?

Fiquei surpreso ao ouvir sua voz tão perto, por um segundo esqueci o Sr. Cavalli. Não esperava tê-lo a centímetros de mim, muito menos meu coração acelerado. «É apenas um rosto bonito», censura uma voz interna.

— Tentou salvar sua irmãzinha em um incêndio, na casa de seus pais. Todos morreram, menos ele. — Engulo em seco —. Tem queimaduras nas costas. A equipe de resgate conseguiu socorrê-lo minutos antes que fosse tarde.

— Todas as crianças aqui têm casos parecidos?

— De algum modo, sim.

— Entendo.

— Não, o senhor não ideia — debato —. Certamente o senhor é filho de *papai e mamãe...* de uma família bem constituída. Não pode imaginar o quão dura é a vida de uma criança aqui, eles sabem que não serão adotados devido as suas condições. Sr. Cavalli, está aqui pelas crianças o por *outra coisa*?

— *Por outra coisa* — diz sincero. Sua resposta foi direta, rápida e espontânea. Não está mentindo. Merda, provavelmente só quer ver o terreno para comprá-lo e estou fazendo papel de idiota ajudando o garoto rico a conseguir o que quer.

— Um hotel luxuoso? Um campo de golfe? O que quer construir aqui, Sr. Cavalli?

— O quê?

— Não se faça de desentendido comigo! Não tenho a menor dúvida que somente está aqui para lucrar um bom dinheiro.

— Não! Claro que não! Só quero ajudar essas crianças, pedi a sua ajuda porque foi muito bem recomendada como a mais capacitada. Agora entendo o porquê, essas crianças gostam muito de você e farei de tudo para investir meu dinheiro nisso, não é assim, senhorita?

— Não quer construir nada?

— Não.

— Quer ajudar as crianças?

— Sim.

— Por que devo acreditar em você?

— Nasci aqui — confessa. Recuo atingida não só por suas palavras, mas pela mudança abrupta que deu. Cavalli já passou por tudo. De imponente a frágil —. Sob este teto que tem o que a senhoria chama de “imagem figurativa”.

— Eu, sinto muito... Não... — gaguejo tentando esclarecer a vergonha —. Pensei...

— Vamos começar de novo — mediava —. Fale-me mais das crianças e, por favor, se não se importar, poderia mostrar-me isso de lá? Estou realmente intrigado.

E novamente a mudança. Do branco ao preto, que merda...?

— Sim, claro, como não.

Está intrigado, comigo ou com qualquer coisa que aponte nas minhas costas? Por que não para de me olhar? Isso me deixa muito nervosa! Diga alguma coisa, Emilie!

— Então já conhece o lugar.

— Nasci aqui, mas depois de alguns dias fui levado. Não conheço e faz pouco tempo que me inteirei da minha procedência.

— Sinto muito.

— Fale-me dos pequeninos.

— Claro... Aqui vivem cinquenta e oito crianças, com idades entre cinco e nove anos. — Começo a descrever o local rapidamente como um gravador —. Todos foram abusados de uma forma ou de outra. E é por isso que estão aqui. As irmãs que atuam neste orfanato são apenas oito, então dá para perceber que é extremamente difícil para elas. — Afirma compreensiva e giro meu corpo olhando para onde está apontando. É a pérgola circular de frente ao lago, construída de ferro e na primavera fica linda, cheio de flores. Agora só se sente o frio que a atinge com os últimos reflexos do inverno, embora seja um domingo ensolarado para um dia de início de primavera. Avançamos até ela e o convido para se sentar em um dos bancos de ferro oxidado e me surpreende o fato de tê-lo feito sem questionar pelas condições do assento ou por sua camisa branca que certamente se sujará.

— Continue — ordena.

— A menorzinha, é Sam.

Engulo forte o nó que ameaçava engasgar-me.

— Nove meses. Ela não conhece a maldade, é uma inocente abusada por um doente. — Aperto os dentes —. Um alcoólatra abusou de Sam e quem deveria defendê-la não fez nada por estar drogada. Chegou aqui... — explicou —. A vizinha a encontrou chorando e por medo de chamar a polícia, ela a trouxe para cá.

Limpo uma lágrima furiosa. Coisas assim não deveriam acontecer no mundo, inocentes não deveriam ser abusados por quem tem o dever de protegê-las e as pessoas que sabem não fazem nada para detê-los.

— Passará muito tempo aqui? Neste lugar? — pergunta. Ela o observou com as mãos apoiadas em suas pernas, olhando para o lago furioso, as pontas dos seus dedos estavam brancas contendo a ira. Nossos olhos se encontram e este me olha determinado, procurando algo no meu rosto.

Desvio de seu olhar azul rapidamente.

— É pequena, será adotada em breve.

— Claro — concorda e sinto o fel amargo na minha boca —. Nesse momento, o que é mais urgente ao orfanato?

— Ajudará o orfanato?

Não posso evitar, um sentimento de descrença se manifesta dentro de mim e minhas palavras. Cavalli percebe porque seus lábios se tornam uma linha dura e volta a olhar-me dessa forma. Procurando alguma coisa dentro do meu ser. «Desculpe, mas não permito a entrada na minha alma, Cavalli».

— Tudo. Alimentos, roupas, manutenção da estrutura, camas — respondo à pergunta original.

— Trabalhe para mim.

— O quê?

— Trabalhe para mim, aqui.

— Não sou assistente social. Eu não...

Sinto, antes de ver sua sombra colocar-se em pé e levanto minha vista para olhá-lo. Oferece sua mão, mas a esquivo. Fico em pé igualmente e saio rapidamente da pérgola, afastando-me dele e dos meus próprios tormentos. Tiro meu gorro para que meu cabelo castanho cubra meu rosto, e assim escape de seu olhar. Meus passos em comparação com os dele são curtos e rapidamente sou alcançada por ele. O vento ondula do seu lado, desta forma fico atordoada com sua fragrância varonil, cheira delicioso. Um tom adocicado. É alto, muito mais do que eu.

— Por que quer que eu trabalhe para o senhor? Nem me conhece.

— Não preciso conhecê-la para lhe oferecer um emprego.

— Eu não lhe pedi nada, já tenho um emprego.

— É uma ajuda, Srta. Greystone.

— Ajuda, como?

— Conhece as necessidades das crianças e eu tenho dinheiro para ajudá-las, mas não tenho ideia como... Poderíamos trabalhar em equipe.

— Equipe? Não sei nada sobre trabalhar em equipe.

— Então deixe-me ensiná-la — murmura, puxando meu antebraço, parando meu corpo completamente. O que acontece com esse homem? O que está acontecendo comigo? Por que estou permitindo que me toque? Por que diabos estou gostando do seu toque?

— Solte-me — peço. Não soa como uma ordem de fato. Seus faróis azuis profundos me analisam como um fenômeno estranho, inacabado e complicado.

«Isso sou eu, Cavalli, algo inacabado. Algo quebrado, defeituoso».

— Por que foge?

Agora ou toda a minha vida? Não sabe, mas fujo desde que ele levou minha

alma com ele. Fujo desde que me perdi e não encontro o caminho para casa. E você me faz lembrar dele.

— Não é de sua incumbência — sentencio, afastando seu toque e retomando meu passo. Ele me para, apenas ao sentir sua mão roçar a minha; gerando uma eletricidade no ar. Antes de desfrutar do seu toque, mais uma vez, ele desaparece.

— Está na defensiva.

— Está deixando-me nervosa! — digo —. A madre superiora pode ajudá-lo, ela conhece muito mais as crianças do que eu. Só se afaste de mim, ok?

— Está nervosa comigo?

Deuses! Ele desfruta colocar-me nesta posição enquanto se interpõe no meu caminho. Por que disse isso? Devo aprender a fechar minha boca grande.

— Gosto mais desta versão, a pantera mostrando suas garras.

— O quê? — Curva seus lábios em um sorriso —. Pantera? Acha que sou bruta, Sr. Cavalli?! Isso é ridículo, não sou um animal!

— As panteras são muito inteligentes, senhorita. Sabe como encurralar e caçar sua presa e fui expressamente avisado sobre uma fera. — «O que, quem lhe falhou de mim assim? Dá um passo na minha direção inclinando-se e olhando para os meus lábios —. Adoro domar feras. A questão principal é, você é uma ovelha mansinha ou uma pantera predadora?

Seus dedos pegam uma mecha do meu cabelo deixando-me entorpecida e nocauteada por sua proximidade. A mecha dança entre seus dedos indicador e polegar. Ele, por sua vez, inala uma quantidade considerável de ar e fecha os olhos.

Que diabos? Estou aqui, presa, atordoada, louca para envolver meus dedos em seus fios de chocolate e atraí-lo para mim. Quero beijá-lo. Mas eu nunca quero beijar ninguém. E então meus pulmões se lembram de sua função e respiro novamente, aumentando meu tormento, enquanto seu cheiro se infiltra em cada canto do meu sistema, como uma droga invadindo minha corrente sanguínea e pedindo mais da mercadoria.

— Ovelha... — sussurro quase inaudível.

— Humm — geme, encurralando-me contra a parede de tijolos. E pressionando todas as partes certas do corpo de um homem contra as de uma garota —. Resposta errada, ovelha, devia ter dito pantera e assim a *fera* dentro de mim recuaria um pouco.

Estou ofegando, desesperada. Não posso ser assim com um estranho. Sou

uma garota focada, com objetivos e correta. As imagens que dançam na minha cabeça são impróprias, não é adequado que me aproxime dele, quem deseja ser devorada de qualquer forma por alguém que disse poucas palavras? — Eu me pergunto de que cor são, rosa escuro, claro ou ambos? — Passa a língua nos seus lábios com um olhar lascivo. Antes de registrá-lo, sua mão está subindo no meu peito e a minha o está detendo.

«Assume o maldito controle, Emilie. Agora».

— Não! — bramo forte, decidida e destilando toda a força de que sou capaz.

— Ninguém nunca me negou nada.

— Há sempre uma primeira vez.

— Esta cidade inteira me pertence, Srta. Greystone. Assim como você.

Ele para, sei que poderia forçar sua mão ainda mais e alcançar seu objetivo, mas contra todas as probabilidades na minha mente, ele se afasta e eu o solto.

— É uma pantera, senhorita. Nunca deixe que ninguém lhe diga o contrário e obrigado por esta manhã tão prazerosa. As ovelhas permitem ser caçadas e, a senhorita, claramente acaba de me colocar no meu devido lugar. Mas lembre-se, esta cidade me pertence.

Diz como sendo uma ordem, parece que ninguém diz não as suas exigências. Valerie diz que os homens de uniforme são quentes, mas devo dizer-lhe que homens como essa camisa branca, olhos azuis intensos e boca inteligente, também são. Então seus pés caminham para longe de mim, deixando-me confusa e pressionada contra parede, desejando poder fundir-me nela. Ele não se vira para me olhar e eu fico lá esperando ver seus faróis tempestuosos.

Minha respiração está completamente irregular e meu peito está trabalhando em dobro. Enquanto tento recuperar oxigênio, uma pergunta assalta minha mente, *como sabe meu sobrenome?*

CAPÍTULO 04

Emilie

Entediada, desligo a TV e recolho todo o lixo para jogá-lo na lixeira. Cansada e nostálgica, vou para o meu quarto. Retiro as almofadas da minha cama e tiro minha roupa e visto uma camiseta regata da minha banda preferida Imagine Dragons. Depois me deito olhando as borboletas no meu teto, com eram bons aqueles dias, Emilie?

Um sorriso se esboça nos meus lábios, apesar de os pesadelos não me deixarão dormir, lembrar o período compartilhado com meu pai é maravilhoso. Meu celular volta a iluminar-se e decido desligá-lo, mas percebo que além das quarenta chamadas de Holden, tenho ainda duas mensagens, quero apagá-las simplesmente, mas o número de telefone que aparece não está registrado na minha lista de contatos.

Meu estômago se contrai pensando que pode ser o passado me perseguindo novamente, ao abri-las, percebo que parecem são do meu atual momento.

“As panteras caçam regularmente à noite, então me pergunto se você faz o mesmo.”

“Se você se questiona como tenho seu número de telefone, parece que Deus se lembrou de um demônio como eu... Guarde o meu número e me chame.”

Reli as mensagens mais de cinco vezes e não consigo deixar de olhar seu pedido “Guarde o meu número e me chame”. Porque não é um pedido, e sim uma ordem clara, que ele pensa que é? Em meu ataque teimosia, apago as mensagens e só levo um segundo para me arrepender de não ter adicionado à minha agenda ou de não ter ligado como me disse. Suspirando deito na cama novamente, sei que não preciso dessa merda de amor na minha vida, também devo fugir deste homem porque reconheço o perigo e Cavalli grita todos esses sinais. Tentei descansar, mas só consigo ver enormes olhos azuis, que me mantém acordada a noite inteira.

— Bom dia, Emilie.

— Montana — cumprimento sem muito ânimo.

Tive uma merda de noite, o despertador não soou. Algo totalmente desnecessário já que os pesadelos não pararam. E chutei minha bunda ao correr uma hora inteira em East Central com aquela sensação horrível de ser perseguida. Estou começando a perder o controle, quero dizer. Louca.

Seguro entre meus dedos a xícara de café quente oferecido por Montana, uma funcionária da editora, e em seguida vou ao meu cubículo.

Eu também não parei de pensar nele... «Não importa, esqueça-o». Coloco cinco colheres de açúcar no café e o remexo pensando.

Enviou-me mensagens, quer que eu trabalhe para ele e apaguei seu número. Sou uma pessoa muito má, porque continuo pensando nisso? Esqueça esse assunto.

— Querida, você tem a crítica de Drake? — pergunta minha linda chefe.

— Sim, eu só preciso dar-lhe uma última olhada.

— Ok, vamos para o meu escritório. Tenho uma coisa para lhe dizer.

Caminho ao seu lado, cumprimento Harry o garoto do designer.

— Podemos falar mais tarde? — pede.

— Claro.

Montana rosna ao seu lado, e quando me olha faz uma careta.

Trabalhar para a editora é algo que desfruto, especialmente porque tenho toneladas de livros grátis e trabalhar com o que ama é impressionante.

— Sim, como estou ansiosa para saber.

— Landon está todo histérico porque falta muito pouco para que conheça o pequeno Ward e sendo assim, decidi deixá-la no comando... Serão alguns meses — acrescenta ao ver a minha expressão de terror.

— O quê? quero dizer... Obrigada! Você sabe como adoro trabalhar aqui, mas não sou a mais indicada.

As pessoas estão ficando loucas oferecendo-me mais trabalho extra.

— Sim, você é — difere rindo e sentando-se em sua cadeira executiva —. Você é responsável...

— *Olá!* Cheguei tarde hoje e quase todos os dias.

— Não se sabote, Emilie. Sempre faz isso de menosprezar-se, você aguenta! É a única em quem confio para deixar minha editora.

— Não deveria — sentencio.

Hannah é incrível em mudar de um assunto para outro.

— Erik Hill é o nosso caminho ao êxito.

— Quem é esse?

— Um mentor.

Ela dá um sorriso enorme agora. Empurra uma pilha de manuscritos, cinco no total. Ela me incentiva a pegar as folhas e com certo receio o faço.

A primeira página está vazia, não possui título nem nome do autor.

— Fantasia? — pergunto, pegando o manuscrito pesado e acariciando a caligrafia. Não é uma impressora, é uma tinta azul cursiva e elegante.

— Romance erótico.

— E foi escrito por um homem?

Sim, o mesmo homem com o qual trabalhará em uma semana.

— Mas já...

— Montana assumirá seu trabalho — interrompe, acariciando a barriga —. Quero que revise, edite e trabalhe no design da capa. Quero ver toda a sua inocência na saga, junto com o temperamento forte de Erik. Juntos serão uma bomba.

— Hannah, não posso fazer isso. Nem sequer estudei literatura!

— Você ama as letras tanto quanto ama respirar, Emilie. Se ama o que faz, esse é estudo que precisa. Você começou como uma leitora beta, Emilie, e veja o quão longe chegou. Edita capas lindas, os livros que têm sua aprovação são os mais vendidos... Vamos, pegue os manuscritos, leia, faça anotações e prepare-se para trabalhar como chefe.

— Não aceitei nada — resmungo.

— Veremos — conclui sorrindo.

Estou pegando os benditos livros, no entanto.

— Uma semana, Emilie.

— Não farei.

— Um pouco de lingerie nas capas — sugere enquanto caminho até a porta.

— Não estou fazendo isso, além do mais a lingerie fica vulgar nas capas.

— Maçã?

— Já está em *Crepúsculo*.

— Verdade.

— Quando você terminar de ler cada livro, algumas ideias surgirão para a capa.

— Sem dúvida...

— E tem que estar conectado com a história, também preciso de um título.

Hannah me olha com um grande sorriso agora, será que tenho uma mosca no

rosto? Droga, eu me olhei no espelho, tinha uma mosca quando fiz?

— Segunda-feira, às dez da manhã, encontro com o autor. Você o amará.

— Feito — digo, então a porta de seu escritório se fecha na minha cara —. Merda! — grito quando percebo que aceitei. Hannah sempre sabe como confundir minha mente. Maldição. Qual será o tamanho do problema que me meti? Um bem grande, conhecendo Hannah Ward. Um bem grande. Fecho os olhos e me apoio na porta. Não posso trabalhar diretamente com um autor. Não sou capacitada.

— Senhorita...

Levanto meu dedo indicador de uma forma indelicada, cortando quem quer que seja o dono dessa voz aguda e rouca que até certo ponto me parece familiar. Tremendamente familiar.

— Respire... — Escuto e me lembro que ainda tenho o dedo indicador de minha mão direita interrompendo quem quer que esteja aqui. Respiro fundo várias vezes e me armo com toda a coragem que tenho.

Oh, inferno! Se os anjos existem; usam ternos preto feitos sob medida, com camisa de linho azul e gravata. Uma cabeleira conhecida formada com fios de chocolate rebelde é o primeiro que me chama a atenção, o homem que está bem na minha frente é uma obra de arte. Picasso sem dúvida alguma concordaria comigo.

Jane Austen se inspiraria, assim como William Shakespeare, para criar uma obra. O homem à minha frente poderia ser um Romeu, um Júlio César, e até ousar dizer um anjo de *Tess d'Urberville*, embora me incline mais por Alec. Já que sinto uma vibração fria e escura ao redor dele, penso que não seja um príncipe. Limpo minha garganta chamando sua atenção, ao qual está nas minhas mãos. A vergonha me invade ao perceber que ele olha como estou cravando minhas unhas na palma de minha mão. Com um movimento rápido limpo algumas gotas de sangue que caíram sobre o meu vestido floral de lírios.

Cílios grossos balançam como uma cortina preta espessa, deixando-me ver seus olhos grandes, azuis e tempestuosos. Cavalli parece perplexo momentaneamente. No entanto, ele se recupera rapidamente tanto que acho que é produto da minha imaginação. Como não vi esses cílios antes?

De repente, tudo se torna pesado, o ar que escapou dos meus pulmões só de olhá-lo. A agitação de todos ficou em algum lugar distante. Um movimento a suas costas me distrai instantaneamente. Ele pisca e eu o imito um tanto

descontrolada e furiosa com a forma que me fez sentir. Nunca inspecionei ninguém tão minuciosamente como fiz com ele. E o pior é que, ninguém me inspecionou.

— Eu... Uh... — Limpo a garganta enquanto vejo seu semblante sério —. Bem-vindo a Editora Universal, em que posso ajudá-lo? — sussurro.

Vejo um esboço de sorriso. Mi consciência está batendo contra a parede, gritando como sou patética. E esse sorriso e essa... Barba! Se antes era ardente, agora é o inferno no seu real sentido.

Meus dedos formigam por tocá-la.

— Bom dia, senhorita. — Ele olha os meus lábios com esse olhar frio —. Greystone, Emilie Greystone. — Saboreia meu nome ao dizê-lo. E é magnífico.

Não é a primeira vez que diz meu nome, mas é a primeira vez que tenho plena consciência do que me faz sentir ao dizê-lo.

— O que podemos fazer pelo senhor...? — Engulo a saliva, de repente fico com a garganta seca pela intensidade do seu olhar. É penetrante, inexpressivo e sórdido.

E quero incomodá-lo, então finjo não conhecê-lo. Mas eu faço, meu corpo reconhece, seu aroma, sua proximidade. Essa estranha tensão em mim, nele.

— Dominic Cavalli — diz ele.

Mordo meu lábio inferior. «Dominic é bonito», minha consciência concorda e acena freneticamente. De repente me sinto mais nervosa do que o normal e mudo meu peso de um pé para o outro. Até esqueci meu nome... Meu Deus.

— Tenho uma reunião com Landon Ward — intervém apeteendo-se de minha alma. O tom brincalhão de sua voz não me passa despercebido. Dou uma olhada rápida em sua direção e ele está observando meu rosto com atenção, fico envergonhada e abaixo a vista ao meu colo, onde ainda tenho os manuscritos. «Emilie, não olhe para ele...». Controlo o desejo de morder o meu lábio inferior para assim não manchar os dentes com o batom vermelho que Hannah quase nos obriga a usar “de acordo com a luxúria dos nossos livros”, disse a garota da área de Recursos Humanos, no dia da minha entrevista.

— Por que você usa essa merda em seus lábios? — rosna. Sem tempo para dizer ou assimilar nada. Seu polegar acaricia meu lábio vermelho, varrendo uma grande quantidade de batom —. Não use essa merda. A cor da sua boca já é o suficiente.

Seus olhos se escurecem em vários tons. Estou tremendo sob seu corpo.

— Política da empresa.

— Não use, jamais.

— Por quê...?

— Cavalli! — A voz rouca, mas entusiasmada, de meu chefe interrompe minha pergunta.

Não levanto a vista enquanto Landon Ward, o adorado esposo de Hannah, deixa escapar uma elaborada recepção aristocrática e toda a tradicionalidade à qual Cavalli é imposto. Este último levanta uma mão, impedindo o vômito educado de Landon, e me lança um olhar intenso, sombrio e de uma forma ou de outra... visceral? Não entendo o porquê me olha desse jeito. Então sua visão cai em meus lábios e emoções estranhas sulcam sua expressão. Seus olhos azuis tempestuosos se elevam aos meus verdes e isso me deixa um pouco abalada

«*Que diabos...?*».

— Muito obrigado, Srta. Greystone — murmura com uma voz rouca e aguda. Sem me dar tempo para responder ou refutar o fato de que não o ajudei em nada, o homem caminha com porte de agente e é seguido por Landon, também imponente, rumo ao seu escritório. No entanto, ele para e por incrível que possa parecer, ele se vira e me olha. O canto de sua boca se ergue esboçando um sorriso.

Seus olhos queimam com alguma promessa dentro, volta para olhar meu corpo. Arde, cada parte de mim arde de desejo pelo desconhecido. Finalmente, dá uma olhada no homem de terno que o acompanha e que está dizendo-lhe algo. Seu semblante fica sério para depois desaparecer dentro do elevador, o que foi toda essa merda?

Passei o tempo lendo uma nova história patética sobre anjos e demônios. A autora apenas escreveu um monte de cenas repetidas, a típica história, contemplando uma garota boa com um garoto mau. Lamentável.

O tema *Anjos e demônios* têm uma trama tão esfarrapada que deveria dar um tempo, mas é meu trabalho terminar de lê-la e fazer uma resenha para a minha chefe. Adoro identificar meu poder, decidir quais livros valem ou não a pena sair à luz.

Gostaria de dizer que este livro de anjos não verá a luz do dia, porque, sendo sincera, não merece, mas sei que sairá e será comprado.

As leitoras reclamam dos clichês, mas vivem lendo os mesmos enredos.

Há um certo charme em ler a mesma coisa, em lugares diferentes. Amigos apaixonados, chefes, gravidez na adolescência, garota *nerd*, garoto popular, até mesmo vampiros e lobisomens. Adoraria que tudo isso mudasse, que fosse selecionado os livros inovadores. Os livros deixam pegadas. Harry — um garoto esquisito — que trabalha como *designer*, caminha na minha direção.

— Emilie! — grita. Semana passada, acabamos encontrando-nos várias vezes na cafeteria da esquina. Ele é muito simpático, cabelo castanho, um pouco comprido caindo em ondas na testa, olhos verdes claros com certos tons dourados. Ele é alto e legal. Dou-lhe um sorriso um tanto forçado. O que quer? É minha hora de almoço e só quero sair daqui. Harry anda como se fosse uma estrela do *rock* com sua camisa xadrez vermelha. Viro os olhos mentalmente em sinal de desagrado.

— Sim? — Minha voz parece tímida e ansiosa. Estou com fome e quero ir embora.

— Eu... estava pensando se... gostaria de almoçar comigo?

— Só vou se for por um picadinho de carne — minto com um sorriso forçado, Harry coloca suas mãos nos bolsos de sua calça e olha para as pontas dos seus tênis Converse.

Gostaria de conhecê-la, princesa. Eu a tenho observado, você é tímida e reservada, é o tipo de garota para apresentar aos pais.

— Isso é muito assediador — digo —. Já sabe, isso de ficar observando-me.

— O quê? Não! — Ri nervosamente —. Quis dizer que a olho, muito... Então, vamos comer esse picadinho?

Mordo o interior da minha bochecha. O que lhe digo? Começo a sentir-me incomodada, não sou o tipo de garota que sai com os garotos... ou com qualquer um. Melhor dizendo, sou a garota que fica em casa o fim de semana inteiro com um pote de sorvete, comida congelada e livros, ou assistindo a séries da HBO. Como essa nova de série de vampiros, que tentação é esse Eric —. Emilie! — grita essa voz insidiosa na minha mente.

— Eu... — Que vergonha, eu me transporte novamente.

— Conheço um lugar onde servem os melhores hambúrgueres.

Estou pronta para dizer um grande sim. Hambúrgueres, séries e livros são meu ponto fraco.

— Srta. Greystone.

Por Zeus! Conheço essa voz, alta e apaixonante. Demônio...

Viro meu corpo para olhar por cima do ombro e vejo uma cabeleira de fios de chocolate, um terno preto e um semblante sério muito bem marcado. Sonhei a semana inteira com esse espécime de masculinidade e agora o tenho bem na minha frente. Chamando-me, sou um monte de gelatina.

Este homem não me deixa pensar com clareza, só o fato de tê-lo perto, fazendo-me respirar essa loção caríssima me atordoa. Desvio meu olhar, não consigo olhá-lo.

Não posso... Meu coração está acelerado dentro de minha cavidade torácica de uma forma desesperada. Estou nervosa. O que há de errado com ele?

Harry limpa a garganta e me faz lembrar que ele espera por uma resposta.

— Srta. Greystone, tenho alguns assuntos pendentes a tratar. Se me permitir alguns minutos... — Sua voz chega quente e educada. Seus olhos tempestuosos, olham-me impassivelmente, como se mandasse algum tipo de ordem.

— Oh, bem, princesa. Fica para outra dia.

— Emilie, seu nome é Emilie Greystone. — Minha boca não pode estar mais aberta, que diabos...? Faz uma inclinação de cabeça olhando a Harry.

Este último alterna seu olhar entre ambos. Cavalli volta seu olhar na minha direção e me indica a saída do local e espera que eu me mova. Atraída de uma forma inexplicável caminho até a saída, onde o senhor — faça o que quero — ordena. Sinto olhares curiosos atrás de mim. Estou desorientada, pois não o conheço e só o vi uma vez. Então, por que caminho diante dele?

«Porque tem fantasiando com a ideia desse adônis estar interessado em você».

Já fora do local, em um dia nublado em Nova York, ele aponta para um carro preto. Onde um homem de olhos cor de mel espera com a porta aberta. Acha que é assim tão fácil? Não sou uma garota estúpida, imprudente e louca para entrar no carro de um estranho.

— O que pretende?

Ele fica surpreso e confuso com meu tom. Não me importa. Não pode achar só porque é diabolicamente lindo estarei comendo na sua mão, além de... não conhecê-lo!

— Convidá-la para almoçar — responde educadamente, como se fosse algo mais normal do mundo. Não senhor, pois um homem como você não me

convida para comer todos os dias. «Deveria aproveitar». Diz essa voz na minha cabeça.

— Não nos conhecemos.

— Seu irmão me pediu.

— Meu irmão? Como é...?

— Eu o conheço, foi ele que me contou sobre aquele café da manhã de caridade. Somos conhecidos. Pode chamá-lo e comprovar tudo o que estou falando.

— São amigos?

— Algo assim. Nós nos conhecemos recentemente.

Sei que meu irmão, Holden Greystone, conhece muito mais pessoas do que eu gostaria de admitir, mas ele não costuma falar muito sobre mim, e nem dele. Passamos alguns fins de semana juntos vendo Netflix quando não está ocupado com seu trabalho, às vezes visitamos nossa mãe.

Não gosto muito de visitá-la, nem me considero uma filha ruim, mas desde que meu pai faleceu as coisas mudaram muito... Eu amo meu irmão, mas tê-lo por perto dói.

— Por que você não mencionou isso antes?

— Não me parecia correto.

— Não importa, acho que não é preciso sair para comer.

— Eu já a adverti, esta cidade é minha e decidi tê-la só para mim. Você é minha agora, Emilie Greystone.

— É assim que leva as mulheres para a cama?

— Não, é assim que a levo para que se *case comigo*.

— Está brincando? Isso não está acontecendo.

— As mulheres imploram para estar na minha cama, Emilie. Muitas delas matariam para estar comigo. Tenho um pequeno capricho por você, nunca comi uma ratinha de biblioteca. Afinal, pode ser divertido.

— Isso realmente não está acontecendo. Primeiro sou uma ovelha e agora um rato.

— Você é uma pantera, *cara mia*.

— *Cara mia*?

— Em italiano é minha querida.

— Você é italiano?

— Minha família, sim.

— Você nasceu no orfanato, não entendo.

— Minha mãe fugiu do meu pai para ter-nos no orfanato.

— Tê-los? Quer dizer, mais de um?

— Gêmeos. O meu outro irmão morreu assim que nasceu.

— Desculpe, não era minha intenção.

— Não importa, é passado.

Passa seus dedos entre os cabelos rebeldes de Cavalli, fazendo-os brilhar intensamente. «Deuses».

— Srta. Greystone...

— Emilie, por favor — interrompo.

Seus lábios carnudos e rosados formam uma linha dura.

— Emilie... — Saboreia meu nome novamente —. Isso é novo para mim. Facilite um pouco, só quero conhecê-la.

— Com que propósito? — Ergo uma sobrancelha enquanto mi consciência vestida de diabinha procura um salto para me bater. Está gritando como louca para eu aceitar em ir com este adônis para onde ele quiser.

— Tornar essa situação mais fácil para os dois.

— Tornar mais fácil... o quê? Saciar sua curiosidade? — respondo.

— Tão inteligente, não é só curiosidade. — Fica em silêncio enquanto me olha fixamente —. Quero conhecê-la, você me atrai e desde que a vi pela primeira vez só tenho pensado e imaginado a cor dos seus mamilos ou como serão seus gemidos enquanto penetro duro dentro de você e como as paredes de sua boceta espremerão meu pau antes de ter um orgasmo incrível. Isso satisfaz sua pergunta?

«Deuses... Algo está queimando aqui, não?».

— Não pode dizer essas coisas — gaguejo.

— Porque não?

— Eu sou uma dama.

É a pior desculpa que já dei em toda a minha vida. *Não pode dizer essas coisas porque me deixa com tesão.* Essa seria uma boa resposta.

— Certo, *sei uma bella signora*^[4], então quer almoçar comigo? Tomar um chá? Deixe-me avisá-la de algo importante, bela dama, minha intenção é mordê-la inteirinha e fazê-la desfrutar de tudo isso. Eu lhe garanto, *cara mia*.

CAPÍTULO 05

Emilie

Quero guardar na minha memória, para o resto da minha vida, a imagem deste homem. Imortalizar seu rosto em uma fotografia. Ainda não sei o que estou fazendo aqui, sentada diante do empresário de olhos tempestuosos, em um restaurante perto da editora, o que estou pensando? Ele está olhando o menu impassivelmente como se fizesse isso todos os dias. «Será porque o faz».

— Já tem alguma ideia do que deseja pedir? — pergunta sem me olhar.

Minhas mãos suam como um porco, meu coração está prestes a ter um colapso nervoso e, eu, nem sei onde estou. É como se não pudesse parar de pensar em sua frase dizendo *penetro duro dentro de você*. Nada tão excitante e direto quanto isso.

— Sim. — Limpo minha garganta educadamente.

— Calma, Emilie, não vou comê-la.

¿Por que sinto que está mentindo? É a paranoia de novo?

— Estou tranquila.

Ele estende sua mão e agarra a minha sobre a mesa e não sei o que fazer.

Oh, ele me está tocando...

— Por que está tão nervosa?

— Você... — digo.

— Eu?

Um garçom interrompe para anotar nossos pedidos. Cavalli pede um macarrão e um corte de carne *Ribeye*^[5]. Vejo a surpresa em seu rosto quando pedi um hambúrguer, queijo duplo, bacon, sem pickles e refrigerante.

— Coca ou Pepsi? — pergunta o garçom.

— Coca.

— Pepsi — respondemos em uníssono.

Cavalli recusa o vinho com um aceno de mãos. E esse único detalhe me intriga. Ele é um homem de Pepsi ou água e não de vinho, aparentemente. O garçom trouxe nossas bebidas, Coca Cola para mim e Pepsi ao meu companheiro. E quinze minutos depois, nossos pratos são servidos. Quinze minutos onde Cavalli não para de me olhar, avaliando.

— Gostaria de mais alguma coisa, senhor? — pergunta o garçom e Dominic o dispensa com um aceno de mãos. Toda a fome que sinto se manifesta e agarro o meu hambúrguer duplo. Gemo com a primeira mordida e vejo um sorriso em seu rosto. Cavalli corta um pedaço de carne e o leva à boca. Fico observando-o sem fôlego como essa boca deliciosa pega aquele pedaço de carne.

Deus. Tudo neste homem grita; sexo, intensidade e perigo.

— Isso é algo novo — comenta —. As mulheres não costumam comer isso.

— Não acho que sou o tipo de mulher que um homem como você convida para comer — enfatizo levando a comida à minha boca. Cavalli fecha um pouco seus belos olhos.

— Não, você não é. — Apenas diz.

— Eu sabia — murmuro dando outra mordida no meu sanduíche, desta vez um líquido explode na minha boca.

Ketchup, escorre pelo canto dos meus lábios, procuro rapidamente um guardanapo para limpar a bagunça. Amo hambúrgueres, mas odeio quando eles colocam tanto molho de tomate sobre eles. Sempre me sujo!

Sinto quando Cavalli se inclina na mesa e com o seu polegar — quente e abrasador — limpa o molho escorrido. Deslumbrada, vejo como ele leva seu polegar à boca.

Malditos deuses do Olimpo! Ele tem o meu molho de tomate no seu dedo e este na sua boca, sério mesmo que acaba de fazer isso? Aqui no restaurante Garden's cheio de gente? Isso me faz lembrar de uma cena em que Bill lambe o sangue de Sookie. Mentira! Isso é muito excitante. Junto as minhas coxas sentindo um fogo lá embaixo. Oh, deuses. Nunca senti isso antes. Não, não e não. Merda!

— Acaba...?

— O quê, cara? Não sou o tipo de homem com quem você sai?

Em boca fechada não entra mosca. Eu fico no meu lugar, completamente ereta. Seu olhar é curioso, ele espera uma resposta. Por Zeus, ele espera que eu diga algo.

— Eu... — Nego freneticamente procurando o copo de Coca Cola levando-o aos meus lábios. Ah, o refrigerante faz muito bem a minha garganta. Borbulhas —. Não tenho nenhum tipo.

— O que significa isso?

— Viemos para falar do meu tipo de homem? — censuro, evitando

responder. Não vou dizer a um estranho que não tenho nenhum tipo de homem porque só beijei duas vezes e não foram com fogos de artifício ou borboletas no estômago.

— Não sei quanto a você, mas vim aqui para seduzi-la — anuncia tranquilamente, levando uma porção de macarrão para essa boca deliciosa.

Intenso, essa é a palavra no dicionário que definiria Dominic Cavalli, quem fala desse jeito? Chega e diz o que pensa sem nenhum tipo de filtro. Preciso controlar-me, não posso evitar o rubor que cobre meu rosto de forma constrangedora, nem as batidas frenéticas do meu coração.

— Esse tom rosado é sublime, você fica roborizada em outras partes? Gostaria muito de ver isso. E o farei quando estiver comendo sua boceta cheia de creme.

Engasgo. Porra.

— Você é sempre assim, tão direto?

— Sim, isso a incomoda?

Se isso me incomoda?!

— Sim, não. Não sei! — grito baixinho —. Mas não se pode sair por aí dizendo que quer penetrar duro dentro das pernas de alguém.

— Por que não?

— Não é educado.

— Nunca me descreveria como sendo uma pessoa educada — esclarece ao ver meu gesto. É verdade, mas um homem desse tipo, com porte de empresário, e que fala como você espera, é o tipo de homem que está em um conselho governando o mundo.

— Mas as pessoas que conheço não andam dizendo coisas como essas. É grosseiro, essa é minha opinião.

— Você prefere uma mentira?

— Não. Odeio as mentiras.

Meu celular vibra na mesa, sei que é Holden.

Enviei-lhe uma mensagem perguntando se a história de Cavalli era verdadeira. Estou um pouco — muito — desconfiada.

Tenho que admitir.

Holden deixa claro que a história de Dominic é verdadeira, eles se conhecem. Fizeram negócios, saíram alguns vezes e ainda teve tempo para me escrever uma reclamação de que vivo separada do que me pertence.

Meu irmão não conseguirá entender todo meu passado, porque enquanto era

maltratada, ele estudava em Londres. Quando meu pai faleceu, nesse trágico dia ele apareceu no funeral, depois foi embora de novo.

Minha mãe não estava qualificada para me criar e Holden, já sendo um adulto, nem percebeu.

Depois disso, minha vida foi um inferno com a minha mãe.

Estranhamente não tenho fome agora, só quero continuar escutando o meu acompanhante, olhar como me observa e como introduz a comida em sua boca, como suas mãos se movem na mesa. Segurança, desprende uma autoconfiança muito poderosa. Intenso, potente... Adoro este quebra-cabeça e que continuar unindo as peças de Dominic Cavalli.

— Sou educado. Confie em mim — sussurra e toma um gole de água. Seu pomo de Adão se move quando o faz —. Isso não diminui o meu desejo de tê-la ajoelhada, aqui, na minha frente e ordenar que abra sua deliciosa boca de cereja e coloque meu pau bem fundo na sua garganta.

— *Meu Deus* — sussurra uma voz.

Não é a minha, vem da mesa ao lado. Uma senhora está abanando-se com mão. No entanto, meu interlocutor parece não estar nenhum chocado, nem mesmo desviou o olhar dos meus olhos. Um rubor de vergonha apareceu em minhas bochechas. Não acredito que fale dessas coisas de forma tão natural. O que tem na cabeça?

Ele brinca habilmente com uma faca de cortar entre seus dedos, seus olhos viajam para o meu peito, onde está meu coração, aquele que acelerou agora, com seu olhar. Vejo com horror como busca meu pescoço e o som da faca caindo sobre a mesa me relaxa. Ele a soltou assim que minha mão protegeu o lugar. Em seu olhar somente há uma emoção estranha, êxtase?

— Sobremesa? — oferece o garçom interrompendo-nos. Não paro de olhar a Cavalli, ele também não consegue tirar esses lindos olhos de mim —. Temos explosão de limão.

— Acho que minha bela acompanhante não gosta de limão — murmura, desafiando-me. O quê? Como merda sabe que não gosto de limão? —. Deduzi isso, pela sua expressão de nojo — explica, diante de minha expressão, acho.

— Temos chocolate.

— Não queremos sobremesa — interrompo, bruscamente.

«Vá embora, deixe-nos em paz, obrigada e a conta por favor».

Algo me diz para fugir, pegar minha bolsa e cair fora, pois ele é perigoso e

pode acabar comigo. Posso ver os sinais de pânico, mas ao invés disso, eu os engulo todos quando o garçom se vira, afastando-se de nós. Cavalli em nenhum momento deixou de me olhar, seus olhos brilham com milhares de segredos e um pouco mais... Algo que não consigo entender.

— Não discutirei minha vida sexual com você...

— Ou a falta de uma? — aponta.

— Você é um cretino.

— Você está absolutamente certa, *princesa* — diz zombando da expressão doce usada por Harry.

— Pelo menos é um garoto gentil. O mesmo não posso dizer de você.

— O que pode dizer sobre mim?

— Não entrarei no seu jogo.

— Acho que está na hora de ir, *cara mia*.

— Tão confiante.

— Obrigado.

— Não foi um elogio.

— Isso virá depois de fodê-la.

— Nem em seus melhores sonhos — respondo.

— E falando nisso, tive um.

— Um o quê? — Não deveria ter perguntado. Já sei.

— Um sonho, com você — inclinando-se até mim, com os cotovelos na mesa e o olhar azul intenso no seu rosto —. Estava com as pernas abertas, oferecendo-me uma boceta, quente, rosada, úmida e doce como o mel mais delicioso.

— E não soube o que fazer com ela — desafio, engolindo a saliva em seco.

Ele me olha impassível.

— Deveria descobrir agora.

— Não estou interessada.

— Está toda molhada.

O rubor se intensifica. Tem razão e isso só me enche de vergonha.

— Não pense que é a última Coca-Cola do deserto — reprovado limpando as comissuras dos meus lábios com o guardanapo. Busco dinheiro na minha bolsa e o deixo sobre a mesa. Ele leva seus dois dedos médio e polegar ao queixo tocando-o pensativamente e se deixa cair para trás curiosamente, em sua cadeira —. Muito obrigada pelo almoço divertido, *senhor*.

— Já vai?

— Minhas obrigações me necessitam — digo.

Preciso ir embora, agora. Avanço na direção da saída rapidamente e sem olhar para trás. O que há de errado com este homem? Por que reajo assim? E essa falta de ar? Deuses, o que há algo de errado comigo? Por Zeus, minha garganta quase sentiu aquela faca, por um segundo tive muito medo, algo sinistro dançou em seus olhos, mas então seu olhar se transformou... No quê? Parecia como se tivesse recebido um golpe duro.

«Pare de pensar, pare de se enlouquecer».

No final, tudo o que faço é deixar que as pequenas gotas da chuva que está caindo inesperadamente, toquem meu rosto ao colocar um pé para fora do restaurante. Não entendo por que me sinto assim, indignada, confusa e muito ansiosa.

O tipo de ansiedade que acompanha uma bebida energética. E o desejo. Deuses, só tenho o desejo de retroceder os passos que me afastam desse homem e deixá-lo aproximar-se. Que ele possa foder-me nessa porra de banheiro, se isso é possível, e me mostre como foi essa merda de sonho. «Esqueça, Emilie».

Tenho que ser forte, fugir é o mais indicado.

É melhor estar lendo histórias patéticas de anjos e demônios do que ter o próprio Lúcifer na minha frente. Um toque quente assume meu antebraço, a energia abrasadora de sua pele viaja por todo o meu corpo sacudindo tudo em seu caminho. Fecho os olhos deixando sair um som envergonhado e o cheiro de especiarias, picante, quente... Canela e maçã entram no meu ser. Pelo próprio Zeus!

— Emilie. — Deuses, ele acaba de foder meu nome.

Forço a abrir minhas pálpebras, aqueles olhos azuis, tão intensos quanto os do meu pai. Holden tem olhos cinzas, os meus são esmeraldas como os de minha mãe, mas meu pai teve os olhos azuis mais lindos... até mesmo que os Dominic Cavalli. Eles me hipnotizam, atraem e ao mesmo tempo gritam para que me afaste. De repente ele invadiu tudo, o lugar, meu corpo, minha mente e essa parte dentro de mim que permanece adormecida em um sono profundo.

— O que tenho que fazer para que me escute?

— Deixe-me ir.

— Não posso — confessa.

Ele me olha fixamente. Um lobo tendo uma ovelha delicada no seu campo de visão, só esperando o momento certo para atacá-la.

— Deixe-me levá-la para casa ou para a editora, se é quer voltar.

— São apenas três quartos, *Don Cavalli*. — Minhas palavras deveriam ser zombeteiras, porém sua reação não é a esperada.

Seu semblante sério e profundo, então seus faróis procuram meus lábios e minha respiração fica presa na minha garganta. Sua mão sobe em um movimento tão rápido que me atordoa, delineando meu lábio inferior.

— Diga mais uma vez.

— O quê?

— A última parte, diga.

— *Dom Cavalli*?

— Jesus, seria mal-educado dizer que quero foder sua boca agora?

Pelos deuses do Olimpo.

— Deveria, sim — admito —. Vindo de você parece sua personalidade, quem sou eu para mudá-lo?

Sorri. Dominic Cavalli tem o sorriso mais lindo que já vi na vida, seus dentes completamente brancos e duas grandes covinhas em ambos os lados.

— Você me baterá se eu a beijar, certo?

— Sim, bem nas suas bolas. Será tão doloroso quanto quebrar três mil e duzentos ossos de uma vez. Holden me ensinou muito bem, Cavalli.

Ele ri, uma bela risada. Não sei o porquê faz isso, porque acabei de lhe dizer a verdade. Se você me beijar, chutarei as suas bolas.

— O que fará esta noite?

— O mesmo de sempre.

— Posso convidá-la para jantar?

— Isso não acontecerá, pois conheço bem tipinhos como você. Agora está tentando ser doce e intenso, vai gerar curiosidade e intriga. Eu vou cair... e você vai estragar tudo.

— Lê muitos romances eróticos, não é mesmo? Não tenho dúvida disso, pois você ficou corada.

— Idiota — digo e bato em seu ombro.

É uma rocha, meu golpe nem o moveu, muito pelo contrário. Ele tenta me agarrar pela cintura, mas sou rápida e recuo.

Seu segurança está ao nosso lado com um enorme guarda-chuva preto aberto, protegendo-nos da chuva. E outro está um pouco mais adiante, na porta de um carro preto. Parece um daqueles carros ultramodernos, perolados, brilhantes e cômodo. É um Savage. Holden é um gênio.

Agora que os meus sentidos estão mais aguçados, percebo as pessoas caminhando ao nosso redor, apressadas, com seus telefones celulares colados nas orelhas, pasta na mão e guarda-chuva protegendo-se da garoa, também sento a brisa fresca da primavera tocando meu rosto junto a finas gotas de precipitação.

Cavalli pega o guarda-chuva do homem, inclinando a cabeça sem um “obrigado” ou “por favor”. Apenas um movimento quase imperceptível e seus homens recuam. Em seguida, ele nos cobre, chegando muito perto do meu corpo, levanto meu rosto para olhá-lo. Sou um anã diante deste deus.

— Não quer entrar no meu carro, certo?

— Não... — confirmo, porque ambos sabemos que não entrarei no carro de um completo desconhecido e ainda mais, com dois homens que parecem ser do serviço secreto.

— Eu suspeitei — sussurra e me oferece seu antebraço —. São só três quarteirões.

— Não é necessário, sério. Possa caminhar sozinha.

— Deixe-me desfrutar um pouco mais de sua companhia.

— Faz parecer como se fosse morrer a qualquer momento.

— Para morrer basta estar vivo. Você é muito jovem — sussurra mais para si mesmo. Você tem medo de morrer?

— Não — digo rapidamente, e Cavalli se surpreende.

— Do que você tem medo?

— Viver — declaro —. Viver me apavora.

— Mas isso somente ocorre quando se escolhe viver uma vida que não lhe pertence. Neste caso, sim, deveria estar apavorada.

— Você é estranho — aponto ignorando que atingiu o centro da ferida.

Vivo uma vida que não me pertence.

— Eu sei — diz, então pego seu antebraço e depois me protejo no seu guarda-chuva.

— Já que não consegui marcar um novo encontro com você, o que acha de nos conhecermos melhor?

Estamos fazendo, não?

— Quero dizer nos conhecermos mesmo, talvez possa ganhar sua confiança e assim da próxima vez que eu a convidar para sair, você aceite.

— Bem, acho que sim.

— Universitária?

— Não.

— Quantos anos você tem?

— Vinte. Acho que está fazendo mal este processo — digo —. Conte-me sobre você. Sou quem fica apavorada ao pegar na mão de um desconhecido. Você é quem deve dar-me informação.

— Às vezes desejo ter a inocência de um adolescente. Achrom que sabem tudo, ter a vida a vida resolvida e estão tão enganados — diz de repente.

Aperto seu braço com força.

Isso acaba de ser algo muito particular, como uma confissão, quando olho na sua direção, ele tem os olhos fixos à frente. Fico em silêncio enquanto caminhamos, sinto uma emoção estranha. É confuso, também quero dizer-lhe algo da minha vida e, ao mesmo tempo, não me sinto totalmente segura para falar. Sempre fui assim, escondendo-me, fugindo. É por isso que aos meus vinte anos, continuo virgem e só beijei duas vezes. Deveria ter vergonha, a maioria das garotas da minha idade já curtiu muito a vida, teve pelo menos o primeiro amor.

No entanto, eu me fecho, não deixo ninguém entrar na minha vida. Olho para este homem, mais parecido a um deus mitológico. Meus olhos procuram seus lábios rosados enquanto ele continua com seu olhar fixo. Essa é a vida real, não uma história fictícia de ser intenso ou não, esse é um homem querendo conhecer uma garota e procurando os meios para chegar até ela, ou seja, em mim. Respiro profundamente, sabendo que isso me condenará, entregar uma parte de mim para esse homem, porque me atrai. Não gosto disso ou me enlouquece, mas se me atrai e me dá um pouco de curiosidade.

— Você me daria seu número?

Estou muito orgulhosa de mim mesmo ao terminar a pergunta. Não hesitei nem um pouco enquanto a formulava. Minha vagina não ficará em desgraça por muito tempo.

— Pensei que já o tivesse.

— *Humm...*

Ele pega seu celular e escreve uma mensagem curta que não consigo ver. Alguns segundos depois, meu celular vibra. Tenho um sorrisinho bobo enquanto finjo olhar mais para lá e não para o homem ao meu lado.

— Diga sim — sussurra e sei que se refere a mensagem que ele enviou. Quando tento pegar meu celular, ele o interrompe com um meio sorriso malicioso.

— Obrigada pela comida.

— O prazer é meu.

Pega minha mão e beija meus dedos.

— Nunca cortejei uma mulher em toda minha vida — reconhece. Seus olhos escurecendo em vários tons —. Nem vi a necessidade de controlar minha linguagem, de controlar absolutamente nada. Pego sem perguntar, *posso*. Ninguém questiona minhas decisões e eu sou dono absoluto desta cidade e de você, Emilie. Você me pertence.

— Por que me diz isso? Como poderia pertencê-lo? *Ser sua?*

— É um aviso.

— Não entendo — admito, negando.

— Entenderá em breve.

CAPÍTULO 06

Dominic

— Roth Nikov está lá fora, senhor.

Minha assistente avisa, entrando sem chamar. Caralho.

Você está vestido como uma puta novamente, maldita garota estúpida.

— Faça-o entrar — assovio mal-humorado. A garota sai apavorada do meu escritório, decidi que em breve a foderei. Talvez assim ela pare de ser uma maldita cadela no cio. Antes de certa loira, gosto das mulheres determinadas, que não hesitam ter o que querem sob seu desejo, deixando bem claro seus termos.

— Ainda continua olhando — diz Roth entrando, seus olhos negros olham a linha do tempo que armei no meu escritório. O russo mantém suas mãos dentro dos bolsos da frente da sua calça, olhando-me em pé, quase espreitando a pilha de papéis que para ele não tem sentido algum.

— Não entendo, por que isso é tão importante?

— Joseph Greystone, seu pai, trabalhou para Gabriel.

— Ele era um delator da CIA.

— Sim.

— Que tipo de informação pôde entregar-lhe? Era uma menina.

Roth evita meu olhar, perdendo-se na documentação dos Greystone. Se não o conhecesse da forma mais transparente possível, suspeitaria de informações ocultas. É Roth Nikov, meu *consigliere*, minha família. Tem a palavra lealdade estampada nas costas ao lado de um corvo negro sangrando até a morte... «Caralho. Não posso desconfiar dele».

— Só a menina e seu falecido pai sabem — responde calmamente, caminhando em direção onde escondo meu licor, *whisky* escuro. Pega a garrafa junto a dois copos e se serve o líquido. Sento-me quando deixa um copo e o desliza na minha direção. Pego-o e o inclino nos meus lábios, apreciando a queimação que se espalha pela minha garganta. Roth faz o mesmo.

— Sabe que isso é mentira, certo? — diz, apontando para todo o meu escritório—. É uma fachada para encobrir o que você é e o que somos. Não se iluda, Don. Não somos bons rapazes que podem sonhar com loiras de

pernas esguias, casa e família. Você é o *Capo*.

— Veio até aqui para me lembrar da porra da minha vida?

— Não, apenas vim dizer ao meu irmão para não foder sua vida e futuro por causa de uma boceta. A princípio, eu lhe enviei seus dados para que se casasse com ela, pensei que isso seria o meio para se atingir o fim, mas agora vejo a obsessão nos seus olhos.

A raiva se espalha rapidamente pelo meu sistema. Ela não é apenas uma boceta. Ela é doce, ela cora e tem um temperamento terrível. Saiu do restaurante sem olhar para trás.

É o tipo de garota que dá uma oportunidade e, caso se canse, sai pela porta sem o menor problema. Algo nela é inocente, essa parte já perdida nas mulheres.

— Roth...

— Quer fodê-la? — interrompe. Aceno incapaz de dizer as palavras que passam pela minha mente —. Bem, faça-o! depois nos livramos dela.

— Antes você queria que ela fosse a mãe dos meus herdeiros, o que mudou?

— Você — aponta sem pestanejar —. É sua prometida e está jogando para que não descubra a verdade. Reivindique o que é seu e até onde sei, ela é, coma logo esta boceta e depois me avise, eu a matarei por você.

Ficamos em silêncio olhando para a tela de segurança. Uma foto de Emilie Greystone e seu pai Joseph Greystone no centro, ao lado seu irmão Holden, sua assistente Savannah Williams, uma recém-nascida e uma última foto a mãe dos Greystone em um sanatório... papéis com datas diferentes... quando o pai morreu, a mãe foi confinada. Faltam peças, muitas.

Seu pai morreu em um acidente de avião, sua mãe foi hospitalizada há alguns anos. Por quê? Na linha do tempo, seis anos desapareceram. Seis anos não estão registrados. Consultas médicas, escola para a garota Greystone. Nada, é como se não existisse nesses anos e depois... *Boom!* Aparece.

— Passe no bar de vez em quando. Isso nos fará bem para passar o tempo.

Quer dizer que me fará bem lembrar das minhas merdas e parar de sonhar com essa loira.

— Farei isso.

— E ligue para o Raze, você sabe como ele fica inquieto quando não o controla. Assassinou mais três traficantes, se continuar assim, chamará a atenção.

— É um pé no saco! Conversarei com ele.

— Bem. — Roth se despede e sai, por alguns segundos segura a maçaneta da porta, gira seus ombros, olha na minha direção e diz... —. *Meu irmão por opção.*

— *Minha lealdade está com você* — respondo. E essas palavras nunca foram tão amargas na minha vida. Esse garoto divide comigo os golpes, a comida, as mulheres. Houve um tempo em que Gabriel nos jogou na rua, moramos em um apartamento decadente no Brooklyn e sobrevivemos a base de sopas enlatadas. Roth é mais do que o irmão que assassinei para sobreviver. Lutamos contra o mundo e graças à nossa união, Gabriel Cavalli mora no inferno.

— Está começando a importar-se com ela, certo, irmão?

Não digo nada, fico em silêncio olhando para o meu copo vazio. Ninguém deve importar-me, apenas a *famiglia*.

E sai, vai embora com essa pergunta no ar.

Um segundo depois, meu copo se estilhaça contra a parede.

Um nó se forma na minha garganta, meus punhos se contraem e a veia do meu pescoço ressaltava. Maldita seja! Uma raiva crua viaja pelas minhas veias como lava em chamas. Vladimir a machucará. E esse pensamento não deveria incomodar-me, mas sim. Não consigo imaginá-la ferida, não posso. Muito menos nas mãos de Vladimir, ele com Emilie, beijando-a ou tocando-a... Não! Roth está certo, eu me importo com essa garota.

A porta se abre novamente por alguém que definitivamente não espero.

— Sua assistente não estava... Você está bem? Roth acabou de sair.

Meu humor está no limite e ela sabe, Katniss é muito boa arriscando-se e quando a loira entra no meu escritório, sua camisa tem dois botões mais abertos do que o normal, seu cabelo está solto até os ombros e um sorriso de “eu quero que me coma agora”, sei que aproveitará esta oportunidade. E porra, pela primeira vez quero que o faça.

— Seu pai não lhe ensinou a evitar a morte? Deveria ficar longe de mim.

— Meu pai realmente me enviou por sua doação generosa.

— E agora ele a prostitui?

— Se quiser chamá-lo assim — murmura, ainda sorrindo e dando de ombros mostrando desinteresse —. Não foi o primeiro, Don. Sabe tão bem que já dormi com muitos homens... Está com ciúmes?

Rio, é uma risada desagradável, uma piada. Se fosse uma dama, uma linda garota tradicional italiana, consideraria minha risada desrespeitosa.

— Não seja desagradável — murmura baixo.

— Você gosta quando sou desagradável.

— E mais quando é selvagem... Minha bunda ainda tem as marcas.

Tenho muitas necessidades agora mesmo e uma que Katniss sabe como me acalmar, não direi que gosto ou não porque não é o caso. Ela está bem, normal, se é assim que se pode dizer. Sem dizer uma única palavra, ela se senta no meu colo e vai direto para o meu cinto para encontrar seu brinquedo nas minhas calças, eu envolvo sua cintura com as minhas mãos para tê-la onde ela quer estar. Minha pegada é forte. Não há nada sutil ou delicado. Não foi assim que tirei Emilie do restaurante. Katniss se inclina para tomar minha boca, mas viro meu rosto para evitar seu beijo. Curvo seu corpo contra a minha mesa, puxo a saia até a cintura e, em seguida, arranco sua pequena calcinha. Sua bunda está em pompa enquanto eu coloco um preservativo. Tenho tanta raiva dentro de mim e estou pronto para deixar alguns hematomas por todo seu corpo enquanto a fodo. E como uma alucinação, uma imagem aparece na minha mente. Cabelo levemente loiro como se fosse mel, o rubor em suas bochechas, a maneira como ela mordeu o lábio inferior da boca, seus enormes olhos verdes, cheios de surpresa e uma maldita inocência. Meu pau está duro, como a porra do martelo de Thor e não é por causa da mulher curvada na minha mesa. Fecho meus olhos, valorizando e trazendo essa memória para a minha mente.

Katniss grita quando eu invado sua bunda sem qualquer tipo de lubrificante ou preliminares, abrindo as bochechas da sua bunda. Seus gritos apenas me encorajam a continuar, a arreventá-la. Ela tenta recuar, mas eu a seguro com força pelo pescoço. As lágrimas em seus olhos começam a cair molhando a mesa. Quero quebrar seu pescoço, descarregar a minha frustração nela.

— Queria ser minha puta, certo? Aproveite meu pau, desfrute-o, Katniss. Caso eu resolva deixá-la viver, talvez seja a última vez que a foderei.

Tenta falar, suas unhas se cravam no meu pulso, lutando por um pouco de ar. E por incrível que parecer, está umedecendo-se, molhando minhas bolas. É uma prostituta, pois mesmo com a morte diante dos olhos não para de se molhar por mim.

— Gosta, não é mesmo? Qualquer um pensaria que a estou abusando e aqui está você, molhada como uma cadela no cio.

Seu corpo se curva, suas pernas nas pontas dos pés tremendo. Não tenho nenhuma satisfação, não a desejo, é só um corpo vazio. Não cheira melão

nem baunilha. É como se o universo estivesse do meu lado. Meu celular toca com Holden Greystone na tela. Empurro Katniss, que ainda está tremendo, com as pernas instáveis. Meu *cunhado* é mais importante, certo?

— Don... — geme segurando sua garganta, tentando respirar.

— Seu pai já tem minha generosa doação. Você tem cinco minutos, para desaparecer da minha frente!

É toda a minha resposta para dar enquanto eu removo o preservativo e a jogo no lixo, em seguida me jogo sobre a cadeira arrumando minhas calças no seu devido lugar. Então Katniss faz algo que tinha feito, nem ela nem ninguém... ela pega meu celular e desliga a ligação. Que porra é essa!

— Estávamos fazendo amor!

— Não, não estávamos — digo e agarro sua mão antes que me desse uma bofetada. Ia me bater? Será que todo mundo está perdendo a cabeça? —. Que porra está acontecendo com você?

— Você só me usa — choraminga.

— Ei? Quer foder sua vida, Katniss? Quer morrer?

— Só quero você.

— Apague este maldito pensamento agora — ordeno —. Não me interessa, fodo sua buda porque sua vagina já está bem usada e muito menos pensava em você, como pode conformar-se com isso? Com um homem que usa sua vagina como fosse uma merda de plástico? Saia do meu escritório e isso não se repetirá, você ouviu? Não acontecerá novamente. Não se atreva a levantar sua mão contra mim, pois será o dia de sua morte. Não estou brincando.

— Se isso é tudo que pode oferecer-me, eu aceito.

— Você está louca.

— Seria apenas sexo, sem compromisso. Não tem que fazer nada. Apenas sexo.

Inferno, não consigo deixar de pensar nisso por um momento. Porra, para qualquer homem isso seria tentador e ela não é uma beleza sobrenatural, mas também não é uma mulher feia. A única coisa que me incomoda é o de não se valorizar, tem pouco amor próprio. Quero deixar a situação bem clara para você, não estou interessado, ofereça para quem quiser desde que não seja eu, mas meu celular toca novamente e está em suas mãos.

— Já estou comprometido — digo, tentando recuperar meu celular.

Vejo a fúria em seus olhos.

Jesus! Mulheres são muito complicadas. Finalmente pego o meu celular.

Holden novamente.

— Comprometido? Com quem?

— Não é da sua conta. Saia do meu escritório, só aparece aqui quando eu quiser ter algo com você, nem antes, nem depois. Saia daqui!

— Meu pai vai fazê-lo pagar caro por isso.

— Ele não se importa com você, se eu colocar uma bala na sua cabeça, possivelmente me agradecerá.

— Você é um maldito!

— Sou Lúcifer, Katniss. Agora... cai fora!

Tentando parecer digna, ela abaixa a saia lápis e eu arrumo minhas roupas. Ouço um forte golpe na porta é sinal de que ela se foi.

Emilie Greystone me converteu em uma merda inútil, em outro momento, a insolência de Katniss a teria levado à morte, hoje, porém, ela saiu ilesa. Holden insiste em uma terceira ligação, desta vez eu atendo.

— Dominic Cavalli.

— Don, eu preciso de sua ajuda. É urgente!

— O que aconteceu?

— É Savannah! Sofreu um acidente com o meu carro. Não entendo como isso aconteceu, meu carro estava funcionando normalmente hoje de manhã, diz que o freio não funcionou e bateu no meio de Manhattan, você disse que podia ligar para você, caso precisasse... Acho que Vladimir está retaliando.

— Você fez bem em me chamar. Envie-me sua localização por texto.

Demoro meia hora para chegar ao hospital, quando finalmente encontro a maca onde está a garota Savannah Williams — sua assistente — estou muito surpreso com o que está acontecendo. Holden a está beijando, não um beijo curto ou suave. Sua mão no cabelo desta, treme ao ficar o mais próximo possível dessa garota. Ela tem um arranhão no rosto, a saia também está rasgada pelo que vejo há uma bandagem cobrindo uma ferida. Não quero incomodá-lo ou irritá-lo, mas também não estou saindo para dar-lhe privacidade. «Ótimo, agora sou um *voyeur*».

Acontece que não entendo o porquê estou procurando na minha memória um beijo assim... Porque nunca dei. A pequena sala parece prestes a explodir com a tensão que estão criando. E com esta minha mente traiçoeira apenas mostra a imagem de uns lábios de cereja, cabelo ondulado e pernas que eu

gostaria de ter na cintura. Já basta!

— Por favor, Holden — implora a Srta. Williams —. Não finja que isso não aconteceu, amanhã quando...

— Tranquila, eu prometo.

— De verdade?

— Pensei que fosse morrer. Nunca me senti assim antes, só de pensar que pudesse perdê-la me deixou louco. E poderia ser minha culpa... Deus!

— Não foi sua culpa.

Limpo minha garganta para entrar no quarto. Holden abraça a garota enquanto ela me cumprimenta, eu lhe aceno com a cabeça. Vejo claramente o apelo em Holden, seus olhos gritando para não preocupar a garota sobre o assunto que havíamos conversado a pouco pelo telefone. Entendo que Savannah é sua assistente temporária, eu a vi duas vezes antes no escritório do jovem milionário. Aparentemente, ela está tendo um caso com ele, um magnata comprometido.

— Sr. Cavalli...

— Senhorita Williams. Fico feliz em ver que está bem, apenas foi um momento ruim.

— Pode chamar-me de Savannah.

— Posso, claro. Mas prefiro continuar chamando-a de Srta. Williams.

Ela revira os olhos enquanto move a cabeça, o que aparentemente a deixa tonta, fazendo com que Holden a segure com mais força enquanto sua testa franze.

— Você conversou com a minha prometida?

Quanto mais rápido ela se adaptar, melhor. Emilie Greystone me pertence.

— Está na minha casa.

— Bem.

Não sei por que me sinto um pouco desconfortável. Talvez porque menti para a sua irmã, dizendo-lhe que ele me havia enviado, talvez porque me sinta atraído pela garota ou pode ser o fato de que meus pensamentos não são nada puros em relação a Emilie, a mulher com quem me unirei.

— Poderia levar-nos para casa? Savannah teve alta... E eu cheguei de táxi. Tenho um bom motivo para não querer ir a sua casa. Emilie Greystone. Porém, não posso negar e arriscar-me que algo aconteça com nenhum dos dois, então acabo aceitando. Só irei até a porta da sua casa, não entrarei.

Holden rejeita a cadeira de rodas para a garota, então ela sai em seus braços

como uma pena. Nick, meu segurança, abre a porta traseira para o magnata e eu decido dirigir para colocar minha mente em ordem. Nick é o copiloto. A mulher dorme no colo de seu chefe e ele aproveita para olhá-la como um idiota, babando.

— Alguma vez já se apaixonou? — pergunta Holden do banco de trás do meu Hummer.

— Não.

— Pelo que me lembro, sempre estive apaixonado por outra pessoa. Sabia que não a merecia, ainda não a mereço, então decidi ser sempre seu eterno amigo. Ela já viu tudo sobre mim... É como ser transparente. — Balança a cabeça, tirando uma memória, acho —. Não posso perder mais ninguém. Elas são meu mundo, Dominic. Emilie é a primeira da minha lista e Rebekah sempre respeitou isso, mas agora, esta mulher está em perigo. Ele olha para Savannah Williams em seu colo —. Por favor, você tem que cuidar da minha irmã.

Holden Greystone tem namorada, o tipo de relacionamento que vem desde a infância. Ao que parece, não sou o único com grandes problemas, diz estar apaixonado por uma mulher que não é aquela que ele acabou de beijar ou que a tem em seus braços. E está pedindo a minha ajuda para cuidar de sua irmã. A situação é tão irônica. Não quero cuidá-la, quero fodê-la e, ao mesmo tempo, descobrir quais informações foram dadas ao meu pai e depois desaparecer com essa garota.

— Então ela tem que saber quem eu sou e quem se tornará.

— Quando ela souber de tudo, simplesmente me odiará.

— Eu lhe direi que não tinha escolha.

— Ela odeia qualquer coisa que tenha a ver com as agências e a máfia. Desde que meu pai morreu, Emilie sempre culpou a CIA. Era muito pequena para saber a verdade.

Bem, isso só fica melhor.

— Ela é minha irmã — continua —, não sou tonto ou cego. E, sim, preciso que a proteja porque sabe como fazê-lo, mas isso não significa que ela o queira ao seu lado de outra forma.

— Tarde demais, ela é minha prometida — faço com que se recorde desse fato, apertando o volante. Estamos perto da casa de Greystone —. Não estou enrolando, Holden. Conheço a vida de ambos. Não é um irmão exemplar.

— Não conhece Emilie. — Eu o olho através do retrovisor —. Isso tende a

afastar as pessoas.

— Você é seu irmão, deveria ter seguranças respirando em sua nuca. Ter seu próprio apartamento, sozinha, trabalhar em algo próprio. Não está vivendo, só se deixa levar.

Não digo mais nada. Irmãos, por natureza protegem, mas Holden Greystone não tem moral para me dizer o que fazer. Não conhece sua irmã direito, quando se dedicou a viver uma vida de rico e deixou sua irmã vivendo em um apartamento com uma amiga. Ele e sua mãe a abandonaram. Um silêncio se forma quando chegamos à sua casa. É uma casa linda suburbana do Queens, de dois andares, e nada chamativa para o milionário que está na parte traseira do meu carro. Estaciono meu Hummer perto de uma bela fonte, Nick é o primeiro a sair para lhe abrir a porta. Ele parece ter envelhecido dez anos, não se parece com o garoto que conheci há alguns meses. Holden tenta tirar sua assistente e ela começa a olhar para tudo com olhos arregalados.

— Esta não é minha casa.

— Savannah, você precisa de cuidados constantes...

Eu os deixo discutir sobre ficar ou ir embora, no final a garota consegue convencê-lo um pouco. Sendo assim, ofereço Nick para levá-la ao seu apartamento para pegar algumas roupas, enquanto continuo olhando para a casa de Greystone.

— Maldita mulher — assobia Holden vendo meu Hummer desaparecer no caminho. Avanço para abrir a porta do seu lar. Não tem seguro, tem muita confiança essa garota, não é mesmo? Mas, isso me incomoda. Sim, fico um pouco preocupado pelo fato de não se cuidar. Então me lembro que está levando uma vida despreocupada, sem entender o perigo que corre. Holden é o primeiro a entrar... Agora é quando tenho que dar meia volta e continuar meu caminho, no entanto, ouço a doce voz angelical que já ouvi antes e me impede de ir.

— Eu já fiz o jantar!

Meu corpo inteiro coça por causa de alguma substância estranha enquanto agarro a maçaneta da porta e grito comigo mesmo um milhão de vezes que deveria ir para a minha cobertura, mas não, em vez disso, entro na casa dos irmãos Greystone. Um cheiro rico de frutas cítricas e comida invade minhas narinas, então minha visão é recompensada com pernas que infartaria qualquer um. Suas esmeraldas brilham quando percebem minha presença. E estou rezando internamente para que a garrafa de cerveja em sua mão caia em

suas roupas e possa ver seu corpo molhado. Inclinar-me por esses mamilos deliciosos que me provocam.

— Oi. — Sua voz crepita direto no meu pau.

— Oi, *cara mia*. — Vou até ela para estender minha mão e sentir sua pele. Ela me dá sua mão. Sua pele é macia e eu respiro um pouco de ar para impregnar-me do aroma que transborda. Melão.

Ficamos vários segundos nos olhando... acho, não solto sua mão, pequena se comparada com à minha, suas bochechas ficam adoravelmente vermelhas e ela inconscientemente morde o lábio inferior. Passos apressados na escada me fazem soltá-la, Holden as desce de dois em dois. Dou um passo para trás dando espaço para a loira, encerrando assim nosso cumprimento. Ouço o suspiro que sai de sua boca e um meio sorriso ao pensar que a afetou.

— Aqui está — diz levantando a cerveja na minha direção. Estreito meus olhos e tento perguntar o que se refere, mas o que sai de seus lábios me deixa boquiaberto. Concentre-se na cerveja antes que meu irmão perceba sua virilha.

E sorri...

— O que aconteceu, Holden? — Sua voz brincalhona muda para uma mais séria e preocupada.

— Nada, minha aboborazinha.

— Sua camisa está suja de sangue.

— Um incidente, só isso.

— *Só isso* — imita de uma forma engraçada.

O empresário bufa ao passar por nós e a garota o segue até o que acho ser a cozinha. Aproveito o momento de solidão para acomodar meu amigo e tomo um gole da minha cerveja, ordenando internamente para que meus olhos não olhem a bundinha da irmã caçula de Holden. Meu Deus, pareço um adolescente com vontade de bater uma punheta por uma garota. Jesus! Agora todas as imagens que terei na mente serão da minha prometida de *shorts* e de seus mamilos duros me chamando. Emilie é causadora de toda esta revolução. Sigo-os até a cozinha onde Holden está mentindo sobre ser apenas um acidente de carro e nada mais. Destapa algumas panelas no fogão. A comida parece deliciosa, devem ter alguma governanta que cozinhou algo tão delicioso.

— Pegue um prato para Dominic — ordena Emilie ao seu irmão.

— Não precisa, eu já estou saindo.

— Ninguém nesta casa despreza minha comida.

— Siga o conselho dela, Dominic, não queira conhecer a Emilie irritada — murmura, procurando o que alguns ingredientes no armário. Si ela tivesse falado comigo daquele jeito em uma outra situação, certamente já estaria sem seu pescoço —. Aboborazinha, poderia preparar-me uma sopa?

— Você não come sopa.

— Fará ou não?

— Claro. Agora saia da cozinha.

Interessante. Holden Greystone esquece um pequeno detalhe de meses que deveria mencionar.

Olho para esse pequeno corpo de mulher que tenta pegar algo da prateleira superior e sua camiseta se levanta revelando grande parte do seu corpo. Holden pigarreia e eu rapidamente o olho, ele me pegou vendo sua irmã que ainda está alheia à troca de olhares, então ela me serve um pouco de comida em um prato, Holden se serve sua comida e ela cuida da sua. Ele dispara perguntas habituais de como foi seu dia, entre outras coisas.

Não parecem um casal de milionários, mas sim irmãos normais. E agradeço internamente ao magnata por suas perguntas, assim posso ouvir a voz melódica de Emilie relatando seu dia de rato literário e quão emocionante foi conhecer sua escritora favorita pessoalmente.

Levo um pedaço de seu frango à boca e quase tenho vontade de gemer, mas me contenho. Se ela fez isso, ela é uma cozinheira de mão cheia. Não dizem que o *homem morre pela boca*? Bem, acabei de descobrir duas coisas. Quero continuar comendo isso mais vezes, e também quero ficar com minha prometida, mesmo que seja só para fodê-la.

CAPÍTULO 07

Emilie

— Ele tem namorada? — questiono meu irmão ao cortar minha cenoura. Cavalli, está atendendo seu celular em algum lugar da casa.

— Emilie!

— Só estou tentando provocar.

É mentira. Realmente quero saber se o adônis tem algum compromisso, mas é minha maneira de arrancar a informação do meu irmão sem que ele perceba.

— Acho que não, mas... — Fica pensativo por alguns segundos —. Uma vez cheguei de surpresa ao seu escritório e sua assistente estava desarrumada.

— Não me admira — digo olhando para o banheiro —. Está tudo bem?

Holden evita meu olhar, acha que não notei as pequenas reações de seu corpo. Conheço bem o meu irmão e sei que algo está acontecendo, talvez um inimigo da indústria automobilística esteja chateado ou tenha recebido alguma ameaça boba como aconteceu no passado. Claro que tudo ficará bem em breve.

— Gostaria que tivesse segurança, Emilie.

— Pode parar. Não preciso de uma babá.

— Você é milionária, Emilie e sabe também...

— Não mencione isso — corto —. Ele escolheu isso para sua vida, o sucesso para a sua e eu continuaria no meu mundo tranquilamente. Amo ser assim, Holden... Amo meu trabalho, sair com Valerie, passar o tempo com você e até mesmo com Rebekah. Se estivéssemos em perigo, talvez olhasse as coisas de outro jeito, mas devo saber de algo em especial?

— Não tem que se preocupar com nada. Não agora.

Minhas esmeraldas ficam presas em seus olhos cinzentos um pouco mais, só para ver sua máscara de que nada acontece desvanecer um pouco. Um nó se forma na minha garganta enquanto luto contra o desejo intenso de olhá-lo um pouco mais e de gritar-lhe que também tenho direito de saber o que acontece. Holden é assim, sempre foi, ele me olha como a garota indefesa que precisa de proteção permanente.

— Subirei para trocar de roupa.

— Posso ficar sozinha com Cavalli? — ironizo. Holden estala a língua ao sair da cozinha. Ótimo. Odeio quando pensa que não sou adulta o suficiente para entender as coisas que nos rodeiam, principalmente quando há algo perigoso. Esta é uma das razões que nós não moramos juntos e eu prefiro o meu espaço com Valerie. Ela é minha amiga e, embora ela jogue fora minhas roupas íntimas, ela não opina na minha vida. Acho que é assim que se sentem as adolescentes vivendo com seus pais, seguindo suas regras. Os adultos pensam que porque viveram a vida sabem mais que o outro, não compreendem que às vezes devemos fracassar para também poder dizer que cometemos esse erro ou, no melhor dos casos, tomamos a decisão correta antes de cometê-lo.

— Ele a protege.

Fiquei surpreso ao ouvir aquela voz tão rouca que incita meu corpo e minha mente a viajar em direção a imagens muito pecaminosas. É uma obra de arte este homem aqui bem na minha frente, mas sem o paletó e só com essa calça e camisa de linho. Ah! Um dos deuses do Olimpo diante desta simples mortal.

— Mentir é mentir — reviro —. Prefiro uma verdade que doa do que uma mentira que mata.

— Linda, boa cozinheira e inteligente. Inferno, tenha piedade de minha alma. Seu comentário me faz parecer uma mola, eu o olhei com um meio sorriso nos lábios. Dominic Cavalli me devolve o sorriso com seus olhos azuis intenso e profundos. Por que ainda fico nervosa?

A faca na minha mão treme, minhas pernas se sentem instáveis, como se estivesse prestes a cair no chão e, pela primeira vez, não tenho muito o que dizer de seu comentário. Por um acaso, estou em uma classe estranha de avaliação?

«Linda».

Eu sei que sou, mas para ouvir este elogio de um homem como ele, só pode significar o seguinte: ou ele gostou realmente ou é um Casanova e anda dizendo por aí para todas as mulheres que são lindas. Boa cozinheira, bobagem! sou muito melhor do que isso, mas não vou refutá-lo. Holden, Valerie e Dein amam minha comida. Eles a amam, de verdade. Inteligente, bem isso eu sou mesmo. Acho que sou inteligente porque não estou cercada de amigas que se comportam como adolescentes.

— Você me está avaliando?

— Poderia dizer que sim...

— É muito injusto, pois ainda não tive tempo de avaliá-lo.

— Estamos sozinhos, na sua cozinha... acho que não é um bom lugar para me avaliar, talvez em uma refeição mais privada.

— Você está convidando-me para sair?

— Não — diz. A negativa em sua boca me faz olhá-lo diretamente e deixar os vegetais ferver na panela —. Estou convidando-a para comer.

— Mas não é um encontro, interessante... Algum trauma romântico?

A risada que sai de seus lábios me distrai completamente, é escandalosa, mas linda, rouca e ousada. Tenho certeza de que meu irmão acabou de ouvir essa risada, mesmo estando no andar de cima. Cavalli se apoia na bancada da cozinha, coma intenção de acalmá-la, cruza os braços e faz minha visão focar cada um dos seus músculos tonificados. É um corpo que se exercita, um corpo definido. Holden também exerce, mas o dele não é tão definido quanto o de Cavalli.

— O que diz de comer em um encontro sem compromisso?

— Não.

— Não?

Parece que ninguém está negando nada ao menino bonito.

— Não a entendo.

— É para isso que os encontros servem, para conversar, conhecer. Já sabe.

— Mas você não me está convidando para um encontro. É só para comer, como da outra vez.

Seus olhos estão arregalados agora, como se acabasse de desenvolver duas cabeças ou fosse uma criatura exótica. Bem, não está muito longe da realidade. Estou tentando conter o riso como posso, porque realmente está muito divertido brincar com as palavras, até mesmo olhar suas reações que tem, acho que não esperava encontrar-se comigo e descobrir o quão diferente posso chegar a ser. Volto para colocar sal na sopa e verificar a temperatura para depois colocar as batatas, sempre as deixo por último. Quando sinto Dominic ao meu lado, ele finge olhar por cima do meu ombro para o que eu cozinho. O calor de sua respiração no meu pescoço envia ondas de diretamente à minha virilha. Sem dizer uma palavra, afasta algumas mechas de cabelo do meu pescoço e depois se inclina deixando um pequeno toque de seus lábios entre meu pescoço e ombro.

— Eu gosto disso — sussurra com uma voz aveludada —. É sua pulsação, palpita e me faz lembrar o quanto adoro que esteja viva.

— O quê...?

Sua mão esquerda viaja para o meu ventre, pega um punhado de tecido da minha camiseta fazendo com que as alças desçam quase revelando meus seios. «Oh, meu Deus». Não estou respirando e meu coração é um borrão de batidas desesperadas enquanto seu nariz percorre meu pescoço e aprecio estar apoiada em seus braços quando sinto sua língua envolver o lóbulo de mi orelha, depois seus dentes arranhando minha pele.

— Rosados, *cara mia*. Rosados e entumecidos — declara mordendo minha nuca.

E tudo isso está no meu centro. Não deveria permiti-lo, se Holden entrar na cozinha e nos pega desse jeito. Certamente, Cavalli não viveria por muito tempo.

— Consegue imaginar, *cara mia*? Meus dedos abrindo sua boceta, minha língua chupando suas dobras. Meu pau invadindo suas entranhas e meu dedo polegar brincando com o seu cuzinho, consegue imaginar tudo isso? *Perché ti farò tutto questo*^[6].

Em um segundo, seu toque se afasta completamente, deixa-me quente contra o fogo e se senta no outro lado da cozinha. Respiro várias vezes para me controlar. Deveria ter permitido mais. «Oh, Deus. Deveria ter permitido muito mais».

Holden chega à cozinha enquanto continuamos em nossas posições, então me viro procurando seus olhos, Cavalli está confuso, olhando-me. E eu continuo vermelha de desejo.

Não sou uma garota que cai tão fácil na lábia de ninguém, não venha jogar com esse estereótipo de homem comigo. Não faz encontros, putz! É apenas para personagens de livros, menino bonito. Meu lado curioso retorna ao pensamento do porquê um homem como ele, não faz encontros.

Não que eu possa falar muito sobre o assunto. Sendo sincera, só tive dois, cada um mais desastroso que o outro. Um com um companheiro de escola, Holden me deixou ir comprar pizza com o garoto e este decidiu que seria divertido lançar ovos na casa de sua ex-namorada. Não aceitei, obviamente.

O segundo foi há alguns meses, saí com Dein. Foi um desastre completo quando não tínhamos muito o que conversar, acho que Dein está acostumado com garotas que não têm nada a dizer e eu falei muito, na maior parte da noite fiquei falando sozinha enquanto ele estava no celular.

Amo a tecnologia, eu a uso muito, mas se está comigo ou diante de mim, o

mínimo que peço é a sua atenção. Ter uma garota falando um pouco e a ignorá-la... não é nada agradável. Finalmente, acabei desistindo, tirei algumas notas da minha carteira e as deixei sobre a mesa e fui embora, sem ao menos me despedir. No dia seguinte Dein estava muito irritado, fui uma idiota quando ouvi todas as suas palavras, e muito mais idiota ao tentar uma relação uma relação com alguém como ele. Um beijo e quatro semanas depois, estava partindo o coração do irmão da minha amiga.

— Conte com isso. — Ouvi meu irmão dizer a Cavalli.

Meu irmão está muito concentrado ouvindo enquanto falam baixinho. Tento captar pequenas palavras pequenas, mas é difícil.

— Você trabalha com o que, Dominic?

Os dois homens se viram e me olham ao mesmo tempo. Holden, um pouco confuso com a minha pergunta, fica com uma expressão séria enquanto me avalia. Cavalli, por outro lado, mostra um tique em sua mandíbula. Ao que tudo parece, toquei em um assunto nebuloso. Eles se entreolham.

— Não o incomode com este tipo de pergunta — meu irmão me repreende, mas continuo olhando para o menino bonito com o cabelo cor de chocolate.

— Não o chamaria de trabalho, melhor dizendo é meu *destino*.

— Você é segurança? Pergunto porque, bem... este.

Minha divagação o diverte muito.

— Não sou um guarda-costas.

— Então, são apenas amigos?

— Conhecidos — responde.

— Então você é como Holden.

— Como assim?

— Milionário, solteiro, rosto bonito.

O intenso olhar cinza do meu irmão é sentido por todo o meu corpo. Holden deve pensar que estou apenas flertando, mas é mais do que isso, quero saber por que esse homem está na minha casa hoje. Não sou tão boba.

— Algo parecido — fuge pensativo, coçando sua barba por fazer, não sei se mencionei antes, mas parece mais bonito.

— E...?

— Emilie!

— Ela não me incomoda, Greystone. Tranquilo. Pode perguntar tudo o que quiser.

Agora cinzas e esmeraldas estão vendo nosso convidado diretamente. Ele

nega com sua cabeça ainda com esse meio sorriso em seu rosto bonito.

— Quero um momento com ela, a sós.

A voz de Dominic continua relaxada, mas subiu vários tons ao dar uma ordem direta ao meu irmão. Holden fixa um olhar tenso na minha direção.

«O que está acontecendo?».

— Isso ainda não é possível.

— Continuo aqui — interfiro brincando —. O que acontece com vocês dois?

Holden nega a Cavalli, com um olhar angustiado, «que merda...?».

— Nada — diz Holden.

— *Resolva isso!* — ordena Cavalli.

Dou um pulo no meu lugar. Seu tom é frio, gélido. Seu olhar assassino e predador. Só conheço um homem com esse olhar. Só ouvi essa voz ou uma muito parecida, na minha infância. E traz lembranças entrelaçadas. Dor e felicidade.

Um golpe forte atinge a boca do meu estômago. Posso até ouvir minha mãe mamãe chamando-me do primeiro andar da nossa casa na Louisiana, sempre chamava para a comida, ameaçando subir ao meu quarto. Também me lembro do meu rosto de felicidade ao descer cada degrau correndo. Amava bolo de abóbora e minha mãe era muito boa nisso. Desde esse fatídico dia que minha família foi destruída, não mais voltei a comer esse bolo. O nó na minha garganta fica mais profundo, meus olhos se enchem de lágrimas que obrigo a permanecer em seu lugar enquanto digo algumas palavras gentis.

— Foi um prazer tê-lo em casa.

— Emilie... — Holden tenta chegar até mim.

— Irei ao meu quarto.

Meu irmão me olha por vários segundos enquanto estendo minha mão ao menino bonito, finjo meu melhor sorriso e saio da cozinha. Sabendo que estou segura, enquanto subo a escada, minhas lágrimas caem. Odeio ser fraca às vezes, mas em tempos como este, onde minha mente me faz lembra do amor que ela costumava dar-nos, quando viajo para minha família perfeita do passado, não consigo evitar que tudo isso me passe. Mesmo depois de passado algumas horas, meu irmão tenta tirar-me do meu quarto com uma oferta tentadora da Netflix, mas recuso, prefiro ficar no meu quarto ouvindo a minha banda favorita e deixando que tudo saia. Sou humana e chorar é normal. A tela do meu celular se acende na minha mesinha de cabeceira. A curiosidade de que talvez seja Holden tentando outra forma me tirar da cama,

leva-me a pegá-lo. É um número que reconheço e o conteúdo da mensagem me faz sorrir.

“Adoro doces e tenho o estranho hábito de tomar um copo de leite antes de dormir. Já sabe duas coisas sobre mim, e o que pode dizer-me sobre você?”

Mordo a unha do meu polegar enquanto releio o texto por diversas vezes. Leio também a mensagem que me escreveu quando lhe pedi seu número de celular *“Deixe-me conhecê-la”*. Suspiro e teclo uma mensagem em resposta, no que me estou envolvendo?

“Não consigo dormir com os pés fora dos lençóis... imagino um fantasma me puxando enquanto durmo. Sou estranha, acho.

— Aboborazinha, fiz pipoca, — anuncia Holden do outro lado da porta. Não vivemos juntos, mas sempre tive esse quarto na sua casa —. *Grey’s Anatomy*^[7].

Saio da cama, pego meu celular e abro a porta. Ele tem uma tigela enorme de pipoca e dois refrigerantes diet — Cocas —. Um sorriso genuíno repousa em meus lábios enquanto eu o abraço sua cintura, já que ele não poderá corresponder-me por estar com suas mãos ocupadas. Você não tem ideia o que significou para mim sua partida quando papai faleceu, ter que viver com nossa mãe e ser responsável por ela. Foi um inferno até que tudo saiu do controle.

— Eu te amo, aboborazinha.

— Eu sei.

Fomos até o primeiro andar e sentados na sala assisti três episódios de *Grey’s Anatomy* de uma temporada de quinze. Quero matar o produtor por partir o meu coração e falo em voz alta para que ele saiba, fazendo Holden sorrir. Esqueço um pouco o passado e me concentro na série. Então vejo a luz do meu celular acender novamente.

“Eu conto os segundos com Mississippi. Isso é muito mais estranho.”

“Vou escrever algo, leia-o, depois esqueça-o. É uma ordem direta.”

“Nunca tive namorada, nem um encontro. Talvez essa seja a razão pelo qual falo sem parar para analisar o que penso, quero e farei com você. Sou o

dono do meu mundo. Todos cumprem minhas ordens”.

As mensagens estão lá há mais de três horas, também tenho uma de Valerie não lida.

“Você gosta disso, não é? Dar ordens?”

Respondo. E como me sinto valente, envio outra.

“Fico contente em saber que não tenha tido namoradas ou encontros. Você é virgem nesse quesito. Por favor, não se esqueça disso.”

Sua mensagem chega um segundo depois, como se ele estivesse com o celular esperando há três horas.

“Não me esquecerei. Mas não se esqueça do senti quando beijei seu pescoço. Muito menos se esqueça dos poucos momentos compartilhados e, lembre-se; sou dono dessa cidade. Quando quero algo, eu pego sem pedir. Tente não me odiar.

E, sim, gosto de controlar tudo.”

O coração bem que poderia saltar para fora do meu peito. Novamente está avisando-me de algo. Sinto falta das palavras entre linhas.

“Nunca o odiaria.”

“Prometa-me, cara mia.”

“Eu prometo.”

— Dein Jason? — pergunta Holden.

Meu peito dói, porque faz tanto tempo que meu relacionamento com Dein acabou e meu irmão não sabe nada da minha vida.

— Não.

— Dominic?

Posso perceber uma nota de angústia na sua voz.

— Se fosse ele, seria um problema?

— Agora, neste momento, sim seria um problema.
— Sou adulta. Você não decide por mim.
— Dominic Cavalli não é homem para você.
— Deixe-me tomar essa decisão sozinha.
— Ele é perigoso.
— Em que sentido, Holden? Explique-se.
— Se eu disser, você se decepcionará comigo.
— Isso não seria nenhuma novidade, Holden.
— Você é minha irmã.
— Não fui quando me deixou por seguir a Rebekah a Londres. Papai estava morto, o que o fez pensar que estaríamos bem?
Meu pai foi um agente treinado do governo, morreu em um acidente aéreo. Nossa mãe ia nesse avião, acho que o amor que Joseph sentia pela mamãe era tão grande que acabou salvando-a, usando os únicos dois paraquedas do avião protegeu o corpo dela, assim o impacto ao cair foi menor. Ela passou quase uma semana com três corpos, meu pai entre eles. Holden voltou para casa só um segundo, para apoiar-me, a recuperação de nossa mãe levou três semanas em um hospital, depois, de volta à casa, todos acreditaram que superaria a tragédia, mas não foi assim. Cinco anos até essa dura noite.
— Nunca pensei... É nossa mãe.
— Essa mulher já não é mais minha mãe, Holden.
Um par de pernas nuas entram na sala, a chica que tem um curativo cirúrgico na cabeça se assusta um pouco ao olhar-me.
— Desculpe, Sr. Greystone.
— Não se preocupe, Savannah — diz Holden, à sua assistente, acho.
Sua voz é baixa quando saúda. Meu irmão nos apresenta, noto a mudança no olhar da assistente. É muito bonita, algo inegável.
Seus olhos castanhos são grandes, como de uma boneca e com cabelos vermelhos compridos, brilhantes e lisos.
Ela me agrada só com suas primeiras palavras, não que Rebekah, a namorada de Holden, não me agrade... Só que ela age diferente de mim. Não me agrada que estejam juntos só porque tem sido o primeiro de cada um, não acho que por ser o seu primeiro amor deva ser o único. Parece que eles só têm o hábito de estar juntos.
Em vez disso, quando me apresento a Savannah, noto a paixão entre os dois, Deus, parece que a sala está prestes a pegar fogo. Meu irmão a está comendo

com os olhos. A mulher está percebendo exatamente como eu. Eles têm uma boba e breve discussão sobre ela por estar incomodando, ao final Holden ganha a situação quando vai à cozinha e lhe oferece a sopa que preparei mais cedo.

— Você é linda.

— Eu sei — afirma dando de ombros.

Um sorriso desliza em meus lábios. Rebekah é muito insegura e vive para ter ciúmes de Holden. No entanto, Savannah é segura... Acho que estou começando a entender o homem agora —. Deveria ir.

— Ele não a deixará ir embora — digo.

E, quando percebo que estou sobrando, decido sair de fininho, deixando meu irmão cuidando de sua empregada, o que acontece com os milionários e suas assistentes?

CAPÍTULO 08

Emilie

O alarme não tocou esta manhã, isso não aconteceu porque desde as quatro e meia da manhã meus olhos se abriram, não me deixando dormir novamente. Rolei na cama por meio hora, até que os lençóis já não me aguentaram mais. Então decidi correr até a East Central. Ao chegar ao parque de frente ao edifício de Holden com enormes letras vermelhas G & G, suada e sedenta. Caminho até a lateral do parque, onde há uma pequena cafeteria, servem o melhor café do mundo e deliciosos bolos de amora. Estive aqui algumas vezes com meu irmão no passado, atualmente, não costumo visitá-lo muito. Empurro a porta de vidro do local, vejo uma longa fila, pego alguns guardanapos para me secar um pouco. Três garotas e um homem estão do outro lado do balcão movendo-se freneticamente. Cumprem a maioria dos pedidos e me junto à fila com mais três pessoas.

— O mesmo? — pergunta a atendente da cafeteria. Fico séria e um pouco confusa, porque não me lembro dela e muito menos visito este local regularmente —. Café puro grande, doce de leite e torta de amora.

— Uau — sussurrei, tirando dinheiro da minha leggings preta —. Como sabe meu pedido?

— Ela nunca esquece um rosto — diz outra voz com sotaque romântico. Ela é uma garota latina muito bonita.

— Isso se chama memória fotográfica. Também a tenho, mas no meu caso serve para não esquecer de documentos, papéis, impressões. Os rostos, por outro lado, desaparecem da minha mente.

— Sério? — diz a garota emocionada —. Achei que estava ficando louca ao lembrar dos pedidos de quase todo mundo.

— Mas não está — digo para tranquilizá-la. Pego o troco deixando uma gorjeta para ir embora. Claro! meu dia perfeito pode ir pelo ralo ao colidir com um corpo enorme.

Essência picante invadindo meus sentidos. Fico um pouco zozza porque só um homem cheira tão bem assim. E eu procuro seus olhos nesse instante. Aí estão eles, azuis como o céu, como o horizonte interagindo com um mar infinito.

Seu cabelo chocolate está despenteado e o suor cobre sua testa. Uma camiseta cinza grudada em seu peito em todos os lugares certos e sua calça de moletom revelam uma tenda de campanha muito interessante lá dentro. Dominic Cavalli é realmente uma obra de arte, mas seu sorriso rouba qualquer pensamento ardente.

Quando sorri, o mundo se ilumina, e não apenas o meu. O suspiro coletivo atrás de mim deixa isso muito claro.

— Você se esqueceu do meu rosto, Emilie?

— Não conseguiria — sussurrou baixinho seu encantamento.

— Nunca o vi correr por aqui.

— Corro um pouco mais tarde, por volta das sete.

— Quer tomar algo?

E tudo se desmorona dentro de mim.

— Não posso, Garfield acorda de mau humor, tenho que fazer seu café da manhã.

Só até eu dizer estas palavras e vejo como a frieza tinge seus belos traços. O sorriso desaparece, substituindo-o por uma linha dura, sua testa franze e seus olhos azuis se transformam em gelo polar.

Ele dá um passo para o lado, joga uma nota de vinte dólares para as meninas e diz algo sobre não querer o seu pedido usual. Fico um pouco *chocada* quando ele passa por mim sem dizer uma única palavra. A porta é aberta com força. Procuro na minha mente a conversa recente, tentando decifrar o que disse de errado ou por que ele age assim. Nada. Saio do local e ele está caminhando.

— Dominic! — grito, mas ele não responde. Leva mais de cinco segundos para notar que o havia chamado. Desejaria não tê-lo chamado. Está furioso, não, o que segue essa palavra é sim... aterradora. Deixa que eu o alcance só para me olhar com cara de ódio e suas palavras me param no mesmo instante.

— Não pode mandar mensagem para um homem e foder com outro, Emilie — rosna.

— Do que você está falando?

Estou perdida aqui.

— Erroneamente pensei que fosse inocente — assobia —. *Você merece*, você é uma puta de merda como todas!

Suspiro com suas palavras. Estou tão surpresa que esqueço do copo de café quente em minhas mãos. Ele cai no chão sobre minhas pernas. Grito sentindo

a temperatura queimar minha pele. Rapidamente me inclino para levantar a *legging* e evitar que me queime ainda mais.

Quando olho para cima, Dominic Cavalli está correndo em direção à Avenida Central, longe de mim. Acaba de me chamar, puta? Que merda é essa?

— É uma piada, certo?

— Três testes.

— Valerie, droga!

Está grávida, o pior é que me confessou há poucas horas e não sabe quem é o pai. Ela dormiu com seu agente de modelos e na mesma semana com o seu namorado. Tento entender como funcionam os relacionamentos, mas não consigo, como podem ter sexo sem sentimento? Só por desejo? Perde a razão ao sentir isso a ponto de não medir o que faz? Como pode prejudicar outras pessoas por causa do sexo? Valerie não sabe como canalizar sua dor ou melhor, enfrentar suas decisões.

A grande ideia foi sair para dançar, já que ela não pode beber álcool, acho que não assimilou a parte real da história. Ela será mãe, responsável por uma vida. Ela não é Hannah. Minha chefe é uma mulher responsável, ao contrário de Valerie. Li os manuscritos do escritor Eric Hill com tal velocidade que estou surpresa. Ainda não acho que posso ser responsável pela editora em sua ausência, mas estou tentando convencê-la de seu erro.

Não é meu sonho, adoro ler, sim. Mas gosto mais de mostrar os sentimentos por meio de imagens do que de letras. Não fiz faculdade, então não tenho ideia para onde ir, talvez eu possa começar como designer.

Essa é outra parte da minha vida que fica no ar. E Dominic Cavalli não atende minhas ligações, depois de tentar por cinco vezes, desisto. Chamou-me de puta ontem de manhã e ainda não sei o motivo, e nem sei porque preciso que me explique.

A música está muito alta, tanto que não me permite falar com a minha amiga direito, então começo a beber cerveja, muitas.

Minha cabeça está muito confusa e todos os meus pensamentos se direcionam a um homem de olhos azuis e cabelo cor de chocolate. *Chamou-me de puta. Deuses.*

— Acha que deveria chamá-lo?

— O quê? — pergunto bem alto por causa da música.

Valerie repete a pergunta se deve ou não chamar seu homem misterioso, tento animá-la e lhe digo que deve ser ela mesma, acho que o álcool subiu muito na minha cabeça. Preciso sair dessa confusão. Levanto-me da banqueta próxima do balcão e ao mesmo tempo minha melhor amiga se surpreende com algo atrás de mim, tento desesperadamente me concentrar no que ela está olhando, mas não consigo.

Grita algo referente a sair e chamar lá fora. Sento novamente.

— Chamou-me puta.

— Você é? — indaga o rapaz do bar respondendo ao meu comentário feito do nada.

— Sou virgem — respondo rindo. É claro que estou muito bêbada.

Nos meus cinco sentidos, nunca diria algo assim.

— Virgem? — entoa surpreso. Afirmo com um gesto —. Isso a fará sentir-se melhor. Beba.

— Você é muito fofo.

— E você é muito bonita.

O cara do bar me entrega outra bebida luminosa, tem uma cor laranja intensa e queima quando passa pela minha garganta, não devo continuar bebendo. Não tenho a menor dúvida que amanhã meu corpo inteiro doerá, escrevo uma mensagem ao meu irmão pedindo ajuda. Tudo está tão embaçado que não tenho certeza para quem eu destinei a breve mensagem.

«Estou muito bêbada... preciso de ajuda.»

Anexei minha localização à mensagem.

— Ei! — alguém chama minha atenção ao mover meu ombro. Onde está Valerie?

Viro um pouco para me reencontrar com o rapaz do bar, bem, um deles. Esse tem cabelos loiros e não foi quem me passou a bebida luminosa.

— Sim? Sabe onde está minha amiga?

Minha voz está muito rouca e minhas palavras se arrastam.

O garoto na minha frente franze a testa enquanto me entrega um copo com água, está quase gritando para que eu beba, mas me sinto tão relaxada... já faz muito tempo que não sentia meu corpo dormente assim.

— Ele é um bastardo.

O garoto loiro continua falando, mas só capto alguns pedaços, mas não o suficiente para entender o contexto.

Ele me ordena novamente a beber a água, mas desta vez não recuso. Minha garganta também está muito seca. Ele também me diz para esperar por ele no meu lugar, o que não cumpro. Tenho que procurar minha grávida e chorona, onde será que se meteu? Eu a procuro durante um tempo e depois sinto uma euforia estranha no meu corpo, um calor abrasador... Fogo, algo está ardendo dentro de mim. Ao não aguentá-lo, tiro a blusa de seda preta ficando apenas com as minhas calças jeans e um sutiã de algodão, tem um pequeno laço cor de rosa no meio dos meus seios, muito fofo. Desta forma, vou para a pista de dança.

Não sei de onde vem todo esse calor e muito menos como posso estar dançando agora, isenta de qualquer vergonha, só liberdade quando meus quadris se movem.

Eu não sou assim... Não me reconheço quando estou bêbada.

Ainda menos quando mãos desconhecidas agarram minha cintura, eu esfrego meu corpo contra este homem sem nenhuma vergonha, enquanto o calor continua e continua.

A voz não é tão estranha quando me diz que poderá ajudar-me a acalmar o que sinto. Então o deixo para que me conduza.

Pessoas tropeçam comigo no caminho, então um ar gelado atinge meu rosto, o qual agradeço com um gemido de satisfação, no entanto, o calor continua.

— Bem, linda, você será a primeira da noite.

— Quero ir embora... Minha amiga, ela e eu... Quero ir embora.

— Você é muito bonita, pagarão uma fortuna por você.

Meu corpo está encurralado contra uma parede, minha visão está um pouco turva, mas a memória de um passado muito escuro força meu cérebro a despertar dessa letargia. O cara desagradável do bar, esse da bebida brilhante.

— Não... — nego, mas meu corpo está muito obediente.

— Tranquila, bonita. Serei gentil na sua primeira vez. — Aproxima-se ainda mais encurralando-me contra a parede.

Penso negar com a cabeça, enquanto grito mentalmente o nome do meu irmão ou Valerie, não tenho certeza.

— Não, por favor... — De repente me agarra pela garganta cortando minha respiração. Tento escapar-me, mas ele é mais alto do que eu, é forte. Sou tão pequenininha que tenho tudo a perder.

— Não sei por que insistem em se guardar para um idiota — reclama inclinando-se e beijando meu pescoço. Fecho os olhos porque não consigo escapar disso.

Minha cabeça pesa muitíssimo e ainda uma parte de mim sabe o que está acontecendo, a outra está muito letárgica para tentar fazer algo. Não pode ser, não pode ser...

«*Ele me violentará*», disse-me a parte mais cabal de mim, o outro é perdido pelo ardor que consome meu corpo. Não é agradável, o que estou sentindo não tem nada a ver com o que senti quando um idiota de olhos azuis sussurrava palavras muito intensas ou quando caminhou comigo debaixo da chuva. Essa queimação é nojenta. Isso me faz sentir suja. Quero parar, agora! Não sou uma prostituta.

— Solte-me, agora! — Escuto uma voz forte, rude e rouca falar. Abro os olhos e vejo o dono dessa voz. É ele ou talvez uma ilusão?

— Este não é assunto seu, irmão, cai fora agora — rosna tirando a cabeça do meu pescoço e soltando-o um pouco. Tusso buscando ar desesperadamente —. É apenas uma briguinha de namorados, não é querida? — pergunta com os dentes cerrados e a aperta ainda mais. Cavalli está na minha frente, ele me olha, seus olhos viajam até meu pescoço e desejaria que a luz fosse mais brilhante para olhar a cor dos seus olhos nesse momento. Não pode ser uma ilusão se o rapaz que está agarrando-me fala com ele... Onde está Valerie?

— Disse. Solte-a. Agora — ameaça com desprezo o recém-chegado e enrola a camisa branca nos seus braços grandes. Meu agressor solta meus punhos e agarro a sua camisa. No entanto, ele me dá um tapa no rosto, fazendo-me perder o equilíbrio e bater minha cabeça contra a parede. Um zumbido ressoa dentro dela e minha visão fica ainda mais turva. Pisco tentando recuperar meus sentidos e vejo meu agressor apontando para o lado.

Como não consigo ficar em pé, acabei escorregando pela parede, sentindo a pele das minhas costas arranhar enquanto deixava a dor se espalhar pelo meu cérebro. E grito.

— Emilie! — rugue com as narinas saliente como um leão. Dominic, ou sua imagem, agarra minha cintura e com um movimento me atordoa e me move rapidamente atrás dele.

Então tudo acontece tão rápido que minha boca fica aberta.

— *Don...* — O garoto suspira e arregala os olhos.

Dominic parte para cima do meu agressor e lhe dá um golpe preciso e certo

no seu rosto.

Um grito de horror escapa dos meus lábios, não quero que Cavalli se machuque. Por que me importo com isso? Deveria estar preocupada comigo e não com um desconhecido com sotaque italiano recém-chegado. O inferno começa quando mais dois homens chegam à retaguarda, um deles imobiliza o rapaz. E o outro, sem hesitar, corre até Dominic. Empurrando-o.

— Afaste-se, Raze.

— Dominic... — soluço agarrando seu pulso, ele me olha por cima do ombro com um meio sorriso e agora vejo o azul infinito de seus olhos bem de perto. Observa meu rosto e engole em seco, enquanto se agacha ao meu lado e fica sério, não sei em que momento ele percebe que não estou bem, quando não consigo ficar sobre as minhas próprias pernas ou por estar seminua. Quando seus olhos abaixam um pouco mais aos meus seios, suas sobrancelhas se contraem, suas feições tão lindas se endurecem mostrando uma besta-fera atrás daqueles faróis azuis e é quando percebo algo. Um vergão no meu peito no lado direito ou esquerdo, isso não me incomoda muito, mas meus seios estão expostos fora do meu sutiã. Estava prestes a ser violentada, acho que estou mais do que bêbada. O rapaz deve ter colocado alguma droga na minha bebida.

— Emilie? — Sua voz é assustadoramente baixa. Atrás dele alguém está sendo espancado.

Reconheço muito bem o som de ossos sendo quebrados e os gritos.

Não me lembro em que momento este rapaz começou a tocar-me, meu corpo continua em uma nuvem de êxtase, pois me impede de raciocinar ou sequer viajar no que acaba de acontecer aqui. Outros braços tentam pegar-me. Grito alto. Não quero que mais ninguém me toque, só quero Dominic.

Quero que ele me proteja.

— Solte-a — rosna Dominic com os dentes cerrados.

— Bem, bem, você não deve ser territorial comigo. É sua, está claro.

— Que merda você fez, Brando? — É um assovio furioso de uma voz desconhecida. Há um balbucio de palavras incoerentes —. Foda-se.

— Drogas? Que tipo de drogas? — cospe Dominic.

— Leve a garota. Eu cuidarei disso.

— Não sabia quem era essa garota, Don, eu juro!

— Casa. — Finalmente consigo dizer claramente. Dominic assente tirando sua camisa manchada de sangue e cobrindo meu corpo com ela, então seus

braços me envolvem e levantam do chão, pequenas pedras estão incrustadas em minhas palmas.

Cansada demais para poder olhar o que está acontecendo, vou perdendo a consciência enquanto Cavalli me acompanha para fora do lugar, meu corpo toca o couro de um carro, há algo em movimento e finalmente braços fortes me envolvem novamente até que me levam a um peito duro. Maçã e canela... é quase minha casa.

«*Não deixe que me toque*». Sussurro em minha mente, ou acho. Os braços fortes se contraem ainda mais ao redor do meu corpo, enquanto a ilusão dos meus sonhos, ouço uma demanda que talvez não consiga lembrar de madrugada.

— Eu quero Brando morto, Roth — rosna ao que acredito seja um telefone celular.

Minha cabeça parece que vai explodir, só de pensar em abrir meus olhos, já me dói. Tentei em mais de uma oportunidade fazê-lo e deixar que o lugar onde estou me consuma, mas por mais que tente, a dor só se intensifica. Quero me lembrar como cheguei a uma cama que não é a minha e pedaços de olhos castanhos invadem minha mente, um toque desagradável se insinua e por isso não me atrevo a olhar. Sou demasiadamente fraca e *covarde*. Não quero abrir os olhos para ver que cometi um erro ao me embriagar e acabar na cama de um estranho. «*Oh... minha virgindade*». Esperei tanto tempo para entregá-la a alguém que realmente valha a pena, que me dê um filme de uma história romântica... para terminar entregando-a para um homem qualquer!

Um longo tempo se passa quando tenho coragem de abrir meus olhos. O lugar é grande, branco, ou talvez a janela enorme dê essa impressão de ser um lugar muito bem arrumado. Estou quase nua, meus seios estão expostos e somente estou vestindo apenas o que considero uma boxer preta para homem. Tento mover-me e uma dor aguda nas costas me faz ficar no lugar. Uma sequência de imagens passa pela minha cabeça. Dança, bebida, agressão, parede, mãos tocando-me... *repulsivas*. Está difícil ficar em pé, tento pelo menos cinco vezes até conseguir, a cabeça está girando... sinto náuseas, desesperada, tapo minha boca e olho para todas as direções procurando uma porta, corro para o lado na esperança de encontrar o banheiro, mas é um

closet, outra ânsia de vômito e desta vez abro uma segunda porta e encontro o banheiro.

Correndo, finco o pé no chão e deixo que tudo saia do meu estômago no vaso sanitário. As ânsias são fortes e quase me asfixio com o meu próprio vômito, enquanto mais imagens começam a cair como um caleidoscópio de péssima qualidade.

Deveria afastar-me quando sinto mãos fortes segurarem meus cabelos, deveria estar alarmada porque me encontro seminua, vomitando e com um homem no mesmo banheiro, no entanto, não sei como meu corpo pode reconhecer quem é sem ao menos dar uma olhada na pessoa. Não necessito vê-lo, porque mesmo nesse estado, reconheço as mãos que me seguraram ontem à noite.

«*Enquanto alguém tentava estuprar-me*».

Vomito tudo que posso, lágrimas escapam dos meus olhos sem poder evitá-las. As mãos do meu cavalheiro desaparecem por alguns segundos e são substituídas por um pano fofo que certamente é uma toalha. Choro e choro.

As breves lembranças da noite passada se misturam com as do meu passado enquanto continuo chorando por muito tempo abraçando minhas pernas com minha cabeça escondida.

O som da água caindo me tranquiliza, pois quando as mãos de Cavalli me tocam novamente, ele me levanta do chão com uma calma que não esperava e me leva direto para a banheira, agarro-me ao tecido com todas as minhas forças. A água está quente, mas minha pele só se ressenete quando estou dentro.

— Emilie? — pergunta. Um fio de pânico envolve meu nome, não é intenso como antes, não sei se fodeu meu nome, ao contrário, suplica para que diga algo. Não sei o que dizer, estou morta de vergonha —. Fale comigo — continua —. Diga-me se cheguei muito tarde, *cara mia. Spezzerò a metà quel figlio di puttana*^[8].

Ele grita em italiano, não entendo, mas não é preciso ser um gênio para perceber que está chateado, furioso. De minha parte, estou apavorada, não tenho ideia de nada, apenas imagens que passam pela minha cabeça, não são memórias completas. Enxaqueca me dificulta pensar claramente para os relembrar os momentos específicos, onde está Valerie? Por que me abandonou? E...?

— Holden — sussurro.

— Você quer que o chame?

— Não. — Respondo rápido.

Os dedos de Cavalli tocam meu queixo e insistem em levantar meu rosto, quando consegue, nossos olhares se encontram. Não quero ver pena, não gosto desse sentimento em ninguém. Ele não me olha com pena, mas vejo raiva brilhando em seus olhos, talvez um reflexo dos meus próprios olhos.

— Eu mandei a mensagem para você?

— Não — esclarece. Fico um pouco séria e confusa, lembro-me de ter escrito um recado, estava bêbada, sim, porém, lembro-me perfeitamente, assim como da maldita bebida laranja que me causou o resto.

Tenho certeza de que havia alguma droga nessa bebida.

— Seu irmão me pediu para buscá-la quando recebeu a mensagem. Não sabe disso... nem mesmo eu sei — diz —. Estava no bar antes de receber a mensagem. Pertence... a um velho amigo meu.

— Quero tomar banho — peço. Não me surpreende que Holden estivesse tão ocupado em seu mundo como para vir atrás de mim. Os costumes não mudam, suponho, foi o mesmo que fez anos atrás... não socorrer sua irmã quando mais precisava, enquanto ele estava com sua namorada em Londres. Ontem à noite deveria estar fodendo, vai saber se estava com sua namorada ou sua assistente, enquanto um ordinário abusava de mim. Mas ele fez isso? Ele me estupraria? Pela forma como Dominic me olhou, juraria que também tem a mesma pergunta na ponta de sua língua, então percebo que não tenho nenhuma dor... *lá*. Apenas minhas costas doem e meu pescoço um pouco.

— Posso ajudá-la? — pergunta, mordendo seu lábio inferior. A negação vem por si mesma, sem ao menos pensar nisso —. Suas costas está toda machucada... precisa desinfetá-la, conheço um médico que poderia ajudá-la, mas não me sinto confortável com alguém... *olhando-a* — acrescenta com um simples sussurro.

— Farei como ontem à noite, prometo. Olharei seu rosto, nenhum outro lugar. Confie em mim — suplica. Ele me viu nua, trocou minha roupa por essa boxer preta. Meu Deus. Não posso acreditar que isso esteja acontecendo comigo, muito menos quando lhe permito que tire a toalha, sinaliza com seus olhos para que eu vire e fique de costas Não confio, não deixo que ninguém me toque ou se aproxime muito de mim, mas ele me salvou à noite.

CAPÍTULO 09

Dominic

Minha mão treme enquanto lavo suas costas machucadas, acho que ao deslizar-se pela parede velha e rústica da parte traseira do bar, acabou ferindo sua pele frágil e cremosa. Tem arranhões que parecem ter sido feitas com as pontas das unhas... Não consegui dormir à noite toda com o sentimento de culpa vagando pelo meu corpo, assim que a encontrei nesse estado. Muito frágil, destruída e confusa por minha culpa. Como pude ter sido tão idiota? Como não a vigiei melhor? Como pude ter feito isso com ela? Maldita culpa! Meu Deus! A culpa me está matando por dentro, deve ser por isso que a estou ajudando dessa forma. Banhando-a... está encolhida sobre si mesma suportando a dor da esponja em suas costas, mas não diz uma única palavra enquanto lhe sussurro para que se vire para ajudar com seus braços, depois de alguns segundos, ela o faz. Busco diretamente seus olhos sem olhar para nenhum outro lugar.

Sou um bastardo, eu sei disso. Ontem à noite, não consegui evitar que meus olhos se deleitassem com sua nudez, tentei com todas as minhas forças cobri-la rapidamente e sair do quarto, no entanto, voltei para velar seu sono. Sua respiração era tão fraca que mais de uma vez checava para ver se estava tudo normal.

Assim que amanheceu, levantei-me e sai do quarto para sentar-me no chão do corredor até que a escutei tossir. Ajudá-la a banhar-se não tem nada de sexual nisso, só estou tentando reparar o dano que causei.

Não toco em nenhuma de suas partes, muito menos abaixo a minha vista, giro-a novamente e começo a lavar seus cabelos, abro a torneira para que água caia sobre seus eles e ouço um pequeno suspiro que sai de seus lábios, sei que ela mesma está terminando de limpar-se, posso ver como pressiona a esponja contra seu peito. Tenho que fechar os olhos ao imaginar o motivo que a leva esfregar-se dessa maneira.

— Já está limpinha, *cara mia* — sussurro. Acena de forma tênue e coloca a esponja de lado —. Vou pegar algumas tolhas para que possa secar-se, depois lhe direi o momento que poderá levantar-se. Prometo estar de costas, tudo bem?

— Está bem.

Levanto-me colocando uma distância entre seu corpo e a vontade imensa de beijar seu ombro e pescoço. Parece como o canto da sereia enfeitiçando-me para que me incline. Tiro duas toalhas grandes e uma menor para seus pés e deixo as duas maiores perto dela, na prateleira.

Coloco-me de costas, para que tenha certeza que não a olharei. A água não se move por segundos ou talvez minutos, mas fico ali parado com as mãos nos bolsos da minha calça de pijama, enquanto ela toma coragem para levantar-se.

Minha camisa está salpicada de água, pensando bem está bem molhada.

— Já pode virar-se — avisa. E assim o faço.

Ela está envolta em uma das toalhas brancas e seu cabelo cai até o ombro direito nu. Apesar de seus olhos verdes estarem irritados de tanto chorar, sem medo de errar, digo que ela é a mulher mais linda deste planeta, mesmo que se sinta a pessoa mais normal do universo.

Imagens desse filho da puta tocando-a enquanto a encurralava, surgem à minha mente, como tinha a perna dela ao redor do seu quadril, como empurrava sua pélvis para esfregar-se contra este ser doce na minha frente. Abro a boca para inspirar todo o ar possível e saio do banheiro com Emilie seguindo meus passos, viro-me de repente, de forma brusca porque uma pergunta martela minha cabeça.

— Onde ele a tocou? — Minhas palavras são cruas, talvez deveria ter sido sutil ao perguntar, mas a forma como me olha, ambos sabemos que lhe disparei uma ordem questionadora.

Preciso saber urgentemente se aquele filho da puta a tocou. Sei que não deveria importar-me com isso, porque esta garota não é nada para mim, ainda, mas será em breve. Será minha esposa.

Eu sou o Capo, não sou doce nem gentil, não conheço súplicas ou carícias suaves. Sou sangue e destruição, sou caos e tempestade, exceto com ela. Emilie traz à tona as partes ocultas da minha escuridão.

Quero protegê-la, cuidá-la e adorá-la cada puto segundo da minha existência.

— Sim, não... Não quero falar sobre isso...

— Preciso saber — disse, olhando-a sentada na cama.

Não podia levá-la ao meu apartamento e tive a brilhante ideia de levá-la para uma casa de segurança da máfia.

Não entendo porque não a levei para a minha cobertura, mas uma parte de

mim, o Don da máfia siciliana, não quer envolver-se muito, mas a outra parte — o homem — provoca-me para que faça tudo para não deixá-la escapar, não sei qual parte está liderando esta batalha. Nunca me senti assim. Nunca estive tão confuso com meus movimentos, nunca caminhei sem um plano. Emilie me conduz para um caminho cego, sem planos ou organização. Tudo com ela é espontâneo, imprevisível. Isso está acabando comigo.

— Ele enfiou os dedos ou alguma outra coisa na sua vagina? — pergunto. Pelo seu suspiro sei que não esperava essa pergunta tão direta. Sou assim e não posso mudar, não ficarei perguntado e rodeando por besteiras, sendo que sei exatamente o que quero saber —. Diga-me — exijo.

Abaixa a cabeça enquanto se senta na cama, aproveito a oportunidade para encontrar alguma roupa, dando-lhe alguns segundos para ordenar sua mente. Pego uma calça de moletom preta, outra boxer do pacote que encontrei fechado e um moletom vermelho da cômoda. É pequena, parece de mulher e eu me pergunto quem pôde tê-la deixado aqui.

— Não sou uma prostituta — repete como na noite passada.

— Eu sei.

— Se você sabe, por que me chamou dessa forma?

— Você mencionou fazer um café da manhã para Garfield.

— É um gato! — grita indignada.

“Quando você me disse não sabia que era um gato”.

Não quero me lembrar de como me fez sentir ao imaginar um homem em sua cama. Por causa disso, Lúcifer me enviou para ver como um realmente queria meter-se entre suas pernas... e na primeira fila. Pego a boxer e me inclino até os pés de Emilie, ela suspira. «Se você soubesse minha pequena quem eu sou, de onde saí e o que faço». Nunca fiquei ajoelhado diante de ninguém. Homens cheios de poder já se ajoelharam diante de mim e outros caíram pelas minhas mãos, seu sangue e de suas famílias.

«E aqui estou ajoelhado aos seus pés, Emilie Greystone».

Silenciosamente lhe dou um pequeno toque no seu tornozelo esquerdo, para que introduza seu pé e depois o outro sem deixar de olhar-me, então começo a subir o tecido pelo seu corpo sem tocar muito a sua pele, repito o mesmo com a calça de moletom, subindo por debaixo da toalha, durante o processo me asseguro de olhar em seus olhos tentando passar-lhe toda a confiança possível.

É tão forte, sei que é, mas agora é apenas um cachorro ferido e não sei o

porquê sou eu quem quer curá-lo de qualquer dor que tenha.

— Achei fosse um homem... — sussurro.

E quase mato meu *consigliere* por isso.

— Um homem chamado Garfield, esperando pelo café da manhã. Isso nunca aconteceria comigo. Não namoraria um homem com nome de gato, especialmente, se ele tivesse aquele gênio do inferno.

— E com um que tenha o nome de um demônio?

Ela pisca adorável. Vejo sua luta interna com um esboço de sorriso.

— Talvez, desde que não espere um café da minha da minha parte. E seja capaz de prepará-lo para mim.

— Um café da manhã não é difícil. Algo posso fazer — digo acariciando sua bochecha. Geme e tenho que parar. Deus, essa garota está empurrando-me para o abismo —. Braços — ordeno com o agasalho em mãos.

Então sinto quando a toalha toca a ponta dos meus pés. As esmeraldas mais lindas estão olhando meus azuis desafiadoramente, acho que ela espera que eu olhe para baixo na direção do seu peito nu, talvez em outro momento teria olhado, mas agora só tenho essa estranha necessidade de cuidá-la. Posso ver a confusão passar por esses olhos quando apenas a ajudo sem abaixar a vista.

O tecido cobre seus seios abençoados e meus dedos traiçoeiros aproveitam para tocar seus quadris apenas um milésimo. A energia que sobe com este contato me paralisa um pouco. Emilie é bem menor do que meu um metro e noventa, por isso quando me inclino perigosamente perto dos seus lábios vejo como ela se levanta. Estamos próximos demais.

Minha mão viaja para seu lábio inferior como por inércia e a sua acaricia o meu. Estreita os olhos ao notar o corte que tenho no mesmo, então com meu polegar contorno este pequeno semblante sério até que um sorriso singelo repousa em sua boca de cereja.

— Diga-me — suplico.

Nega timidamente, mas eu preciso mais do que uma negativa, não quero pedir novamente e quebrar toda esta magia que está acontecendo. Minhas mãos vão diretamente à sua cintura, então, lentamente a faço retroceder alguns passos até a cama e tento dar um passo para trás, quando suas mãos delicadas envolvem meu pescoço.

Vejo a súplica em seus olhos esverdeados. Quer ser beijada, eu vejo o apelo em suas estrelas. Ela quer ser beijada, que se dane!

— Ele não me tocou assim — finalmente confirma.

O que estou fazendo? Esta garota acaba de passar, sem dúvida, uma de suas piores noites de sua curta vida. Ontem à noite estava bêbada, quase a violentaram e foi ultrajada contra sua vontade por um filho da puta, e o que eu faço agora? Colocá-la contra a parede e aproveitar de sua fragilidade. No entanto, recuo a uma distância segura, enquanto trato de que meus instintos me gritem o que devo fazer.

Comida, alguns comprimidos e distância. Ela não entende o perigo a que foi exposta, Brando é responsável por identificar e captar garotas para serem enviadas à Rússia.

Tráfico de mulheres, não é parte ativa dos meus negócios, mas são ainda as consequências da péssima gestão do meu pai e da *famiglia*. Desatar os poucos laços de amizade com a *Bratva*^[9] formará uma guerra, Emilie, sem saber, acaba de desatar na noite passada.

Ordenei a morte de um filho da Bratva sob meu território. Nossa sociedade está dissolvida nesses termos, se ela fosse minha esposa, a morte de Brando não significaria nada mais do que um pagamento por sua culpa, mas não é. Não me pertence em nenhum sentido, embora Holden Greystone tenha concordado em me dar sua mão em casamento, não queria forçá-la.

Isso é ainda mais ridículo, ela é minha para tê-la quando quiser, mas algo me impede de requerer meus direitos. Eu, um homem que ontem à noite triturava cinco dos meus inimigos, transformando seus corpos em carne moída para ser servida em Nevada... Hambúrgueres; se Emilie soubesse, isso acabou inspirando uma das vinganças mais cruéis.

«Emilie, Emilie...».

Emilie Greystone não é meu problema, você tem um irmão para que a proteja e eu devo começar a fazer meu trabalho, o qual não consiste em banhá-la, muito menos ter pensamentos sobre o que e como seria a melhor maneira de deleitar-me com sua boca e o que sentiria ao ouvir seus gemidos enquanto a fodo ao máximo.

— Você tem que comer algo, depois a levarei para sua casa.

Saio sem que possa replicar, fugindo da confusão que o momento traz, enquanto desço as escadas procurando o número de Katniss para avisá-la que quero fodê-la e tirar qualquer pensamento da mulher que está lá em cima. Sei o tipo de merda que uma mulher como ela pode dar, e não é isso o que quero. Não estou tentando desenvolver sentimento por ninguém.

«Sentimentos? Desde quando um Capo tem sentimentos? Desde quando eu perdi a capacidade de me controlar ao estar perto dela? Quando? Como?».

CAPÍTULO 10

Emilie

Ele conduz concentrado, enquanto me leva para casa, até ousar dizer que está tramando algo. Em várias ocasiões, ele abriu a boca para dizer algo; mas acho que ele pensa melhor e se cala. Quanto a mim sigo acompanhando a paisagem de Manhattan em silêncio. Um silêncio, embora seja novo para mim, não é estranho. Estamos perto do meu apartamento e quero dizer algo, mas também me calo. Algo raro.

Este homem é desconhecido, mas ao mesmo tempo sinto que é uma pessoa confiável. Deixei-o que me banhasse e cobrisse meu corpo, precisava tanto sentir que alguém realmente se importasse comigo, não tive o menor pudor em ocultar minha nudez, em seguida, veio a rejeição, quando tentei ficar mais perto deste homem que se atreveu a cuidar de mim com tanta paciência.

Nervosa, movo meus dedos sobre a minha carteira. Esta, que Dominic me entregou hoje de manhã, quando havia pedido ao seu homem de confiança que fosse até o bar para buscá-la e me fez prometer que nunca mais voltaria a este local. Está mais do que claro que nunca mais colocarei os meus pés lá, mas me pergunto quantas garotas acabarão como eu... ou até pior. Tive quem me salvasse graças a uma mensagem enviada quando estava bêbada, mas outras podem não ter a minha sorte. Deveria fazer algo, mas quando mencionei o assunto, Dominic disse que era problema dele e que me mantivesse longe desse lugar.

Eu o olhei de soslaio e está imponente. Lentes escuras ocultam seus olhos, camisa de linho cinza e calça jeans preta com uma jaqueta de couro. Parece um típico menino mau, mas algo me diz que não é. Que tem segredos? Acho que sim. Que é ruim? Duvido. Ele sabe como lutar. Também tem toda aquela segurança e vigilância nessa casa, como esses homens que o acompanham, os mesmos que têm nos seguido. Estaciona seu Aston Martin na frente do meu apartamento e percebo que até agora não lhe havia dado nenhuma instrução de como chegar aqui e também nunca lhe dei meu endereço. Ele tira os óculos.

— Como...?

— Seu irmão — diz, sem deixar de olhar para frente —. Você prometeu não

voltar.

— Sim, eu me lembro. — Reviro os olhos sem querer despedir-me dele —. Obrigada novamente. Lavarei suas roupas e se quiser pode vir...

— Não é necessário — corta com sua voz dura —. Pode ficar com elas.

Gira seu corpo na minha direção e estende sua enorme mão pressionando a minha. Quero convidá-lo a visitar minha casa, mas Dominic Cavalli não gosta de encontros. Olha a cicatriz que tenho no meu pulso e a toca novamente. Espero que pergunte algo, mas não diz nada, ele apenas leva minha mão aos lábios e beija meus dedos. Então seus lábios descem para minha cicatriz. É eletrizante e não tem nada a ver com estática, seus lábios são quentes e uma pequena barba aparece raspando minha pele. Algo que nunca senti é ativado no meu ventre.

— Não quer uma xícara de café?

— Quero muito mais do que isso.

— Está despedindo-se.

— É isso que faço. — Seus dedos acariciam os nós dos meus dedos —. Sou destrutivo, Emilie. Não sou um príncipe encantado, sou mais o tipo besta-fera que caça ovelhinhas meigas ou é levado a ruína por uma pantera — murmura impassível, essa máscara gélida em seu olhar.

— Quem foi?

— O quê?

— Quem cortou suas asas? Quem enfeitiçou esse príncipe transformando-o em um sapo?

Sua mão direita sobe até minha bochecha, seu polegar traça o contorno do meu queixo e me surpreendo ao procurar ainda mais seu toque.

Seu toque é muito reconfortante.

— Ninguém, lê muitos romances.

— Suponho, por que sinto que de alguma forma você está fugindo?

— Inteligente, é o que eu faço. Sim.

— Por quê? É por causa desta manhã?

— Não tem nada a ver com isso — argumenta, colocando a mão na minha perna e apertando suavemente. Posso ver como está tentando ser o mais doce possível —. Trata de que não sou uma boa pessoa, não para você.

— Você cuidou de mim.

A lembrança de como limpou meu corpo e também minha alma; chega à minha mente. Faz só alguns minutos que este homem me cuidava como uma

joia valiosa e agora me diz que não é uma boa pessoa. Ninguém protege do jeito que ele fez na noite passada e hoje se fosse um malvado.

— Não sou sempre assim, Emilie. Ontem à noite e hoje foram exceções à minha grosseria. Não sou aquele príncipe com que toda garota sonha, inclusive você.

— Não estou sonhando com nada. Só estou dizendo que poderíamos passar mais tempo juntos, não que eu queira um relacionamento, nem amor eterno...

— Mais tempo juntos? — corta. Retira a mão da minha perna quando a risada mais desagradável irrompe em seus lábios. Fico perplexa ao olhar para este homem e compará-lo com o de alguns minutos atrás, são duas pessoas totalmente diferentes.

Minha dignidade fica ferida enquanto ele zomba de mim. Não posso acreditar.

— Eu não passo *tempo juntos* com ninguém. Eu fodo a mulher em questão e, em seguida, tomo minha distância. Pare de sonhar acordada, Emilie. Ontem à noite foi horrível para você, eu entendo, mas não é por isso que deverá criar a ilusão, sendo que a única coisa que você me desperta é meu desejo de foder, não de viver uma história de amor épica.

— Foder — grita aborrecida.

Quem está falando de amor? Não posso negar que algo em mim remexe com força ao escutar suas palavras insensíveis, mas não estou falando de romance, ou sim? Deuses, não posso pensar com clareza, são muitas coisas juntas. Preciso de um tempo para processar as últimas horas. Tento explicar-me melhor, no entanto, seu sorriso presunçoso me deixa em silêncio no meu lugar.

— Sim, foder, transar, comer, fornicar, chame como quiser! Isso é tudo o que quero.

— Meu Deus... Pode ser mais direto?

— Claro, certamente. Emilie, quero provar sua boceta com minha boca, abrir suas dobras com meu pau e fazê-la implorar meu nome... — E para completamente lívido, sua reação é fugaz, mas já vi.

Inquietação e anseio por algo.

— Isso não soou nada direto.

As travas do carro se abrem. É um claro e educado convite para sair de seu carro. Não quero ir embora, merda, só mais alguns minutos, por que deve ser complicado?

— O que aconteceu com sua proposta de ajudar o orfanato? — pergunto, não quero separar-me, não quero deixá-lo ir.

«Cavalli... só não vá». Faço qualquer coisa para continuar sentindo como esta manhã, protegida e em paz.

— Esqueça, mesmo que não acredite, estou cuidando de você. Protegendo-a do que sou.

«Que diabos?».

— Ugh... Obrigada? — Não sei o que dizer.

— Você não é meu tipo de garota. — Isso faz doer profundamente —. Eu não sou seu tipo de homem. Quer ter uma dessas história que costuma ler, não tenho a menor dúvida. Flores, encontros bregas, um bom rapaz para assistir TV a cabo nos fins semana ou sair para jogar boliche, certo?

— E você quer uma boceta bem úmida apenas para tê-la casualmente, certo?

— Sim.

— Então, isso não nos levará a lugar algum.

— Exato.

— Você é um idiota.

— Obrigado, agora saia do meu carro. Preciso de uma boceta bem molhada para enfiar-me de cabeça e não é a sua.

— Vá para o inferno! — explodo e tento abrir a porta, mas paro —. Não, sabe de uma coisa? Você é um digníssimo imbecil! Você fez essas coisas bregas e idiotas. Você, seu cretino, só você fez.

— Saia do carro — assobia em voz baixa e exige.

Ele nunca usou esse tom de voz comigo antes.

— Claro, pedaço de merda!

Sua mão segura meu pulso com força e quando vejo seus olhos há uma missão clara. Ferir.

— Está agindo como se eu tivesse iniciado algo, mas pelo que me lembro, sinceramente, acho ter deixado bem claro. E ontem à noite foi diferente só porque não gostei da ideia que esse idiota enfiasse seu pau contra sua vontade, mas pensando bem, não parecia estar tão enojada.

— Ele colocou algo na minha bebida! — grito furiosa —. Como se atreve a usar isso contra mim? Quem você pensa que é e o que fez com o homem desta manhã? Ele sim era agradável, maldito cretino egoísta, você é o maior imbecil de todos os tempos!

— Tentava meter-me na sua calcinha! Essa é a única razão para um homem

ser agradável. Fará e dirá qualquer coisa agradável para meter-se na sua calcinha!

— Solte-me! — Eu estou segurando as lágrimas, sendo que quero chorar! Não faz sentido, não faz.

— Estou fazendo isso por você. Droga, está procurando essa merda de ter namorado e eu não quero, além do mais, você não chega nem perto da mulher que um dia pediria tal coisa.

Quando ela registra essas palavras em sua mente, um silêncio avassalador domina o local. O ar dentro do carro é como uma tonelada de água asfixiante. Não sou seu tipo de mulher, nem mesmo para tentar.

— Emilie, não quis dizer isso.

— Não importa.

— Sim, é importante para você.

— Não, não importa. — Engulo em seco o soluço. Puxo forte meu pulso e ele me solta finalmente —. Até nunca mais, Sr. Cavalli.

Abro a porta do carro e saio, em seguida a fecho sem entender absolutamente nada e antes que possa dar dois passos, ele sai disparado com uma forte aceleração.

Fico olhando a forma como saiu da minha vida e concluo que foi igual de como ele entrou. Do nada. Deveria estar tranquila, mas não estou. Um dissabor se instala no meu peito, não entendo o porquê? Ele ficou arrogante, tratou-me com rejeição. Depois chegou no meu trabalho todo prepotente, também dando ordens, salvou-me ontem à noite, foi carinhoso, mais tarde vi a negação nos seus olhos me inclinei por um beijo e agora isso. Tudo é tão irreal, talvez agora eu possa voltar para minha vida, minha monótona vida. Uma onde passo despercebida entre todos para me manter escondida. Uma como a de agora, onde ao fechar a porta do meu apartamento me deslizo sentindo toda a dor nas minhas costas e desato a chorar.

Deixo que minhas lágrimas me consumam, enquanto digo para mim mesma que choro por tudo o que aconteceu ontem à noite e não por suas palavras. *«Não sou seu tipo de garota».*

Quando um autor recebe a notícia de que uma editora está pensando na mais remota ideia publicar seu livro, bem, eles ficam loucos. Literalmente, muitos gritam, choram, ligam para seus parceiros. Enfim, um autor com um contrato

quase editorial faz de tudo, menos cancelar o compromisso. Então, o que diabos esse autor tem na cabeça?

— Drake está feliz com a edição final.

— Sim, ele apenas pediu algumas mudanças de fonte.

— Está muito feliz — diz.

Quem não está feliz é ela, Hannah minha chefe morde a ponta do lápis, certamente pensando que está mal com o outro autor ou com a editora. Conhecendo-a como a conheço, está pensando onde falhou.

— Não é sua culpa — sussurro e ela fixa seu olhar em mim.

— Não sei, talvez...

— Não é sua culpa — afirmo —. Os inconvenientes acontecem, Hannah. Não tenho a menor dúvida que Landon tem razão quando disse que voltaria. Assim será.

— O que achou da história?

— Tem potencial. Gosto da atitude do protagonista, ele é frio, mas sabe deixar seus detalhes. A menina é muito teimosa e tem metas claras, o contexto dos amigos está muito bem elaborado e o enredo é tão real que parece que alguém contava sua história.

— Você gostou.

— Apenas li um manuscrito. Tenho medo de passar para o segundo, geralmente os escritores alongam as histórias e nas sequências essa emoção mágica do primeiro livro se perde.

— Sim, eu vi isso acontecer em muitas obras, mas estes não. Quando termina de ler, você quer mais e mais... Como uma droga.

— Uma dose de letras — brinco.

— Exatamente — concorda deixando escapar um suspiro —. Bem, somos uma editora competente. Temos mais trabalhos, vamos trabalhar, senhorita.

— Você não quer que continue lendo o seguinte? Também tenho algumas ideias para capas.

— Deixe-me pensar. Não quero que nos dediquemos a algo que talvez não vá adiante.

— Ok, chefe.

— Deve saber, alteramos algumas cláusulas na área de Recursos Humanos.

— Quais? — questiono distraída. É apenas papelada oficial.

— O batom não é necessário, entre outros detalhes.

— O batom? — Isso sim chama a minha atenção completamente. Que tipo de

poder possui Cavalli para ordenar que minha chefe mude uma de suas grandes ideias? Se eu não me engano, ele não gostou do que viu dias atrás e agora do nada Hannah muda de ideia.

— Landon também concorda.

— Mas é a sua marca. O batom vermelho.

— Esqueça, Emilie. Não importa mais, o que aconteceu no fim de semana?

— Nada.

— Você está pálida.

— Não é nada — reviro mais uma vez.

Ela me dá uma olhada significativa, procurando identificar o que há de errado comigo. Eu também fiz isso esta manhã no espelho, algo em meu rosto parece sem vida, apagado. Não entendo o porquê me sinto assim, mas é como se tivesse um espinho enorme espetado no meu calcanhar, uma sensação nada agradável. Esse espinho tem um nome, um enorme em letras de neon, perguntando-me que merda aconteceu comigo durante todo o fim de semana. Ainda não consigo processar cada coisa que aconteceu. Valerie não respondeu minhas ligações, sei que está tudo bem porque a noite passada saiu no programa de TV de Ellen Degeneres. Sabia que teria um encontro lá, pelo seu novo contrato com a linha de roupas íntimas, mas não imaginei vê-la como se nada tivesse acontecido, dado ao fato de que não me chamou para saber como diabos estou.

— Aconteceu alguma coisa neste fim de semana?

— É complicado. — É a resposta que possa dar nesse momento. Não insiste e eu volto ao meu posto. Mando outra mensagem para Valerie, tentando entrar em contato com ela. Se ela olhasse minha roupa hoje, certamente ficaria orgulhosa de mim. Não estou usando vestidos floridos e também não pareço inocente.

— Princesa, uau! — Assobia Harry ao ver-me. Um enorme rubor cobre minhas bochechas quando seu olhar desce até meu estômago, área esta que está exposta —. Está linda.

— Obrigada.

— Reage — sussurra para si mesmo e pigarreja tentando atraí-lo até aqui, enquanto ele tenta esconder suas bochechas vermelhas. Ele é um garoto estranho, mas fofo. Muito isolado, sempre concentrado em seu computador.

— Precisa de ajuda?

— Ah-ha, sim... você tem uma chamada.

— Quem?

— Seu irmão.

— Oh, Merda...

— Sim, aparenta não estar nada feliz. Ele me ameaçou despedir... Não pode fazer isso, certo?

— Não, mas ele gosta de pensar que pode governar o mundo.

— Com um chicote — diz —. Sinto muito, Emilie. Ele não é como você.

— Não se preocupe. Provavelmente, se pudesse governar o mundo usaria algo como um chicote. — disse brincando.

Ele olha para o meu pescoço por um momento, abre e fecha boca em seguida.

— Você tem chupão no pescoço?

— O quê? — Rapidamente me cubro com a mão lembrando da sensação desagradável que aquele homem deixou. Tenho um hematoma formado quando fui agarrada, tinha outro perto do peito, mas esse desapareceu —. Não, não... É apenas um vergão. Está um pouco irritado, mas não é um chupão.

— Um vergão — ironiza, não acreditando muito nessa versão —. Desculpe, não é problema meu.

— Harry.

— Tenho que ir, conectarei sua ligação.

— *Faça...* — Seguro seu pulso firmemente olhando para os lados —. Fui a um bar. Agi imprudentemente bebendo algo... Não sei o que era e terminei nos braços de um cara com o qual não queria estar.

Não comentei nada porque não sei como explicá-lo de outra forma.

Harry fica pálido.

— Está bem? Você o denunciou?

— Sim, a polícia chegou bem a tempo — minto.

Desculpa-se mais uma vez antes de ir. Deuses, por que me sinto culpada? Meu irmão está na linha, não há tempo para isso Emilie. Respiro fundo várias vezes, antes e se atrever a atender a chamada no meu cubículo. Estou muito assustada, mas não posso adiar mais. Holden pergunta sobre o fim de semana, está muito nervoso porque não o chamei. Não comento que, ontem, enquanto não parava de chorar e tentava manter algum contato com Valerie, a última coisa que queria era conversar ou ver meu irmão. Minto na maioria de suas perguntas até que menciona seu afamado compromisso com Rebekah, pergunto pela garota do outro dia e sua resposta sem sentido me faz lembrar a

do outro homem, que imediatamente me decepçiona.

— Os homens são um verdadeiro lixo.

— Emilie!

E desligo a chamada na sua cara. Irritada, furiosa e com o coração batendo tão rápido dando a impressão de querer sair do meu peito por conta própria.

— Não vai chorar, Emilie — digo para mim mesma. Uma lágrima está deslizando sem permissão e eu a enxugo o mais rápido que posso.

Não chorarei, não mais. Sou muito mais forte... mais forte que tudo. O inominável não me derrubará.

Nenhum deles merece minhas lágrimas.

— Emilie — sussurra uma voz tímida do outro lado da porta. «Deuses, só um momento». Montana bate timidamente antes de abrir a porta. Você me escutou? Pelos próprios deuses espero não que não. Mas ela deu esse olhar de pena com seus olhos castanhos, evidenciando assim, que havia escutado tudo. Merda, essa é a última coisa de que preciso agora, um colega de trabalho com pena de mim.

— Hannah me mandou chamá-la, não foi minha intenção... Desculpe-me.

— Está tudo bem, Montana.

Levanto-me da cadeira, é impossível que alguém não me escute. Mesmo que este cubículo fique um pouco afastado e fechado, é muito fácil estender a mão e ouvir.

Eu o chamo de cubículo porque é apenas um pequeno escritório quatro por quatro.

— O que a Sra. Ward precisa?

Estou cravando novamente minhas unhas na minha pele delicada. E não posso evitar a lembrança de Dominic tocando minha mão, por que não consigo tirá-lo da minha mente?

— *Nervosa por mim — afirmou olhando-me com esses olhos azuis enormes*
— *. Estou protegendo-a do que sou.*

Que merda significa isso? O que ele é? Um alienígena? Um segundo Edward? Certamente não sou Bella Swan. Maldito Cavalli. O resto da tarde, Hannah lida com um novo talento online com duas propostas. Ambos imersos em uma história de fantasia.

Os dias vão passando e começo a agir mecanicamente, como um robô. Da

casa à editora. Valerie, finalmente aparece, quando reclamo do seu abandono, minimizando o fato por ter corrido para os braços do seu homem, para lhe contar a novidade. Não lhe digo nada do que aconteceu porque eu mesma tento esquecer aquela noite terrível, embora não consiga como gostaria, o que aconteceu na manhã seguinte.

Ela insiste em sair e eu recuso.

Não estou com vontade de fingir que estou bem.

E Dominic parece ser apenas uma miragem na minha vida. É como se nunca tivesse existido e isso me fode. Não é a coisa certa, mas gostaria de vê-lo. Questionar seu comentário sobre a besta-fera, ou por que ele não pode estar na minha vida. Deveria deixar tudo isso de lado, porque sei que é o melhor.

No entanto, não consigo, continuo correndo todas as manhãs até East Central, ficando por uma hora completa na cafeteria, mas ele não apareceu mais. Conquisto a amizade das garotas latinas e desfruto de um bom café, sempre lendo.

Novamente começo a sentir-me assediada, paranoica e louca. Sinto que alguém me persegue, que cada dia me observam. Procuro por todos os lados, mas nunca aparece nada, será que estou ficando louca?

Sexta-feira à tarde, uma semana depois da despedida apressada de Dominic, estou despedindo-me de Hannah quando uma figura máscula nos interrompe na frente da empresa. Minha chefe dá um grito sufocado olhando para o homem imponente.

— Senhoras — cumprimenta com uma voz rouca e sotaque forte.

Ele é alto, não tão alto quanto Dominic, ele é um pouco mais baixo, mas seu rosto é duro, pontiagudo, com cicatrizes na bochecha. Duas cicatrizes longas, grossas e profundas. Seus olhos verdes escuros examinam meu rosto.

Suas mãos adornadas com tatuagens, figuras intrincadas e letras desconhecidas. Seus dedos cobertos por anéis extravagantes, atrás dele mais de dez homens, cada um vestido de preto.

— Podemos ajudá-lo em algo? — investigo um pouco indecisa. Hannah estava totalmente pálida. Ela é uma mulher forte e determinada, agora parece uma folha de papel.

— Emilie Greystone.

— Nós nos conhecemos?

— *Нет Ребенок*^[10] — expressa em uma língua estranha. Russo? Quando dá um passo na minha direção, a mão de Hannah aperta meu antebraço —.

Temos um amigo em comum.

— Um amigo em comum?

— Dominic Cavalli

— Ele não é meu amigo...

— Entregue-lhe isso — diz.

Seus dedos agarram meu pulso violentamente, Hannah dá um grito assustador atrás de mim. O homem deixa cair uma estrela de dezesseis pontas; cujo desenho mistura uma estrela central de quatro pontas e abaixo dela, outras mais, formando as dezesseis pontas no total. É uma estrela de prata afiada. Uma das pontas mais longas toca meu polegar causando um pequeno ferimento. Gotas de sangue banham a joia.

Um segundo depois, tudo acontece rapidamente, o homem se inclina, suas mãos envolvem minha cintura e sua boca se choca com a minha. Meu grito de surpresa morre quando tira dos meus lábios, recuando. E vai embora, assim do nada. Continuo estática na recepção do prédio, com uma Hannah histérica atrás de mim, quando esse homem desaparece nas ruas movimentadas de Nova York. Que diabos foi isso? Quem é esse homem? Como se atreve a beijar-me?

CAPÍTULO 11

Emilie

É um caos completo, Landon, Hannah e meu interior. O serviço de segurança da editora nos protegia. Landon chega furioso, nunca o vi assim. Está em modo de proteção total com sua esposa e filho. Insiste em ligar para Dominic e eu recuso terminantemente. Claro, ele não fica nada feliz com a minha recusa e Hannah muito alterada não ajuda em nada. Suspiro mais uma vez enquanto enfrento Landon.

— Chame-o ou eu o chamarei.

— Dominic não tem nenhum laço comigo.

— Vladimir Ivanov não pensa assim.

— Quem é Vladimir Ivanov?

— O russo, que acabou de lhe dar uma estrela da...

— Landon. — Hannah suspira e o olha negando. Seus grandes olhos castanhos escuros me suplicam tranquilidade. Deuses. Não quero ligar para Dominic.

— Ligarei para ele, prometo. — Hesito.

— Michele, escolte a Srta. Greystone até sua casa — ordena Landon a um dos seguranças. Viro meus olhos pegando meu celular e preparando-me mentalmente para chamá-lo. Michele vigia minha retaguarda. Ambos permanecemos em silêncio enquanto conto mental e regressivamente um milhão. Armando-me de uma coragem que não possuo e aproveitando a companhia do segurança musculoso, digito seu número. Vai direto para a caixa postal.

— Dominic, *sou eu Emilie Greystone...* irmã de Holden Greystone. Desculpe incomodá-lo, sei que deixou bem claro... Bem, se é que me entende, certo? O fato é que... um homem apareceu no meu trabalho e me pediu para que lhe entregasse uma espécie de presente. Uma estrela afiada... Por algum motivo, Landon acha essencial que saiba.

Corto a chamada. Pronto, isso é tudo. Já sabe. Não é mais problema meu, certo? Além disso, por que me tornei uma pessoa de contato entre esse o russo e Cavalli? Quem era ele? Por que me beijou? Minha mente está cheia de perguntas sem respostas, aparentemente apenas Dominic as terá, apenas

ele esclarecerá cada uma delas.

Michele espera que entre no meu apartamento, de fato, fica de guarda. Nego quando subo as escadas planejando minha maratona de fim de semana.

Verei essa série *Game of Thrones*, talvez dessa vez me empolgue mais.

Quando abro a porta, uma festa é organizada na minha sala. Valerie está usando um fio dental minúsculo, sem sutiã, rebolando sobre três enormes arranjos de rosas vermelhas. Bem, alguém acaba de pegar um milionário.

— As rosas significam que o futuro pai do bebê está feliz, certo?

— As flores não são para mim.

— Val! Quero descansar neste fim de semana! Nada de sessão de fotos no apartamento! Preciso descansar — ameaço cair no nosso sofá. De vez em quando, ela usa nossa sala de estar como escritório e, quando isso acontece, eu fujo para a casa de Holden, mas nesta semana não dará.

— São suas flores, Millie.

— Minhas?

— Sim, suas. Também foi uma surpresa.

— Isso que vejo em você, é inveja?

— Um pouco — admite, cobrindo-se com um vestido preto justo ao seu corpo —. Não sabia que estava saindo com alguém.

— Não é importante — desdenho.

Um cartão branco repousa sobre a mesa de entrada, aquela onde deixo cair minhas chaves, ao lado do cartão há uma caixinha comprida da joalheria Cartier. Suspiro cobrindo minha boca, Valerie me afirma. É meu, só um homem arrogante neste mundo é capaz de enviar um colar de Cartier e três arranjos de flores gigantes. Não abro a caixa, não é necessário. Eu lhe devolverei tudo, não pode tratar-me como uma... Puta. Sim, isso mesmo. Uma puta, faz uma semana que ele me disse que não sou mulher suficiente para ele e agora me envia joias. Tentando comprar minha dignidade. Jamais aceitarei isso!

— Pelo menos sua vagina não está mais em desgraça.

— Não dormi com ele!

Fico ofendida só de pensar.

— Tem certeza, Millie? É um colar de diamantes Cartier... Para mim, é um pagamento por ter conquistado sua cereja. Oh, vamos! Recebeu um colar, e o que há de errado nisso? E eu que só recebi um “Ligarei para você amanhã” e estou esperando até hoje.

— Não sou uma prostituta, Val. Você me conhece! Além disso, já andou espiando? Como pode ter tanta certeza que é um colar? — acuso.

— Sim, espiei... Millie, não quero que ninguém a magoe.

— Sua preocupação é desnecessária.

Não quero ser o tipo de garota que precisa da aprovação de todos para sair com o garoto de quem gosta e muito menos de uma amiga para tomar decisões. Sei que estou sendo uma ordinária, mas ela não pode dizer-me que não me apoiará nisso, pois sempre estive ao seu lado em suas recaídas e cuidando de suas coisas e do seu gato.

— Você está certa... Já tenho problemas demais para ficar interferindo nas suas decisões.

— Você já lhe contou sobre o bebê?

— Não, não será necessário — detalha fechando a mala —. Tenho uma viagem para Nevada, estarei de volta em cinco dias.

— Val, o que está planejando fazer?

— Não posso ter esse bebê — confessa, mordendo o lábio —. Não sei quem é o pai, Millie. Não tenho a menor ideia.

— Val...

— Estou atrasada, cuide-se, ok? Pode cuidar do Garfield?

Ela sai arrastando sua mala sem dizer mais nada. Sentada no sofá, esconde minha cabeça com as minhas mãos. É demais, tenho meu próprio Boeing 777 totalmente carregado. Dominic, seu amigo desconhecido com estrelas pontiagudas e afiadas, Holden. Não tenho cabeça para mais nada. Inferno, minha vida deixou de ser tranquila e monótona, e está prestes a transformar-se em um caos. Quero voltar à calma curtir um livro ou uma série sem pensar em mais nada. Quero tranquilidade.

E toca a campainha, porque, claro, o meu dia não poderia estar melhor.

Dominic Cavalli na minha porta, ombros retos e olhar gelado. Ele está aqui, o homem frio e imponente.

Esse cheiro deliciosamente picante intoxica todo o ar ao meu redor. É como uma droga rastejando pelo meu olfato e quase posso sentir o gosto no palato. Inebriante, picante e sensual. É isso, Dominic Cavalli.

Seus faróis azuis fazem meu coração bater mais rápido. Eles procuram algo nos meus olhos e é nesse momento que percebo o quanto quero ser beijada por ele, e também o quanto sinto sua falta. Sim, senti saudades de um estranho. Ao mesmo tempo que me tratou tão mal na última vez que nos

encontramos.

— Dom...

— Fui um idiota, *cara mia*. Um completo idiota.

— Arranjos gigantes de rosas e um colar de diamantes são o suficiente? Não, Dominic. Não sou uma de suas putas.

— É por isso que trouxe reforços — levantando sua mão direita —. Hambúrgueres, bacon, sem picles. E não vamos esquecer da sua amada Coca-Cola.

«*Ele é um filho da puta*».

— Você foi cruel comigo.

— Sim.

— E não merecia.

— Não.

— E agora você está na minha porta, sem um pedido formal de desculpas.

— Não sei como me desculpar, nunca tive necessidade disso.

— Nunca se desculpou? — exclamo chocada, quem no universo nunca se desculpou pelo menos uma vez na vida? Dominic Cavalli, é claro!

Parece ter envelhecido dez anos enquanto nega. Puxa minha mão em um movimento rápido e, em seguida, envolve meu corpo com seus braços. Sua mão direita descansa na minha cintura agarrando-se a ela, a esquerda viaja para o meu pescoço de forma calculada, exercendo pressão suficiente para me segurar no lugar, mas sem me machucar. Os arranhões nas minhas costas finalmente sararam e embora tenha algumas marcas, graças àquela noite fatídica, elas não doem mais.

— Cristo, como sempre cheira bem. — Por um minuto, acho que as palavras fluíam naturalmente dos meus lábios, mas não desse jeito.

— Você foi embora — digo.

Não quero que pareça uma reclamação, mas é justamente o que parece.

— Queria ser forte — esclarece —. Você, entretanto, complicou tudo.

— Eu?

— Parece que sonho e vivo com você, a cada segundo que passa.

Ele se inclina e se aproxima ainda mais do meu corpo. Minhas mãos por inércia viajam aos seus antebraços. Inferno, sim, estou pronta para que me beije! Seu toque me agrada, tudo nele me agrada. Seus lábios rosados viajam para o canto dos meus e acho que estou ficando como uma gelatina barata. Nossa Senhora! Não posso, nem quero lembrar como nos conhecemos. Nem

a maneira arrogante como entrou na minha vida. Tudo o que quero é que seus lábios encostem nos meus e me beije, forte, intenso, sem se importar com nada. Seu nariz acaricia minha bochecha e desce até meu pescoço, essa parte que faz meu corpo todo estremecer. Fico toda arrepiada quando beija meu pulso. Cada terminação nervosa está quente, assim como as partes que imaginava antes, estão latejando de ansiedade. Até parei de respirar.

Um sorriso arrogante estampa em seus lábios e finalmente se inclina. Sua mão desliza pelo meu pescoço, inclinando meu rosto. A outra sobe desde a parte inferior das minhas costas, percorrendo toda minha coluna vertebral.

— Serei condenado ao inferno — sussurra —. E não me importo, *cara mia*.

Quero perguntar do que diabos está falando, mas o movimento repentino que ele faz me atordoa, meu corpo é empurrado contra o dele, seus quadris pressionando os meus e seus lábios impactam sem controle contra os meus.

Embora o movimento seja abrupto, seus lábios, no entanto, são diferentes. Ele me beija suave, tranquilo e bem carinhoso, demorando para acariciar os meus, com movimentos vivos e ágeis. Saboreio o doce sabor de uma bebida e me deixo tocar. Meus braços descansam em seus ombros, os seus explorando minhas costas nuas. Seu toque suave e delicado, sem pressa e com paciência. Mais perto de seu corpo, coloco minhas mãos em volta de seu pescoço e puxo. Gemo, e Dominic aproveita a oportunidade para invadir minha boca com sua língua. Então ele descansa sua testa sobre a minha com os olhos fechados e mal percebo sua mão tremendo no meu pescoço. Como se fosse difícil para ele se conter. Minha respiração é uma droga, mal consigo levar ar aos meus pulmões. E acho que murmuro seu nome, então tudo sai de controle como um trem descarrilado.

— Merda! — murmura, antes de me atacar novamente. Desta vez, seus lábios estão mais ásperos, seus movimentos me atordoam. Minha pele está entumecida e lampejos de pânico invadem minha mente.

«Não, pare, pare!».

As palavras dançam sozinhas na minha mente, uma dança maquiavélica. *Ele*, o passado tem um sorriso triunfante. Meu passado e presente estão colidindo abruptamente. Lembrando essa garota indefesa no chão, essa maldita garota clamando pela ajuda de sua mãe, essa garotinha chorando pela perda de seu pai. Sinto-me tão pequena, tão miserável e tão, tão... suja. Empurro Dominic com todas as minhas forças. Mesmo assim, ele me pressiona mais contra seu peito e quando uma de suas mãos aperta as curvas da minha bunda, cada um

dos meus alarmes internos dispararam como fogos de artifício.

As lembranças da noite em que colocaram algo na minha bebida explodem atrás das minhas pálpebras, o desamparo que experimentei quando me senti indignada sem poder parar o que acontecia, sem força para gritar, o ardor na garganta que me proibia de fazê-lo, meu coração disparado levando-me à inconsciência e, entre os pontos negros da minha mente confusa com as imagens, consigo pegá-lo o mais forte que posso no peito.

— Não! — grito com toda a raiva e frustração reprimida de anos. Toda a dor corre para o meu centro, toda a sujeira invade meu corpo e tento, com dedos desajeitados, segurar a parte de cima do vestido que foi tirada pelo homem que me atacou. Ele, por sua vez, suspira, como se não entendesse a minha explosão. Seus punhos se fecham e se abrem rapidamente em uma velocidade quase desumana, tem dificuldades para respirar e seus olhos parecem aturdidos, mas agressivos. Então algo muda, reconhecimento inunda suas feições e me afasto.

— Emilie — suplica de uma forma torturante. O medo é muito forte em mim. Retrocedo da besta-fera que carrega em sua essência — *Cara mia*.

Avança e grito, um clamor que ecoa por toda a sala, Dominic parece confuso, muito instável e magoado.

— Não... — mal consigo sussurrar. Não sei se tenho medo dele, minha cabeça é um turbilhão de emoções do passado-presente... momentos tão dolorosos que não consigo esclarecer em meu ser. Não quero temê-lo, mas ele perdeu o controle... bem na minha frente. Dominic ofega ainda mais alterado, seu olhar busca algo profundo em mim. Minhas pernas estão prestes a falhar, ambos piscamos. Esse beijo... Deuses. Esse beijo.

— Sou eu, Emilie. Sou eu Dominic, nunca a machucaria — aponta.

«De verdade? *Nunca me machucaria?*». Seus ombros ficam retos, seus cabelos estão despenteados por minhas mãos, seus lábios estão vermelhos e inchados. Inconscientemente, levo as pontas dos dedos à boca. Exceto pela minha reação, esse beijo foi o melhor de toda a minha vida. Um sorriso arrogante se forma em seu lindo rosto, avança um passo medindo minha atitude. Quando fico no mesmo lugar, ele ataca. Encurralada entre seu corpo e a porta, eu olho para cima, deixando minha mão cair.

É Dominic, ele nunca me machucaria.

«Ele não é a minha mãe, não é aquele homem... Não é uma besta-fera».

— As rosas e o colar são a minha forma de cortejá-la, você é uma dama — retoma. Toca minha bochecha delicadamente, sem deixar de observar a expressividade dos meus olhos —. O hambúrguer que está no chão é minha maneira de dizer-lhe; eu a vejo, Emilie. Vejo e gravo na minha memória cada mínimo detalhe seu e nunca fui assim com ninguém antes. Não sou de pedir desculpas, não falo palavras bonitas, mas eu sinto.

— Por quê...?

— Deixe-me continuar, pequena — ordena. Mesmo quando tenta “implorar” Dominic sempre ordena. Sinto muito, Emilie. *Desculpe-me por ter sido um perfeito imbecil com você.* Quero protegê-la e meu estilo de vida me impede, eu sou egoísta... Eu a quero só para mim e você não tem a menor ideia do que isso significa.

— Explique-me, é porque nunca teve namoradas? Sua família, talvez?

— Eu não tenho família, Emilie.

— Como é que alguém não tem família? Todos temos.

Sou a pior pessoa para opinar. Só tenho a Holden, não conto minha mãe ou nossas tias e tios, mesmo primos distantes. Somos apenas eu e Holden.

— Eles estão mortos.

— O que aconteceu?

Esse vazio cruel aparece em seus olhos. Dominic ergue uma sólida muralha de granito entre nós.

Ele interpõe sua distância, torna-se novamente uma caixa fria e impenetrável. É a muralha de sentimentos de nosso primeiro encontro no orfanato.

Esse homem é quem está diante de mim agora. Duro e inabalável.

Ele pega a sacola, deixando-a sobre a mesa, e nesse momento seu celular toca com uma melodia monótona. O pedido de entrega, você já ouviu meu correio de voz?

— Cavalli — anuncia ao celular.

E aí, exatamente nesse momento, todo o inferno desatou.

CAPÍTULO 12

Emilie

Um segundo, é o tempo que leva para sua vida mudar. Morrer em um segundo, nascer em um segundo. É uma linha tão tênue. Minha vida levou um segundo, talvez dois, para mudar. O primeiro foi quando conheci Dominic Cavalli. Nesse momento deveria ter corrido o mais longe possível, o segundo foi na sala do meu próprio apartamento, novamente Dominic Cavalli o centro de tudo. Ao receber essa ligação do meu sangue, meu irmão. Vi na primeira fila como Dominic se tornou outra pessoa. Um monstro na frente dos meus olhos. Arrumo uma bolsa com minhas roupas, enquanto Holden repete as instruções no meu ouvido. Precisava ir com Cavalli, imediatamente! Cada uma de suas palavras é uma torrente de incoerências inexplicáveis. Estava em perigo, em perigo do quê? Cortar meu dedo com a faca de legumes? De cair na banheira durante o banho? De tropeçar nas escadas? Por ter um acidente de carro? Essas são as razões do perigo que as pessoas normais enfrentam. Perigo comum e diário. Esses não são meus motivos.

Dominic nos acompanhou para fora do meu prédio, ordenando uma série de palavras incompreensíveis em italiano. Letárgica, fui empurrada como copiloto em um veículo escuro. Tentava acordar de um pesadelo, porque era um pesadelo. As palavras de Holden não eram normais, não eram comuns e eu estava bem com o normal e comum. Devia ser mentira, um sonho ou uma piada de mau gosto.

Dominic controlava o veículo no trânsito de Nova York, duas vans se juntaram a nós servindo de proteção. O caminho foi tenso, Dominic vigiava constantemente meu rosto, procurando algum tipo de sinal de vida. Tentou estender sua mão e recuei, sentia-me tão pequena no assento. Queria ser invisível.

— Está em choque — aponta o homem que nos recebe em um estacionamento subterrâneo. Ele é enorme, olhos pretos, completamente pretos sem nada dentro mais que um brilho malicioso. Pele bronzeada, nariz afilado, sobrancelhas bem grossas e uma pequena cicatriz em uma delas ou talvez fosse o piercing de quando era jovem. Não sabia dizer. Cabelo preto como a noite. Ele é muito bonito, muito mesmo. O homem é uma rocha, não

tão alto quanto Dominic, mas muito mais forte, é o tipo de homem que passa horas na academia, só inclina sua cabeça até mim em uma saudação silenciosa. É vagamente familiar para mim, «*Roqui?*»

— Meu braço direito, Roth Nikov. — A voz de Dominic me faz olhá-lo.

— O que fará comigo?

Fica séria e confusa, então algo o atinge. Reconhecimento, é capaz de olhar o medo nos meus olhos, é capaz de sentir mis tremores. «*Agora sei quem ele é e do que é capaz*» Estou contaminada, cheia de tudo que Dominic representa. Nenhuma palavra é dita enquanto joga minha bolsa no meu peito e tece seu caminho por uma série de carros e vans de luxo.

O menino de olhos pretos, Roth, indica o caminho a seguir. Não diz uma única palavra, mas sua postura é ameaçadora. Nós três entramos em um elevador no leva a cobertura. Móveis idealizados sob medida, com estafados e almofadas criadas profissionalmente e detalhes em ouro aplicados aos móveis. Olhando para o teto de dois andares, há uma grande cúpula artisticamente projetada com aplicação de ouro que abriga um lustre majestoso.

Esta sala exala o sentimento de realeza desta casa e é o primeiro cômodo que vejo quando entro no apartamento. É em estilo vitoriano, as cortinas caídas, camadas e mais camadas de tecido branco cremoso lutando entre armações douradas. A vista da costa de Nova York em seu máximo esplendor.

Uma visão embaçada de pelo menos dez homens de terno, todos me olhavam como se fosse um rato de rua.

Atrás deles, uma pintura mural do chão ao teto, de um mestre artesão italiano, Lucian Bianchelli. Eu a reconheço, porque é o retrato de um corpo nu, as curvas de uma bela mulher. A pintura foi notícia por ser a obra mais cara do artista e aqui nesta cobertura ela cria uma elegância atemporal que é capturada por um espelho espetacular que contribui para o ambiente elegante. Adjacente à sala, há uma adega com paredes de tijolos, onde as garrafas estão armazenadas de maneira adequada. Cavalli não é um homem de beber vinhos.

«O que conheço sobre este homem? Tem fingido a maior parte do tempo.»

— *Lei è la mia fidanzata, che Bratva non è riuscito a rispettare*^[11] — anuncia Dominic, sua voz diferente. Uma nuance de autoridade e soberania, até sua postura é ereta, destacando-se entre os presentes. Roth Nikov sutilmente empurra meu corpo em direção à escada, não consigo resistir. Eu o

deixei me guiar para o segundo nível, sentindo os olhos de Dominic queimarem nas minhas costas.

Holden está na sala de estar da casa, caminhando como um leão preso em um zoológico. Seus olhos examinam meu corpo, procurando por hematomas ou ferimentos visíveis. Quando não consegue encontrar o que está procurando, seu corpo libera a tensão.

— O que você fez, Holden? — questiono sem reconhecer este homem. Dominic está encostado na janela com um ar lacônico. Estou presa nesse piso há horas, sem comunicação com o mundo.

— Emilie...

— O que merda você fez?! — repreendo-o perdendo o controle.

— Queria dar-lhe uma vida normal, realmente desejava isso para nós dois. — A tristeza se infiltra em cada palavra —. Trabalhei dias e noites para nós, construí um império. Eu a afastei para que nunca estivesse na mira de nenhum deles e de repente nada disso adiantou. Os piores homens escolheram você. E tive que escolher o seu bem-estar, tive que fazer o que jurei nunca fazer.

— Diga-me que não é verdade — imploro, caindo de joelhos a seus pés. As lágrimas correm pelas minhas bochechas —. Diga-me que não fui vendida como gado, diga-me!

— Não tive escolha — sussurra. Então perco o controle, inesperadamente, minha mão atinge seu rosto, virando-o, minha mão queima com o golpe seco e Holden tem a coragem de abaixar a cabeça supostamente envergonhado.

A máfia. Entregou-me a um mafioso... Não a qualquer homem, você me entregou ao chefe da máfia italiana. Sou um cordeiro leiloado pelo maior lance, fui vendida como um pedaço de carne no mercado.

«Sou dono desta cidade».

«Incluindo você».

Os sinais estavam bem na minha frente, mas não os percebi por ser tão ingênua.

— Como se envolveu com a máfia, Holden? Como?

— Sua empresa lava nosso dinheiro — diz Dominic —. Não foi algo que queria fazer, mas o escolhemos porque é um homem inteligente, sabe administrar o dinheiro. Nós o ameaçamos, ele a protegeu como pode.

— Vladimir a encontrou primeiro, em uma de nossas reuniões deixou cair uma foto sua, comendo em um restaurante *sozinha*, lendo no parque *sozinha*, trabalhando *sozinha*, correndo *sozinha*.

Então não estava louca como pensava, alguém me vigiava.

— Vladimir? Quem é Vladimir?

— O chefe da máfia russa, que a abordou na editora — informa Dominic.

— Você trabalha para as duas máfias?

Não posso continuar ajoelhada, não consigo continuar ouvindo esses dois homens. Quero correr até a outra parte do mundo, longe de tudo isso, deles.

— Quando meu pai morreu, fiz um acordo com a Bratva. Trabalharíamos juntos, nenhum dos dois interferiria no trabalho do outro. Tudo funcionava bem até algumas semanas.

— O que mudou?

— Você — pronuncia Dominic impassivelmente —. Vladimir pediu sua mão em casamento, seu irmão recusou, pediu minha ajuda a Roth Nikov, eu aceitei e a partir desse momento você se tornou minha prometida.

— Por que está chateado agora? Por que não veio a mim antes?

— Você se lembra do bar? O rapaz do bar que a agarrou era um Bratva. Era responsável por captar garotas para enviá-las à Rússia.

Meu estômago se revira de nojo... Tráfico de mulheres, estive na mão de um homem que coleciona garotas. A bile sobe a minha garganta impedindo-me de respirar. Tráfico de mulheres, sequestro, estupro.

— A estrela... — suspiro —. Por que ele me deu uma estrela?

— Sangue por sangue.

— Ele me matará?

— Ele a beijou — rosna Cavalli —. Ao beijá-la, você tem a opção de escolher ser sua esposa ou morrer. E você não está levando em consideração a primeira opção. Logo, a paz acabou.

E eu quero macarrão para o jantar! Disse assim do nada. Dominic Cavalli, quem ele pensa que é? O chefe da máfia siciliana? É nisso que ele acredita? Oh... deuses.

— Nosso pai passou anos servindo ao governo, era o diretor da CIA, Holden. Desmantelou grupos e organizações. Lutou contra criminosos, assassinos, mafiosos, e agora você me diz que fui entregue a um monstro? Um assassino cruel? Que não tenho o direito de escolher um homem para mim?

— E meu pai morreu pelos mesmos motivos. Você vive, eu também.

— Por quanto tempo? Pergunte a Dominic... Ou prefere que eu mesma lhe pergunte? — zombei, virando-me para o homem de olhos azuis —. Se eu cumprir suas necessidades, *quanto tempo levará para me matar?* Se eu não quiser entregar-lhe meu corpo, *você me violentará?* Melhor ainda, se eu decidir apontar-lhe uma arma... *Quantos dos seus homens hesitarão em dar-me um tiro na cabeça?*

— Nenhum — responde Dominic sem hesitar.

Já não há vigilância, esses homens de preto não estão lá. Ele não precisa de segurança, estou certa que pode despedaçar dez homens sem ajuda de ninguém. Meu pai era capaz de lutar contra cinco, sem deixar cair uma única gota de suor.

— Você escolheu o Greystone errado, Dominic! Meu irmão não tem testículos para ser chamado de homem! — grito cuspidando as palavras —. Teria morrido por você, Holden. Se minha vida significasse sua liberdade, certamente estaria como o nosso pai agora.

— Saia — ordena a Holden. Meu irmão cumpre, é um homem sem palavras. Dominic espera a porta se fechar antes de me enfrentar.

— Desde quando você sabia? — reclamo. Já não devemos mais mentir —. Quando tomou essa decisão? Antes ou depois de me conhecer no orfanato?

— Sente-se — exige, apontando para o sofá bege como se tudo lhe pertencesse.

Assim o faz, deixou-me claro em várias ocasiões, mas eu estava apaixonada por sua beleza, totalmente hipnotizada, queria ler além de sua bela capa.

Sem dizer uma palavra, ele lança sua mão na poltrona que está atrás, prendo a respiração. Ele me matará agora. Usará alguma faca, assim meu sangue não respingará no seu terno perfeito ou, se tenho sorte, só me dará um tiro direto na cabeça. Mas ele não faz nada disso, simplesmente deixa oito pastas sobre minhas pernas. Confusa, olho para o material preto, algum fetiche com a cor?

— Essas são as *oito razões* para começar a ser obediente. Não tenho muita paciência e você tomou a pouca que restava nestes últimos minutos — diz sarcasticamente.

— Você não é meu dono, para ficar dando-me ordens — respondo, mordendo minha língua no final.

— Sou seu dono, posso dar ordens quando eu quiser. Se eu lhe pedir para que me faça um boquete, nesse mesmo instante deverá abrir sua boca linda de cereja e colocar meu pau dentro dela; se eu quiser comer sua bunda, apenas

deverá perguntar-me em cima da mesa ou no chão? Se eu não quiser ouvir sua voz, deverá calar-se. É assim que funciona, agora olhe as pastas e descubra quem é ou não seu dono. Lembre-se, não tenho paciência — finaliza.

— Já não deve mais fingir — ironizo —. Deixe sair a besta-fera que está aí dentro. Há poucas horas, quase comprei seu discurso barato de me cortejar. Apenas os deuses são capazes de me controlar. Impregnando-me de alguma merda de vodu haitiano, respiro abrindo as pastas. A primeira es Valerie. Tem toda sua informação, horários, amizades, compromissos. Tudo, até mesmo vigiam Hannah que tem uma foto com sua enorme barriga. Tem foto da Irmã Angeles, outra tem várias crianças do orfanato. Nessas fotos estou com eles, o pequeno Sam e as crianças maiores e no final está a pasta de Holden e Rebekah.

— Você me seguiu também, é coisa de mafiosos?

— Holden e Emilie Greystone, filhos de Joseph Greystone, diretor da CIA, que foi assassinado em um “acidente aéreo” ordenado pelo mafioso Vladimir Ivanov, ou assim dizem as más línguas, seu irmão a trouxe para Nova York cinco anos depois, pediram proteção ao meu pai, e foi concedida graças à informação fornecida por um dos Greystone. Achei que tinha sido seu irmão, afinal de contas era o herdeiro, mas não. A pequena garotinha foi quem forneceu a informação. Quem diria? Emilie, a princesa de Greystone.

Lembro-me daquela noite e de Gabriel, o capo italiano. Um homem que me assustou, a quem dei todas as informações importantes que meu pai coletou. Queria salvar meu irmão, não vendê-lo a esses assassinos. Agora estou aqui, na frente de seu filho e herdeiro, depois de tantos anos. Dominic Cavalli, o chefe da máfia italiana... e eu não esperava que fosse tão jovem. Seu rosto estava duro, sem emoção. Seus olhos azuis cheios de frieza. Que me matará. É a única razão, pois sei demais sobre a máfia.

O homem diante de mim é o próprio Cavalli. *O Don da Máfia*. Ele é enorme, musculoso, diabolicamente bonito, cruel e alto.

Sou sua propriedade agora. Cavalli é meu dono, isso está claríssimo. Fecho os olhos em angústia... Não tenho outra opção. Casar-me com Cavalli ou ser uma qualquer em seus prostíbulos. Se não aceitar este casamento absurdo, as pessoas que amo morrerão, incluindo Holden.

— Porque eu? — sussurro.

— Você tem a idade perfeita para se casar. Sou impaciente, não poderia viver

uma semana com alguma garota de dezoito anos sem matá-la antes. Você morou em Nova York fora de nossas regras tradicionais, pode lidar com minhas merdas sem chorar. Você é a única mulher que me olha direto nos meus olhos sem tremer. Há homens poderosos que não posso dizer o mesmo.

— Nunca estive nos meus planos me casar — confesso. Não adianta fingir. Este homem me possui agora —. Olhei nos seus olhos porque nunca soube quem era. Pois se eu tivesse sabido disso antes, agora estaria longe.

— Se você tentar cruzar os limites da cidade, meus homens a pegarão. Cada lugar desta cidade, há um capitão e um soldado de toda a costa têm uma foto sua com instruções claras. Trazê-la para mim.

Vi algo, seu olhar. Conhecia esse olhar, era fome. Ele me desejava. Seus olhos permaneceram no meu rosto por alguns segundos. Dom não estava interpretando bem os meus sinais. Tinha a impressão de que era submissa, uma mulher fútil. A realidade estava muito longe. Na minha casa levantava minha voz, discutia, apesar de ser obediente com meu pai, mas também o desobedecia. Não era uma rebelde, mas gostava de ser ouvida. Não era submissa sempre, e dificilmente me olhava como a esposa perfeita, talvez fisicamente sim, mas internamente não. Dominic estava vendo uma primeira reação de minha parte, uma garota quieta e obediente. Não sabia se seria capaz de continuar assim por toda a minha vida.

— Sua virgindade está intacta?

— Não é da sua conta.

— Isso não responde minha pergunta.

— Sim... — disse com os dentes cerrados. Pensei em me entregar a esse homem há apenas uma semana, sem saber quem ele era. Dominic Cavalli era o chefe, que ordenou a morte de muitos e muitos outros caíram em suas mãos. Um assassino.

— E você é muito boa com os livros. Memorizando.

Não foi uma pergunta, sabia tudo da minha vida. Eu o olhei a alguns passos de distância. Não se referia à pilha amontoada em meu apartamento, esse que compartilhava com Valerie.

Ele se referia às finanças. Meu pai me havia ensinado em casa, era muito curiosa.

— Sim.

Não mentiria, isso só me faria chegar à morte mais rápido.

— Venha aqui — exigiu —. Olhe para o seu Dom quando lhe dirigir a

palavra — ordenou.

Sua voz era baixa e concisa, uma ordem direta. Sua voz de Dom. Como não percebi isso antes? Sua semelhança com Gabriel? «*É filho de um monstro!*».

Sua palavra é a maldita lei. Todos lhe seguem sem questionar. Eu não sou capaz. Caminhei alguns passos hesitantes. Este poderia ser meu fim. Parei, quando as pontas dos meus tênis tocaram seus sapatos.

Estávamos muito perto, ele abaixou sua cabeça para me olhar.

— Pare de tremer.

— Nunca estive tão perto de um homem, alguém que pode matar-me com um clique.

— Eu a beije há poucas horas, Emilie. Esteve muito mais próximo de mim do que agora, e mesmo assim ainda vive.

— E foi aí que reconheci que era um monstro.

— Um monstro, hein? É assim que você me vê agora? — zombou.

— É o que você é e sei que não hesitará em tirar o que quiser de mim, afinal você é filho do seu pai — cuspi.

Estava a um centímetro dos meus lábios. Seus olhos olharam diretamente para o rosado natural neles e depois foi para os meus olhos. Pegou minha cintura com uma calma metódica. Meu corpo estremeceu completamente quando senti esse homem me pegar dessa maneira. Gemi, fazendo-o dar um meio sorriso. O gemido foi de medo, mas ele não percebeu. Deus... Ele era um sonho. Mas também um assassino.

— Deste dia em diante você é minha, vou cuidá-la e protegê-la, mesmo que para isso tenha que dar a minha vida. Não olhará para outra homem ou arrebentarei este lindo pescoço.

Abri meus olhos em choque. Não era possível... Um homem como ele não oferece amor, mas em suas palavras havia um toque de algo vulnerável que não conseguia decifrar.

— Você será uma rainha, foi criada para governar e não para servir. Vou vingar a morte do seu pai.

— Por quê? — perguntei sem entender.

— Honra. Ensinarei aos Ivanov o significado disso, você se casará comigo e juntos vingaremos seu pai.

Não era um pedido, novamente foi uma declaração.

— Repete; *meus olhos só olham para você.*

— *Meus olhos só olham para você* — imitei, esperando soar convincente.

Se me ajudasse a vingar minha família, eu lhe daria minha lealdade. Era a única coisa que lhe daria em troca. Lealdade. Amá-lo não estava em discussão, nunca poderia amar um monstro e Dominic Cavalli era um.

— E assim deverá ser, mesmo quando for só poeira.

Ele acariciou minha bochecha e depois meu lábio inferior, a escuridão apropriando-se dos seus olhos. Era sua agora e esse toque era uma de suas promessas. Ele me teria quando quisesse. Tirou as duas mãos do meu corpo. Suas palavras foram duras. Não percebi os sinais. Monstros não são sinistros ou feios. Não, eles são atraentes, assim como o pecado. Eles o incitam, começam a dominá-lo sem perceber. Lúcifer era o anjo lindo, devia ter participado das aulas de catecismo aos sábados. Se alguma vez tive curiosidade da aparência de um Diabo, agora sei, tenho um diante de mim.

Estava deslumbrada com tanta beleza. Dominic me olhou sem piscar.

Fiz o mesmo, impregnando meus olhos com tudo dele. Não me beijou como esperava.

Teve que ver a determinação em meu rosto, porque levantou sua mão convidando-me para ficar ao seu lado. Esse foi o sinal do nosso primeiro compromisso. Uma vez que aceitasse, passaria a pertencer a este homem, era isso ou morreria. Não hesitei um segundo em caminhar ao seu lado. Pegou minha mão e entrelaçou nossos dedos. Houve uma curta carícia em meus dedos, então tudo se foi.

Essa máscara cobriu seu rosto e ele se virou enquanto falava. Caminhei atrás dele, não ao seu lado. Não me segurou pela cintura nem apertou nossas mãos. Estava acostumado a liderar e esperar que os escravos o seguissem.

E eu era sua escrava. «*Quanto tempo demoraria isso antes de morrer?*».

— Está tudo resolvido — informou Holden quando saímos para o corredor principal.

— O que está resolvido?

Ninguém prestou atenção em mim, nenhum deles respondeu à minha pergunta. Ouvimos alguns passos no segundo andar e depois nas escadas. Uma mulher mais velha se adiantou, vestida como médica, e Roth Nikov atrás dela.

— É meu *consigliere* e a Dra. Falcón.

— *Consigliere*?

— Braço direito — explica irritado —. Nunca deixa de perguntar.

— Desculpe-me por não ser uma especialista em máfia. E a médica?

— Ela lhe fará um exame.

— Um exame? Para quê?

— Para verificar se é virgem.

— Já esclarecemos isso lá dentro — respondo. Avançando dois passos mais perto dela.

— Sou conhecido por não confiar em ninguém, Emilie. Comprovando sua virgindade, nós nos casaremos o mais rápido possível.

— E se não sou?

— Você se casará com meu *consigliere*.

A resposta é tão rápida, algo foi exposto antes mesmo de eu saber de tudo isso. Sou um pedaço de carne vendido pelo lance mais alto. Rio, uma risada nervosa. Sei quem Roth Nikov é, seu *consigliere*... Esse brilho em seu olhar travesso, é diabólico.

— Holden — tento com meu irmão. Não me importo de implorar na frente desses homens —. Não permita essa humilhação. Nunca deixaria ninguém me tocar. Pelo menos seja meu irmão nisso, não os deixe que me toquem assim.

Seus punhos cerram, impotência refletida em seu olhar. Ele não pode fazer nada por mim, Dominic tem algo forte contra ele. É a única razão que posso dar-lhe, talvez eu esteja apenas me enganando.

— Não vamos perder mais tempo, suba com a Dra. Falcón.

— Passarei a odiá-lo se fizer isso comigo, Dominic. *Toda a minha vida*.

— Viverei com isso, agora pare com esse drama e suba. São só dedos.

— Como os do rapaz do bar? Também foram só dedos?

Mordo meu lábio, as lágrimas estão à beira. Talvez não seja forte o suficiente. Ninguém jamais me tocou ali, e deixar uma mulher ou qualquer pessoa parece errado. Não quero ser humilhada dessa forma.

— E se ela me machucar? — sussurro odiando-me por ser fraca.

— Você é minha protegida agora, Emilie. Ninguém machucará o que é meu.

— Sua definição e a minha não combinam — argumento. Abraço meu corpo, olhando para a senhora que está mais assustada e nervosa do que eu —. Faça seu trabalho.

CAPÍTULO 13

Emilie

Minha mão esquerda pesa, devido ao anel de compromisso elegantemente trabalhado, ele tem duas faixas de ouro rosado entrelaçadas com minúsculos diamantes brancos em *pavé* francês incrustados, que circundam o diamante central. A maior pedra é uma esmeralda, cercada por nove diamantes menores. A joia é muito bonita, não é exageradamente grande, mas não é pequena em si mesma. Em outras circunstâncias, seria meu anel perfeito, se o homem que o me apresentou me amasse e fosse correspondido. Mas não é assim, nenhum de nós sente nada um pelo outro. A maneira de me dar o anel também não foi das melhores. Sonhei com uma proposta romântica, velas, um discurso de amor, um jantar em um iate no meio do Caribe. Teria me conformado com mariachi, qualquer coisa. No meu caso, foi depois que uma médica introduziu seus dedos na minha parte íntima, para garantir a minha pureza. E então, meu prometido, disse a data do nosso casamento para daqui um mês, sem me consultar. «Sou uma escrava», penso.

— É apressado.

— Não perderei meu tempo com futilidades. Tirarão uma foto nossa para os jornais e revistas, anunciaremos nosso compromisso. E então Vladimir recuará.

— Jovem forçada a se casar com um *monstro*, não é boa propaganda.

— E Roth diz que minhas piadas são ruins.

— Não vejo necessidade de torná-las públicas.

— Você se casará comigo, um “*empresário*” de Nova York. Todos me conhecem, sou um banqueiro respeitado perante o público — respondeu, deixando uma pequena caixa dourada sobre a cama, onde minutos antes, a Dra. Falcón pôs o dedo em mim —. Quero que o use sempre. Eu a chamarei para as fotos e contratarei uma organizadora de casamentos. Ela cuidará de tudo, você não precisa escolher nada. Vou repassar a lista dos convidados.

— Uau! Que romântico!

— *Cara mia*, ninguém aqui está falando de amor. Tire essa merda de sua cabeça ou guarde para seus livros idiotas. Não me importa.

Dominic, meu dono. Este homem não se parecia em nada com o do nosso

almoço. Este era o Dom, sua voz nesse contexto de sensualidade, envolvendo-o, cobrindo-o como um sudário. Fisicamente era o mesmo, mas o atual era um predador. Seu jeito de se mover, sinuoso, como um leão perseguindo sua presa. «*Eu era a sua presa*».

— Quero continuar trabalhando na editora, minha melhor amiga será minha dama de honra. Não perderei minha vida por você, até o casamento, quero continuar morando com ela.

Seus olhos azuis se estreitaram, como duas pequenas adagas afiadas. Seu rosto era inexpressivo, como se não tivesse uma pitada de emoção por dentro.

— Desde que não deixe ninguém ficar com o que é meu. Você pode fazer o que quiser, não é problema meu.

Claro, nada referente a mim era seu problema.

A única coisa que um tipo da sua laia procura em uma mulher como eu, é sexo. Dominic não se importa com ninguém, ele é um personagem violento e cruel. Seu único objetivo é poder, dinheiro, promover o terror entre seus inimigos e respeito entre seus soldados.

«Eu sou um lixo».

— Nesse instante, a única coisa que quero é matá-lo.

— Você e milhares de outras pessoas.

— Em breve estará no meio das minhas pernas, Dominic. Não se esqueça, poderia matá-lo no meio de um boquete.

— Estou lisonjeado que possa dizer, “*boquete*” sem ficar corada.

Claro, de toda a frase, apenas uma parte chamou sua atenção. Ele não me via como um inimigo, acreditava que tudo era um jogo onde tinha o controle absoluto. Eu somente seria sua fraqueza, e me converteria nisso. Cavalli perderia a cabeça por mim.

Engolindo meu medo, ódio e repulsa em relação a ele, avancei. Nossos corpos ficaram muito próximos, estava tremendo de uma forma muito estranha. Ter um homem na minha frente, desta forma, sempre expunha meus medos. Apertei meus punhos, dando-me um valor desconhecido. Seus olhos selvagens queimaram meu corpo.

Bem, Dom Cavalli não era indiferente ao meu corpo.

— Não brinque comigo, Emilie.

Uma de suas mãos segura meu pescoço com força. Provando como sou frágil diante de sua crueldade. Seu polegar acaricia minha bochecha até meus lábios entreabertos. Algo lateja no meu ventre, algo desconhecido e opressor. Um

lampejo do que sentiu ao ler algumas cenas eróticas entre os protagonistas. Desejo. Esse que vivi sob seu beijo algumas horas atrás. Nunca tinha experimentado isso antes e em primeira mão, certamente não queria sentir isso com Cavalli. «*Eu não o desejava. Não deveria!*».

Deveria tê-lo odiado, esse era o meu propósito. Ele tirou minha liberdade, meus sonhos e meu futuro. Não merecia nada de mim. Era sua escrava.

Ele era meu dono, eu sua propriedade.

— Minha — rosnou no meu pescoço —. Eu a terei em nossa noite de núpcias, meu pau ficará cheio de sangue virgem. Eu a ensinarei a foder como uma cadela, quando não estiver dentro de sua boceta, suplicará meu nome várias vezes para ter-me dentro de você. Se for boazinha comigo, talvez a deixe viver por alguns meses — sentenciou, enquanto sua outra mão viajava do meu peito para as minhas partes íntimas, puxando o elástico da minha calça de corrida e, em seguida, um de seus dedos abriu meus lábios, coletando a umidade da minha vagina —. Sua mente leva tempo para reconhecer seu dono, mas sua boceta, *Emilie*, sabe quem é seu senhor e mestre.

Enfatizou antes de afastar seu corpo do meu e sair pela porta. Sem ousar me dar uma segunda olhada. Só então, quando soube que ninguém veria minha fraqueza, joguei-me na cama, permitindo-me ser frágil e abracei as lágrimas. Cada um deles mais doloroso do que o anterior. Minha vida não me pertence. «Dominic Cavalli seria minha destruição ou... talvez, eu seria a sua».

Não voltei a correr por East Central, evitando a todo custo esbarrá-lo, também não passei mais na cafeteria. Harry fica perguntando-me se estou bem a cada cinco malditos segundos, Montana quando me oferece café todas as manhãs e Hannah apenas me lança olhares desconfiados. Sou um desastre. Escondido no meu novo escritório.

Bea Miller gritando meus sentimentos não expressados, *Like that* passou a ser minha canção favorita desde há alguns dias, onde estou isolada, em sua cobertura.

Convencê-lo a deixar-me voltar ao trabalho foi uma discussão em que Dominic Cavalli listou cada uma de suas regras. Não sair sem segurança, não sair do edifício e não cumprir sua ordem — seja ela qual for — sem vacilar.

Um manuscrito de quatrocentas e cinquenta páginas, cheio de romance

cafona e enjoativo, repousa sobre a mesa bem na minha frente. Odeio essa escritora.

Eu a odeio por criar um personagem tão lindo, tudo é culpa delas! E vendem esse lixo barato de amor como arco-íris.

— Quero muito rosa na capa — pede a morena.

Ellen Wine, uma autora incrível. Amo cada uma de suas histórias, mas esta história em específico, está acabando comigo. Talvez porque eu esteja em um estágio de ódio pelo meu prometido. Um marido, não sonhei com isso e mesmo que tivesse... não seria com um mafioso.

— Ellen, sei que não é o momento, mas gostaria de dizer-lhe que logo, como pode perceber, estarei de licença. Emilie Greystone será minha substituta, logo seria bom começar a discutir essas questões juntas.

— Isso — confirma Landon Ward.

— Parabéns, mais uma vez, para vocês dois. Esse bebê é muito abençoado.

— Quero vomitar —. Emilie, o que você acha de colocar alguns coraçõezinhos rosa na capa? Muitos.

— Acho que existe uma capa parecida, Sra. Wine.

Tenho certeza de que há um assim ou... várias. Malditos corações.

— Ellen, lindinha. — Hannah tenta ajudar-me.

— Ellen... — Tento convencer a velha quarentona que escreve como uma adolescente.

É verdade, todos os seus romances são juvenis, cheios de garotos bonitos. Não entendo como na sua idade é capaz de escrever algo tão jovem, fresco e atual. As situações, tramas e argumentos dos seus livros são tão reais. O que vivemos dia a dia, para alguns seria enfadonho, maçante, mas Ellen Wine sabe dar vida às letras.

— Uma máscara? — propõe.

— Não! Já existe *Cinquenta tons de cinza* — Hannah a lembra com um sorriso malicioso. Landon fica inquieto em seu lugar, desconfortável. Uau, o que há de errado com essas duas? O gesto não passa despercebido por Ellen.

— Sim, a trilogia *Vingança* também — comenta Ellen com um sorriso zombeteiro —. Emilie, gracinha, vou deixar isso em suas mãos, certamente terá uma melhor ideia. Sangue novo é melhor nessas questões.

— Fones de ouvido — sussurro—. Iker está sempre ouvindo música, por isso não escutava a Gwen. Ela está insistindo em um encontro, mas ele não sabe disso pela música e ela se sente rejeitada.

— Vê o que estou dizendo? Sangue novo!

— Você tem, Emilie. — Hannah pisca para mim com um de seus lindos olhos.

— Entendi — digo, com esse nó na garganta que não me abandona.

A autora se despede feliz, tenho trabalho, muito. Mergulhar-me nisso é bom, evito pensar em um certo idiota arrogante. Verifico meu celular e encontro uma mensagem de Valerie e outra de Holden, na primeira, ela me avisa de ir jogar boliche e um jantar de amigas, já que sente um distanciamento entre nós. Devo dizer que não estou chateada. Ela é minha única amiga.

Harry, que havia permanecido em silêncio, olhando-me como uma aberração reage apontando para o escritório de Hannah. Fica alguns segundos observando-me como se quisesse dizer-me algo, finalmente nega, passando por mim estranhamente, o que há de errado com ele? Ao chegar à porta do escritório, Hannah está fazendo o nó na gravata de Landon. Falam de uma saída, não quero incomodar, mas um sobrenome me faz parar.

— Não sei o que há de errado com ele — diz Landon.

— Você o verá?

— Ele é meu amigo, tenho que... Medusa. Isso é o que fazem os amigos, chutar o traseiro de um bêbado e deprimido.

— Quando o verá? — pergunta.

— Chega esta noite.

— Esta noite é para massagens! — grita fazendo um adorável beicinho. Adorável, maldita palavra, deveria continuar ouvindo? Landon disse o sobrenome Nikov... Deve ser outra pessoa.

— Massagens ficarão para amanhã, Medusa, convidá-lo para comer será uma boa ideia? Cavalli também virá, assim poderemos jogar bilhar. E você permanecerá no apartamento, tranquila.

— *Humm*, isso parece bom. Conversarei com Flor para que prepare sua massa favorita.

— Ele a amará se fizer isso.

— Roth já me ama. — Ri —. Agora termine e me leve para casa, estou exausta.

— Medusa, sorte que a conheço...

Deixo de ouvir e me retiro. Montana se esbarra bruscamente comigo. Não é um acidente, ela me dá uma olhada agressiva. Harry vem com pressa e quase me derruba também. O que acontece com todos?

— Montana, por favor — implora Harry.

— Por favor, nada! — grita ela em resposta.

Deuses, não preciso de mais drama. Caio sobre minha cadeira, sinto-me quebrada. Não tenho dormido nem comido bem esses dias, cinco ao todo, desde que o céu ficou nublado para mim. Por que não tiro isso da minha cabeça? Hannah e Landon estavam falando sobre o mesmo Cavalli que eu conheço? Não pode ser, Hannah foi quem me pediu para tratasse sobre a doação. Fez? Ele doou alguma coisa para essas crianças? Parece que vivo em um mundo paralelo dos demais. E isso me faz lembrar do meu irmão, deveria chamá-lo ou enviar uma mensagem. Desde aquela noite e depois de nove ligações que não atendi, não soube mais nada sobre ele. Talvez deveria dar uma passada em seu escritório. Sim, é uma boa ideia. Amanhã o visitarei. Meu celular recebe várias notificações consecutivas, um *e-mail* da organizadora de casamento deixando-me ver várias fotos para selecionar os centros de mesa e pedindo uma lista de convidados. Meu casamento sendo planejado por uma estranha. Envio uma resposta com vários nomes aleatórios e escolho lírios brancos. Outra mensagem de um contato desconhecido, se apresenta como Olivia “Assistente do Sr. Cavalli”, anexando um documento com várias páginas. Imprimo o arquivo. Menu semanal de comida, um questionário sobre alergias, gostos culinários, se prefiro algum tipo de aromatizante em especial e uma cor favorita. Não respondo, é tudo muito opressor. Coloquei esse dispositivo na minha mesa, olhando para o meu anel. É meu dono, não sobreviverei. Como fazê-lo? Dominic é um predador.

O tempo passa voando enquanto preparo a capa para Ellen, é simples. Um menino despreocupado com cabelo preto, fones de ouvido brancos nas orelhas e as mãos nos bolsos, com uma fonte em itálico branco. Gosto do resultado.

— Alguém na recepção está perguntando por você.

Montana diz relutante. Abraço meu casaco e pego meus pertences. Deve ser meu motorista, cortesia de meu *futuro marido*.

— Montana... — digo. Ela me olha ansiosa. É o tipo de pessoa volúvel, seu humor muda de um momento ao outro com muita facilidade. Às vezes é amável, sempre oferecendo-me café, outras como hoje fica na defensiva perto de mim.

— Sim?

— Eu fiz algo que a deixou desconfortável?

— Sim — responde sem hesitar —. Mas não é sua culpa.
Como posso incomodá-la com algo e não ser culpada disso?
Eu suspiro muito cansada para mais drama.

— Montana! — exclamo antes que se vá embora.

Ela se vira e descarrega toda sua raiva em cima de mim.

— Seria a encarregada. Tenho mais experiência, graduei-me em Stanford. Recebi a palavra de Hannah e então seu príncipe chega, exigindo que seja dado um tratamento diferenciado a você. Exigindo um escritório exclusivo para você, acredita realmente que Hannah sairia de licença tão cedo? Faltava mais um mês, mas seu homem anunciou que ela deveria repassar sua sala para você. Não entendo como Landon e Hannah fazem tudo que esse homem exige. Um aumento, um negócio melhor para você. Exigiu que parasse de usar batom! *Um batom!* Quem ele pensa que é? *Um Deus?*

Ela desaparece, empurrando Harry no processo. Dominic fez isso? Claro que sim! Bastardo, filho da puta! Sem pensar, caminho até a sala de Landon onde Hannah está trabalhando depois de dar-me seu escritório. Ela insistiu que eu deveria acostumar-me com a minha posição. Nem exigiu explicações ao olhar para o meu enorme anel.

— Você sabia! — gritei. A porta bate na parede com força. Minha chefe pula segurando sua barriga —. Desde quando, Hannah?

— Acalme-se, Emilie.

— Acalmar-me de quê? — exclamo para não perder a sanidade —. Achei que você fosse minha amiga, achei que me sentia segura nestas paredes e você acabou sendo cúmplice.

— O que quer que eu faça? Ninguém lhe nega nada! Não podia impedi-lo.

— Desde quando, Hannah?

— Antes do orfanato. Ele exigiu ser atendido por você, achei que era só um capricho.

— Oh, deuses. *Você sabe quem ele é* e mesmo assim me enviou nisso.

Ela fecha a porta do escritório, caio na cadeira chorando.

É a única coisa que tenho feito ultimamente, lamentar-me em lágrimas até ficar cansada.

— Dominic faz negócios com minha família, sei quem ele é. Quase todo mundo na cidade sabe. Olha, Emilie, desde que começou a trabalhar aqui, você ganhou minha apreciação, é uma garota inteligente. Não pode passar sua vida ouvindo música enfiada em livros e chorando. Gostaria de dar-lhe uma

escolha, mas Cavalli age como quer e agora você é o seu capricho.

— Ele a ameaçou? — sussurro. É minha única esperança, ela nega. Hannah sempre teve minha carta de alforria. Se ela soubesse de Dominic era a oportunidade de escapar —. Não tem ideia. Ele me matará, mas antes me violentará e sempre terá algo comigo quando ele decidir.

— Encare isso — sugere enxugando minhas lágrimas.

— Isso só vai apressar minha morte.

— Você não entende, minha garota. Pare de ser uma folha ao vento, enfrente-o se você não gosta de algo. Cavalli está acostumado com homens e mulheres cumprindo suas ordens.

— Como...?

— Eu os ouvi no orfanato, Dominic espera isso. Ele quer alguém que o enfrente, ele está entediado. Enfrentá-lo é a sua única chance de ganhar sua confiança. Seduza-o.

— Nós nos casaremos em algumas semanas.

— Eu sei, já me enviaram o convite.

— Não sabia, uma organizadora de casamentos assumiu tudo.

— Você me ouvirá ao menos? Posso levá-la a um estilista. Mudar sua imagem de boa menina por uma mulher mais forte. Deixe-me ajudá-la, conheço esses homens.

— Landon? Ele é um *Made Man*^[12]?

— Não, não exatamente.

— Você sabe quem eu sou? Realmente?

— Não — responde, separando as mechas castanhos do meu cabelo —. Quero ficar com a menina amorosa amante do café. Nesse mundo é melhor não saber de muitas coisas.

— Deveria desistir, você está bem com isso?

— Essa não é uma solução.

— Não posso continuar trabalhando aqui. Usará isso contra mim, contra vocês. Ele sabe que me preocupo com você. Chegou exigindo, governando a editora. O que acontece se eu voltar para casa chateada uma noite? Ou se eu tiver que viajar para uma feira? E se não gosta de me ver com algum escritor? Não carregarei a morte de ninguém na minha consciência.

— Você sempre terá um lar aqui, uma amiga.

— Obrigada. Formalizarei a minha carta de demissão.

— Você promete seguir meu conselho?

— Prometo.

Pego minhas coisas do escritório e as coloco em uma pequena caixa. Não tenho muito, meu antigo cubículo era minúsculo. Chamo a organizadora de casamento, Evie, e ordeno parar com qualquer decisão, dou um grito ao céu, mas aceitou um encontro na primeira hora da manhã. Vou assumir o controle, chorar pelos cantos não me está fazendo bem.

Este casamento é a única coisa que terei e sendo assim, será do meu jeito e gosto. Se Cavalli discordar, estou não estarei nenhum pouco preocupada. Carrego minha caixa até a saída onde meu motorista me espera. Pega a caixa das minhas mãos abrindo a porta traseira. Entro no carro com vidros escuros. Meu carro e meu motorista, sim! Uma versão do poderoso chefe de péssima qualidade, pelo menos o capo sim é bonitão.

— Leve-me até Dominic — ordeno.

Meu motorista procura meu olhar no espelho retrovisor.

— Don Cavalli está ocupado, senhora. Suas ordens são para levá-la para a cobertura.

— Minha ordem é, leve-me até ele. Não quero incomodar o meu futuro marido, poderia ter uma crise nervosa, não é mesmo? Uma chamada mia não será do seu agrado, ainda mais se estiver chorando no telefone porque o meu motorista não cumpre o que quero.

— Senhora — gagueja.

— E não o avise, quero surpreendê-lo.

Dominic Cavalli é meu dono, quer tornar-me em uma rainha. Eu lhe darei uma. Endurecerei minha couraça. Não há mais choro, não há mais lamentação. Olho para o meu vestido, é hora de trocar as flores por sangue e fogo. É o meu mundo agora, sem chance de fugir disso. Nasci na Luisiana, filha de um homem forte. É hora de colocar minha coroa e governar Cavalli.

CAPÍTULO 14

Emilie

Dominic é dono de uma das maiores instituições financeiras do continente americano. E estou caminhando o último andar da sede em Manhattan.

É estranho não ver ninguém em um lugar como este, apenas alguns ruídos se ouvem o que deduzo ser do seu escritório. Vejo meu reflexo em uma das janelas, a vista de Manhattan es incrível. Meu motorista e segurança tenta ultrapassar-me. Agarro seu antebraço, parando-o. Este confronto é entre mim e Dominic, não quero testemunhas presenciando o que Cavalli poderia chamar de falta de respeito.

— Fique aqui, não quero interrupções.

— Sim, senhora.

Não me preocupo em contrariá-lo, é assim que serei chamada e terei que me acostumar a ouvi-lo com mais frequência. Ao se aproximar cada vez mais do local, dá para ouvir um ruído alto oriundo dessa área que parece ser o escritório. Caminho até a porta e vejo que está aberta. Não deveria ter entrado simplesmente, sei disso. Arrependo-me a cada segundo, quando vejo a cena diante de mim. O escritório é enorme, a parede de fundo é de vidro do chão ao teto, mesmo neste estágio parece espetacular o pôr do sol. Há uma mesa de madeira escura situada bem no centro, sobre esta, uma cabeleira preta é puxada pelo seu pescoço. Uma garota está dobrada com os cotovelos apoiados sobre a mesa e com sua bunda ao ar, atrás está meu *futuro esposo* fodendo-a como um animal, vestido da cintura para cima e com os olhos fechados. Sua mandíbula dura em um gesto angular, suas sobrancelhas franzidas. Nenhum deles perceberam a minha presença. Momentaneamente, estou prestes a gritar, mas as palavras de Hannah me fazem calar por dentro. Ela sabe do que fala, embora não tenha aludido esta situação. Sei que talvez tenha sido dada a Landon sem amá-lo. Se ela enfrentou um *made man*, eu tentarei fazer o mesmo.

Meu nome é dito em um rosnado viril, é apenas uma expiração. Por alguns segundos acho que ele me viu, mas não desse modo. A garota continua recebendo sem fazer um só ruído debaixo dele. Dominic abre os olhos, seus olhos azuis me olham intensos, impenetráveis, observando minha presença.

Ele pisca, não acreditando que estou bem debaixo do seu nariz. Tenta defender-se abrindo a boca e franze suas sobrancelhas. Um tic aparece em seu queixo. A máscara de frieza tomando conta desse rosto capaz de representar a capa masculina de uma revista de modelos.

— Continue — ordeno, ondeando minha mão como se fosse um pedido sem importância para mim. O chefe da máfia, o Don... Dominic Cavalli parece confuso. A garota levanta os olhos castanhos procurando o intruso.

— Emi...

— Eu disse, continue.

Minha insolência merece pena de morte, como deveria ser aplicada em seu mundo. Eu, uma mulher, pedindo ao *capo*. Meu pai morreria agora se visse ou ouvisse tal coisa. Caminho para o pequeno bar à esquerda. Está cheio de bebidas das mais variadas, sirvo-me dois dedos de tequila olhando por cima do ombro.

Dominic continua sem mover um músculo.

— Não deveria estar aqui.

— Vamos, termine de fodê-la — repito irritada. Não é a primeira vez que tenho que me envolver nisso. Meu pai teve mais uma de suas empregadas de casa dobradas em algum lugar. Eu costumava fugir naqueles anos, hoje não, agora menos.

Dominic retoma seus movimentos, sem tirar os olhos de mim. Bebo os dois dedos de tequila, servindo-me mais um pouco. A menina começa a gemer mais alto, ela é apenas uma boneca. Sento-me na frente da mesa, com meu copo de tequila na mão. Ele continua empurrando mais duro, advertindo que dentro de algumas semanas serei eu, recebendo-o. Deveria estar chateada, apavorada, alarmada, mas não amo esse homem, essa é a triste realidade. Termino de beber minha segunda dose de tequila, minha garganta queima com o álcool. Dominic sai de trás da garota. E isso só piora as coisas. Eu sei que está chegando e não consigo desviar o olhar de seu membro. Santa Mãe do inferno! Jorros de sêmen esbranquiçado caem nas costas da garota, deixa cair o preservativo de sua mão, no chão. É deliberado, quer me fazer ver. Meus olhos voltam para seu rosto, é um inferno de lindo. Um *deus*. Um cheio de sangue.

— Saia! — rosna. A garota recolhe sua roupa do chão, desesperada, fico em pé no mesmo instante que meu prometido guarda sua ereção dentro de suas calças de linho. Ainda continua duro, *lá*.

A mulher dos cabelos pretos cambaleia, provavelmente dolorida, pelo jeito como caminha. Eu a paro pelo antebraço, minhas unhas cravando em sua carne. Ela não me olha.

— Olhe para mim — exijo, com uma voz fria —. Qual é a sua idade?

— Dezoito, senhora.

— Está despedida — murmuro. Sinto a imponente figura de Dominic ao meu lado. Ela pisca com os olhos envergonhados —. Agora vá embora.

Ela sai apavorada, quando eu começo a seguir seus passos ele me para.

— Não me toque! Como pode foder essa garota? Poderia ser sua filha!

— Pode parar, apenas cumprirei trinta anos, não seja tão dramática. Além disso, você me pediu para que continuasse.

— Pobrezinho! — ironizei afastando-me.

— Está com ciúmes? — indaga caminhando em direção ao mini bar pegando uma garrafa de *whisky*.

— Não me faça rir. O ciúme nasce de um sentimento romântico pela outra pessoa. Eu o odeio, Dominic. Pouco me importa quem está fodendo ou não, você foi o primeiro dessa garota? Tirou a virgindade dessa garota?

Uma risada rouca enche o escritório. Ele está zombando de mim, das minhas perguntas.

— Tirei sua virgindade? Sua bunda e boceta estão mais usadas do que qualquer outra coisa, *cara mia*. Perdeu sua virgindade há muito tempo. — Toma um gole de sua bebida —. Não todas as mulheres são como você. Isso é América, as garotas fodem desde os treze anos ou até antes.

— Você já fez isso? Já chegou a transar com menores?

— Não — bufa com esse tic nervoso em sua mandíbula —. Não sou um pedófilo. Esta garota estava fazendo estágio na empresa, era seu último dia. O fato é que começou a provocar-me há algumas semanas atrás e, logicamente, estava entediado olhando as fotos da minha prometida, acabei ficando excitado e me masturbei. Bem, bastou esta garota entrar no meu escritório com esta boceta e tudo aconteceu, sou homem, *cara mia*. — Deu de ombros —. Isso realmente não a incomoda? Nem um pouco?

— Meu pai comia as empregadas que trabalhavam na minha casa... Vocês são nojentos, fará alguma diferença se isso me incomoda?

— Viu seu pai transar com as empregadas?

— Sim.

— Uau, pensei que Joseph Greystone fosse um homem irrepreensível.

— Era *um homem*, ninguém é perfeito.

— Enviou seu filho atrás dessa meta. Meu pai nunca teve esse tipo de desejo comigo.

Eu o vi três ou quatro vezes, então pela primeira vez minha mãe se inteirou. Ela ordenou meu pai a continuar o que estava fazendo, como se não estivesse no mesmo quarto. Quando ele terminou, recebeu uma bofetada. A empregada saiu de casa naquela mesma noite, nunca mais houve uma só mulher em casa. Sempre foram homens desde aquele momento em diante e meu pai mudou. Parecia mais apaixonado, mais real, mesmo conosco era diferente. Esse foi o seu erro, ser mais homem, marido e pai a partir daquele momento.

— Você o viu matar alguém?

— Não, nunca.

Cruza seus braços sobre o peito, inclinando-se contra a madeira da mesa. Queria perguntar-lhe tantas coisas, se tinha algum sonho antes de ingressar na máfia, se sempre quis ser isso ou ter uma vida diferente.

— Você sempre quis isso, Dominic? A máfia?

Ele pisca para mim, não consigo ver nenhuma de suas emoções.

— O que está fazendo aqui, Emilie? — questiona evitando responder minha pergunta.

— Pedi demissão na editora. Deixe de ameaçar Hannah e Landon.

— E eu devo fazê-lo, porque me está pedindo, certo?

Seus olhos se tornam duas pequenas fendas.

— Fará porque me deseja. Sei que enquanto fodia aquela garota aqui nesta mesa, você pensava em mim. Você me deseja, este casamento não é uma conveniência de famílias, vai muito além disso para você. Por quê? Ainda não sei, mas algo o motiva a casar-se comigo, Vladimir Ivanov? Isso é... — Bato na minha testa —. Você disse que Vladimir me ofereceu a morte ou ser sua assim que me beijou. Posso correr até ele, certo? E ele me receberá e, sendo assim, passarei a ser dele. Essa é sua fraqueza... *Eu. Eu sou.*

— Não passa de um pedaço de vagina, Emilie. Não é mais do que isso, já tive inúmeras mulheres na minha cama, acredite em mim. E não dou a mínima para você, é apenas uma piada. Entendeu? Nosso acordo é apenas uma jogada contra Vladimir.

Suas palavras doeram dentro de mim.

— Nenhuma delas era como eu, um pedaço de boceta que levará para a igreja. Você se casará comigo, querido. É claro que sou melhor que a sua

infinidade de mulheres. E não diga que sou uma piada ou alguma jogada mafiosa. Foi você quem apareceu na minha casa com uma sacola de *fastfood* e me beijou como se procurasse sanar a fome deste maldito mundo.

“As rosas e o colar são minha forma de cortejá-la, você é uma dama. O hambúrguer que está no chão é minha maneira de dizer-lhe; eu a vejo, Emilie. Vejo e gravo na minha memória cada mínimo detalhe seu e nunca fui assim com ninguém antes. Não sou de pedir desculpas, não falo palavras bonitas, mas eu sinto. Desculpe, Emilie. Desculpe por ter sido um idiota com você. Quero protegê-la e meu estilo de vida me impede, sou um egoísta... eu a quero para mim e não tem ideia do quanto isso significa.”

— Essas foram suas palavras antes de Vladimir. Você me quer.

Em pé, ofereço-lhe meu melhor sorriso. Vim até este lugar disposta a lutar em uma batalha sem qualquer tipo de arma. Agora eu a tenho, eu sou sua fraqueza. Seu desejo por mim o deixa assim, você me quer na sua cama. O homem sombrio e cruel deseja preencher-me com seu pau. Embora ele possa matar-me com um estalar de dedos, não o fará antes de me possuir. Meter-me em sua calma é a minha nota de garantia.

— Sou um monstro, eles não amam ou desejam. Destroem, Emilie. Destroem.

— Sim, sim... Bla, bla, bla — ironizo movendo minhas mãos —. Eu lhe direi como serão nossas vidas; a minha, trabalharei em organizações beneficentes, criará uma para mim, nossa primeira ajuda será ao orfanato. Cuidarei disso amanhã mesmo — enumero olhando seus olhos e divertindo-me neles —. E o casamento acontecerá nos meus termos, ao meu gosto. — Pisco de forma sedutora.

— Claro, pequena, algo mais? — Continua meu jogo, divertido. Rodeando sua mesa, ainda com o cheiro a sexo em todos os lugares.

— Bem, outra coisa — anuncio —. Nós nos casaremos em três meses.

— De jeito nenhum.

— Será meu único casamento, mereço algo do meu agrado.

— Não tenho tempo para perder com os preparativos do casamento.

— Don... Não queira estragar meu único casamento.

— Não se esqueça de dizer, “por favor”?

— Neste mundo é melhor não dever favores.

— Você aprende muito rápido, Emilie. Não sei se isso é bom ou ruim.

Vejo esse conflito no seu olhar. Seus olhos ainda frios e calculistas me olham, mas uma pequena parte sua hesita. Poder ler essas emoções quase passageiras neles me deixam apavorada, não deveria importar-me com isso.

— Você quer o orfanato? O terá e também todos os recursos necessários — gagueja, jogando-se em sua cadeira elegantemente.

Isso me faz associar a imagem de um felino, um leão em seu trono. Dominando tudo e todos desde sua sala —. Nós nos casaremos no dia combinado, os convites já foram enviados.

— Dominic...

— É um negócio justo.

— O que um monstro como você pode entender de justiça? Está levando essa situação contra minha vontade, obrigando-me a ser sua esposa sem nenhum motivo plausível. Você poderia ter qualquer uma, nós dois sabemos disso.

— Você está certa, Emi... Poderia, mas infelizmente eu a quero.

— Maldito filho da puta.

Isso esboça um sorriso arrogante em seu rosto.

Pode muito bem ir para o inferno, seu bastardo de merda.

— Bem, a data continua a mesma... Agora quero sair da sua maldita fortaleza. Estar aqui me dá náuseas, principalmente, quando olho para você.

— Cuidado com a porra da sua boca, pequena.

— E você cuide do seu pau, talvez na próxima vez não foda uma garota pensando em mim. Seu desgraçado de merda — assovio. Isso o incomoda de uma maneira terrível, mas tenho muito para dizer ainda —. E não foderá mais ninguém, você é meu prometido. Mereço respeito.

— Não é você quem dá ordens aqui, Emilie.

— Não estou nenhum pouco preocupada quem dá as ordens! Roubou minha vida, meu direito de escolher meu próprio marido! Minha vida!

— Está brincando com a minha paciência, é tão difícil entender a quem você pertence?

— Não deveria pertencer a ninguém além de mim!

— É uma pena, mas se você tem algo para reclamar em relação a isso, corra para o seu irmão.

— Ele não teve escolha! Você mesmo disse!

Dou um soco na cadeira. Irritada comigo mesma, com a vida e com Dominic por continuar tão insensível. Seu rosto continua exalando a frieza em pessoa, como se falar de minha vida fosse um assunto entediante e fora de moda.

Pelo amor de Deus, sou forçada a casar-me com ele como se estivesse no período de Hitler e ainda existisse a escravidão.

— Sempre temos uma opção, pode tentar acabar com a minha vida.

— Sobreviveria?

— Não, talvez estivesse morto, mas você continuaria sendo minha esposa de qualquer maneira.

— E quanto a mim, Don? Tenho alguma opção?

— A morte — declara inclinando-se na sua cadeira, olhando para suas unhas perfeitas. Mesmo com sua camisa amarrotada e seu cabelo chocolate despenteado. Continua impenetrável. Falar sobre a minha morte é um prazer, posso vê-lo. Um desafio silencioso. Se não quiser ser sua esposa, a minha única saída é a morte.

— Não é o tipo de pessoa que desiste diante da primeira dificuldade. Olhe para você, está aqui encarando-me como se estivesse no meu nível. *Seus ovários* são maiores do que muitos *pênis* nas ruas de Nova York — reconhece com uma pitada de orgulho, colocando-se em pé com toda sua glória até encurralar-me, sem me tocar. Não fez porque lhe havia pedido minutos antes, conhecer esse tipo de controle sobre Dominic supera minha raiva para algo mais quente.

E eu me recuso a senti-lo.

— Nunca faça isso diante dos meus homens, Emi. Não quero ser realmente um monstro com você, mas se atua dessa maneira na frente deles ou de qualquer outra pessoa. Terei que matá-la e não será uma morte linda.

— Você seria capaz?

— Não me teste.

— Acabe comigo, Don. *Acabe comigo agora!*

Sem pensar, pego sua mão e a coloco no meu pescoço. Ele não muda sua expressão entediada, não para de olhar nos meus olhos e sua mão fecha, nem força seus dedos para me causar dor. Ele apenas fica estático, observando-me como se fosse uma atração de circo.

A pequena isca sob seu controle. É meu dono e eu a sua mascotinha de entretenimento pessoal, quanto tempo levará até que se enjoje de mim e finalmente acabe com a minha vida? Seu polegar acaricia meu pulso, ele parece gostar dessa parte do meu pescoço. Seus olhos escurecem vários tons para um azul cobalto profundo. Ele se inclina o máximo que pode, deixando fazendo com que nossos lábios se rocem. Sinto sua respiração e meu pulso

dispara para o céu.

O medo cobre as verdadeiras emoções, se não fosse quem sou, diria que estou sexualmente atraída por Dominic. Isso não é possível, não deveria sentir nada além de repúdio ao homem que arrebatou a minha liberdade. Sinto, no entanto meus seios deixam isso claro. Maldito corpo traidor.

— Não seria um bom marido se *acabo com você agora*, isso pode esperar até nossa noite de núpcias, *não acha?* Afinal de contas, minha futura esposa merece mais do que ser dobrada na minha mesa e fodida na bunda como uma prostituta.

— Quem você está tentando enganar? Uma prostituta é o que sou e serei para você.

Continua muito perto, por que não se afasta?

— Jamais permitiria que nenhuma prostituta falasse comigo do jeito que você falou.

Sua longa perna abre as minhas, estremecendo o meu centro com ela. Fecho meus olhos, jogando minha cabeça para trás. Está manipulando-me com meu próprio corpo. O tecido do meu vestido ancorou no meio criando uma fricção com minha calcinha.

Seus lábios se curvaram em um sorriso sobre minha bochecha. Não deve tocar-me, mas eu mesma o levei a pegar meu pescoço. E agora não tenho ideia do que mais quero, sua distância ou esta proximidade imposta. Graças às pessoas inoportunas, não há decisão a tomar. Alguém pigarreia na porta. Eu abro meus olhos com horror, minhas bochechas coradas com um rubor vermelho de paixão. Don, por sua vez, esboça um sorriso. Acho que seu rosto não está acostumado a sorrir de forma alguma. Retira a proteção de seu corpo deixando o nosso recém-convidado tenha uma imagem completa de mim.

Estou um desastre. Meu cabelo solto em ondas selvagens, meu rosto corado e meu vestido entre minhas pernas. Tento minimizar o dano, entretanto, Roth Nikov testemunhou meu terrível estado em primeira mão.

— Leve-a para casa — ordena Don sem me olhar.

— Meu motorista está lá embaixo — aviso baixinho.

Não quero contrariá-lo em público, ainda não tenho essa coragem, sem contar sua ameaça. Afinal de contas, Roth é um de seus homens. De alguma forma, Don o chamou ou talvez enviou uma mensagem.

— Não será mais seu motorista.

Começo a caminhar até Roth, que tem um olhar entediado. Talvez bancar o

papel de motorista não seja nada divertido.

Meus olhos curiosos dão uma olhada rápida em sua camisa branca. Roth e Dominic são esses tipos de homens que adoram usar terno, embora Don não goste de usar gravatas, ao contrário de Roth, que as usa.

Ambos com camisas brancas por baixo do paletó.

A de Roth está salpicada de sangue e seus dedos estão em carne viva. Oh, pelo amor dos deuses do Olimpo. Roth Nikov acaba de torturar alguém ou no pior dos casos... assassinar.

— Por quê? — pergunto mesmo sabendo que não me agradará nenhum pouco a resposta.

— Desobedeceu a uma das minhas ordens. Se quero que minha prometida esteja em casa, lá espero encontrá-la, não no meu escritório.

— Don... — suspiro, agora entendendo a presença de Roth aqui —. Não o machuque, por favor. Ele apenas cumpriu uma ordem minha.

— Tarde demais, pequena — diz, sentando-se em sua mesa e jogando com a figura de um Buda de ouro.

— Não.

— Quando quiser ser insolente novamente, lembre-se, dei a ordem de assassinar um dos meus homens *por sua causa*, pequena. Um pai, um marido, um amigo, um soldado leal morreu esta tarde *por você*, por contrariar minhas ordens. Ninguém, nunca, contradiz minhas ordens e isso inclui você.

CAPÍTULO 15

Emilie

Dominic permaneceu isolado, eu reclusa em sua cobertura nas noites anteriores. Não tinha ideia sobre Holden, não porque meu irmão não estivesse tentando entrar em contato. Eu não estive, estou, nem estarei preparada para vê-lo. Ele me entregou a um monstro sem hesitação, deixou-me nos braços de Dominic sem qualquer abrigo. Um homem capaz de assassinar um dos seus próprios soldados só porque obedeceu a uma ordem direta minha, mas que era contrária a dele. Um homem que chega ao seu apartamento de madrugada, algumas noites com sangue no terno, outras com sangue nas mãos. Ninguém disse nada, mas todos conheciam a natureza de Dominic Cavalli. Olhei para a garota de limpeza com os lençóis e toalhas manchadas de sangue. Dominic recaía em uma rotina, ouvia quando chegava de madrugada, então tudo ficava em silêncio por quatro ou cinco horas. Eu podia ouvir seu chuveiro ligado enquanto estava na cama, nossos quartos divididos por portas duplas de madeira escura. Depois disso, ele saía para correr e voltava duas horas depois, para onde voltava para tomar outro banho e descia para o primeiro andar. Às vezes sentia seu corpo na minha porta, como se hesitasse em bater ou entrar, mas sempre se afastava, nunca tentou forçar nada entre nós. Às dez ou onze da manhã, saía da cobertura e nesse momento começava o meu dia. Algumas reuniões com Evie sobre os planos do casamento, outras tardes Hannah me acompanhava. Nosso casamento iminente e rápido saiu nos jornais, até mesmo nos canais de fofocas e celebridades. Nenhuma foto minha foi mostrada, para minha segurança. Isso é o que Don me explicou em uma mensagem curta.

Valerie desapareceu e com ela Dein Jason, nenhum deles atendeu minhas ligações. Suspeitava de Dominic... Milagrosamente, minha única conexão com a vida normal desapareceu e com ela meu contrato de aluguel, minhas coisas foram entregues na cobertura, junto com minha nova documentação e endereço. Certamente, Don tinha grande parte do país em suas mãos.

— Você tem certeza sobre a despedida de solteira?

— Claro. Não tenho amigas.

— Ainda posso organizar algo com as meninas — oferece Hannah,

saboreando um dos bolos. O recheio de caramelo está ganhando.

— Não sou muito dada a festas, a festa deste casamento já me alcança.

— Sabe, o que andam falando de você? Acham que está grávida.

— Grávida? Isso é impossível, pois Dominic sequer toca no meu cabelo — exclamo um tanto indignada. Um beijo, foi tudo o que recebi de Don. Prefiro assim. Porque eu o odeio.

— A fofoca começou com Katniss Florentino, ela é filha de um juiz distrital.

— Katniss? O que ela tem a ver com Don?

— Disse que se comprometeriam, ela não é a única, Emilie. Dominic Cavalli é *il capi di tutti capi*^[13], todas querem ser sua esposa. Pois assim se tornariam intocáveis, por ter um filho dele, o futuro herdeiro de Cavalli. Você não tem ideia de quão poderoso é Dominic, quantos homens ele tem em seu poder ou dinheiro, dois milhões de dólares em um vestido? Essa é uma pequena fração de sua fortuna.

— Agora me sinto uma idiota — confesso.

Dois dias atrás, eu me comportava como uma criança mimada e malcriada, mudei tudo para o meu gosto, exceto a mansão onde o casamento acontecerá.

Hannah estava ao meu lado, animada por participar. Nas horas seguintes, passamos um tempo decidindo tudo; desde os diferentes pratos de comida para servir até a bebida. Champagne Moët & Chandon Brut Impérial. Estava torrando dinheiro, desperdiçando-o. Queria provocá-lo, mas nada disso funcionou. Mudei um pouco minha estratégia. Lingeries, o melhor de Victoria's Secret, Agent Provocateur e La Perla. Pequenos conjuntos de roupas íntimas, renda, seda e mais seda. De todas as formas e tamanhos enviados para sua cobertura, segui todas as lojas de grife; Prada, Burberry, Gianvito Rossi, Saint Laurent, Chanel, Louis Vuitton, Dolce & Gabbana, Balenciaga e todas as lojas de luxo na Quinta Avenida e no Soho. Gastei uma fortuna em roupas e nada disso foi suficiente.

Nada, até que apareceu a renomada estilista Reem Acra e meu vestido de noiva. Quando acabei com meus cartões, meu talão de cheques quase não tinha sobrado. Sorri quando meu telefone vibrou com seu número. Hannah estava tremendo de tanto rir ao meu lado. Um vestido de dois milhões de dólares cobrindo meu corpo bem na frente de Reem Acra que viajou do Líbano graças a todos os pagamentos de cortesia do meu prometido.

Atendi a ligação sorrindo, seu banco notificou meu próximo movimento.

— Oi, querido — saudou extasiada. Se você não aprovar este vestido, não haverá casamento.

— Está divertindo-se, pequena?

Fico com o semblante sério diante do seu estado de humor. Não parece irritado.

— Humm um pouco.

— Você gastou uma pequena fortuna, sabe disso, certo?

— Meu prometido é um empresário milionário — exclamo retomando meu ânimo.

— Bilionário — corrige —. Estou pensando no seu vestido, sabe? Meu pai anda muito ocupado em uma deliciosa masturbação e agora você me surpreende com um vestido... Três semanas. — Quase experimentei a vitória nas minhas mãos. Não pagaria dois milhões por um vestido —. Passe-me a estilista.

— O quê...?

— Dê seu novo celular para Reem Acra.

— Ele Quer falar com você.

Entreguei meu novo iPhone para Reem, ela respondeu em italiano fluente. Não entendia nada do que eles falavam. Acra estava tomando notas e murmurando mais feliz em seu telefone celular. Ela entregou meu celular depois de alguns minutos, olhei para a tela. Don havia desligado.

— O que ele disse? — questionei, com medo de sua resposta.

— Ele quer adicionar algumas joias de Tiffany para a liga e um colar.

Acabei de me tornar um troféu, qual o sentido de ir contra Dominic? O dinheiro claramente não é um problema, já anulou algumas das minhas condições, morar com Valerie era uma delas e agora meu próprio plano falha. Não importa o que aconteça, eu serei a esposa do chefe da máfia.

— Oh, meu Deus! — Hannah grita feliz —. Ele é louco por você, Emilie. Nenhum homem gastaria tanto dinheiro em um vestido, nenhum.

— Obcecado — afirmo, deixando-me cair na cadeira atrás de mim —. O que farei?

— Casar-se com ele.

Dominic não impediria o casamento por nada. Seria sua a menos que me negasse diante de todos na cerimônia. Não faria isso, ou sim?

Pisco tentando afastar essa lembrança que quer sai da minha mente, Hannah

continua provando bolos e olhando-me com uma cara séria, aparentemente continuou falando enquanto minha mente ia para o meu vestido de noiva.

— Deve entrar na cama dele, Emilie. Ficar grávida, ter um filho dele.

A náusea atinge meu estômago.

Dormir com Dominic não me parece desagradável, Don é um homem asseado e bonito e vê-lo foder aquela garota provou uma coisa, ele saber como dar prazer a uma mulher. O outro... um filho, trazer ao mundo um herdeiro para sobreviver, é desagradável. Meus sonhos de uma família não são assim, quero filhos esperados, amados e não por obrigação. E não consigo imaginar Don segurando um bebê em braços manchados de sangue e morte. Dominic é filho de um monstro, como seria um bom pai ou um em absoluto? Não, não quero ter nenhum descendente de Dominic, prefiro morrer primeiro.

— Hannah, posso perguntar uma coisa?

— Claro, é por isso que estou aqui. Quero ajudá-la.

— Sexo dói? Quero dizer, fazê-lo pela primeira vez.

Mordo meu lábio, esse que está ao natural para Don, mesmo que não tenha voltado a beijá-lo. Evie me envia um olhar estranho, agradei esse acordo de confidencialidade. Dominic é precavido, cada pessoa envolvida no casamento assinou um acordo. Incluindo Hannah, ela deixou isso bem claro.

— Depende — responde, acariciando sua barriga —. Alguns homens não se importam, outros são delicados.

— Cavalli é uma fera, não consigo imaginá-lo delicado.

O lado bom de Hannah é que não disfarça a verdade, gira seu rosto olhando para fora do restaurante. Sabe, tão bem quanto eu, que tipo de homem Cavalli é. Não posso esperar ternura de um carvalho.

— Minha experiência não foi boa, ele foi um idiota. Simplesmente entrou e me fez sangrar. Foi uma besta.

— Landon?

— Não, outra pessoa. Meu passado.

— Sinto muito.

— Era um *underboss*^[14] da Ordem, tinha apenas quinze anos... Landon o assassinou.

— O quê? — Suspiro —. E o que significa A Ordem?

— A Ordem é a máfia, a *família* siciliana. Cavalli a batizou na noite de sua nomeação como o Capo. Os gêmeos Ivanov controlam as masmorras, eles

não são os chefes da máfia russa, mas têm poder na Califórnia e mais ainda em Dominic, essa parte eu não sei. Não entendo o porquê lhes permite viver. E o que escutei depois do seu encontro com Vladimir foi um Don enfurecido gritando em italiano.

— Os gêmeos?

— Sim, há dois deles. Cavalli também era gêmeo, dizem que ele era inseparável de seu irmão, Damon. A mãe dele fugiu de Gabriel Cavalli e deu à luz em algum lugar de Nova York, depois foi para Munique... Desse dia em diante, ela virou um fantasma. Os boatos dizem que ela se tornou a prostituta dos russos, outros dizem que Gabriel a assassinou na frente dos gêmeos.

— Damon? O que aconteceu com ele?

Hannah se mexe desconfortavelmente, desviando o olhar.

— Hannah, por favor. Eu preciso saber... ajude-me.

— O Capo o assassinou.

Meu coração está violentamente oprimido. Don assassinou seu próprio sangue, seu irmão gêmeo. Sua família, como posso esperar sobreviver a um monstro do seu nível? Dominic Cavalli é claramente *filho de seu pai*, lembro-me dele acariciando meu pulso mecanicamente.

— Você deve ir para a cama dele, Emilie. Fique grávida e tenha um herdeiro dele, assim sobreviverá. Lembre-se... se você for a mãe de seu filho, ela não a matará. Acredite em mim, você precisa entrar em sua cama e engravidar de seu futuro herdeiro. Sei que é horrível, mas esta é a máfia, querida. Os homens não amam, eles nos pegam e nos descartam. Se você tiver um filho dele, passará a ser indispensável, logo será intocável... É o único caminho.

— Você e Landon... — calo a boca, colocar meus pensamentos em palavras dói.

— Se eu sou uma incubadora? Sim, Emilie. É o que sou, ele queria um filho e meu pai precisava limpar meu nome. Fui entregue a Landon depois de ser abusada por uma besta. Meu pai lhe devia, ele me liberou e não tive nenhuma negociação ao matrimônio ainda mais sabendo que Landon não me ama. Ele não me ama, Emilie. Ele ama seu bebê crescendo no meu ventre... *Homens feitos* não amam, são calculistas e frios. Dominic é o mesmo, a diferença é que ele está obcecado por você. Essa é a sua arma.

— Uma faca de dois gumes, meu começo e fim são a obsessão de Don.

— Poderia pintar seu novo mundo em cores, mas seria uma mentira cruel. A máfia é isso, Emilie, toma decisões frias e muito bem calculadas.

— Preciso usar o banheiro — peço licença levantando-me da mesa, Evie observa com desconfiança do fundo da sala. Acelero meu passo, cobrindo minha boca. A confeitaria está cheia de rostos desconhecidos, um dos meus guardas olha para mim segurando o celular contra o ouvido. Ele fica no meu caminho, mas eu o aviso que preciso ir ao banheiro. Tem que ver meu rosto pálido, vira seu corpo e me dá passagem e continua digitando em italiano. Não preciso ser adivinho para saber para quem está enviando mensagens.

Empurro a porta do banheiro, graças aos deuses está vazio. Eu me inclino contra a bancada de granito, abrindo a torneira, apenas esfriando um pouco minhas mãos e bochechas. Graças a Don, meu guarda-roupa agora consiste em roupas mais adultas e elegantes. Meus vestidos de flores se foram. Em três semanas serei uma Cavalli, pior ainda, serei a esposa do Capo e possivelmente a mãe de seus filhos. De um homem capaz de assassinar seu próprio irmão.

— Sobreviva! — animo minha reflexão —. Sobreviveu de um monstro no passado e carregará Dominic Cavalli nos joelhos. O pior é que farei isso! — sentencio determinada. Justo nesse momento alguém bate na porta, lembrando-me do meu novo status. Uma escrava de Cavalli.

CAPÍTULO 16

Emilie

Morte, sangue e traição. Esse é o meu novo mundo. Dominic não tinha mais seus pais. Eles haviam falecido, primeiro sua mãe o abandonou no orfanato e depois seu pai foi assassinado. Cavalli tem apenas a máfia, seus homens e Roth Nikov.

Dominic Cavalli é um lobo solitário, por isso o espio apenas quando entra em casa. Desta vez ele larga as chaves e caminha com aqueles movimentos felinos em direção ao bar servindo-se um licor âmbar, não estou pronta para sua explosão de poder. Um estrondo seguido de um grito de frustração, a porta da frente é aberta por Roth manchado de sangue. Ele para, apenas olha para Don, mantendo uma distância segura.

Don se aproxima de Nikov pegando-o pelo pescoço e este não move um único músculo, está ali, em pé, deixando-o assumir o controle de seu corpo, uma clara ameaça de acabar com sua vida.

— Ele é meu irmão, Dominic. Raze é meu sangue.

— A única razão pela qual vive! Você achou que eu o mataria? É família!

— Faça o que tenha que fazer.

— Matá-los não conserta merda nenhuma.

Don finalmente recua, deixando a garganta de Roth. Armando-me com uma coragem inexistente, caminho até a varanda, saindo de minha proteção em direção ao homem capaz de me matar sem hesitar. Cavalli pisca para mim, enquanto Nikov desvia o olhar. Os nós dos dedos de Don estão cobertos de sangue, destroçados. Claramente acaba de ter agredido alguém e segundo entendi, deve ter sido o irmão de Nikov.

— Estava na varanda, não conseguia dormir — digo através das brumas e sombras do passado. Minha voz ficou rouca por causa de uma aura sombria, de um momento de grande dor e medo de ser novamente vítima disso. É como se um caleidoscópio de memórias avassaladoras me sacudisse ao mesmo tempo. O sangue, a dor, as feridas, o terror, o medo, a fragilidade e o lixo de vida com ela e como acabei nos braços de um pedófilo. Tudo colide com uma enorme ira em meu peito.

— Emilie... — Sua voz chamando-me, implorando, proporciona um pouco de calor em mim, então me atrevo a olhar para seus faróis azuis. Tempestade, dor, raiva, perigo e perplexidade brilham através deles.

— Suba para o seu quarto...

— Você está ferido — interrompi antes de ouvir sua ordem —. Roth, você poderia deixar-nos a sós? Don claramente precisa descansar.

Roth, que mal fala, pisca para Dominic, buscando ordem direta do chefe dos chefes. Este acena mandando-o para fora da cobertura. Dominic tenta aproximar-se e, eu, paralisada de pânico, recuo. Suas tempestades azuladas registram o movimento. Cavalli é o tipo de pessoa dos detalhes, pode estar olhando nos seus olhos, mas também é capaz até de absorver cada detalhe ao seu redor.

Isso é tão idêntico a Joseph Greystone. Sinto-me tentada a avançar, abraçá-lo e dizer-lhe que nunca poderia temê-lo, as lembranças são mais fortes do que as palavras, sempre arrancaram tudo de dentro de mim. São pesadelos vívidos. Quero saber, quero decifrar dentro de mim se tenho medo desse homem. Acho que não, só tenho medo de repetir tudo o que já vivi e me tornar uma vítima. Já bastou para mim com todo o passado, aquele homem do bar e até a manipulação de Dein. Como que agora, tivesse que cair na ira de Dominic. Suponho que uma parte de mim — como sempre, dividida — sabe que Cavalli nunca me machucaria, não fisicamente; mas a outra parte, desconfiada, está gritando para eu fugir, esconder-me de qualquer fera que queira dominar-me. Retrocede até quase chegar à mesa redonda com o arranjo de cerejeira. Uma risada zombeteira chega, é antinatural e sinistra. O tipo de risada irônica que o faz estremecer.

— Vá embora, Emilie. Estou cansado de ver essa porra de seu olhar.

Cumpro seu pedido sem dizer uma palavra. Chegando à escada, ouço outro golpe forte e um rosnado quase animal que me assusta. Devo buscar a segurança do meu quarto e recuar, não sei o porquê olho para trás em direção ao rosnado.

Estou com falta de ar, meu coração bate descontroladamente, lembrando-me de como geralmente acordo todas as manhãs. Relembrando essa garota apavorada que costumava ser... que eu sou. Paro de repente quando o vejo. É a imagem mais destrutiva que já vi e me jogo sobre ele. Minhas mãos agarram sua cintura, minha bochecha direita bate no centro de suas omoplatas. Ele está todo suado, seu peito se estremece violentamente e a

parede branca é finamente decorada com gotas de um líquido vermelho, a mesinha de centro se estilhaça ao lado da escada e o vaso se quebra em milhares de fragmentos. O vaso zomba de mim, dando-me uma imagem clara no que posso converter-me.

Uma mulher cheia de pedaços quebrados, uma mulher sem asas.

— Dominic! — grito —. Pare!

Minhas unhas cavam em sua pele, minhas lágrimas banham suas costas e se misturam em sua camisa preta. Cavalli bate na parede mais uma vez e eu grito mais alto, então com um movimento repentino de sua parte quase me fez cair direto ao chão. Ele é muito mais rápido, seus braços me colocam no meu lugar. Atordoada, não sei se ele me soltou em algum momento, ou se virou em meus braços. Ambos nos soltamos e recuamos ao mesmo tempo. Ele está ofegante, eu também, ambos tentando saber o que passou, ambos tentando consolar-nos. Sua boca se abre e se fecha, seus punhos reagem da mesma forma, seu peito sobe e desce rapidamente a cada nova inspiração, parece feroz.

— Vá embora, Emilie. Não suporto ver sua cara.

— Você está ferido, deixe-me limpar suas feridas.

— Agora você quer cuidar do monstro? — ironiza.

“Você tem que entrar em sua cama”. As palavras de Hannah giram na minha mente. Este é o momento certo... Don, deixando-se parecer mais humano e frágil.

— Quero vê-lo, entendê-lo..., mas é muito complicado.

— Eu a vejo, pequena. O problema aqui é que você não me vê.

— O que poderia ver dentro de um monstro como você?

— Sou um monstro com meus inimigos, sou cruel e implacável protegendo o que é meu, você, por exemplo. Mesmo quando decidi ser insolente, ainda sou paciente e tolerante, se não consegue perceber isso, não entendo como poderíamos sobreviver a esse casamento.

— Paciente e tolerante? Você assassinou um homem por atender minha ordem! Uma ordem, Don!

— Essa ordem a expôs ao perigo, não consegue ver isso? Era apenas um dos meus homens cuidando de você, ele a levou ao meu escritório quando sabia que Vladimir estava na cidade e você é o seu alvo principal. Ordenei que voltasse à cobertura, onde estaria protegida, segura e a salvo.

— Por que se preocupa tanto comigo? Sou mais uma mulher entre as tantas

que já teve, basta me usar. Tire minha virgindade e siga seu caminho. Afinal de contas, é isso que você quer, não é verdade? Uma mulher virgem na sua cama.

— Por que faz tantas perguntas? Por que não pode ficar quieta e paciente? — questiona jogando seu paletó no chão. Está perdendo sua paciência.

— Por que mentir, Don? Por que me fazer amar um homem que não existe?

— Existe! — grita —. Estou aqui, bem na frente do *seu nariz*! Antes você me olhava com esses olhos grandes de emoção, curiosos e ousados, mas agora? Repulsa.

— Don...

— Eu lhe mostrei partes de mim, Emilie. Queria ter seu respeito, essa foi a principal razão para não fazer uso do meu poder sobre você. Queria sair com você para jantar, flores e romance intenso... Quero tentar dar-lhe isso, por que não consegue ver?

— É difícil ver quando me acorrenta a uma vida que não escolhi.

— É assim que se sente? Acorrentada?

— Acordei uma manhã e minha vida era normal, nesse mesmo dia um mafioso russo me condenou à morte com uma estrela e um italiano decidiu que sou sua prometida. Eu me sinto pior do que lixo... Um móvel.

Fico olhando para o corredor por alguns segundos, então, meus olhos percorrem tudo o que está quebrado. Eu sou uma propriedade passada de um dono para outro.

— Você não é um móvel, Emilie. Você é muito importante para mim, você é valiosa — sussurra, encurtando a distância que nos separa, seus dedos pegam meu rosto e desta vez eu não recuo ao seu toque. Seus olhos azuis brilham intensamente.

— Deixe-me mostrar o quão importante você é para mim. Por favor, Emilie.

“*Por favor*”. Don acabou de me pedir algo, não é uma ordem. É um tom baixo e conciliador. Minhas muralhas fraquejam ao ouvir sua voz dizer essas duas simples palavras de seus lábios, “*por favor*”. Ele não diz “*sinto muito ou por favor*”. Para ninguém.

Tento não pensar nisso e em troca peço a Cavalli que me acompanhe até o banheiro para o armário de remédios. Ele me segue silenciosamente, sangue escorrendo de seus dedos machucados e sua respiração ainda irregular. Gostaria muito de poder ler sua mente e decifrar todas as minhas dúvidas, gostaria de perguntar o porquê se machucou, o porquê reagiu assim, o porquê

as pessoas se afastam e quem o fizeram ser assim. Senta-se obedientemente no vaso sanitário e em silêncio. Procuro nas gavetas do armário alguns remédios e toalhas. Borrifo água na ponta de um e lavo minhas mãos sujas com o seu sangue, então fico entre suas pernas e levo o pano molhado até seu rosto, que tem gotas de sangue. Olhando em seus olhos e com um silêncio insuportável no meio, eu o limpo, quando tento com as mãos, ele as move sob a água corrente e é quando seu olhar me alcança.

Sua mão direita viaja até minha cintura e dou gritinho quando ele me puxa, fazendo-me montar em suas pernas, acho que paro de respirar ao estar em uma posição tão íntima. Deveria estar fugindo e, em vez disso, estou mais perto, caindo com ele. Completamente aos seus pés.

— Sinto muito — sussurra em voz alta, há uma emoção dentro desse *sinto muito* que não consigo decifrar. Suas mãos envolvem meus cabelos no alto e os prende com o elástico do meu pulso. Passo a toalha em seu pescoço e em sua barba áspera. Ele fecha os olhos e nega com a cabeça, deixando-a cair sobre meu peito e é quando percebo tudo. O reconhecimento me atinge com força... Eu engulo em seco, enviando meus medos para esse canto escuro da minha mente. Estou seminua em um pijama de duas peças em seu banheiro.

— Sinto muito — repete. Como meus dedos desejavam envolver seus cabelos cor de chocolate, massagueio seu coro cabeludo. Deixando fluir o máximo de tranquilidade que posso, seus braços envolvem minha cintura e uma corrente de ar quente cai sobre mim.

— O que aconteceu lá embaixo? — questiono com medo de sua resposta. Seus braços ficam tensos e seu peito estremece —. Pode confiar em mim, prometo que não me afastarei. Se assim o desejar, eu o escutarei, mas preciso de respostas... Se quiser que nosso casamento dê certo..., mas há coisas que precisa dizer-me.

— Roth, meu braço direito, tem um irmão. Raze. Ele não respeita minha autoridade e esta noite interferiu nos meus negócios.

— E você lutou com ele?

— Mais ou menos, sério mesmo que está disposta a lutar por nós?

— E você, Dominic?

— Cacete, sim.

Sei que, com minhas experiências prévias, deveria sair correndo por aquela porta e ficar bem longe de você. No entanto, há uma parte masoquista em

mim que quer ficar. Uma parte de mim que quer ajudá-lo, uma parte de mim que tem sentimentos confusos por este homem. Dominic quer tentar salvar uma união que ainda não está concretizada. Não podemos viver nos odiando.

— Você deve descansar — sentencia, tirando mechas do meu rosto. Aceno concordando e saio de suas pernas, ambos caminhamos seu enorme quarto vitoriano. Uma cama *king-size* com dossel, lençóis de cetim azul escuro e cortinas douradas. Um tapete preto fofo cobre grande parte do chão. Móveis de madeira escura, ao contrário do meu quarto, que tem tons pastéis e brancos. Este quarto grita escuridão e erotismo em seu nível mais alto. Don, que está atrás de mim, começa a tirar a roupa de forma organizada. É metódico e ordenado. Seus músculos flexionam com seus movimentos, suas costas e parte de seu torso cobertos por cicatrizes de batalha. É um mapa completo de linhas, algumas mais grossas, outras mais finas. Suas pernas longas e delgadas. Um homem que trabalha seu corpo. Minhas bochechas se enchem de sangue quando ele percebe meus olhos observando seu físico escultural.

— Pode tocar-me, minha futura esposa.

Seu tom pretende ser uma piada simples e passageira. Meus dedos curiosos querem fazer exatamente isso; tocar cada parte deste corpo que está diante dos meus olhos. Sem pensar, caminho até ele, que está ereto e tenso. As pontas dos meus dedos tocam diretamente seu peito, sobre seu coração, a cicatriz mais linda e sangrenta que já vi. Uma flor de lis, reconheço as bordas. Alguém queimou a flor em sua pele, alguém cruelmente o marcou como um maldito gado.

— Não queria ser um *made man*, não queria receber a tatuagem da *famiglia*. Gabriel, meu pai, utilizou um ferro quente... Meu irmão colocou uma faca no meu pescoço enquanto nosso pai me marcava.

— Quantos anos você tinha, Don? Como um pai pode machucar um filho assim?

— Isso não importa mais, pequena — sussurra, beijando o topo da minha cabeça.

— Quantos anos?

— Nove — rosna entre dentes. Minhas pernas tremem ao ter a imagem de um menino indefeso de cabelos cor de chocolate e olhar azul chorando em algum chão sujo com seu irmão o ameaçando e seu pai marcando seu peito com um ferro quente. Marcando sua infância, sua pequena mente. Empurrando meu

corpo com delicadeza, ele nos leva para a cama, não resisto, deixo que ele me cubra com os lençóis enquanto não paro de olhar seu peito marcado, enquanto vejo em minha mente o quão sombria foi sua infância. Dominic não é filho de seu pai, Don é uma vítima.

— Suas bochechas estão vermelhas. Venha aqui, *pequena* — ordena, acomodando seu corpo e rodeando minhas curvas carentes —. Feche os olhos.

— Por quê?

— Vamos dormir.

— Não quero dormir.

— Estou muito cansado.

— Com o quê?

— De lutar contra nós. — Isso me deixa sem fôlego —. Agora durma.

Faço o que me pede, perguntando-me como diabos minha vida foi acabar dessa forma, na cama com um homem com suas mãos enfaixadas, que tem claramente um grande problema de ira reprimida, um problema que pode destruir-me, mais do que já estou.

CAPÍTULO 17

Emilie

Um ruído entre o irritante e angelical, tenta arrastar-me para fora da escuridão confortável do sono, um sono reparador e necessário. Um peso extra me segura perto da superfície dura onde me encontro, algo quase sufocante pressiona meu estômago e um calor envolvente que não sai de mim e que me consome no bom sentido. A voz, de quem fala ou canta, ouve-se cada vez mais alto, reconheço a letra, mas não a voz. *To die for...* Sam Smith. Na voz de uma garota, outra música é adicionada à lista, meu celular? Por um acaso é meu alarme? Tento alcançar minha mesa de cabeceira, mas é um pouco difícil... Inferno.

Toda a muralha de memórias me atinge abro os olhos sem pestanejar. O lugar escuro me apavora um pouco, mas meus olhos se adaptam rapidamente à luz fraca. Adormeci na cama de Cavalli, com ele e babando em seu peito. Tento livrar-me do calor, mas seus braços me apertam ainda mais e me impedem de sair de sua prisão confortável. Ele murmura algo ininteligível sobre ser muito cedo. Minhas bochechas estão queimando com o rubor que as cobre.

— Dominic... — sussurro e limpo o filete de baba da minha boca —. Dominic — tento novamente.

— *Humm...*

Demônios. Cutuco sua mão na minha cintura com os meus dedos — já que não tenho unhas — como parece não funcionar, béticos a pele e ele solta um gemido de queixa.

— Cristo, mulher! — finge reclamar. Seu corpo me libera e ele se agita na cama. Então uma luz cegou meus olhos e pisquei perplexa. Ele está olhando para mim com um sorriso lindo dançando em seus lábios.

— Nós... caímos no sono — explico, como se não fosse óbvio o suficiente.

— Sim, soube ao escutar seus roncos — diz, apertando os olhos com as costas da mão.

— Eu não ronco! — resmungo indignada. Ele ri do meu tom e se senta na cama, rindo —. Eu não vejo graça.

Ria, ria para mim e é lindo.

— Você não ronca, balbucia, então.

— Disse algo? — Receio ter dito algo sem saber, pior, ao ter um pesadelo.

— Não, apenas ronronava como uma gatinha.

— Ah, cala a boca!

— Adorável — repete essa palavra e se estica para se espreguiçar —. Você quer ficar na cama comigo ou prefere sua cama?

— O quê? — suspiro pálida... Você está dizendo o que eu acho que diz?

— Cristo! Que mente doentia você tem, Emilie Greystone. Não achei que fosse possível. — Finge estar escandalizado.

— Não, claro que não!

— Ah, sim! Sei o que está imaginando — diz rindo e como se fosse a coisa mais natural do mundo, ele se inclina para beijar minha testa —. Quero sua bunda fora da cama quando eu voltar.

Ele caminha até a porta de seu banheiro e desaparece por ela. Suspirando e sem entender o que diabos estou fazendo, cubro meu rosto.

Dormi nos braços fortes e musculosos de Don a noite toda, acordei ao lado dele. Não faz sentido, Don pode ter algo diferente? Uma alma que só eu conheço? Quero o homem doce, aquele que me abraça não importa o que aconteça, que admite seu desejo de tentar uma vida melhor para o nosso casamento, podemos superar as sombras do passado? Concentrarmo-nos em um casamento funcional? Dominic não deixa de ser *o Capo* da máfia siciliana, o homem cheio de poder. Ele também não deixa de ser um menino de nove anos sendo maltratado pelo pai, a pessoa encarregada de zelar pelos melhores interesses do filho. Em algum momento, a névoa do sono me envolve com ela, quando abro os olhos novamente. Don está inclinado sobre a cama, os nós dos dedos acariciando minha bochecha. Sento-me com cuidado, encontrando uma bandeja de metal cheia de comida e um lindo buquê de rosas. Don está em um de seus ternos clássicos de três peças sem gravata, seus cabelos perfeitamente penteados esta manhã, não aquele emaranhado rebelde, seus olhos, pelo contrário, estão iluminados.

— Bom dia, prometida — sussurra, sorrindo ligeiramente.

— Bom Dia.

— Não queria sair sem dizer adeus.

— Você vai?

— Tenho uma reunião na Itália em algumas horas e, se tudo correr bem, voltarei para casa em três dias. Pedi seu café da manhã.

— Obrigada pelas rosas.

— De nada, *farfalla incatenata*.^[15] — Beija as costas da minha mão. Seu sotaque italiano envolvendo minha mente em uma explosão de notas musicais requintadas e majestosas.

— Leve-me com você à Itália — ouço minha voz suplicante. Don para seu avanço na minha mão, ele levanta seu olhar azul um tanto confuso.

— Quer vir comigo?

— Quero conhecê-lo e nunca estive na Itália.

— Esta viagem é de negócios... Se você estiver ao meu lado, acabarei perdendo minha paciência ou, na melhor das hipóteses, matarei meus homens.

Pego um copo de suco de laranja, Don continua olhando-me. Jogo a carta dos meus olhos, eu o olho presa à sua imagem etérea.

— Você tem trinta minutos.

Um sorriso verdadeiro toma conta dos meus lábios.

— Acabou de me manipular, você é um inferno de tentação.

Dou um pulo com um sorriso juvenil, correndo até meu quarto. Don tem uma fraqueza. Eu, sou seu maldito inferno ou sua redenção, tudo dependerá de como andarmos. Juntos ou separados.

Sou uma mulher prática quando se trata de vestir ou maquiar. Não costumo complicar, portanto, tenho dez minutos extras para preparar uma pequena mala com a ajuda de Olivia, a garota do serviço. Don adora vestidos, a maioria longos. Meu vestuário teve interferência do seu olhar crítico. Escolho um vestido de tiras longo, branco e justo junto com sandálias prateadas de salto alto, solto o cabelo em ondas colocando um conjunto de joias Tiffany. Escondo as olheiras e evito usar batom. Nick, meu segurança, cuida da minha mala e bolsa.

Cavalli está reunido em seu escritório via videochamada com Roth quando entro sem avisar, embora Nikov esteja recitando uma série de instruções no que deduzo ser russo, Don focaliza seu olhar frio em mim, queimando todos os lugares, como sempre faz quando olha para mim. Ele desliga a ligação e dá a volta em sua mesa rapidamente. Sei o que está prestes a acontecer, antes mesmo de ouvir suas palavras e pela primeira vez, desejo com uma força assustadora.

— Eu a beijarei agora — avisa no mesmo tempo que seu corpo cobre o meu, sua mão direita seguindo o contorno do meu pescoço e seu polegar levanta meu queixo.

— *Sim?* — Suspiro por ter todo seu corpo perto, pressionando cada ponto certo. Seu cheiro inebriante de natureza e essência picante me cativa, meus dedos agarram-se às lapelas de seu paletó e esses cabelos chocolate caindo em sua testa me distrai um pouco. Quero correr meus dedos por seus cabelos, mais uma vez.

— O grande Cavalli está pedindo permissão? — ironizo lambendo meus lábios —. Você é o dono de Nova York, pode ter o que quiser, certo?

— Você é a exceção à regra. E, sim, sou dono de Nova York, sou de certa forma seu dono, mas quero uma rainha, não um móvel e as rainhas não têm dono. — Seu nariz acaricia meu pescoço, fazendo-me perder o fôlego —. *La mia dannata regina*^[16].

Uma de suas mãos, a direita, acaricia minha cintura, a pequena curva que eu tenho e eu olho para suas tempestades azuis. Quero beijá-lo agora. «Oh droga».

— Já lhe disse o quanto eu gosto disso?

— Do quê? — pergunto.

Ele acaricia a linha das minhas costas até parar perto da minha bunda.

— Você tem duas covinhas aqui — sussurra em voz baixa e carregada de desejo —. Deveria dar-me de beber direto de suas costas, certamente a Pepsi ficaria deliciosa lá.

Merda. Tenho imagens claras na minha cabeça de Dominic chupando e sugando minhas nádegas.

— Você me deixará beber Coca Cola daqui?

Subo minha mão tocando seu abdômen e peito sobre o tecido de seu terno. De repente, o espaço está encolhendo muito e não é pelo pânico.

— Eu não gosto disso — enfatiza. Meu coração dá um salto e todo o meu espírito de jogo se evapora —. Minha mente não para de pensar nas diferentes formas de fodê-la do jeito que eu quiser e não sei o que merda me passa quando estou ao seu lado e sendo assim, cheguei à conclusão de que eu gosto de você, gosto tanto de você que, isso... Não me agrada.

— Eu também não gosto de você — fraquejo, sorrindo e com meu coração batendo mais rápido do que o necessário.

— Eu adoro isso — sussurra, delineando meus lábios —. Seu sorriso. Adoro quando sei que sou o responsável dele... algo dói, dói no bom sentido.

— Fantástico. — Suspiro olhando seus lábios e tirando seu paletó. «Não fale essas coisas, Dominic».

— Beije-me, Don. Beije sua rainha.

— Droga, sim.

Em seguida, seus lábios atacam os meus de uma forma possessiva, feroz e experiente. Eles têm gosto de morango e canela. Grito quando suas mãos me levantam e rodeio sua cintura com minhas pernas, minhas mãos viajam ao seu pescoço, agarrando-me o máximo que posso, o tecido do meu vestido sobe enrolando-se na minha cintura. Don derrama todo o seu poder em minha boca, seus lábios sendo exigentes, não há nada sutil ou cauteloso. É o leão rugindo seu domínio.

Eu sou sua fonte de água no meio do deserto, sua cura e, infelizmente, sua sentença. *Você deve ir para a sua cama. A máfia é fria e cruel.*

Don recua, respirando com dificuldade. Sem ousar olhar para o meu rosto, arruma meu vestido com suas mãos grandes e fortes. Seus lábios inchados e seus cabelos agora despenteados. Não diz uma palavra, mas nós dois sabemos que ele perdeu o controle mais uma vez bem na minha frente. Algo parece não ser do seu agrado. Eu o sigo em silêncio, ouvindo Olivia e Nick se despedirem.

Dominic não espera por mim, tecla o código de segurança do nosso elevador com sua máscara de dureza. Meus dedos com vida própria, tocam onde segundos atrás estiveram seus lábios. Quero que me beije, quero que faça isso de novo. Ainda mais agora que o frio Cavalli apareceu e não tenho a menor ideia de quanto tempo pode durar. Suspirando, sorrio como uma idiota. «Vá para o inferno, vou beijá-lo novamente Cavalli».

— Se minha boca consegue tirar esse sorriso bobo de sua cara, nem quero imaginar o que meu pau será capaz de conseguir.

— Essa boca, Don. Essa boca suja. Sem mencionar sua mente.

— Sim, minha mente está muito suja e cada parte dela a imagina totalmente nua na minha cama.

Viro meus olhos sem perder o sorriso, a que se deve essa mudança? As palavras de Hannah ou talvez outra coisa?

Que de alguma forma nossos passados são parecidos? Nós duas sofremos nas mãos de quem deveriam proteger-nos.

Duas crianças condenadas como adultos.

Cavalli tem uma estranha obsessão por carros, seu estacionamento privativo contém vários modelos, de picapes a carros esportivos. Um verdadeiro sorriso surge em seu rosto quando olha para um lindo BMW preto fosco,

vidros escuros com interior vermelho sangue. Ele, como sempre, caminha na minha frente, deixando-me para trás. Isso me faz sentir como sua escrava, como se fosse algum tipo de submissa atrás de seu Amo, entretanto... não é o poder que se joga aqui, é o seu o que luta.

Dois dispositivos de segurança estão atrás de nós, Don está no comando da minha porta, detalhe que agradeço com um sorriso discreto.

Rodeia seu carro esportivo com seus movimentos elegantes.

— Use seus óculos escuros, as revistas sociais estão empenhadas em obter uma foto sua.

Coloco meus óculos modelo aviador, como pode pensar primeiro na minha segurança?

Ele faz o mesmo cobrindo o olhar azul, liga seu brinquedo e a música *Play With Fire* de Sam Tinnesz invade o carro esportivo.

Don sorri, um sorriso malicioso. Tenho certeza que seus inimigos fogem quando tem essa forma sinistra na frente deles.

Na parte externa do prédio, há uma série de câmeras buscando vislumbrar o interior do veículo, Dominic é igualmente poderoso ao dirigir, uma Range Rover sai adiante abrindo caminho e há outra nos vigiando. A segurança é algo que não sei se me acostumarei. Pois a minha vida era muito simples antes de tudo isso.

— Como você prefere o seu café?

— O quê? — respondo perdida em sua pergunta.

— Como você prefere o seu café?

— Puro, doce, e o seu?

— Preto, sem açúcar.

— Um copo de leite com caramelo de manhã cedo e você não come em casa.

— Você não se esqueceu — elogia surpreso.

— Não esqueço nada do que você diz, Don.

Isso envia uma espécie de serenidade às suas feições e ele dá o primeiro movimento que me parece romântico. Sua mão forte em união com a minha sobre minhas pernas, depois de um breve beijo nos nós dos meus dedos.

— Direi algo bobo, depois você esquecerá, ok? — interrompe o silêncio que começava a instalar-se.

— Sempre terei que esquecer tudo?

— As coisas que não deveria contar-lhe, sim.

— Bom — murmuro, não muito satisfeita.

— Se eu acreditasse no amor... Você seria a desculpa perfeita para se apaixonar.

Merda. Não tem como esquecer uma frase dessa, por mais que lhe peçam ou tente apagar de sua mente. Deveria lembrá-lo que as mulheres se apaixonam pelas palavras doces e meigas nos nossos ouvidos, começa assim: apaixonando o ouvido, mente, alma e coração.

— E você a minha.

E gostaria que não fosse assim pela primeira vez.

Embora Don tenha sofrido em sua infância, isso não significa que ainda seja um monstro. Vá para a cama dele, esse é o seu único objetivo. Sem emoções, sem sentimentos. Uma transação simples, meu corpo em troca de proteção.

Chegar ao aeroporto privado leva menos de vinte minutos, graças ao seu poder sobre Nova York não devemos fazer qualquer tipo de burocracia e acho um absurdo como é permitida a entrada direta no galpão privado onde um jato nos aguarda, mas ao descer do carro, fico ainda mais indignada ao inteirar-me que meu passaporte figura o sobrenome do meu futuro marido. Emilie Cavalli, Emilie fodida Cavalli sendo que nem casados estamos. Como se atreve?!

Dominic, de alguma forma, percebe o meu desconforto e seus olhos frios formam adagas quase suplicante quando o piloto da aeronave se aproxima de nós para contar nosso plano de voo. Convocando os deuses do além, respiro e pressiono o livrinho em minhas mãos. *Cavalli*, sou isso? Serei isso? A mulher de... Nunca um nome próprio. Rio internamente, nem sequer trabalho. Perdi minha identidade a partir do momento em que me tornei propriedade deste homem. Quero trabalhar no serviço social, ajudar crianças abandonadas e abusadas, quero fazer a diferença, algo que não conseguirei entre páginas de livros, em histórias de romance. Sim, a literatura é uma das minhas grandes paixões, mas crianças, eles... Percebo novamente que estou com as unhas cravadas no meu pulso. Don, um homem habilidoso e muito capaz de governar o mundo, percebe isso.

Seus olhos se estreitam e eu imediatamente solto minha mão, tentando olhar para qualquer lugar, exceto para esses olhos que efetivamente me decifram. Nesse segundo, outra van se junta a nós e Roth Nikov desce dela.

— Você está atrasado — Dominic lhe assobia.

— Bom dia, Don — diz o russo, com um aceno de cabeça para mim e diz olá —. Sra. Cavalli, é um prazer tê-la a bordo.

— Emilie, apenas Emilie. Não sou a Sra. Cavalli, ainda.

— Raze vai demorar muito? — Don faz perguntas escrevendo uma mensagem em seu celular, distraído assobia algo em voz baixa longe de nós. Olho para Nikov... Ele mudou um pouco, mas é ele, deve ser. Roth, sentindo meus olhos em sua pessoa, estreita os seus, pretos, escuros e um tanto maliciosos. Roth Nikov não fala e se eu o analisar melhor, posso perceber como sempre vigia os passos de Dominic, controla tudo, parece como se de alguma maneira estivesse esperando qualquer tipo de ameaça. Mantenho seu olhar sem um pinga de hesitação.

«Você não me intimidará».

— Quando dirá que me conhece? — questiono, lançando um pequeno gancho.

— Com o passar dos anos não aprendeu a ser precavida?

— Com os quais vivi graças a você?

Um sorriso zombeteiro se espalha pelos meus lábios. Agora eu sei, Roth Nikov é “Roqui”, apelidado de “O Açougueiro” graças à sua forma costumeira de matar os inimigos da *famiglia*. Tenta afastar-se, seguindo os passos de Don, mas sou muito mais rápida avançando na sua frente e parando-o. É um homem enorme, que poderia passar muito bem por cima de mim, empurrar meu corpo e seguir seu caminho. Mas não faz isso. Roth por algum motivo oculto, ele me respeita, por quê?

— Cale a porra da sua boca, Greystone. Agradeça por ter salvado a sua vida duas vezes.

— Você... foi você quem me entregou ao Don, a esse monstro!

— Monstro? Você acha que Don é um monstro? Não me faça rir, Greystone. Ser esposa dele é a melhor coisa que pode acontecer na sua vida.

—Você sabe o que Gabriel fez conosco...

— E por essa razão, por salvar minha vida naquela noite está aqui, junto ao Don, você acha que Vladimir é melhor? Por um segundo pensou nisso? Don é um maldito animal, mas ele nunca a tocará sem seu consentimento, nunca levantará a mão para machucá-la e isso é mais do que posso dizer sobre Vladimir. Eu lhe dei a chance de viver, de aproveitar e, Emilie, se eu fosse você esqueceria que já nos conhecemos ou que essa conversa aconteceu.

E assim... antes de abrir minha boca, Roth Nikov se afasta.

Olho para trás, para meu prometido, que agora está acompanhado por outro homem. Ele é alto e forte, com um porte semelhante ao de Roth, é jovem. Talvez vinte e cinco ou vinte e sete anos no máximo, seu cabelo é preto, espesso e comprido, preso por um rabo de cavalo. O fato de ser tão jovem não me deveria importar mais, porque desde meu lugar posso sentir quão imponente é vestido de preto. Tem uma jaqueta de couro com uma caveira nas costas e com os seguintes dizeres em letras vermelhas “Skull Brothers” e tem um pequeno adesivo com a palavra “*Prez*^[17]” nele. Há outro garoto atrás dele, também parece violento e assustador, usa a mesma jaqueta. Dominic está ao seu lado, pronto para agarrar o pescoço desse homem. Finalmente desliza seu olhar azul na minha direção. Caminho até onde está e paro ao seu lado, alguns olhos cinzentos, frios, inexpressivos e diabólicos me olham. Cinzas, um cinza escuro.

— Cale a boca — rosna Dominic.

Giro ao redor de Dominic pegando sua mão, ele me envolve instantaneamente.

— Tudo bem?

— Este é Raze. Seu novo segurança — informa completamente tenso ao meu lado, sem responder à minha pergunta. Fico mais próxima de Don quando os lábios do recém-chegado se curvam zombeteiramente. Então, e só então, deixa de me olhar para focar em Cavalli.

— É bonita, sim — comenta —. Só que não entendo.

— Não faça isso, Raze. Não foda minha paciência — assobia.

— O que há de tão especial em você, Emilie?

Fico surpresa por ele saber meu nome, apesar de não demonstrar quando respondo. Claramente Don decidiu confiar nesse tipo, o mesmo que na noite passada o fez perder o controle. Que também tem os nós dos dedos machucados e sua postura é ligeiramente inclinada, eles tiveram algum tipo de briga na noite passada?

— Nada, você sabe, nós loiras somos ocas e burras.

— Aposto meu pau em Hades que você é a exceção.

— Isso se eu não enfiar o meu pau na sua bunda primeiro.

— Pela loira, irmão? Pela mesma loira que Vladimir está louco para fodê-la? Por quem perdeu sua merda ontem à noite?

Suspiro. Não conheço este garoto, mas parece saber muito sobre mim.

— Retire isso! — o assovio ameaçador de Dominic me faz tremer, mas não

ao rapaz —. Perdi minha merda ontem à noite porque você matou quatro homens e deixou seus corpos na minha cidade, algo que eu não suporto.

— Limpei sua cidade de quatro *estupradores*, perdoe-me.

— Sou o seu Capo, comece a respeitar-me, caralho!

— Respeito é a única coisa que nos mantém respirando o mesmo ar, Don — diz voltando-se para o jato. As partes mal-educadas vêm no sangue, eu acho. O outro garoto, chamado Byron, apresenta-se pedindo desculpas a Dominic, vendo o irmão russo entrar no avião particular e depois em sua moto e foi embora. Eu, que estou com o estômago embrulhado e quase vomitei por sentir o mal-estar por ter bebido um copo de suco de laranja hoje de manhã.

— Você está bem? Merda, está pálida.

— Estou bem, só... deuses!

— Não devo falar sobre isso na sua frente. Desculpe.

— Sou eu que tenho que me acostumar, acho... Achei que nunca pedisse desculpas a ninguém?

— Você é minha prometida, Emi. — Apazigua, estreitando meu antebraço de maneira carinhosa —. Vamos entrar no jato, acho que vai ser um voo muito longo e você deve comer algo.

CAPÍTULO 18

Emilie

Don brinca com um copo, seus longos dedos movem algum tipo de bebida, eu, como a mulher mais perversa, estou imaginando esses dedos em algumas partes do meu corpo, será por causa do nosso beijo desta manhã? Por compartilhar a cama ontem à noite? Pelo conselho de Hannah? O que está acontecendo comigo?

Finalmente leva a bebida aos lábios, inclinando a cabeça para trás e tomando tudo de um só gole.

— Disfarça um pouco, loira — brinca meu novo segurança, Raze, como o apresentou Don. Minhas bochechas ficam vermelhas desviando meu olhar de Cavalli e fixando-o em Raze. Ele intimida qualquer um, além de ser irmão de Roth, algo que não sei colocar em palavras o torna diferente... vazio.

Ele é o tipo de pessoa que não tem medo de nada.

Dominic é duro e implacável, Roth quieto e calculista; mas Raze é uma mistura de dinamite e arrogância.

— Não deveria estar em serviço?

— Não sou funcionário do Don.

— Se você não é seu funcionário, quem é você?

Raze observa Don falando russo com Roth, enquanto os dois analisam alguns gráficos em um *laptop*. Posso apreciar o descontentamento de Dominic, Roth por outro lado, mostra-lhe com calma e serenidade.

— O homem que não tem nada a perder, sou eu — explica Raze, afastando-se da minha análise em direção aos outros.

— Continuo sem entender.

— Se algo acontecer no relacionamento de vocês dois e Roth tiver que escolher entre Don e você, certamente Don ganhará, entendeu agora? Em contra partida, se a escolha for minha, você viverá.

— Você não tem namorada?

— Mulheres não são muito a minha praia.

— Você é gay? — eu o questiono de surpresa. Raze é bonito, droga não. Entre os três há uma combinação que aumenta os hormônios, sem contar aquele outro garoto Byron com que estava com Raze. Um ruivo com grandes

olhos azuis, de onde vêm esses homens? E apesar de todos serem diabolicamente bonitos, de alguma forma, apenas Dominic Cavalli me atrai. Até Vladimir tem um certo charme.

— Ontem à noite eu comi uma boceta, isso conta como ser heterossexual?

— Se era de uma mulher, sim, suponho — respondo dando de ombros. Don, que parece estar ouvindo tudo, ri, solta aquela risada rouca e até Roth tenta esconder a sua tossindo. Raze estreita os olhos.

— Ei, vocês dois, vão à merda!

O voo é longo e cansativo, eles não param de falar em russo, Raze contradiz o irmão, embora eu não os entenda, sei que falam de negócios. Don muda de lugar, sentando à minha frente durante a refeição no avião, parecendo cansado das discussões dos irmãos.

Não falamos, mas sinto constantemente o seu olhar sobre mim.

O avião particular pousa na Itália por volta das três da manhã, o tempo está quente e úmido, mas a vista é linda. Um céu estrelado, luzes de pequenos e intrincados edifícios, ruas medievais de pedra e ar puro, com um certo cheiro a sal.

Durante uma hora nos deslocamos de carro até uma vila afastada da civilização, pelo menos dez ou quinze homens custodiam a porta principal com armas visíveis, eles deixam passar os três Jeeps pretos de vidros escuros sem perguntar nada.

— Pelos deuses... — bufo, grudada ao vidro. Nasci em Luisiana, em uma pequena cidade onde se criavam cavalos, então, anos mais tarde fomos para Los Angeles em uma localidade de famosos, onde era comum passear com cães do tamanho de um rato no bairro e, finalmente, uma noite eu me tornei uma garota em Nova York, onde dirigir é uma droga, mas de alguma forma me fez sentir em casa. A Big Apple é um novo começo na minha vida, mas este, este lugar é mágico.

Palmeiras em ambos os lados, pequenas luzes brancas embutidas no chão iluminam o caminho, no final do mesmo, uma fonte e atrás, o que na minha opinião se assemelha mais a um castelo, é como ser transportado para uma história de sonho na era medieval. A fachada de pedra, duas torres redondas e uma escadaria de adobe igual à torre mais alta, ambos os lados da escadaria enfeitados com flores brancas. Sei que não é um castelo em si, é uma aldeia, mas não consigo parar de olhar. Os jipes param na frente de dois senhores idosos, Don, sem a intenção de ser um cavalheiro, desce do veículo primeiro

e me deixa para trás. Deveria acostumar-me com essas pequenas coisas, ele não pode ser um cavalheiro na frente de seus homens, ele não deve mostrar-se fraco e eu não deveria importar-me como isso.

Raze é quem abre minha porta e me ajuda a sair do veículo, Dominic está sendo saudado com Roth quando chegamos ao seu lado.

A senhora, que presumo ser a esposa do zelador da vila, abre a boca, está prestes a dizer algo quando todos ouvimos uma voz estridente de dentro da casa, quase em sincronia olhamos para cima.

Fico congelada, assim como a bela loira que me encara. Uma mulher muito bonita. Definitivamente, não espera ver-me aqui, seus olhos assustados vão até meu prometido que tem uma máscara fria mais uma vez, quem é ela?

O cérebro vive sempre lhe dando essas advertências reais, mas o coração sempre faz o que quer, muito acima do que a mente ordena. Porque não tenho outra explicação mais plausível, desde o momento em que meus olhos pousaram sobre Dominic Cavalli soube que deveria ter ido embora, a partir desse momento que senti. Ele deixaria uma marca ardente na minha pele, o tipo de marca que não deixa cicatriz, mas sim feridas profundas. Não quis dar ouvidos a cada vez que essa reivindicação surgia na minha mente. E agora não sei, novamente, se deveria fugir ou simplesmente olhar a loira que saiu dessa casa de uma maneira muito familiar. Seu porte me intimida, sua forma sofisticada de mover seus quadris, ela é incrivelmente bonita, com seu cabelo tão loiro que parece cinza e seus olhos tão profundos.

Quem é ela e o que faz aqui? Quem é ela na vida de Don? Por que diabos eu me importo? Eu o encontrei fodendo dias atrás, mas isso não me importou nesse momento, não houve queimaduras nem feridas. Agora é diferente, estou com um sentimento terrível, porque ontem à noite ele me mostrou seu outro lado, acreditei nele. Pensei que no fundo que eu fosse importante de alguma forma distorcida. Não sou, simplesmente continuo sendo um corpo virgem para Dominic, sou um meio para se atingir um fim.

— O que faz aqui? — ruge.

— Queria ter-me por perto — murmura com uma voz doce e angelical. Uma voz tão suave que me provoca náuseas.

— Não me apresentará sua amiga, Don? — pergunto casualmente.

— Katniss, vá para o escritório — assobia para a garota, sem parar para responder à minha pergunta. *Katniss*, Katniss Florentino. Aquela que se diz ser a amante do meu prometido, a tal que espalhou um rumor de que estava

grávida. Ela, é essa Katniss, filha de um renomado juiz distrital.

— Quero voltar para Nova York — murmurou baixinho, apenas Raze escuta por estar ao meu lado. Seus dedos se cravam no meu antebraço me machucando. Sem ser agressivo, percebendo meu encolhimento, ele me solta. «Que porra foi essa?».

— Você é uma Cavalli agora — aconselha baixinho —. Entre nessa casa e encontre uma forma de fazer seu homem pagar por essa humilhação, mas não deixe transparecer o quanto isso a afetou.

Quero chorar, gritar, esbofetear a cara de Don, mesmo que isso signifique minha morte. Não faço nenhuma das opções acima, apenas olho nos olhos cinzentos de Raze e afirmo. Eu sou uma Cavalli, e eles não choram... Eles governam.

Olho para tal da Katniss e noto seu minivestido vermelho, que mais parece uma prostituta. Eu a vi somente uma vez, uma que já foi suficiente para saber que ela não me agrada, não devo confiar nela perto de Dominic em nenhum lugar. A maneira como levantou seu vestido a torna vulgar e barata. Don, por outro lado, é um cínico. Ele será meu marido por toda a minha vida, ela não, ele pode matar-me, ela não... ou assim espero. Erguendo o queixo, subo as escadas. Sou consciente do olhar de todos pelas minhas costas e posso perceber a tensão em Dominic.

— Você tem um minuto para sair da vila — cuspo em sua direção. A mulher pisca confusa —. Um minuto — repito calmamente.

Seu olhar vai direto para Don, pedindo ajuda em silêncio.

— Olhe para mim quando estiver falando com você — cito as palavras de Dominic, ela se encolhe de medo e inferno, isso me faz sentir bem perceber esse olhar de medo em seus olhos. Teme o Capo e consequentemente a mim. Minha respiração se torna muito irregular e a raiva que nunca senti está tomando conta de mim rapidamente, que me faz ferver e ver tudo escuro. Não penso ficar um segundo mais perto dele... Ela, embora me incomode, não tem culpa. Quem me deve respeito é Cavalli, nós somos... Deuses! Nós, não existimos, não somos nada. Sou sua escrava e ele meu dono.

Sabia que não podia confiar em suas palavras na noite passada, “vamos tentar” *Putz!*

Por que eles fazem isso? Não é mais fácil amar e ser fiel a uma pessoa do que sair por aí fodendo todo mundo? Eles adoram, isso é, fazer os outros sofrerem sem compaixão é sua paixão. Sinto um golpe duro ao lembrar suas carícias

e como me venerou esta manhã.

Para quê? Para foder com essa loira?

Não tem escrúpulos! O que eu esperava? Ele é o chefe da máfia.

— Tire-a da vila, Dominic. Agora. — É a minha última palavra antes de entrar na sala, seguida por Raze. Ouço as ordens em italiano e a voz da garota implorando por alguma coisa, mas continuo caminhando sem rumo dentro da construção, sem prestar atenção aos detalhes, só caminho até passar por uma sala de jantar com pelo menos trinta cadeiras, finalmente chego a um terraço aberto onde me curvo sobre mim mesma, cheia de raiva e frustração.

Ouço seus passos apressados. Entrará a qualquer momento, tento ser mais rápida e sair, mas suas mãos seguram minha cintura e me carrega em seus ombros, golpeio suas costas com meu mundo de cabeça para baixo. Ele começa a andar sem se importar com meus gritos ou golpes, sobe ao segundo andar e entramos em um quarto. Aí ele me joga na cama e, rapidamente, está em cima de mim e lhe dou um soco ou uma tentativa de um, só quero machucá-lo, mas ao fazer isso ele pega as minhas mãos e as coloca sobre minha cabeça, segurando-as com força.

— Solte-me! — grito esperneando sob seu corpo —. Não tem esse maldito direito de me fazer isso! Quero ir embora!

— Emilie — suplica cravando-me as pontas dos seus dedos nos meus pulsos. Vejo tudo vermelho, só quero continuar agredindo-o, mas por mais que tente escapar do seu agarre, não consigo. Grito tanto que chega a arder minha garganta, eu o amaldiçoo, xingo e lhe digo coisas horríveis cega pela raiva.

Meu cabelo gruda na minha testa com o suor, meu ventre se estremece com cada tentativa de respirar e meu coração parece estar despedaçado. Passo a dizer frases que magoam, ferem em meio as lágrimas, depois de alguns soluços intermináveis. Dominic permanece sobre mim com os olhos fechados e, ocasionalmente abaixando a cabeça no interior do meu pescoço, evitando assim olhar-me, invocando algum tipo de paciência extra. Não sei quanto tempo fiquei gritando forte, acalmando minha raiva. Parece que ficamos horas em silêncio, antes que alguém dissesse algo. Continuo respirando irregularmente, minha raiva está diminuindo enquanto o tempo transcorre. No final deixo de lutar contra a grande montanha de músculos em cima de mim.

— Solte-me — sussurro e me arde a garganta.

— Quer fazer o favor de se acalmar? Você machucou sua garganta.

— Sua culpa! — grito. Finalmente, deixa seu esconderijo no arco do meu

pescoço. Seus olhos agora são chamuscas azuis, como se minha atitude o irritasse. Sua bochecha está vermelha com o golpe que lhe dei. Oh, meu Deus. Eu bati no chefe da máfia —. Como pude fazer isso? Você a enviou aqui para transar com ela, enquanto eu estaria em Nova York sendo sua estúpida prometida!

Não sei se minhas palavras o deixaram intrigado ou se ele se cansou de ter meu corpo como prisioneiro.

Ele me solta e se levanta, passando sua mão em seus cabelos inúmeras vezes. Aproveito para me levantar e tirar os cabelos grudados na minha testa.

— Você já a fodeu aqui?

— Não — hesita em dizer. Mente.

— Então, por quê?

— Talvez se preocupe comigo, suponho. Nós nos conhecemos há muito tempo — diz ele, começando a tirar o paletó.

— Claro, além de conhecê-la também a transa há muito tempo. Vá atrás dela! Pode ser seu brinquedinho, mas eu não, Dominic.

— Emilie, estou muito cansado para isso, minha pouca paciência acabou.

— Não dou a mínima para a sua paciência! — grito aproximando-me e golpeando-o no peito. Dominic fecha os olhos e respira fundo, depois se afasta até o banheiro —. Não me deixará aqui falando sozinha.

— Emilie...

— Emilie, nada! Isso não tem desculpa. Ela veio até aqui porque queria transar com você.

— E é minha culpa?! — grita. Seus músculos estão tensos e muito marcados em suas costas, mas seu grito me deixou muito assustada.

— É! — exclamo seguindo-o até o banheiro —. Sou sua prometida, em três semanas sua esposa, não pode continuar fodendo meio mundo! Droga, Don!

— Sou *il capi di tutti capi*, posso fazer o que quiser!

Fico em pé olhando-o. Quer dizer que está arrependido do que acaba de dizer, mas não é o caso. Apenas nos vemos, desafiando-nos. Respiro fundo para liberar a dor no meu peito, meus olhos inundados de lágrimas que não derramo.

Não aguento mais, acabou. Não me importo se esta é minha última noite com vida, nada mais me importa, não tenho nada a perder.

— Certo, você é o *Capo*. — Viro meu corpo para sair, se Cavalli sabe magoar-me, eu também sei. Eu o olho sobre meu ombro antes de sair

completamente do banheiro —. Não somos exclusivos, Don, e assim que aparecer a mais mínima oportunidade correrei para Vladimir, eu lhe abrirei minhas pernas e rogarei para me foda como uma besta só para me vingar.

Fecho a porta atrás de mim ouvindo-o golpear algo, certamente a parede. Não volto, apenas sigo em frente, quero chorar enquanto me esforço para não fazê-lo. A porta do banheiro se abre com certa violência.

— Emilie, não faça isso.

— Fazer o quê, Don? Amar-me? Não perder mais minha dignidade por você?

— numero —. Isso seria muito fácil para você. Ela seria mais feliz por ser sua prometida, pularia no vazio para cumprir um pedido seu. Eu não penso fazer isso.

— Katniss é só mais uma foda... não importa.

— Você já dormiu com ela?

— Uma vez, apenas uma vez e não significou nada — explica —. Nunca conversei com ela sobre qualquer assunto, nunca a abracei com vontade, nunca tive vontade de ficar olhando-a enquanto dormia ou protegendo-a para que ninguém a machucasse e muito menos esperei que acordasse ao meu lado. Saía da cama e agia como um idiota. Isso foi bem antes de conhecê-la, Emilie, fazendo com que mudasse todas as minhas ideias sobre o mundo que queria viver. Desde que me surpreendeu no escritório, não havia transado com nenhuma mulher... Katniss sabia da minha viagem, ela apenas interpretou mal minhas palavras em Nova York.

— Que palavras?

— Escutei algumas conversas, algumas mulheres do nosso círculo falando de você. Sobre nosso casamento apressado... Você não é italiana, não conhece nossas tradições. Todo mundo pensa que está grávida e que está carregando meu futuro herdeiro em seu ventre, por isso me casarei com você. Katniss é a responsável pelo boato, só queria impedi-la.

— Também ouvi esse boato — sussurro cruzando meus braços.

— Nunca mais diga que irá com Vladimir.

— Só quero fugir de você, Don.

— Cale a boca! — explode vindo até mim rapidamente. Sua mão pega um punhado dos meus cabelos. Nossos corpos quase colados. Sou uma maldita pervertida, porque toda essa luta me deixa queimando de desejo. E a fúria em seus olhos, ardentes —. Você é minha, Emilie. Não a compartilho, você não.

— O que quer de mim, Don?

— Você já sabe, pequena. Eu a quero, isso não mudou.

Ao vê-lo e depois de ter escutado tudo isso, não sei se é pela fúria prévia ou como me sinto necessitada, eu o agarro pelo pescoço com certa força e, sim, eu o beijo! Um beijo muito diferente daquele que iniciei há algum tempo, este é um mais bruto. Sua língua encontra a minha rapidamente, assim como suas mãos me apertam contra seu corpo levantando-me do chão, depois sinto como ele tira meu vestido e o deixo fazer.

Deixo-o que tire toda minha roupa, porque se é desejo o que ele sente, então quero que pegue meu corpo, que se canse de mim e me deixe ser livre. Talvez assim, obtenha finalmente o que deseja e acalme essa obsessão doentia. Ele me acomoda na cama, com os olhos em chamas ao olhar minha roupa íntima, posso ver como engole em seco e um sorriso arrogante se esboça em seus lábios, mas ninguém diz nada. Ambos sabemos que não devemos falar, ou isso, o que estamos fazendo, acabará antes de começar. Seus dedos estão sob minha calcinha e fecho meus olhos, forte, quando ambos descobrimos a minha umidade.

Fico envergonhada, minhas bochechas estão queimando e não consigo olhá-lo. Ele está sendo tão delicado quando me acaricia que uma lágrima cai, e ele se inclina para seguir com seus lábios todo o caminho que ela faz ao escorrer, em seguida, beija meus lábios. Seus dedos fazendo uma tortura requintada, minhas unhas cravando em suas costas enquanto as correntes de adrenalina viajam por todo o meu corpo.

«Eu o necessito dentro de mim». O pensamento me deixa fora de controle, tanto, que abro os meus olhos para que veja minha seriedade, minha mão segura seu pulso enquanto lhe nego um pouco. Ele está confuso e sério. Então pego sua mão e a guio passando pelos nossos corpos até chegar ao meu rosto, seu polegar acaricia meu lábio inferior. O sabor salgado da minha excitação sobre ele. Então movo meus quadris esfregando nossas partes. Está duro, posso senti-lo mesmo com o tecido entre nossos corpos impedindo o contato. Sua boca toca a minha em um beijo suave, doce e lento. Sua língua toca meu lábio inferior, suga e depois morde puxando-o lentamente. Um gemido desliza para fora da minha garganta enquanto subo um pouco até ele buscando que este beijo se aprofunde ainda mais, consigo quando suas mãos envolvem meus quadris puxando-me e fazendo-me sentar sobre suas pernas. Minhas mãos, como se conhecessem o caminho, viajam nos seus cabelos cor de chocolate. Don movimenta seu corpo friccionando nossas partes íntimas.

O mais interessante e, ao mesmo tempo, embaraçoso é que meu corpo o acompanha em um movimento ritmado. Grunhe e sua língua acaricia a minha, possuindo minha boca, solta os meus cabelos e minha mechas caem sobre suas costas. Estou queimando, uma queimação desconhecida que varre dentro de mim. Seus lábios estão famintos, possessivos e desesperados, minhas mãos parecem gananciosas porque tentam tocar toda a pele disponível, como é que conseguimos mudar uma briga feroz para isso?

— Não tenha medo — suplica em um sussurro.

— Não.

Dou um gritinho quando me deita na cama e fica sobre meu corpo novamente. Todo seu peso cai sobre mim junto aos seus lábios, esses lábios ardentes que beijam meu pescoço.

— Detenha-me, Emi. Faça isso — implora enquanto seus dentes estão raspando meu queixo —. Basta me pedir.

— Não — gemo. Não quero detê-lo. *Não quero*. Levanto meus olhos embalando seu rosto. Tantos demônios pedindo rendição nesses olhos azuis tempestuosos, tantos segredos gritando para serem liberados, então aí esse menino indefeso e desprotegido. Ambos estamos destruídos, não sei se é o adequado, mas não tenho medo. Isso só confirma quão idiota sou, Don só me maltratou, omitiu informação desde a primeira palavra dita, forçou-me a um compromisso indesejado e apenas deixou claro que só quer meu corpo.

Ele se move pela cama até descer dela e literalmente me arrasta com ele, meus quadris ficam na beira da cama e me levanta de uma forma que deixa somente meus ombros e cabeça ficarem apoiados na superfície, o resto está a sua disposição, como se mi intimidade fosse o prato principal do jantar. Beija a parte interna das minhas coxas e suspiro, então desce um pouco mais e passa a ponta da sua língua exatamente onde preciso. Eu me mexo impacientemente.

— *Sei bagnata e scivolosa, mia regina*^[18].

O que significa isso? Não é como se pudesse pensar em mais alguma coisa, principalmente quando seus dedos estão colocando de lado minha calcinha ou quando seu rosto está tão próximo do meu lugar proibido e muito menos quando sinto o calor de sua respiração está pegando-me de cheio lá... Apenas necessito sentir sua língua úmida no meu centro para soltar um grito dos meus lábios. Então, ele me dá uma palmada forte na bunda e exige com sua voz rouca para que eu fique em silêncio. A língua é substituída por uma

sucção que me eleva à décima maravilha do mundo. Tenho que me agarrar aos lençóis para não gritar de prazer e fecho os olhos com força quando ele me morde. *Deuses...*

Não tenho a menor dúvida que deveria dizer-lhe que ninguém nunca me tocou dessa maneira ou talvez deveria clamar seu nome como oração. Porque, certamente Cavalli será meu novo Deus... Sou ruidosa, muito ruidosa quando ele puxa minha calcinha e a tira completamente do meu corpo, muito mais ruidosa quando volta a agarrar meus quadris e ataca minha montanha de Vênus, acho que agora sou sua sobremesa. E estou subindo, tão longe, que me pergunto o quão dolorosa poderá ser a minha queda, viajo em um mar de sensações enlouquecedoras e ardentes, passo de uma dor intensa no meu ventre que grita desesperado por sossego a um grito real que emana dos meus lábios, quando me libero com espasmos que escapam do meu controle.

A princípio fico um pouco envergonhada, mas completamente assustada de quão ousada sou. Estou deixando este homem me possuir sem qualquer recato. Minha mente, ainda nublada pela descoberta recente, é pressionada ainda mais quando ele abre meu sutiã. Estou completamente nua, *deuses*, estou nua na frente desse homem. E ele parece gloriosamente imponente, ainda com calça social e camisa.

— Tire as minhas roupas.

— Eu...

— Tire-as — insiste, oferecendo-me sua mão, eu a seguro para me colocar em pé. Minhas mãos tremem quando as passo sobre o tecido de sua camisa cinza e tento abrir cada botão rapidamente. Seu torso é minha única visão, em seguida, empurro o tecido pelos seus ombros e braços e vejo como se se movem cada um dos seus músculos. Assim, descalça e nua, diante deste espécime criado em algum santuário. «*Sou eu pensando assim?*».

— Calça.

— Seus sapatos — pronuncio com a boca seca.

Ele os tira enquanto me observa no processo, parece esperar que eu fuja. E eu quero fazê-lo, principalmente vendo tudo isso; estou com medo.

Baixo a cabeça para abrir seu cinto primeiro, tirando-o, então abro sua calça, seu pênis ereto, grande e grosso não permite que sua calça deslize por suas pernas. Don levanta meu queixo e dá um beijo doce em meus lábios. Eu o sinto tirando sua calça e lutando contra ela, então algo meio molhado e duro atinge minha cintura. Meu Deus! Seus lábios se afastam dos meus e a

curiosidade é muito grande. Direciono meu olhar ao que está pressionando meu estômago e engulo em seco. É enorme, isso não entrará em nenhum lugar do meu corpo. É um pênis enorme! Já havia visto alguns em sites quando buscava imagens sensuais para as capas dos livros e minha nossa, nada era parecido a senhor *sabugo* que saiu para cumprimentar.

A memória de como tinha a garota contra seu corpo, dança atrás das minhas pálpebras. Ela estava desfrutando e por alguns segundos eu quis estar no seu lugar, em seus braços.

— Quer tocar no *Smurf*?

— Só pode estar brincando. Acaba de chamar isso de *Smurf*?

— Toque-me... Está com medo, linda?

— Idiota.

— Linda.

Suspiro quando ele pega minha mão e a leva para seu grosso... *Smurf*. Deuses, é muito depravado, por que merda o chama de *Smurf*? Olha para baixo novamente e encontro a razão, tem uma cor muito intensa... Roxo que parece azul, tem uma gota de um líquido brilhante, eu a limpo com meu polegar e escuto um gemido forte. Então deixo sair um grito de surpresa ao olhar algo mais detalhadamente, uma argola, tem uma argola no seu *Smurf*. O metal brilha debaixo de sua enorme cabeça e a pergunta que fica no ar é como deve ter sido doloroso colocar uma argola nesse local e isso não sai da minha mente. Meu polegar atrevido acaricia o metal e Don suspira forte.

— Você tem uma argola.

Ele beija meu pescoço e ajeita delicadamente meu corpo sobre a cama, pairando sobre mim, fico tensa, é algo que me supera. Não quero que isso acabe, tenho certeza que tudo o que sinto neste momento está correto, pois somos adultos que podem muito bem continuar com um ato natural, comum e normal como este. Seus lábios procuram os meus, desta vez suspirando sobre eles e necessitados, minhas mãos torpes, mas gananciosas, tocam toda sua pele permitida e alcançável. Desta vez sou eu quem o busca, seu toque. O cheiro que exala de seu corpo é inebriante, cativante. Sem deixar seus lábios quentes separarem da minha pele, distribui beijos pelo meu pescoço, mandíbula, ombro, e seguem um caminho até meus seios.

— Isso é ridículo. — Sua testa para no vale dos meus seios e sinto sua respiração quente arrepiando-me. Estou *nervoso*... — confessa.

— Eu também — digo chamando sua atenção, meus dedos se misturam com

seus fios de chocolate, eu os tiro de sua testa para olhar seus faróis azuis —.
Faça-me sua, Don.

CAPÍTULO 19

Dominic

Se fosse um homem bom, não continuaria com isso... Ela se oferece a mim só porque é demais, pressionei seus limites e a machuquei. Sua força de vontade ligeiramente desviada. É forte é inabalável, mas entre a noite de ontem em Nova York; onde a permiti ver outras facetas de quem realmente sou e esta noite na Itália; onde Katniss foi decisiva, gerando uma grande surpresa para a causa, Emilie se sente perdida. Ela, a única mulher capaz de bater no meu rosto em meio a uma briga, capaz de enfrentar-me, por um acaso é isso ou estou ficando louco? Sua rebeldia em relação a mim. A forma como conduz sua vida, não se sujeitando aos meus desejos. Mesmo agora, sob meu corpo, nua e de alguma forma vulnerável, ela é a mulher mais poderosa de toda a Itália e Nova York juntos.

Emilie é a visão etérea de um anjo sensual na minha frente. Seus cabelos castanhos-loiros acomodados atrás de suas costas, com suas pernas ligeiramente abertas, úmida, quente e tão malditamente pronta. Seus seios chamando-me para levá-los à minha boca para nunca mais soltá-los, sua boca entreaberta à espera dos meus movimentos e, meu pau prestes a explodir.

Beijo seus lábios inchados e ela corresponde.

Preciso colocar minha boca sobre a sua, agora. Subo na cama, acomodando-nos no centro da mesma, dando-nos o espaço suficiente para soltar as rédeas dos meus desejos e do seu corpo. Solta um gritinho tão sexy, que se torna um suspiro quando abro suas pernas. E aí, no centro do seu precioso corpo, a causa de todos os meus demônios. Minha boca ataca sua boceta rosada, com minha língua rodeio seu clitóris e suas dobrinhas. Ela se arqueia e puxa meus cabelos com força. Então começa a parte que eu mais gosto. Perde o controle de tudo. Deixo sua intimidade para percorrer todo seu corpo. Chupo, passo a língua de cima a baixo acariciando um dos seus seios, puxando levemente o mamilo e ela volta a gritar, gemer e mover-se contra mim. Seu calor envolve a cabeça do meu pau e fecho os olhos com força saboreando isso, apreciando cada momento. Uma parte de mim, grita para que a penetre sem cerimônia e a outra parte — não pensei que existisse —, diz para que seja cuidadoso e vá devagar, forçando-me a ter paciência e fazer as coisas corretas para a garota

que será minha esposa em menos de um mês. Afasto meu último pensamento para longe, quando Emilie move seus quadris tão ansiosa e desesperada, como eu. Apenas procura esfregar-se contra mim. Vejo como nossas partes de excitação, umidade e muito desejo. É então quando empurro um pouco contra ela e geme. Um concerto de gemidos para mim, saber que sou o único homem que viu isso me supera. Não me considero um machista, mas nesse momento, seria muito feliz de bater no meu peito como King Kong.

Estou ajoelhado no centro da cama, com a inocente garota de pernas abertas para mim, gemendo enquanto deixo apenas que nossas partes íntimas se rocem. E é devastador, sublime, extraordinário e muito perigoso. Principalmente quando move seus quadris e nos conecta. Seria tão fácil só empurrar. Um único momento e estaríamos unidos. Agarro sua cintura e a olho em seus olhos. Suas esmeraldas suplicantes.

Ela quer tanto quanto eu. *Foda-se*. Isso não deveria acontecer. Deveria esperar pela nossa noite de núpcias, alguma merda de romance como ela espera.

— É perfeito — sussurra lendo-me —. Esse nosso momento, é perfeito.

— Emi...

Ela é muito mais rápida que minha queixa quando empurra seus quadris, isso acaba comigo, levando-me à beira da loucura onde só quero permanecer deste modo, com ela; sempre. E isso é o que marca o fim. Toda a conversa interna é esquecida quando a deixo sobre suas costas novamente e se abre para mim. Emilie é como uma flor de lótus rodeada de escuridão, em águas sujas, mas brilha como nenhuma outra. Sua cor é vibrante, forte e termina deslumbrando. Isso fez comigo. Deslumbrar-me. Deslizo pelo seu corpo desde seus lábios e pescoço até seus seios. Eu me delicio com seus seios perfeitamente criados para caber nas minhas mãos, então sigo um caminho de beijos até o centro de seu ventre onde há uma cicatriz irregular, em seguida, lanço beijos curtos ao longo desta marca até o que suponho, uma marca de nascença em sua perna e, em seguida, minha boca pousa em sua doce boceta. Chupo, lambo, sugo e puxo entre os dentes até que o orgasmo a alcança. Nesse momento volto para cima, colocando meu pau latejante, dolorido e duro onde deveria estar.

— Olhe para mim — ordeno.

Arranha meus braços com suas unhas curtas e finalmente abre seus olhos.

A mais bela imagem de Emilie é quando acaba de atingir o orgasmo. Todas

as imagens dela são lindas, gloriosas e sublimes.

— Está muito molhada — pronuncio com desejo. Nunca falei tanto sobre sexo como agora. Uma parte de mim está apavorada com tudo o que está acontecendo.

— Por favor... Por favor!

— Adoro quando você suplica, minha linda.

Seus quadris se movem na minha direção e, sem deixar de olhá-la, solto meu pau para acariciar seu clitóris dolorido, então empurro um pouco sentindo como sua boceta gananciosa se contrai em torno de mim, exigindo que entre completamente. Então empurro mais fundo, quando ela solta um gritinho de dor movo mais rápido meus dedos. E a olho, realmente a olho com nossos corpos tensos, quando termino meu movimento e nos unimos, quando fico parado em seu interior deixando que seu corpo de adapte ao meu, em todo momento a olho. Suas unhas se cravam nos meus ombros, uma pequena lágrima escorre dos seus olhos, mas seu olhar continua fixo em mim, eles também veem minha alma. Permaneço assim, imóvel, até que sua respiração se torne mais calma, quando suas unhas deixam de marcar minha pele.

Ela está pálida, seus lábios inchados decorrentes dos nossos beijos, suor cobrindo deliciosamente seus seios e costas. Saio de dentro dela para que a partir dessa noite seu corpo reconheça quem é e será seu novo dono. Ela é tão apertada, tão minha... como uma luva de seda masturbando meu pau. Essas duas esmeraldas preciosas, pelas quais caí como condenado a queimar no inferno, elas me olham e tudo o que têm para oferecer essa maldita gratidão. E em movimentos rápidos de entrar e sair do corpo de Emilie, que geme, choraminga e grita de prazer como uma maldita oração em minha homenagem.

— Diga, linda — suplico em seus lábios —. Você está sentindo tudo isso?

— Sim... — Suspira deixando rastros de suas unhas nas minhas costas, até na minha bunda, onde me forçou a penetrá-la mais fundo —. Sinto tudo, Don.

É doloroso, posso ver seu desconforto, suas pernas tremem ao meu lado e sei que não existe forma de fazê-lo melhor. Sou muito grande e ela é tão frágil.

É a minha primeira vez fodendo uma mulher, onde me movo de tal forma, que o Smurf sente cada maldito canto apertado, sem preservativo, sou capaz de enlouquecer com esta boceta. Porra, Emilie Greystone você é viciante.

Quero mais, quero isso em cada puta noite de minha vida. Eu a quero nua em casa, esperando meu pau. Demônios, não sairei mais de sua boceta por anos.

Eu a foderei até me implore para parar. Você é minha.

Somos mãos, beijos, suspiros, carícias na pele e movimentos frenéticos um contra o outro. Luto para não gozar agora, porque quero dar-lhe muito prazer, primeiro rápido e depois lento, e tudo de novo desde o início. Ela está tão tensa, enquanto isso, eu, no auge de um orgasmo glorioso, rendo-me quando a beijo no pescoço. Sei o quão difícil é um orgasmo para uma virgem, mas tento dar-lhe todo o prazer possível.

— Venha comigo — suplico — goze para mim, linda.

— Deus! Deus!

— Diga — ordeno —. Como eu gosto, diga.

Ao olhar seus olhos, ambos nos entendemos.

— Sim, Don — geme.

E o mundo explode.

— Foda-se, Emi — balbucio.

Mudo os movimentos por circulares e me encaixo de frente a sua vulva. Porra, merda. Eu vou gozar muito. Grito seu nome ao mesmo tempo que diz um monte de palavras desconexas. Descanso minha cabeça sobre a dela, enquanto mantem suas esmeraldas fechadas e a beijo sabendo que tudo o que aconteceu esta noite, é muito mais que perfeito.

«Ela é perfeita. Eu não. E esse é o problema».

Não consigo parar de olhá-la, não quero parar. É linda, divertida e encantadoramente inteligente.

— Está muito calado — aponta enquanto se acomoda na cama.

Está apavorada, eu noto. Alguns minutos se passaram desde que fui ao banheiro, molhei uma toalha e tratei de limpá-la, minutos se passaram desde que me condenei e a acorrentei no meu inferno.

A toalha continha pequenos fios rosa de sangue e foi muito gratificante saber que ela desfrutou disso, mesmo não tendo um orgasmo comigo dentro, como já sabia que isso poderia acontecer, sendo que era virgem.

— Estou admirando-a — digo e é verdade. Um rubor sobe do seu pescoço às suas bochechas e atinge até a ponta do seu nariz de uma forma fascinante. Smurf protesta por atenção. Quer estar nessa boceta rebelde. É suficiente por enquanto, terá que abaixar a guarda. Sei que é um tipo de obsessão, uma

tortura. Só preciso de uma pequena dose e será o suficiente.

Isso me disse no dia que a vi no orfanato, isso repetia para mim mesmo todos os dias. Agora está aqui, comigo, sentada na cama manchada com seu sangue virgem e um anel de compromisso em seu dedo. Será minha esposa, a mulher com quem havia prometido para mim mesmo que a tiraria do meu caminho caso tirasse minha paciência, a mesma que minutos atrás me deu um tapa no rosto e agora tenho as marcas dos seus dedos estampadas no meu rosto... Meu maldito pau brilhante com o seu sangue. Olho a camisa que ela está usando — minha camisa — que me deixa louco. A camisa fica curta nela, evidenciando suas pernas, firmes e longas são adequadas para sua altura. Emi é pequena e, por mais estranho que pareça, adoro que seja assim, não gosto muito de mulheres altas e esbeltas. Sua beleza é normal, mas linda. Algo a torna especial. Emilie olha sua mão, como se tivesse descoberto a Antártida e eu a observo. Sua silhueta, a forma do seu rosto, as ondas no final dos seus cabelos e seus lábios. Malditos lábios chamativos.

— Ainda estou esperando — eu a lembro. Joga-se na cama olhando o teto branco, aproveito para envolvê-la com meus braços e tento não pensar em mais nada que não seja ela.

Tentar não pensar em quem sou, a responsabilidade nos meus ombros e como ela não deve ser importante para mim, como mantê-la ao meu lado sem afetar as partes que me atraem. Eu a abraço mais forte, apertando-a, quero se saiba que pode confiar em mim. Tenho a intenção de protegê-la de quem fez isso com ela. Ele estremece com alguma memória desagradável. Preciso saber o porquê minha prometida tem uma cicatriz em seu ventre tão irregular, quem se atreveu a tocar em um só fio de cabelo seu.

— Quando meu pai faleceu, minha mãe não era muito qualificada para cuidar de mim. Eu era uma adolescente, Holden estava em Londres estudando... Acho que se sentia sozinha, isso a fez tomar várias decisões, como se casar novamente.

— Ele era mau com você?

— A princípio não, era agradável, fazia de tudo para que estivesse bem, pelo menos foi isso o que pensei, então começaram as perguntas estranhas, coisas que não tinham sentido para mim. Minha mãe foi perdendo-se mais e mais em seu mundo, enquanto era consumida por outro tipo de inferno... Ela está um psiquiátrico.

Não pode continuar, está paralisada. Não quero fazê-la lembrar-se de nada

desagradável, quero que tenha lembranças minhas desta noite.

Ela se aconchega contra mim, encaixando seu diminuto corpo ao meu lado, é como se tivesse sido feita sob medida. Não consigo imaginar alguém machucando-a, tenho um nó na minha garganta, só quero matá-lo. Essa cicatriz que apalpei há pouco em seu ventre é uma marca, lentamente levanto a camisa que cobre seu corpo. Sua pele é tão suave e está localizada na parte inferior do seu ventre, se estivesse mais centralizada, pensaria tratar-se de uma cesárea, mas não, a marca está na lateral do seu corpo e é irregular.

— E isso aqui...?

Deixo a pergunta no ar, esperando sua resposta, caso se sinta confortável em compartilhar comigo. Dou-lhe um beijo delicado em sua cabeça.

— O marido da minha mãe...

Buscarei cada maldito nome das pessoas que estiveram prestes a machucá-la, elas me pagarão. A raiva corre em minhas veias e eu tenho vontade de arrebentar alguém ou um saco de pancadas. Não quero separar-me dela e a abraço ainda mais forte, sou consciente de que isso não é correto, não pode ser.

Não quero deixá-la, no entanto, farei isso. Estou perdido. Olha mais uma vez, mas agora outra cicatriz, a de seu pulso, quem a machucou dessa forma? Quem a marcou assim?

Sei que para Emilie não sou o homem ideal, também sei que ela merece uma dessas histórias românticas cheia de coisas tontas e bregas, merece também um amor real e verdadeiro. Não posso proporcionar-lhe o que merece, não posso dar-lhe nada além de dinheiro e proteção. Na máfia, os sentimentos são um estorvo, uma série de erros calculados. Isso é algo que não posso cometer, sou um capo muito jovem, minha entrada no poder não foi das melhores e cometi muitas imprudências as quais me levaram a sair do jogo. Não está em questão arriscar o que, com tanto esforço, construí e ganhei em troca de sangue e perdas, por causa de uma mulher, uma que pode abandonar-me. Se Emilie Greystone tivesse em suas mãos o poder de me deixar... sairia correndo fora do meu alcance, sem hesitar.

Entre nós a única coisa que podemos sentir é a tensão. Ela imersa em suas lembranças, receio que todos muito dolorosos, e eu, começando a perder o controle. O calor surgindo dentro de mim novamente me deixa assustado, não quero sentir raiva, ira, não hoje que compartilhei isso ao seu lado.

— Durma, Emi, — digo com os dentes cerrados.

— Não! — grita, com seus braços finos envolvem minha cintura e me abraça. Que demônios?

— Assim, só quero ficar assim — murmura baixinho, não entendo o que é tão grave. Talvez são essas imagens terríveis das quais me falou, talvez esteja com medo de dormir... «Oh, Cristo bendito!».

— Você tem pesadelos?

Por isso balbuciava na noite passada? Eram partes dos seus pesadelos? Que merda. Não quero saber a resposta, não quero que diga que tem marcas maiores do que as da sua pele. Tenho que deixá-la ir, tenho que me afastar dela. Só destruirei o pouco que resta, esta é a razão pela qual está separada de seu irmão? Ele sabia? Permitiu? Consentiu? Holden tem alguma ideia disso?

— Tenho imagens... — pondera —. Minha mãe cravando uma faca em mim... — Aponta para seu abdômen —. Enquanto eu dormia.

— *O quê?*

— Lembro-me da luta, lutei pela minha vida. Muito sangue, mas, acima de tudo, seus olhos vazios... Nessa noite, quem estava em cima de mim não era minha mãe, era apenas a casca vazia do que um dia foi uma mulher amorosa. Sua intenção era acabar comigo...

Seu peito se estremece em um grito silencioso, não há lágrimas. Sei porque estou acariciando sua bochecha. Estar envergonhada de algo não é sua culpa. Não consigo entender quando se refere que não era sua mãe, Deus! Como pode acontecer algo assim?

— Sua mãe tentou matá-la? É isso que você está dizendo, Emilie? E Holden? O que mais aconteceu? Quero saber tudo.

— Não há muito mais para saber — responde com uma voz fraca —. Ela ficou ali parada em pé, balançando seu corpo enquanto chamava meu pai e as horas passavam, Don. Hora após hora, enquanto eu sangrava. Ia morrer e estava bem com isso. Já não queria viver, não tinha forças. Minha vida literalmente girava sobre Joseph Greystone e quando ele morreu, meu mundo caiu.

— Emilie...

— O novo marido da minha mãe chegou de madrugada, mas quando acordei já estava no hospital e minha mãe em um hospital psiquiátrico. Ele chamou a polícia e depois sumiu, aparentemente era um pedófilo fichado e estava violando sua liberdade condicional al compartilhar a mesma casa onde residia um menor — narra sem qualquer emoção —. Holden voltou e me levou para

Nova York.

— Não, espere... Você acabou de pular uma parte importante.

— Gostaria muito dormir, se você não se importa, estou cansada depois de uma longa viagem, de encontrar a amante do meu prometido e depois acabar fodendo com este, quero fingir que grande parte deste dia não aconteceu.

— Esta conversa não acabou, Greystone.

— Boa noite, Cavalli.

Mulher maldita do inferno. Por alguma estranha razão, eu a coloco sobre meu peito, virando-a para ficarmos na posição de conchinha e envolvo seu ombro. Enquanto, tento de todas as formas não pensar no que ela me disse, no que passou entre nós. Sua respiração começa a ficar pausada, está dormindo. Deliberadamente olho seu pulso, essa cicatriz. Não posso, tenho que sair daqui agora, preciso de ar e respirar onde não tenha seu cheiro. Lentamente, saio da cama, pego no chão minha calça, o resto é um desastre, refletindo claramente o meu eu interior. Cubro seu corpo, tirando algumas mechas desses cabelos loiros e faço algo mais que é uma completa cafonice, inclino-me e beijo sua testa. Pego meu celular e caminho até a porta, mas primeiro, dou uma última olhada. Não posso fazer isso... Não com a garota que ficou ao meu lado, apesar do que eu sou. Viu meus demônios e ainda assim ficou. Adoraria ser tão forte quanto ela, porque sair e deixá-la dormindo sozinha no meu quarto, é coisa de gente covarde.

O que farei a partir de agora? O que eu fiz com ela mudará algo? Por que de repente e tenho uma nova visão em relação ao sexo? A resposta é clara. Ela. Essa garota. A doce ninfa dos olhos verdes.

Nossas malas estão no corredor, certamente obra dos Antonelli, eles têm cuidado desta vila desde a época do meu pai, é um casal conservador... razão principal pelo qual deixei bem claro que Emilie é minha esposa e não prometida. Nas famílias tradicionais italianas o que acaba de passar não seria visto com bons olhos, ela não é uma italiana e isso gera uma certa repudia, não quero somar a isso o fato de ser uma noite de núpcias não sendo mais virgem, como se essa merda me importasse. Eu a desejo e, caramba, faz tempo que queria estar metido em sua boceta, a única razão para demorar tanto foi por causa da minha vontade de não levá-la à força e deixar, que, de certa forma, ela tivesse mais controle, algo que pelo vista valeu a pena. Foi capaz de abrir-se para mim, não só suas pernas, mas também um pouco do seu passado e de seu sofrimento. Sabia, quando a tive diante dos meus olhos,

que não era só uma garota comum, Emilie guarda muitas coisas em seu interior.

«*Memória fotográfica...*» Não é só de armas que necessito contra meus inimigos ou a mulher quem possui algum tipo de documentação que Gabriel Cavalli, meu pai, desejava com fervor e, pela qual, parte de sua vida foi enviada ao inferno. Emilie tem muito em comum comigo, ambos sobrevivemos. Somos lutadores natos, ela participou de uma guerra contra sua mãe para salvar sua vida sendo uma criança, no meu caso, assassinei meu próprio irmão para herdar o título. Nosso pai acreditava que um duelo de morte era necessário para provar nosso valor, Damon não hesitou em me atacar e nós dois juramos morrer com honra, fosse ele ou eu. Ainda desejo ter tomado seu lugar... Damon morreu sob minha faca, meu pai afogando-se em sua dor por não ficar com o filho que ele queria como seu sucessor. Sim, Emilie Greystone, somos guerreiros malditos.

— *Nonna* — digo, encontrando-a na cozinha preparando macarrão.

— *Mi bambino* — responde acenando com a cabeça.

— *Não deveria estar dormindo?* — pergunto em italiano.

— *Os jovens Nikov estão com fome.*

— *Sempre eles. Minha esposa está dormindo, provavelmente acordará logo por causa do jet lag, poderia preparar algo para ela?*

Marcela, que durante anos viveu sob as ordens do meu pai, hesita um pouco, é perceptível, mas vejo a mudança.

— *Minha esposa é boa* — afirmo olhando para o outro lado —. *Ela é inocente, ri com todos, tem boa índole... É boa e não a mereço, ela não é como Isabella, o que presenciou na entrada foi só apenas parte do meu lixo.*

— *Não consigo deixar de vê-lo como uma criança feliz que corria no vinhedo, suja de tinta*— lembra-se com tristeza —. *Esse garoto terá uma boa esposa.*

— *Mudou tanto...*

— *Continua sendo meu menino, só que agora mais forte, e sei que sua esposa não me agredirá, aparentemente, essa parte já foi tomada por outra pessoa.* — Sorri enxugando as mãos em um pano de cozinha.

— *Ainda continua plantando flores na colina?*

— *É meu hobby, meu menino.*

— *Emilie ficaria feliz em conhecer esse local.*

— *É você quem me está pedindo permissão?*

— *Acho que sim* — sussurro com um meio sorriso.

— *Uma caminhada até o vinhedo seria interessante para apaziguar sua falta de horas atrás.*

— *Também acho, embora tenha usado outras habilidades com ela... Vovó!*

— grito quando me bate com seu pano de prato do seu ombro. Esta bendita coisa existe para educar.

— *Você é o governante da máfia siciliana, mas no meu coração você ainda continua sendo meu menino.*

— *E no meu, se é que ainda possuo um, você é muito mais que aquela que disse ser minha mãe, vovó.*

— *Vamos deixar o sentimentalismo de lado e me conte a razão de sua visita à minha cozinha.*

Ela me conhece como se eu tivesse saído de seu ventre e nutrido em seus seios.

— *Rosas, preciso de dezenas de rosas.*

CAPÍTULO 20

Emilie

Acordo assustada e me sento rapidamente na cama, com meu coração acelerado, minha testa suada brilhando como pérola e as lágrimas fazendo um rio nas minhas bochechas. O gosto repugnante na minha garganta me invade, tusso, tentando respirar enquanto repito para mim mesma que acabou, que é só um pesadelo e mais nada. Nunca mais voltarão a fazer isso novamente, não sou mais essa garotinha.

Eu me estico sentindo dor, uma dor que me lembra a incrível experiência que acabei de ter. Toco meus lábios que estão um pouco inchados, por causa do intenso Sr. Cavalli, e sorrio ao ver a imagem da garota refletida no espelho da penteadeira. Meu cabelo está uma desgraça e estou vestindo apenas sua camisa, toco meu pescoço e vejo dois chupões roxos. Esse filho da puta me marcou. Fico relembrando seu toque, as carícias, os beijos e como derramou em mim cada parte sua. Decido parar com os meus pensamentos.... Dominic apenas buscava um corpo para satisfazer seus desejos e, assim o teve há algumas horas e espero que seja o suficiente. Saio da cama manchada com meu sangue.

“Eu a possuirei em nossa noite de núpcias, ficarei com o meu pau cheio de seu sangue virgem. Eu a ensinarei a foder como uma cadela, quando eu não estiver dentro de sua boceta, suplicará meu nome várias vezes até ter-me dentro de você. Se você for boazinha comigo, talvez eu a deixe viver por alguns meses”.

Lembro-me dessas palavras de Dominic semanas atrás. Embora estivéssemos em meio a uma discussão terrível e, certamente, poderia levar meu corpo contra a minha vontade... Don teve paciência, ele me esperou, deu-me a oportunidade de escolher de alguma maneira, realmente fez isso? Ou isso formava parte de sua excelente arte de manipulação? De qualquer forma, foi delicado e tenho medo de dizer, inclusive, foi muito carinhoso. Penetrou-me e parou, esperou que a dor diminuísse, proporcionou-me vários orgasmos e um prazer que beirou o paraíso. No banheiro vejo o sangue diluir-se com a

água, sinto uma leve queimação na minha privacidade e meus lábios vaginais inchados, lavo meus cabelos, meu corpo e escovo meus dentes.

E então desabo; os soluços me sufocam enquanto me deslizo pela parede até o chão, abraçando minhas pernas. Não quero amá-lo, não quero apaixonar-me por Dominic Cavalli. Sei as consequências de amar, como isso machuca, aniquila. Vê o mundo com os olhos dessa pessoa, você dá tudo de si, se engana ao colocá-lo em um pedestal e então vem a queda... Essa queda o destrói.

Ter o coração aberto, dar para a pessoa errada, deixa marcas indeléveis, marcas profundas. Não quero perder mais ninguém...

Não posso amar um mafioso.

Não quero acordar com a notícia de que nunca me amará em troca, de que não se permitirá amar nenhuma parte de mim. Mereço muito mais.

Quero ser capaz de confiar, entregar-me sem medo de sair machucada.

O amor não deveria doer, e com Dominic, sei que será devastador. Se o amar, se por um erro meu chego a sentir algo por ele, eu me tornarei um reflexo de minha mãe. O casal perfeito aos olhos do mundo.

Recomponho-me, termino meu asseio e me envolvo em uma toalha fofinha, volto para o quarto enorme, e para minha surpresa vejo Dominic trocando os lençóis da cama, melhor dizendo, transformando os lençóis sujos em uma bola de tecido branco. Tem os cabelos molhados, sinal de ter tomado banho e está vestindo calça de moletom, nossas malas estão abertas e ele deixou um vestido de verão dourado na cama, junto com a roupa íntima cor bege, uma bandeja cheia de comida apetitosa e um buquê de rosas vermelhas de caule longo, são pelo menos cinco dezenas de rosas. O que acontece com as rosas? Por que meu coração dispara quando as vejo? Por que sinto que é algum tipo de declaração oculta?

— Bom dia, pequena — cumprimenta caminhando na minha direção, naturalmente, como se sempre fizéssemos o mesmo. Discutir e transar como selvagens, para acordar com o café da manhã na cama. Pegando-me desprevenida, rouba um pequeno beijo, um simples roçar de lábios.

— Bom dia.

— Estava esperando que acordasse, ainda não amanheceu, mas os garotos estavam famintos e Marcela preparou algo para você, está com fome?

— Um pouco, obrigada.

— Está dolorida?

Minhas bochechas se iluminam e ficam com duas esferas vermelhas enormes.

— Um pouco... Obrigada.

— Agora apenas responderá com, “*um pouco, obrigada*”?

— Poderia responder com, “*vá a merda*”. Mas acho que não goste do meu vocabulário limitado.

— Gostei quando estava ocupada gemendo, sendo assim, devo fodê-la mais uma vez para manter essa língua no seu devido lugar?

— Por favor, poderia sair para que eu possa vestir-me?

— Está falando sério? — ironiza —. Acabamos de foder, Emi. Não existe nenhuma parte do seu corpo que eu não conheça agora. Vamos, Emilie. Coma comigo na cama e pare com essa mania boba de contradizer tudo o que digo, não sou seu inimigo.

Suspiro, ele está certo. Não posso continuar com esse jogo bobo de poder que não levará a nada. Revirando os olhos, deixo cair a toalha, coloco minha calcinha e, em seguida, o vestido dourado sem sutiã. Maldito *jet lag*, estou cansada, dolorida e, sim, com fome.

— Faz quanto tempo? — pergunto sentando-me na cama e mordendo o *croissant*, Don, em contrapartida, escolhe macarronada com molho branco.

— Você tem que ser mais clara, Emilie.

— Desde quando você transa com ela?

O garfo cheio de macarrão está suspenso entre sua boca e o ar. Seus lábios se fecham em uma linha, enquanto reposiciona o garfo no prato. Pode-se sentir no ar o desconforto que emana do meu corpo.

— Não acredito...

— Não estamos falando sobre o que você acredita ou deixa de acreditar. Eu quero respostas, você já conhece minha vida.

Minha atitude o incomoda, é visível.

— Emilie, isso só nos levará a outra discussão.

— Responde — secamente.

— Ela vem tentando há mais de dois anos, primeiro cheguei a cair em algumas situações que não foram precisamente o fato de foder e alguns meses antes de conhecê-la, ela passou uma noite em Nova York. E isso foi tudo, está feliz agora?

— Não, não estou. Dois anos? Não tem nem ideia, pode ter sido muito mais. Como pode uma mulher permitir ser usada por tanto tempo? A resposta está bem na minha cara. Ele, o que fez comigo horas atrás. É viciante. Sou prova

disso, passei de estar irritada, furiosa, a ficar debaixo de seu corpo. Deixei que me possuísse, eu lhe implorei cheia de necessidade.

— Pare de fazer isso — repreende —. Comparar, pensar demais. O que interessa é que estou com você, a situação é totalmente diferente.

— Não tem que me dar nenhuma explicação.

—Emilie, quero que entenda que Katniss sabia desde o início o que eu realmente queria, foi uma situação fácil para os dois. É uma mulher solteira, eu era um homem solteiro. Muito tempo juntos... as coisas aconteceram.

— Você era um homem solitário?

— Era, agora estou com você, Emi. Eu lhe disse quando estávamos em Nova York que realmente espero que o nosso relacionamento dê certo.

Eu o observo com meu coração na mão enquanto ele come. Está comigo, o que isso significa? Ele já falou sobre isso?

— Ela continua na vila?

— Não, está voltando para Nova York. Esqueça a Katniss, ela não é importante.

Quero continuar irritada, mas não consigo. Isso já forma parte de seu passado. Devo acreditar que não a procurará? Não sei. Ninguém tem certeza de nada nesta vida. Está comigo. Ela o viu, mas não quero tornar-me em uma *Katniss*. A garota necessitada, essa que inventa desculpas para procurá-lo.

— Não quero continuar discutindo — argumento.

Sento em seu colo e escondo minha cabeça em seu peito. Quero dizer-lhe o porquê é importante para mim conhecê-lo. Primeiro, deixo que termine de jantar. Ele se dedica a acariciar minhas costas. Há pouco o levei ao limite, não devo esquecer isso, isto é o que acontece com os casais? Brigam constantemente entre si por coisas sobre as quais se pode falar?

Fico surpresa quando ele me abraça e envolve minha cintura.

— Quando tento conhecê-lo, faço isso porque... — balbucio hesitante —. Não é para pressioná-lo, tenho curiosidade e quero aprender cada detalhe.

— Não quero que fuja de mim, Emi. Conhecer-me a fará sair correndo.

Inclino-me para olhá-lo, envolvo seu pescoço com as minhas mãos. Preciso garantir isso de alguma forma. Levanto minha mão, mostrando-lhe meu anel de prometida.

— Serei sua esposa, Don, até meu último suspiro.

Droga, posso ver esses muros levantando-se, cada camada fria interpondo-se entre nós. Não o permitirei, de novo não.

— Estou aqui e sou sua. Nunca irei embora, jamais penso abandoná-lo. Somos uma equipe — sentencio, ao mesmo tempo que pressiono meus dedos em seu peito, justo sobre a tatuagem —. Comece a tratar-me com o mesmo nível e serei leal até minha morte e — declaro beijando seus lábios.

— *L'inferno conosce la mia anima. Che si impietosisce di mio per rubare la tua luce.* [\[19\]](#)

— Quero aprender italiano.

Isso traz o mais doce dos sorrisos. Sim, o Capo sorri. Afinal de contas, até os monstros têm coração.

— Não sou meu pai, Emilie, sabia?

— Quero acreditar nisso, Don. Como quero.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance para demonstrá-lo.

— Isso significa que estamos juntos, como um casal de verdade?

— Significa que você é minha e a matarei antes de deixá-la ir.

E essa declaração deveria assustar-me, mas provoca exatamente o contrário.

— Nunca me amará. — As palavras saem em um sussurro baixinho. Sua doce carícia nas minhas costas para —. Não diga nada, Don.

CAPÍTULO 21

Dominic

Um idiota estúpido, é o que sou nesse momento. Olhando a paisagem da vila, relembro meus melhores dias de infância, quando minha mãe ainda tinha um sorriso em seu rosto. A pintura era uma de suas artes e caminhar pelo vinhedo, uma paixão que enchia sua alma, nunca foi uma mãe amorosa, mas em seus melhores dias nos deixava acompanhá-la em seus passeios ao entardecer. São meus únicos momentos, depois disso, só existe uma mãe depressiva, cada dia mais imersa no álcool, espancada e destruída.

Gabriel Cavalli não era um bom marido, amava Isabella Cavalli do seu jeito tóxico, que Deus me condene se eu estiver mentindo. Ele a amava, com esse tipo de amor que destrói, é por isso que quando Isabella fugiu, uma parte de mim sabia que estava tentando sobreviver, reconstruir-se em um novo relacionamento. Essa pequena inocência em mim esperava vê-la regressar por seus filhos, tentar recuperar-nos, lutar, algo... Nunca aconteceu e minha inocência morreu com ela.

— Quando estiver pronto, Don — Roth interrompe meus pensamentos atrás de mim. Larguei meu copo de *Bourbon*, virando-me para encará-lo. Passou a manhã treinando com Raze na academia, talvez esta viagem de alguma forma junte os Nikov.

— Onde está Emilie?

Faz quatro horas que a deixei dormindo no nosso quarto, depois de olhá-la como um tolo por um bom tempo.

— Na piscina — diz Roth, que se manteve à margem, está olhando-me com um semblante sério.

— Algum problema? — questiono meu braço direito, minha família.

— Então você e ela...

— Não vamos falar sobre minha prometida.

— Uau! Isso é uma grande mudança.

— Ela é minha mulher, sim. Isso é tudo o que precisa saber.

— Estou feliz por você, irmão. Não estrague isso.

— Como poderia estragá-lo?

— Você tem uma tendência destrutiva.

— Vamos falar de negócios — corto, cruzando meus braços.

O suficiente para falar sobre mim. É hora da *famiglia*, dos negócios. Tenho um cadáver para visitar e um filho para posicionar em um novo cargo, sem contar uma conversa pendente com Holden Greystone.

— Quero matar Greystone.

— E ainda me pergunta como poderia estragar tudo. Não pode matar seu cunhado.

— Eu posso, acidentes acontecem o tempo todo.

— Vamos, Don. Ele é um dos melhores lavadores de dinheiro, o que ele fez?

— Deixou que machucassem Emilie.

Roth fica tenso, o homem que gosta de manter silêncio e que só fala comigo.

— Dra. Falcón confirmou a virgindade de Emilie.

— O machucado não foi nesse sentido.

E começo a relatar tudo, cada palavra que Emilie disse, as emoções tão confusas quando falava sobre essa noite.

Roth escuta pacientemente, auxiliando em algumas partes e perdido em outras. Não entendo como Greystone nunca ajudou Emilie, é sua irmã, seu sangue, o único membro de sua família imediato que ainda respira, além de ser um certo segredo em miniatura que mantém discretamente.

Emilie estava desprotegida, sem qualquer segurança, morando em um apartamento compartilhado com uma prostituta russa. Holden a deixou por conta própria, com o pretexto de deixá-la livre para fazer o que quisesse. No meu mundo, as mulheres não devem querer ou aspirar a nada, são um objeto lindo e marcante que serve para dar prazer. Irônico isso, pois não consigo olhar para Emilie dessa maneira. Droga, ela sabe dar prazer, que Lúcifer me condene se estiver mentindo; mas também é uma fera, bate no meu rosto, enfrenta, confronta e isso não foi feito por nenhum homem do passado, talvez Raze, não tem a menor ideia de quando me respeitar. Emilie é forte. E estou ficando louco por ela.

— Don, há algo que deveria saber.

— Isso deverá esperar, primeiro quero despedir-me de Emilie e partir para a Villa Romano. Obter uma confissão do velho e divertir-nos um pouco — ironizo, puxando minha faca de caça, observando a luz refletida nela. «*O único tipo de reflexo que suporto e ainda mais se for decorado com sangue*». Roth afirma, abrindo as portas duplas do meu escritório, coloco a faca na bainha, em volta da minha cintura. Desta vez, coloquei de lado meu terno

usual de três peças, por uma camisa preta e jeans da mesma cor. Mais tarde, serão roupas ensanguentadas, estou pressentindo.

Sigo-o para fora, sem olhar para trás, para a vista panorâmica da varanda. Não vale a pena voltar ao passado, não quando há uma loira está na piscina com um biquini minúsculo de duas peças, pelo menos isso espero.

Sinto essa aura negra do meu *consigliere*, regularmente está de bom humor quando sabe que iremos torturar um traidor da *famiglia*, mas esta manhã anda com o olhar distante, ausente. O que diabos está acontecendo?

Ele é meu irmão, merda. Encontrei Roth Nikov quando era um garotinho, na rua, remexendo latas de lixo, comendo o que havia nelas. Ele era alto e subnutrido, era bom em fugir quando se tratava de roubar, não falava uma merda em inglês. Eu o transformei em meu animal, meu experimento. Ambos temos a mesma idade, mas Roth era um animal selvagem, enquanto eu era um garoto rico que tinha pelo menos onze mortos nas costas. Roth não se curvava diante de nada, nem dos meus punhos ou de minhas palavras. Eu o escondi na minha casa, eu o alimentei, treinei como uma porra de um saco de pancadas, até que uma noite quando ele lutou, ele me fez sangrar. Ninguém, nunca, jamais, fez-me sangrar... esse privilégio só possuía Gabriel Cavalli. Roth mostrou suas garras e a partir desse dia tornou-se minha sombra. Meu irmão por opção.

Já nos salvamos inúmeras vezes, foi o primeiro russo a fazer o juramento da *famiglia*, foi quem, ao meu lado, acabou com a hierarquia de Gabriel Cavalli, que me libertou das correntes. Gabriel não era apenas um maldito filho da puta assassino, era também um pedófilo que gostava de foder garotos, crianças indefesas. E ele fez isso com Roth, mais de uma vez. Algo pelo qual ele está morto. Roth era meu animal de estimação e de mais ninguém, nem mesmo meu pai deveria tê-lo tocado. Ninguém toca no que é meu e continua vivendo para contá-lo, nem meu pai, nem meus inimigos.

Definitivamente, Emilie está usando o melhor biquini de todos os tempos; duas peças de tecido quase inexistentes cobrindo apenas o essencial, certamente algum modelito de suas compras recentes. É muito ousado para ser de sua velha coleção de roupas e está linda. Os trabalhadores do jardim pararam de olhá-la assim que perceberam minha presença. Raze, que está a uma distância prudente, levanta o olhar do seu celular. Ao perceber de que não sou um perigo, ele retoma seu interesse pelo dispositivo eletrônico.

Meu pau endurece e meus sentidos são eclipsados pelos triângulos azuis que

cobrem apenas seus mamilos rosados, ela está de costas e se inclina para frente, gemo baixinho, vendo as bochechas de sua bunda se abrindo. Merda, deveria receber meu pau nessa maldita posição. Sua pele de porcelana fina, até mesmo o início de sua intimidade. Branquinha e macia. Lembrar de sua boceta só complica a vida do Smurf. Cacete, quero mandar a família Romano à merda e ficar com ela na piscina, para fodê-la como um animal.

Só que ela está dolorida... *La famiglia* e os negócios são prioridade.

— Sra. Cavalli — percebo que está alegre. Minha pobre garotinha dá um pulo, endireitando-se e deixando cair o protetor solar. Está vermelha como uma maçã quando me encara, seus cabelos loiros presos em um rabo de cavalo alto. Suas bochechas coradas a deixam ainda mais jovem e fresca, inocente —. Raze lhe fará companhia, se você quiser sair para comprar alguma coisa, você tem dinheiro suficiente em seus cartões novamente, ou devo avisar ao banco que minha prometida pode gastar cerca de quatro milhões hoje?

A pergunta é apenas uma referência as compras realizadas na semana passada. Tenho dinheiro suficiente, alguns milhões não me tornarão menos bilionário, mas ela não é uma garota consumidora ou amante do dinheiro. Se esse fosse o caso, a conta que Holden Greystone havia disponibilizado para ele, estaria permanentemente zerada, e se Caleb, meu homem de investigação, fez seu trabalho direito, a bela dama tem no mínimo dez milhões em sua conta, sem usar um único centavo. Ela não é interesseira e muito menos uma mulher supérflua, decorativa.

— Para sua sorte, não estou com vontade, talvez semana que vem acabe comprando um diamante ou um carro novo.

— Quer comprar um carro? — pergunto genuinamente interessado. Tem um Mustang velho. Franço a testa, deveria comprar-lhe um carro esportivo.

— Não, Don, não quero nenhum carro. Estava apenas tentando ser brincalhona e ao mesmo tempo irônica.

Bem, não entendo muito seu humor. Se quer um diamante, você o terá. É minha esposa, pelo amor de Deus, se desejar o mundo, eu encontrarei uma forma de colocá-lo aos seus pés. Irônico, quero dar-lhe tudo, exceto o que espera de mim, amor.

— Sairei com Roth, um helicóptero nos espera. Voltarei antes do jantar — informo. Afirma incomodado. Essa boca deliciosa me chama.

Quero beijá-la, droga! Sempre quero possuir alguma parte sua.

— Sairei com Raze para dar uma volta pelo vinhedo.

Eu gosto disso, é um aviso, não uma pergunta. Endireita seus ombros esperando algum tipo de retaliação.

Sempre na defensiva comigo, quando vai entender que não sou seu inimigo? Nós dois ficamos parados por alguns segundos observando-nos, hesitantes, incomodados. Porra, ela é minha mulher... se quero beijá-la, posso fazê-lo e pronto. Por que não pegaria o que é meu?

E no fundo eu sei o porquê, espero que me diga um “volte logo”. Ou um, “cuide-se”. Algum sinal de que se preocupa comigo, que se morresse hoje, pelo menos alguém sentiria minha falta. Roth fará isso, sei que sim e buscaria o responsável pela minha morte, mas quero ser importante para mais alguém, para ela. Nunca ninguém se importou comigo, meus gostos, meus costumes ou algo tão superficial como minhas preferências musicais. Roth conhece partes de mim, pequenos vislumbres do ser humano que me habita, com Emilie, tenho insistido em lhe mostrar o homem que sou e não uma fera, mas apesar de tudo, ela continua temendo-me, repudiando a ideia de ser minha esposa. Afinal de contas, é uma loira inteligente. Meu humor muda da emoção para frieza. Percebe, claro que o percebe, mas não diz uma palavra e eu, muito menos.

Saio deixando-a em pé, parada, confusa e com um olhar fixo nas minhas costas. É por causa do sexo, agora se sente ainda mais confusa, não consegue assimilar ter desfrutado essas horas de prazer com o que chama de um monstro do meu nível. Vive com essa indecisão, em um momento sinto seu desejo e no seguinte seu ódio.

Roth, meu homem fiel e leal, segue meus passos, e no caminho nos encontramos com Marcela, minha *nonna*, na porta de saída. Ele traz uma pequena caixa de madeiras em suas mãos, oferecendo-nos alguns charutos e um isqueiro.

— *Nonna.*

— *Essa sua mulher quer preparar uma massa para você esta noite, ela me pediu ajuda. Você está certo, ela é uma boa garota.*

— *E uma cozinheira maravilhosa — digo em italiano.*

Ainda me lembro daquela tarde na casa de Holden, preparando uma sopa simples, desde então era um homem condenado ao seu charme.

— *Ninguém lhe faz uma macarronada melhor que a minha, eu a ensinarei.*

— *Não tenho a menor dúvida, vovó.*

Inclino-me para receber sua bênção, é um sinal da cruz. Às vezes penso que os italianos procuram estar bem com Deus, acima de tudo, conhecendo a nossa alma. As famílias tradicionais vão à igreja todos os domingos, pedindo a redenção de suas almas e, quando vão embora, esquecem completamente seu clamor a Deus. Só espero que no meu casamento com Emilie, a igreja não queime com esse demônio dentro.

— *Vá com Deus.*

Agradeço, não posso dizer ou fazer mais nada. Ela é uma das poucas pessoas que aprecio, curava minha feridas quando meu pai chegava de mau humor, era quem se sentava em um canto do meu quarto, para recitar canções de ninar, enquanto Damon chorava e papai batia em Isabella ou transava com ela com uma crueldade desumana. Se alguma vez recebi amor de mãe, esse amor veio desta mulher. Continuamos nosso caminho até a clareira do jardim, onde as hélices do helicóptero começam a mover-se, o barulho é estrondoso e me deixa um pouco desorientado enquanto avançamos para a aeronave branca. Sinto um golpe no ombro a poucos centímetros de entrar, me viro e encontro Roth apontando para algo. Emilie atrás de nós está gritando alguma coisa, mas, devido ao barulho do aparelho, não consigo ouvi-la.

Confuso, ando em sua direção, curvado, deixando Roth subir primeiro. Quando estava prestes a perguntar-lhe o que queria, sou interrompido com um grande impacto contra meu peito, suas mãos fininhas se enroscando no meu pescoço e, literalmente, ela salta nos meus braços. Diz algo que não escuto, quando seguro suas pernas ao redor da minha cintura, então ela puxa meu pescoço e junta nossos lábios. É um beijo mais animado do que nunca, é mais intenso. Saindo da minha letargia, introduzo minha língua em sua boca e aprisiono as bochechas de sua bunda deliciosa, ela solta um de seus muitos gemidos de prazer. Seus lábios carnudos têm gosto de suco de laranja, sugo seu lábio inferior quando tiro minha língua de sua boca. Ela continua com aquelas bochechas rosadas e agora seus lábios estão inchados, ela grita algo, mas nego. Não ouço nem mesmo minha mente, meus pensamentos furiosos estão todos concentrados no meu pau endurecido, principalmente, porque tenho minhas mãos na sua bunda, que em breve será fodida. É minha, e não a deixarei ir.

Eu a solto dos meus braços e sai correndo como uma garotinha que roubou um doce, vestida nesse indecente biquini, pode parecer tudo o que quiser,

menos uma garotinha inocente e sim uma deusa levitando. Não vira para olhar-me, não é desse tipo, não espera que esteja olhando e quando decide ir embora não olha para trás. Ela fez isso uma vez no nosso primeiro encontro. Abandonou o restaurante sem me dar um único olhar. Quando ela finalmente entra na casa, seguida por Raze, deixo sair o ar preso em meu peito e sorrio. Meu rosto protesta, mas nada impede meu sorriso. Essa mulher é louca, mas é minha lunática.

Odeio voar e ainda mais sendo um helicóptero, não consigo falar com Roth, não consigo ouvir merda nenhuma. Decidi essa forma de viajar para poupar tempo, chegar mais rápido à minha prometida. Quase uma hora depois, pousamos nas vinhas de Romano, pelo menos a vista do céu foi linda, Emilie teria amado este voo.

«*Chega de pensar nela!*». Repreendo-me internamente, meu mau humor está voltando. À medida que descemos, uma série de homens armados nos espera, reconheço alguns rostos e outros nem tanto. Dou instruções para abrir o portão principal a Nicklaus Romano, que a partir de hoje será o sucessor dos romanos. O velho Michael tentou enganar-me e esta é sua última manhã respirando o ar puro da Itália, bebendo vinho em sua vila, enquanto fode qualquer alma disponível. Roth cuida dos testes pesados enquanto caminhamos pelo terreno, acendendo o charuto que *nonna* me deu uma hora atrás, acendendo-o ao pisar na vila. Meu *consigliere* sorri quando ouvimos uma música clássica, o som é ainda mais alto do que o som do helicóptero, o que significa que Michael Romano não tem ideia de que estamos em suas terras. Os criados se afastam e um dos nossos homens aponta para a escada, ele ainda está dormindo? Caralho, já é uma da tarde, isso não é hora de dormir. Michael Romano está 20 milhões de dólares mais rico, segundo ele, por ter feito uma jogada perfeita para roubar meu dinheiro. No paletó minha arma, o velho é um dos pilares da máfia italiana siciliana, não está esperando que seu Capo esteja na Itália, muito menos em sua vila e menos ainda sem que perceba nada. Esse é o problema de um idoso, chega a um nível de confiança absoluta, porque segundo ele, já viveu tudo. Doce ilusão. É justamente nesse momento que deveria descobrir a sabedoria dos mais novos, dos novos avanços. *Um velho inteligente vale mais que cem jovens brutos*, infelizmente para Michael, ele não é desses abençoados com inteligência,

não, pensou que trocaria meu maldito ouro e eu nunca perceberia. Ninguém rouba nada do que é meu.

Roth, é o encarregado de arrombar a porta, a imagem lá dentro me enfurece mais ainda. O maldito velho pervertido está com as calças abaixadas e um pau fino e flácido fora delas, enquanto uma garota loira de aproximadamente quinze anos está com as pernas abertas em cima da tampa de um piano com um pau de silicone dentro, suas pernas estão ensanguentadas e o chão está manchado por causa disso, parece que sua virgindade foi perdida, o segundo pau de silicone jogado no chão é um claro indício desse fato. Michael está pronto para dizer uma ladainha de insultos quando seu rosto fica pálido. Sua bunda enrugada tropeça e ele cai do banco do piano, escorregando como um rato que é. A garota, quase perdendo a razão, gira encolhendo-se sobre si mesma. Ela, uma garota loira, indefesa e frágil. O cabelo cobrindo suas feições, mas não evita que possa olhar suas lágrimas e sua respiração agitada, que porra este velho de merda fazia com esta garota?

— *Don, não estava esperando sua visita.*

— Claro que não — assobio entre os dentes, surpresa ao ouvir minha voz. Roth, que olhava para a garota, desligou o reproduutor de música. Michael que estava muito ocupado estuprando uma garota não percebeu a morte entrando em sua casa.

— *Quantos anos ela tem?* — rosno em italiano.

— *O pai dela me deu, Don. Sem intenção de ofender, você conhece nossos costumes. A menina é minha esposa, nosso casamento aconteceu ontem à noite.*

— *Quantos anos?* — repito mais baixo, raiva e frieza invadindo meu corpo. Quero o sangue de Michael correndo em meus dedos. Meu pau se endurece, sou um maldito filho da puta doente. Os vinte milhões nisso não é nada, ela, a garota do piano reclamando de dor, com o lábio partido, marcas de cinturão em seu corpo... é muito mais sério.

— *Quinze...* — choraminga do chão.

Fecho os olhos, a fúria sempre percorreu meu corpo como uma torrente de sangue no meu peito, mas desta vez algo mais a acompanha. Desejo, esse maldito e irreversível desejo de destruir. Estava pensando em deixar a diversão para Roth, não queria sujar muito minhas mãos, porque tenho uma prometida linda com quem quero colocá-la na cama e adorá-la até o próximo século... Ah, mas agora quero o sangue do Romano; primeiro, por roubar-me;

segundo, por ter agredido e abusado de uma garota, uma que se parece muito com Emilie, terceiro e mais importante, eu me banharei em seu sangue espesso e quente porque desobedeceu à minha maior ordem. *Não se casar ou abusar de um menor*. Sei que não posso controlar meus homens ou seus paus, mas todos fizeram o juramento da Ordem, como foi batizada a *famiglia*, desde que assumi o poder e foi minha primeira instrução direta. *Nenhum homem sob meu controle estupra um menor de idade*, foi uma lei criada por Roth e eu aceitei, porque, embora desfrute o momento de matar e destruir meus inimigos, meu pau não se excita ao ver uma menina ou menino ser abusado. Sabia o suficiente que Isabella nos teve aos quinze anos, um sinal de que ela perdeu a virgindade aos doze com Gabriel Cavalli. Seu corpo de menina abrigou o pau imundo do meu pai, por anos, antes de embalar em seu útero seus filhos gêmeos, então não posso culpá-la inteiramente por seu abandono, é a única coisa que me faz manter um olho sobre ela e o que alguma vez foi uma mulher arrogante e poderosa, desde que assumi o poder, eu a localizei sem fazer nada, só controlo se ela ainda respira. Agora ela é apenas um corpo triste sem alma, sem sonhos, vendendo sua vagina sem a necessidade de dinheiro, sendo uma prostituta porque foi a única coisa que ela aprendeu a fazer em sua vida, recebendo paus e trazendo ao mundo filhos amaldiçoados pelo sangue e pelo poder da máfia.

Afinal de contas, todos os homens da máfia são monstros vestidos com ternos de grife, limpando o sangue de nossas mãos e armazenando na alma a morte de milhões de viciados em nossas mercadorias. Talvez Emilie não esteja tão equivocada, ou cega, minha mulher pode ver o horror além do meu rosto bonito, os milhões para viver uma vida de sonho e, sem dúvida, minhas boas habilidades para foder. Ela olha para a besta, porque viveu toda a sua vida enfrentando inúmeras injustiças. Um pai mentiroso, uma mãe enlouquecida e um irmão que não se importava. Foi apenas uma criança abandonada à própria sorte.

— Está tudo bem, princesa. — Ouço a voz de Roth, acalmando os demônios da pobre criatura, afastando um pouco de seu próprio passado. Vejo quando a cobre com um pedaço de pano manchado de sangue e a garota geme de dor. Dando uma tragada no meu charuto, deixo a fumaça sair, admirando como ela desaparece, revelando o rosto de um fantasma atrás da cortina.

— *Não fui claro o suficiente sobre estuprar crianças?*

— *Ela é minha esposa, Don. Dentro da minha casa posso tratar a minha*

mulher como eu quiser, isso é algo que ocorre há anos.

— E deveria importar-me com isso? Os desejos de um grupo de velhos degenerados?

— Se seu pai estivesse vivo, ele não permitiria esse ultraje em minha morada!

Oh, ledor engano... não deveria ter invocado Gabriel Cavalli quando estou prestes a mostrar meu verdadeiro eu, nunca é um bom sinal.

— Sei que foi um deles — digo, colocando-me de cócoras diante de seu rosto imundo —. Você foi um dos nojentos que fodia minha mãe, Romano, e a razão pela qual eu o deixei viver era porque me convinha, sabia? Era muito jovem quando assumi a Ordem e foi muito fácil manipulá-lo, sempre deixando-se dominar por essa ambição exagerada, certo? Era uma questão de tempo até você cair, mas eu precisava do voto de confiança de um dos pilares da máfia. Agora... tem ideia do que farei com você?

— Don, eu não fiz nada contra você. Você me conhece, vamos conversar como homens civilizados. Devolverei a garota, prometo — diz tremendo.

— Devolvê-la? Duvido que ela fique inteira depois dessas horas com você e além disso, sua família não a aceitará por ser uma vergonha agora, certo? Humm... Poderia dizer-me o nome do pai dessa garota e eu, talvez seja benevolente.

Gosto de brincar com minha presa, primeiro jogo a isca e depois o fisgo e assim o deixo debater-se até se cansar. Romano continua pensando que somente estou aqui por causa do seu desejo nojento de foder as garotas. E estou adorando ver o medo em seu rosto, quase posso cheirá-lo fora de seu corpo e ver como treme aos meus pés. Porra, precisarei dar uma trepada de campeão depois desta tarde divertida.

— Eu, eu... Don, por favor. Não posso dizer-lhe seu nome.

— Não pode ou não quer? Sou seu chefe, Romano. E agora eu tenho um desejo enorme de enterrar minha faca de caça no seu peito, girá-la, depois removê-la lentamente e cortar esta merda de pau inexistente que você tem. Então, graças ao meu recente bom humor, perguntarei pela última vez, quem é pai dessa garota?

— Raffaele Ginore.

— Tio de Lucas Piazza?

— Sim, sim, Don.

— Foi Piazza quem o ajudou com as barras de ouro?

E Romano urina no chão, merda. Levanto-me rapidinho e pulo para trás, não quero sujar meus sapatos com sua porcaria. O velho começa a tremer incontrolavelmente, sabe que conectei os pontos que faltavam no meu quebra-cabeça. Lucas Piazza governa metade da Itália, se eu pensar bem, não tivemos problemas no passado. Passei a cuidar de Nova York e apenas tomei parte da Sicília, Palermo, Milão, Roma e a região da Toscana, deixando-o com o centro da Itália e costa. Não tínhamos nenhum contratempo, os colombianos e mexicanos enviam a droga para a região da Toscana e cuido de distribuir na Itália e depois exportar para os Estados Unidos uma de melhor qualidade. Trabalhando nos nossos laboratórios, a mercadoria é mais viciante e forte. O negócio de armas flui direto com os alemães e antes de Emilie tinha um bom negócio como os russos um acordo que foi interrompido, por Vladimir Ivanov. Voltando à Piazza, deixei-o com parte do meu território porque se posso dividir os Estados Unidos, por que não dividiria a Itália? Pequeno grave erro, compartilhar nunca é uma boa opção. Piazza é mais velho do que eu, pelo menos sete anos, mas é totalmente degenerado. Gosta de festas, orgias, vender garotas, além de ser um dos poucos do narcotráfico que faz sua própria merda. Vai ser fácil quebrá-lo, quero a Itália só para mim e a terei. Roth entra na sala encontrando o corpo trêmulo de Romano, no chão, em sua merda, eu inalo uma nova tragada abrindo nossa querida maleta, nesse momento não deveria mostrar nada e simplesmente acabar com sua vida, mas quero ouvi-lo suplicar, assim como deve ter feito a garota na noite passada e parte desta manhã. As três barras de ouro pesam e brilham com a flor-de-lis como único sinal do meu legado. *Honra, Lealdade e Poder.*

Roth é encarregado de levantar Romano do chão, que, neste momento, tem a pele doente, não recebeu um único golpe ou corte e parece com um fantasma andante, ele não está longe da realidade. Arrastando uma cadeira, obrigo o velho a sentar-se, ele começa a implorar como um rato que é, diz tantos nomes que me dá vontade de rir. Não é necessário amarrá-lo à cadeira, ele está muito histérico e choroso. Desfruto quando deixo os três lingotes à sua vista. E analiso sua reação, ele sabe que seu único destino é a morte e uma bem dolorosa.

— Assim você ofende minha inteligência, Michael, Posso chamá-lo de *Michael*, certo? *Afinal, já temos uma certa confiança. Eu o vi foder uma garota com um pau de silicone e você cagou em cima. Temos confiança,*

certo? — ironizo. Tenta falar quando recebe o primeiro golpe, Roth silenciosamente crava sua primeira faca na perna direita do homem. Este grita, chora dando um berro enquanto o “açougueiro” o imobiliza —. Foi ideia de Piazza, certo? Afinal de contas, tenho muito ouro para me preocupar com algumas das suas entregas, sou um capo jovem e inexperiente com ares de grandeza, não é assim que me chamaste?

— Don, por favor, eu tenho filhos... Não me mate.

— Filhos? Vamos ver, Nicklaus assumirá o negócio, a partir de hoje será meu subchefe em Palermo. Rosalía foi vendida, não é mesmo? Você a entregou a um guerrilheiro em troca de um laboratório, no qual o deixei que trabalhasse e depois destruí. Sim, Michael, conheço cada movimento dos meus homens e fico em silêncio. Não tenho muita paciência para esperar, mas tenho um consigliere que desfruta de uma vingança lenta e dolorosa, sabe o que mais ele desfruta? Cortar os paus de pedófilos, mas como estou de bom humor, terá a honra, da qual não merece, de morrer nas minhas mãos e será tão lenta que começará a chorar, a menos que me diga algo... O que Piazza está planejando?

Desta vez, é a minha própria faca que enfio em sua perna esquerda, ao contrário de Roth, eu a torço, sentindo a carne e os músculos romperem. Fecho meus olhos saboreando no meu maldito pau o êxtase que produz seus gritos de dor e agonia. Tirando-a, eu desenho uma linha desde sua perna ossuda até seu pênis, todo o caminho, o fio da minha faca abrindo sua pele lentamente. E começo a cantar um recital juvenil.

— Quer dominar a Itália completamente... Precisa de alguma fraqueza sua para tomá-la, seus homens, ao contrário dos meus, não são leais e só estão com ele por causa do pagamento.

— Você era um dos meus, Michael, e me traiu.

— Precisava do dinheiro, Don, eu precisava! Perdi tudo no laboratório e, então, quando Nicklaus foi embora levando a cadela da sua mãe. Levou também parte do meu dinheiro.

— Se tivesse vindo a mim primeiro, teria esse dinheiro e viveria até seus últimos anos, mas decidi trair-me, quebrando não um, mas três dos meus princípios. Roubar dinheiro do seu capo, abusar de uma menor e trair a máfia. Se Gabriel estivesse vivo, certamente, ele se arrependeria de tê-lo chamado de amigo.

— Se você me matar, Piazza irá atrás de você.

— *Eu o estarei esperando* — zombo, sorrindo, enfiando minha faca em um movimento entre seu pau e suas bolas. Roth o segura na cadeira, enquanto eu torço minha arma mais uma vez, seus gritos de porco ferido nos excitam. Ele está prestes a perder a consciência, quando o atinjo no rosto com a mão machada com seu sangue. Quase derramando nas minhas calças corto seu pau sorrindo, é tão pequeno. Seus gritos são a nova canção. Desfrutando ao máximo deste momento, meto o pedaço de carne em sua boca, silenciando seus sons de uma vez por todas.

— Essa merda não aguentará muito — rosna Roth irritado.

— O que acha de foder Piazza? Tenho uma pequena ideia — sussurro. Limpo minha faca na pele de Romano, procurando outro ponto para atacá-lo. Não é divertido quando estão quase perdendo a consciência. Porra, ele roubou toda a minha diversão. Não suportou nada. Poderia socá-lo até tirar todos os ossos de seu rosto, mas Emilie me faria diversas perguntas, foda-se! Quero voltar para aquela loira e quanto mais rápido eu terminar, mais rápido ela pode esvaziar meu pau que está super animado para fodê-la. «Smurf» terá muita ação. Ainda me faz rir o quão fácil que foi criar esse apelido e ao ver a expressão de surpresa e pavor no rosto inocente de Emilie, como , em um esforço para fazê-la sentir-se menos assustada, acabei criando esse nome ridículo que curiosamente não afeta em nada minha masculinidade, mas que de certa forma, fez com que me aproximasse dela.

O velho pisca, tentando voltar à consciência enquanto dou a última tragada no charuto e sopro a fumaça no ar. Sim, definitivamente Michael Romano depois de hoje, será apenas um fantasma. Com força e desejo, enfio minha faca em seu peito, abrindo um corte vertical, o sangue e algumas partes de seu estômago começam a jorrar, concentrando-me em fazer outro corte, agora horizontal, marcando o T de *traidor* em seu peito. Roth, atrás de mim, já está tirando a foto que Vladimir Ivanov receberá em breve.

— Tire outra foto onde se destaque mais — ordeno vendo a vida escapar pelos olhos de Romano, observando seu olhar fixo em mim. Sim, agora é mais um cadáver, um que desfruto e celebro sua morte. Vá fazer companhia aos demais que, como você, tocaram em Isabella Cavalli.

A escuridão em meu peito rosna, como se tivesse vida própria. Minhas mãos estão manchadas de sangue, quando troco minha camisa por uma limpa,

percebo que a outra está nojenta. Eu a visto e não me preocupo em fechar os botões. Jogo a camisa suja no chão, junto com os lençóis encharcados de sangue e algumas toalhas. Então despejo gasolina em cima de tudo, um pouco mais adiante está o corpo do velho Michael Romano. Roth está guardando o ouro dentro de sua camisa, meu presente para Lucas Piazza e meu primeiro golpe oficial. Quero a Itália e não descansarei até ter o poder absoluto. Pego ou charuto e um isqueiro.

O cheiro de tabaco me deixa intoxicado assim que o acendo, depois jogo o isqueiro no meio das roupas encharcadas com gasolina, então as chamas se apoderam e consomem tudo. E aí eu termino meu charuto, olho pela última vez o corpo deste maldito traidor, e meu irmão termina seu trabalho. Ainda me lembro de como escondia a comida para correr para o meu quarto, como lhe dizia Damon, meu irmão gêmeo, que queria ficar sozinho. Ninguém sabia, nem mesmo *nonna*, que eu tinha um menino escondido no meu quarto. Ficamos até de madrugada jogando videogame, ensinei-o a falar um pouco de italiano, caso meu pai Gabriel cruzasse seu caminho, em troca ele me ensinou russo. Além disso, ele me ensinou a domar o meu lado mais selvagem e eu compartilhei meus melhores golpes. Roth Nikov é o meu complemento, nenhum funciona sem o outro.

Dentro da mansão Romano, está a garota violentada, sentada, abraçando suas pernas e com um olhar perdido. Uma senhora atrás dela, suspira ao olhar-me e isso faz com que a garota saia de seu transe. Seus olhos de cores estranhas se voltam para os meus, são uma mistura fascinante entre o verde e o mel claro, estão bem abertos, alarmados. Está prestes a sofrer um aneurisma, o medo faz seus membros tremerem e se encolhe sobre si. Medo, posso vê-lo escapar em ondas alarmantes. É a reação esperada de qualquer mulher em relação a mim, se não me encaram, temem-me e algumas, como Katniss, desejam-me por causa dessa mesma escuridão, mas nunca houve outra como Emilie Greystone, só ela conseguiu dar-me um tapa na cara.

— *Qual é o seu nome?* — pergunto, sentando-se diante dela, em uma poltrona de madeira.

— *Britney...* — choraminga em um italiano perfeito.

— *Você é filha de Raffaele Ginore?*

— *Sim senhor.* — Hesita evitando meu olhar —. *Posso voltar para minha mãe?*

— *É isso que quer? Voltar para aqueles que lhe entregaram a Romano?*

— *Não tenho mais nada* — confessa, deixando escapar as lágrimas.

— *Você não voltará para essas pessoas* — rosna meu *consigliere* entrando na sala. Fico surpreso com seu tom de voz, geralmente se mantém calado perto das pessoas. A garota treme mais alto, vendo a fachada de Roth, ele é um desastre de sangue ambulante.

— Deveríamos matá-la — sugiro, falando em inglês —. Está muito transtornada. Não acho que consiga recuperar-se do trauma que viveu.

— Posso ficar com ela? — questiona. Surpreso, eu o olho.

— É uma menina.

— Tenho olhos, Don.

— Que porra está sugerindo? Não estou entendendo merda nenhuma.

— Você me deu uma chance no passado... eu quero dar uma para essa garota.

— Bem, você era bom em roubar, mas ela é apenas um monte de lágrimas. Você não pode fodê-la, sabe bem disso, então onde pretende chegar com isso?

— Nunca lhe pedi nada, Don.

— *Que merda*, agora fala como uma bicha.

— Deixe-me ajudá-la, levá-la para Nova York. Dar-lhe uma nova vida.

— Ficará chateado se eu negar o seu pedido?

— Eu sou fiel e leal a você, se você recusar, farei o que me pedir. Você é meu Capo.

— *Mate-a* — falo em italiano. A garota suspira, mas não tenta fugir apavorada. Ela se mantém firme, aceitando seu destino... ansiando a morte. Então avalio o comportamento do meu braço direito, ele fica parado no mesmo lugar, são segundos de hesitação antes de encurtar a distância entre a menina e seu corpo. Em um movimento rápido, ele desembainha a faca e com a mão esquerda agarra um punhado de seu cabelo, inclinando seu pescoço. Eles se olham, uma espécie de conversa secreta entre eles. Ele hesita, notando a resignação em seus olhos multicoloridos.

— Pare! — ordeno. Roth nunca recuou com tanta força antes, ele suspira como se o pensamento de matá-la lhe causasse dor física —. Ela será seu novo animalzinho de estimação, não me importa o que faça com ela, desde que não a toque sendo uma menor e ela não seja um problema para a *famiglia*. Agora, leve-a para bem longe de mim, use essa merda de aparelho, odeio essa merda, não me deixa escutar nem mesmo meus pensamentos.

— O helicóptero?

— E existe outra merda de aparelho aqui, Roth? — ironizo de mau humor. Não gosto nada disso, essa garota será um problema. Sinto isso —. Tire-a daqui, mande-a para o orfanato em Nova York até se tornar maior de idade e não quero que Emilie saiba disso.

Saio da sala, dando-lhe privacidade com seu bichinho, procuro meu celular para ligar para uma certa loira e me arrependendo na hora, sou um homem cheio de poder. Emilie Greystone não deveria ter tanto peso na minha vida, aquele poder que ela tem sobre mim, não me trará nada de bom.

Sempre devo ter em mente quem sou, um capo, um assassino, o homem que teria gostado de ver meu braço direito acabar com a vida daquela pobre garota. Um maldito animal sedento por poder e sangue, não se trata de dinheiro, é sobre respeito, soberania e ego. Quero ser temido e lembrado pelas gerações futuras.

Vou para o escritório do novo fantasma, há uma garrafa de *whisky* com dois copos, gelo e alguns aperitivos. Roth sempre se preocupa com estes pequenos detalhes, conhece minha relutância em comer qualquer coisa fora da segurança da minha casa. Não acabarei no inferno porque fui estúpido e confiante o suficiente para acabar envenenado com comida.

Encho um copo, sem gelo e engulo de uma vez, discando os dígitos no meu celular. É hora de cobrar uma dívida.

— Don? — pergunta Byron Miller.

— Preciso de você aqui na Itália, quero Lucas Piazza morto. Não me importa como, mas ganhe sua confiança. Quero que conheça cada detalhe do bastardo.

— Raze não ficará feliz.

— Eu sou o Capo, não Raze e não dou a mínima se ele ficará ou não feliz — assobio enquanto caminho em direção as janelas —. Você pediu minha ajuda, salvei a pele da drogada de sua irmã, eu a protejo vinte e quatro horas por dia e ninguém tocou em um único fio de seu cabelo. É a sua vez de me pagar a dívida, Byron.

Um silêncio se forma na linha. Os Nikovs têm algo em comum: ambos escolhem bons jogadores e são calculistas por natureza. Ambos nasceram para governar a Rússia, a única diferença entre eles é que Roth prefere estar nos restos quebrando ossos e desmembrando corpos, enquanto Raze gosta de dominar, controlar e em algum ponto destruir. É um tsunami devastando tudo, demolindo. Anos atrás ele tentou assassinar Roth, dei-lhe a

oportunidade de trabalhar para mim, mas quem nasceu para liderar não aceita receber ordens, por isso o deixo encarregado do negócio de armas, sendo o chefe de tudo, é um filho da puta que apesar de me dar muitas dores de cabeça, eu me importo com ele. Mataria qualquer um para salvar suas vidas.

— Quanto tempo tenho para chegar à Itália?

Sorriso, é um típico sorriso de um gato que acaba de comer um rato.

Byron é apenas minha primeira peça no tabuleiro, a última será um xeque-mate.

— Eu lhe enviarei as informações, mas não quero que Raze saiba disso, é algo que deverá ficar entre nós.

— Se eu morrer... como ficará minha irmã.

— Será de Raze, nós dois sabemos que ele está louco para fodê-la, quem poderia cuidá-la melhor?

— Juntos, eles são o caos, Bess e Raze são fogo e gasolina.

— Conversaremos assim que eu retornar a Nova York.

Desligo antes de ouvir outra palavra, não me importo onde Raze quer manter suas bolas, isso não é problema meu. Nicklaus chega bem a tempo, quando o animal de estimação de Roth está no ar e longe de nós. Explico sua nova posição, o que não o deixa surpreso. Nicklaus é um cara durão, embora seja dois anos mais novo que Roth, ele tem aquela aura sombria e exige autoridade. Sem esposa ou prometida, é meu segundo peão perfeito, não tem medo de ninguém e não tem medo de morrer. Observa tudo com olhar crítico e não foge do meu olhar, como a grande maioria faz... ele me encara como os melhores homens da máfia, mostrando uma personalidade forte que muitos dos nossos pilares da Ordem em anos nunca conseguiram. Ele é um garoto de revista alto e forte, com cabelos pretos e olhos castanhos intensos.

Ceder-lhe o controle de Palermo, para ser dirigida em meu nome, levou mais tempo do que o planejado e, quando nossa reunião terminou, já começava a anoitecer, e sendo assim, chegaria muito tarde, pois voltaria para a vila de carro. Despedi-me de Nicklaus, Roth continua extremamente calado e pensativo.

Uma coisa é certa, do jeito como me encontro duro com rocha, quero foder as paredes se for preciso, quero tirar toda essa adrenalina de dentro de mim, a qual não foi suficiente com Michael Romano.

Queria uma tortura mais longa, algo mais interessante, não um velho suplicando com o primeiro pequeno ferimento.

Entramos na parte traseira de uma Ranger imersos em nossos pensamentos. Preciso de uma porra de boceta, uma boca que possa chupar meu pau de uma forma matadora.

— Para a vila, Sr. Cavalli? — pergunta nosso motorista designado. Giulio, acho que é assim que se chama. Olha para Roth que fica sério.

— Para qual hotel você a levou?

— *Grand Hotel Wagner*, — responde com um humor terrível.

— Leve-nos para o hotel, Giulio.

— Senhor.

— O que fará, Dominic? — intervém Roth.

— Divertir-me um pouco.

— Sua prometida está na vila, você se esqueceu?

Não, não me esqueci e é a principal razão pela qual devo fazer isso, para me lembrar quem eu sou, sem ela, sem seu charme me envolvendo em um punho ou sua boceta me sugando como uma luva de seda. Preciso de uma prostituta capaz de foder e aguentar minha merda dura e não se trancar na porra de um banheiro para chorar.

CAPÍTULO 22

Emilie

Marcela fala italiano, nós nos movemos na cozinha de um lado para outro, tagarela sobre algo, mas não consigo entendê-la e descobri que Raze também não, ninguém nesta casa é capaz de traduzir para mim. Ela está fazendo a massa, conforme minha pouca compreensão, é algo especial e de acordo com o padrão de Dominic.

Prepara o molho vermelho a partir do zero, sem qualquer tipo de enlatado. Primeiro coloca a polpa de tomate, as mesmas que a vi cortar mais cedo na horta, depois agrega azeitonas, alcaparras, pedaços de anchovas, alho e salsinha picada, mais uma pitada de sal. O cheiro é maravilhoso, gostaria de ter Roth aqui, esta manhã ele trabalhou de tradutor para nós, mas agora só me defendo observando tudo e fazendo algumas anotações em um pequeno papel e caneta retirados do escritório de Cavalli.

— *Spaghetti alla Puttanesca* — diz em seu perfeito e romântico italiano.

— *Puttanesca*? — questiono, olhando para Raze, que ficou longe em um canto da enorme cozinha. Marcela enrubesce baixando o olhar. Acho que a ofendi de alguma forma.

— Pasta *puttanesca* é chamada assim pelas prostitutas, Emilie —explica Raze.

— Oh, deuses do Olimpo. Preciso aprender italiano. — Caminhando até uma pequena sala de jantar com seis cadeiras, jogo-me sobre uma, Marcela me olha limpando suas mãos em um pano de prato. Sua atitude é a de uma mãe protetora.

— *Sei una brava donna, salverai il mio ragazzo. Molto sofferenza nella sua anima, pain di perdita e abbandono.*^[20]

— Não entendi nada — choramingo frustrada com a barreira do idioma.

Marcela nega virando-se para retomar seu trabalho para cozinhar o macarrão. Suspiro.

Droga, quero entender, saber o que estas pessoas me dizem ou, Don, quando decide esconder-se nos sussurros italianos. Sentada na cozinha, proponho-me a aprender esta língua e talvez, mais adiante, um pouco de russo. Não quero continuar sendo uma expectadora ignorante quando mudam de um idioma

para outro, distraíndo-me. Sabendo que não adianta ficar na cozinha, resolvo sair. Raze está tentando roubar um pedaço de queijo e distrai Marcela. A vila, ou devo começar a chamá-la de vinhedo, é enorme, hectares e hectares de terra no horizonte. Há uma destilaria, um depósito cheio de barris de vinho e descobri na casa, uma geladeira do tamanho de um apartamento médio em Nova York, cheio de vinhos e algumas garrafas de champanhe. Vou para essa sala, pois necessito um pouco de licor no meu corpo. Já são oito da noite, Don e Roth desapareceram a maior parte do dia e não recebi nenhuma ligação, deveria sentir-me bem por ter o Capo longe de mim, mas existe um pequeno espinho em mim, um que me diz que de alguma forma eu sinto sua falta.

Empurro a porta de metal com uma bela fachada de madeira e entro para pegar uma garrafa, escolho uma com rótulo rosa. Não sei sobre vinhos, mas lendo o rótulo é um *Dom Pérignon Rosé Gold*, champanhe. Ótimo.

Com duas garrafas da mesma bebida, saio tão elegante quanto me permite o meu vestido preto com estampado vermelho, tenho um decote profundo entre os seios e as costas estão descobertas, o cabelo solto e liso depois de ter ficado quase uma hora fazendo chapinha, ao lado de alguns chinelos que encontrei no quarto de frente ao de Dominic, tem uma infinidade de vestidos, sapatos e joias de todos os tipos. A mulher a quem se destinava, sem dúvida, amava tudo o que era extravagante. As sandálias que peguei emprestadas são douradas, um escorpião envolve meu tornozelo e tem uma pedra brilhante na frente, é tão brilhante e perfeita que cheguei a pensar que era um diamante de verdade, mas isso é impossível... Certo?

Poucos minutos depois volto à cozinha, ajudando a servir e preparar a sala de jantar principal, Raze decide jantar afastado, enquanto sirvo pedaços de pão com alho tostado em um cestinho. Abro a garrafa de champanhe, servindo-me a primeira taça. Dominic deveria ter chegado para este momento. Marcela decide sair da sala de jantar. Outra taça é servida, enquanto debato se devo ou não ligar para meu prometido, o Don da máfia siciliana.

A primeira garrafa acaba, o macarrão esfria, Marcela entra duas vezes para saber como estou e Dominic não chega, decido chamá-lo só uma vez na qual a chamada é recusada. Eu sei, a chamada foi recusada bem no meio do tom. Não virá, esse é o motivo simples. Não chegará para o jantar, sentindo uma leve dormência no peito, apago as velas e abro a segunda garrafa tirando-a do balde de gelo. Não me preocupo em lavar a louça, é claro que ele não pensa

vir, será que aconteceu alguma coisa? Não, Raze sabia. Tropeçando nas minhas sandálias de escorpião emprestadas, saio da sala de jantar, ainda com meu telefone celular e champanhe na mão.

Raze está ao pé da escada, olhando para algo em seu telefone celular, ao ver-me o bloqueia imediatamente.

— Ele não virá, certo?

— Não.

— Você sabe onde ele está?

— Não tenho permissão para lhe dizer.

Sorrio negando, ainda continuo sendo sua escrava. O sexo não mudará isso, nunca seremos um casal de verdade, nunca teremos um relacionamento. Dominic é o Capo, não é homem de brincar de casinha com seu velho brinquedo, por que perderia tempo com isso? Já teve de mim o que queria na noite passada. Ele me fodeu e, claro, agora perdeu o interesse. Não sou boa o suficiente. Provavelmente está transando com uma dúzia de prostitutas esta noite.

Abraçando a garrafa de champanhe, como uma viciada, começo a subir a escada passando por Raze, que volta para seu telefone. Desta vez posso ver o conteúdo, é uma ruiva bonita ensaiando em algum tipo de palco ou teatro. Raze para a imagem em vários ângulos para dar um *zoom* e olhá-la, percebo seu sorriso.

— É sua namorada? — questiono sem pensar. O celular é bloqueado rapidamente, seus ombros rígidos. Ótimo, eu era apenas uma bisbilhoteira.

— Você deve cuidar da sua vida, loira. Ser curiosa pode levá-la à morte neste mundo.

— Não era minha intenção.

Sem mais para acrescentar, termino de subir ao segundo andar, caminhando até o quarto dessa mulher, um pressentimento me diz que pertenceu a alguém importante. Abro a porta, encontrando detalhes elegantes, as paredes adornadas com pinturas a óleo, na maioria delas uma bela mulher com cabelos cor de chocolate e olhos azuis, são tristes e melancólicos. Seu grito de dor se expressa na arte, dançando sozinha na chuva, vendo o pôr do sol de joelhos, perdida nos arranha-céus de Nova York, e o mais chocante de tudo, ela olhando para as mãos vazias e ensanguentadas, com um vermelho intenso. Veja suas mãos, o sangue e o vazio, atrás, a sombra de um fantasma ou de uma besta.

No centro do quarto, uma cama com lençóis dourados, a penteadeira intacta, como se ela visitasse esse lugar constantemente, mas não é assim, pois há pó em algumas partes, nos móveis, nas fotos. Continua aparecendo nelas em todas as partes do mundo, com monumentos emblemáticos e belas paisagens. «Ela é a mãe de Dominic». Grita essa voz insidiosa em minha mente. «Ela era uma escrava dos Cavalli, submetida a uma vida de luxo e dor». Insiste. «Ela sou eu».

A realização consome minha pouca força, sinto-me exatamente assim, indefesa, diante do poder de Dominic, sem se importar com minhas ações sempre acabarei no lugar de sua mãe. Uma mulher imersa em agonia.

«Se você não o ama». «Finja amá-lo».

Esta tarde, quando pulei em seus braços, algo mudou em seus olhos, aquele beijo era mais significativo do que fazer sexo. Senti a mudança em sua postura, como seus braços me envolveram. Don é uma casca vazia de afeto. Gabriel Cavalli sem dúvida estava longe de ser um pai exemplar e sua mãe parece ter caído em sua própria dor, como fica claro neste quarto, não sei que tipo de relacionamento ele teve com seu irmão gêmeo, mas se ele é a causa de sua morte, não consigo imaginar que tenha sido boa.

As sandálias voltam ao lugar de origem, procuro não mover nenhum dos pertences, seus vestidos longos, dezenas e dezenas de bolsas e sapatos combinando, é um guarda-roupa da Barbie, idêntico ao meu de Nova York, aquele de onde Dominic passou a ser responsável. Bebendo direto da garrafa caminho para a cama, estou cansada, viver neste constante cabo de guerra no meu cérebro está cobrando seu preço, aumentando minha falta de sono e o desconforto das últimas horas. Sento-me na cama, bebendo um pouco mais. Esta casa é tão grande e triste, sem vida, apenas móveis ocupando espaço.

Quando criança, sonhava com uma casa como esta, um marido amoroso e pelo menos dois filhos correndo pelo jardim, uma família verdadeira. Bufo internamente, crianças? Com um assassino? Sim, claro. Amor e felicidade não são uma opção.

Em nenhum momento serei dona Cavalli, a mulher por trás do Capo, um enfeite simples para ser mostrado e depois esquecido em qualquer parte da casa, realmente nasci para isso? Não. Meus sonhos não estavam bem definidos, mas ser uma cópia ruim de sua mãe não se encaixa com o meu perfil. Um gole maior acalma minha garganta, terminei a garrafa rapidamente e eu me sinto um pouco zonza, assim como naquela noite onde quase fui

abusada, o álcool não tem sido parte da minha rotina, hoje, é um bom aliado. Em algum momento, entre minhas lamentações e a sensação de letargia, acabo sucumbindo ao sono, isso me arrasta para aquela paz e relaxamento merecidos.

Uma mão forte acaricia minha perna, passando pelo meu vestido e pelo meu joelho, sei quem é, aquele aroma de especiarias picantes invadiu o quarto, sem contar como ele está empurrando minha coxa e colocando a mão quase na minha privacidade. Pisco para afastar o peso do sono, observando Dominic inclinado na beira da cama, seus cabelos molhados e as roupas diferentes desta tarde, ele tomou banho?

— Sou um idiota — murmura melancolicamente.

Sento-me na cama, puxando-o para mim enquanto envolvo seu pescoço, para minha surpresa, responde ao meu gesto rodeando minha cintura, igual a uma criança que busca refúgio em meu peito, suspirando. Acaricio seus cabelos úmidos, tirando algumas mechas de sua testa. O gesto me agrada, uma carícia simples, mas significativa.

— Problemas?

Nega entre meus seios.

— Você é tão doce, Emilie. Não quero machucá-la...

— Está bêbado?

— Mas a machucarei, estragarei nossa oportunidade. E você me odiará.

Tudo fica em pleno silêncio, o que posso dizer dessa declaração? É tão real. Odiá-lo forma parte de mim, vem do passado. Um onde Dominic não existia na minha vida, mas seu pai Gabriel Cavalli, sim.

Ele levanta a cabeça, aproximando-se da minha boca e deixando um beijo curto no canto dos meus lábios. Gosto quando ele agarra meu queixo entre os dedos e me olha safado como agora. Ele me dá um tempo para me arrepender, atraída de uma forma proibida, eu me inclino para mais perto de seu rosto. Um meio sorriso se esboça em seu lábio inferior enquanto nossos narizes se acariciam.

— Cristo... — Suspira contra meus lábios.

Seus olhos estão brilhando e estão gritando algo que não consigo decifrar. Abre a boca várias vezes e volta a fechá-la sem dizer uma palavra, então pega alguns fios de meu cabelo e os olha intensamente, como se descobrisse um novo mundo.

— Essa sua boca me deixa louco, Emilie.

— É boa?

— Muito — responde, antes de abaixar totalmente a cabeça e me beijar. É um beijo forte e intenso, reivindicando meu corpo e partes que nunca pensei que fossem possíveis despertar, minha respiração falha e meu ventre sente uma necessidade vertiginosa. Quero consumir-me em seu corpo.

— Tenho algo para você — sussurra, colocando uma pequena caixa preta no meu colo —. Quero ver isso no seu pescoço sempre.

É um colar, um pendente de ouro e tem um pendente em forma de coração, um diamante azul intenso. Isso me lembra muito os olhos do meu pai e de Dominic, é pesado e brilhante.

— É lindo, como seus olhos.

— Gosta dos meus olhos? — pergunta, deixando-me fora do jogo —. Vejo como me olha, eles a fascinam.

— Meu pai tinha os azuis, idênticos aos seus.

— Você o amava muito, não é mesmo?

— Foi tudo para mim — sussurro, acariciando o colar, um nó se formou em meu peito.

— Tenho um convite para uma festa amanhã e gostaria que você fosse comigo.

— Posso recusar?

— Sim — claro, diz sem hesitar —. É uma pequena recepção, alguns chefes com suas esposas, no meio da noite as mandam para casa e a gente bebe um pouco mais. Nada importante.

— Nunca fui a uma festa — confesso —. Não sou muito sociável... não sei se é uma boa ideia.

— Venha comigo, por favor.

Eu olho para o colar novamente, delineando as curvas do coração. É importante, ele está me dando uma opção de escolha. Ambos estamos destruídos e vazios.

— Sim, quero acompanhá-lo.

Sorri, esse sorrisinho malicioso destina à intimidade do nosso quarto.

— Você quer que use o colar na festa?

— Quero que use por toda a vida... Esse colar pertenceu a minha tataravó, é uma réplica quase perfeita da joia do Titanic, é um verdadeiro diamante e já passou pelas mulheres da nossa família, de geração em geração. Quando alguém do nosso mundo o vir em seu pescoço, olharão para você com outros

olhos, o colar é uma proteção extra para você.

— Sua mãe? — questiono em voz baixa, sem olhá-lo.

— Sim, foi ela quem adicionou a correntinha.

— Este quarto...?

Agarra o colar e envolve meu pescoço, eu o ajudo segurando meu cabelo para cima.

O peso do diamante é o primeiro a se assentar. Solto o cabelo no momento em que cai no peito e, aí minha parte boba, romântica e sonhadora, pulando de excitação, por um acaso isto é uma pequena amostra de algo mais?

Don engole em seco, isso significa alguma coisa. Tenho medo de tirar conclusões precipitadas e depois cair na mentira.

— Venha comigo, eu quero levá-la a um lugar.

Sem tempo para qualquer questionamento, levanta-se da cama afastando-se, não apenas fisicamente, mas emocionalmente. Quando as coisas vão em uma direção muito profunda, ele faz isso, afasta-se ou machuca, constrói uma barreira impenetrável. Em um gesto digno de um cavalheiro, estende a mão, convidando-me para ficar ao seu lado. Aceito e com a ajuda dela saio da cama.

Ficando um passo atrás de nós dois avançamos para a saída, Don fecha a porta com um olhar estranho. Ordenando-me esperá-lo no corredor, eu o vejo no nosso quarto, minutos depois ele volta com um lençol, travesseiro e chinelos de plataforma para mim.

— Onde me levará?

— Para observar o amanhecer.

— Isso soa muito romântico vindo de você.

Ele limpa a garganta, desconfortável.

— Meu lobo solitário — declarou em voz alta o que era para ser apenas um pensamento. Ele pisca, tenta esboçar um sorriso em seus lábios.

— Oh, minha doce ovelha com uma alma de pantera.

— Não tem tendências a zoofilia certo? — zombo tentando conseguir esse sorriso. E de fato sou recompensada —. Está sorrindo, Sr. Cavalli. Pensei que fossem minhas alucinações.

A calma antes da tempestade é o melhor termo para nós. Nossos dedos estão entrelaçados enquanto ele dirige uma *picape* Ford Ranger entre rocha e

terra. Música suave, de James Bay, envolvendo o interior do veículo, não consigo parar de tocar no diamante e sentir algo, o nó na garganta é quase sufocante. Meus dedos formigam e meu coração salta incontrolavelmente, o que está acontecendo comigo? Seu toque é como uma explosão de dinamite dentro de mim, é como se Dominic tivesse a capacidade de me destruir em pequenos fragmentos e depois moldá-los em algo melhor, projetado para se encaixar perfeitamente.

«Por que nos destruiu, Gabriel? E se não existisse? Nunca me machucaria assim? Posso fingir que não aconteceu nada naquela noite?»

Fecho meus olhos em negação, a ferida dentro de mim sangra.

Vejo a garota encostada na mesa, eu a vejo chorar, assustada, tremendo dos pés à cabeça, nua... E com Roth Nikov, na minha frente, espancado, nu, prestes a perder a vida, amarrado como um animal. Implorando-me silenciosamente para não resistir, para não dar ao monstro do Gabriel uma razão para ser ainda mais duro. Sinto o gosto de sangue na minha boca, fresco e metálico e seu toque, esse nojento e desagradável toque, por um curto segundo estava prestes a roubar minha inocência e me marcar profundamente.

Isso eu não senti ao ser tocada por Dominic na noite passada, seu toque é... diferente. Diz algo, mas não escuto, pois minha mente está em transe com as memórias dolorosas, enquanto ele começa a desacelerar.

E não suportando mais, solto o meu cinto de segurança sem poder ficar um segundo longe de seus braços, da proteção que eles me oferecem. Olhando o que estou fazendo, ele encosta o veículo e para, sem perder tempo para cruzar ao seu lado. Escorrego até suas pernas, minhas costas tocando no volante, meu corpo sobre o dele e minhas mãos rodeando seu pescoço... Então escondo minha cabeça nele, enquanto que ele não sabe o que fazer comigo, meus desejos incontroláveis saem à luz em sussurros.

— Senti sua falta esta noite — murmuro em sua orelha, sinto seu corpo estremecer sob o meu, sua mão esquerda envolvendo minha cintura —. Queria jantar com você, tentar consertar esse relacionamento disfuncional, criar algo bom. Não quero ser uma sombra melancólica, quero estar ao seu lado. Não me afaste, se não pode voltar para casa me envie uma simples mensagem, algo, o que seja.

— Está com saudades de mim? *Sente minha falta?*

— Sim.

— Oh, Emi.

Não quero meditar nada, nem me questionar, só quero continuar assim em seus braços, protegida, sabendo com certeza que Dominic Cavalli é o único que pode machucar-me e ainda assim destruirá o mundo sem que alguém tente tocar-me. O carro ainda está ligado, apenas parou no acostamento e suas mãos acariciam meu joelho exposto enquanto a outra ainda envolve minha cintura.

— O Capo Italiano me abraçando — declaro levantando minha cabeça de seu pescoço e olhando seu enorme sorriso, um doce beijo é colocado em minha testa. Ele acaricia meu rosto com a ponta dos dedos e enfia pequenos fios soltos de cabelo rebelde atrás da minha orelha.

— O que você está fazendo comigo? — questiona delineando meus lábios.

— Deveria perguntar isso.

— *La mia bellissima regina*^[21], que tipo de feitiço você lançou sobre este simples mortal?

— Você não é um simples mortal, Dominic.

— Acha isso? — questiona olhando-me.

Seus olhos azuis tempestuosos são a janela para minha própria alma. Vazio, dor, medo e segredos. Seu olhar esconde e revela, portanto, como você está disposto a dar.

— Vamos sair, está quase amanhecendo.

— É você sendo romântico?

Ele abre a porta e lentamente me leva de volta ao banco do passageiro. Ele é o primeiro a sair, depois de fechar a porta ele rodeia a *pick-up* abrindo a minha porta, para minha surpresa, ele me carrega. Envolver minhas pernas ao redor dos seus quadris e minhas mãos no seu pescoço, tudo está escuro exceto pelas luzes do veículo que ainda estão acesas, ao longe se escuta algo semelhante a ondas batendo nas pedras e no ar aquele toque de sal e areia. Don, caminha comigo pendurada em seu corpo e me ajuda a entrar na parte de trás da *pick-up*, onde deixou o lençol e o travesseiro.

— Vamos dormir aqui?

— Está muito questionadora — diz, abrindo uma pequena porta.

— É ao ar livre.

— Se está ao meu lado, mesmo os animais mais selvagens não são um perigo.

— Bem, posso ajudar em alguma coisa?

— Nesse vestido, duvido que você possa mover-se.

— Não gosta?

— Adoro — exclama, pulando para trás em um movimento ágil. Não está usando seu terno de três peças, apenas jeans escuro e uma camisa azul —. Você está linda, preto e vermelho são suas cores, embora o verde destaque seus olhos.

— Obrigada — murmuro, constrangida, estou acostumada com nossas guerras, não com estes momentos tranquilos —. Algo em mente para matar o tempo?

— Posso pensar em algo — sugere, acariciando minha bochecha —. Ficar ajoelhado e puxar seu vestido até a cintura e enterrar minha língua em sua boceta.

— E por que você ainda está em pé? O que o impede de realizar seu desejo?

— Não fui criado para me curvar a ninguém, *cara mia*.

— Nem para sua rainha?

— Gosta de ser a exceção à regra, não é?

— Gosto de você, de suas mãos e dessa boca, mas para fazer isso, você tem que se ajoelhar, Dominic. Se quer possuir-me, ajoelhe-se e me possua.

— Você será minha ruína, Emilie Greystone.

— Você já é a minha.

Então ele se ajoelha. Eu suspiro impressionada com o meu poder sobre este homem, que por sua vez vai direto reivindicar meu corpo, em um movimento rápido ele pega o tecido do meu vestido entre os punhos. Ele nunca faz como o esperado, não o sobe, não... ele o rasga pela metade, expondo minha calcinha de cetim preta, que já está encharcada. Com mais força, acaba rasgando o que sobrou de tecido, subindo até meu ventre e tomando o caminho dos meus seios, o tecido começa a ceder à sua ferocidade e, quando termina, meu vestido é só um trapo, meus mamilos eretos lhe dão boas-vindas, a brisa fresca eriça minha pele.

Seu olhar se perde em meus seios e uma de suas mãos fortes aperta o biquinho do meu seio que tanto o cativou, depois o solta. Senta-se no piso do bagageiro e com um gesto me convida a ocupar meu lugar. Retiro as alças do que já foi um vestido, deixando-o cair nas minhas costas e continuo com a calcinha bem devagarinho, até chegar aos tornozelos e a deixo de lado junto com as minhas sandálias. Dominic passa seu olhar azulado sobre cada pedaço de pele e posso ver seu pomo de Adão se mover enquanto ele engole em

seco.

Eu o afeto da mesma forma que ele me afeta, ele me observa sem perder um único detalhe do meu corpo. Aceito seu convite, sentando em seu colo enquanto ele solta um rosnado muito viril.

— Tire minha roupa — ordena suavemente. Começo com os primeiros botões de sua camisa —. Adoro sentir suas mãos em mim.

Puxo o tecido de seu jeans e, finalmente, descubro seu peito, ele termina de removê-la completamente. Meus dedos vão direto para sua tatuagem, aquela flor-de-lis queimada em seu peito, a sangue frio, as letras pequenas, quase borradas. *Lealdade, poder e honra*.

— Deite-se.

Cumpro seu pedido, deixando-me cair sobre o travesseiro estrategicamente colocado atrás de mim, o detalhe não me surpreende. Ele se ajoelha entre minhas pernas, desabotoando as calças e empurrando-as para baixo.

— Onde você quer minha boca, Emi?

— Por todo o meu corpo — gemo.

— Aqui? — pergunta, chupando a parte interna da minha coxa direita. Eu a abro ainda mais, levantando meus quadris perto do seu rosto. Ele sorri sobre minha pele —. Já vejo... Quer que chupe sua boceta?

Deus. Adoro quando ele me fala estes palavrões de forma tão sacana.

— Sim. Pegue-a.

— Como quiser, *cara mia*.

E *merda*, ele agarra meus joelhos rapidamente levando-se à sua boca. Seu hálito quente bem onde eu mais quero. E sua língua, oh, bendito Jesus. Sua língua é mágica, celestial e pecaminosa quando envolve meu clitóris. Seus dentes arranham meus lábios puxando-os. Levo minha mão até sua cabeça, pressionando-a contra mim. É tão bom, Dominic é um demônio do sexo. Ele sabe onde me tocar, conhece cada ponto onde acender minha chama.

E seus olhos me excitam muito, principalmente quando me olha ao devorar-me *lá*... Sua língua se apodera do meu centro e me faz clamar em voz alta até o nada, ao deslizar sua língua direto ao meu monte de Vênus, suga com tanta força que grito incontrolavelmente. Minhas pernas, agora em seus ombros, tremem e meus apelos vibram por todo o espaço.

— Oh, não... Oh, não. D... Deus! — choramingo com a convulsão crescendo. Don acaba de morder, é doloroso e agradável. É caótico. Todas as sensações explodem, então eu gozo em sua boca gritando sem sentido.

— De joelhos — ele assobia. Eu me ajoelho, dando-lhe as costas e coloco minhas duas mãos sobre o travesseiro. Meus cabelos caem sobre minhas costas, logo abaixo dos meus quadris. Don o agarra e o puxa. Minhas costas arqueiam e minha bunda se levanta procurando senti-lo. Ele acaricia minha coluna com a mão livre.

— Sempre fui um homem idiota — sussurra roucamente perto do meu ouvido —. Suas costas me deixam excitado, Emilie. Minha posição favorita é onde posso ver suas costas, quando os músculos se contraem à medida que seus quadris se movem. Isso me deixa completamente louco, Emi.

— Continue — imploro, já totalmente possuída por suas palavras.

— A senhorita quer eu diga um monte de palavrões bem perto de sua orelha?

— Por favor...

Seus dentes cravam em meu ombro me fazendo gemer, gritar. Não sei, então sua língua traça as linhas que ele deixou. Estou queimando. Preciso tanto disso, tanto. Deus. Isso me enlouquece.

— Minha, Emilie Greystone ... *Você é minha.*

Ele solta meus cabelos para agarrar minha cintura, então eu sinto a cabeça de seu pau na porta do meu local proibido. Oh, meu Deus. Brinca comigo, esfregando seu pau nas minhas partes íntimas. Meu clitóris inchado está clamando por alguma atenção, então eu levo minha mão até *lá*, para minha intimidade.

Ele rosna quando sente meus dedos circulando meu monte.

O prazer está no máximo, quando a cabeça de seu pênis entra atrás. Isso me expande, é incômodo, mas todo esse prazer de fazer algo tão sujo me deixa ainda mais louca. Levo minha mão livre as minhas costas, detendo um pouco seus avanços. Ele é muito mais rápido e a segura, empurrando meu peito para baixo e conseguindo ter minha bunda à sua mercê.

— Não vou foder a sua bunda, Emilie. Hoje não, querida, mas em breve.

Masturbar-me, é algo que nunca pensei ser possível, ser safada no sexo; isso me excita. Don, começa a esforçar-se e também massageia minhas nádegas e se move lentamente para dentro de mim, seus quadris balançando suavemente. Estou gritando de prazer, minhas palavras não fazem sentido algum, enquanto com um último movimento... é glorioso senti-lo completamente dentro. Sua testa se apoia em um dos meus ombros, a mão na minha cintura treme. Ele se segura, acalmando-se para não me machucar.

— Pode meter mais fundo — aviso ofegante —. Por favor, Dominic.

— Droga! — suspira pressionando meu ventre.

Suas mãos estão em toda parte, enquanto penetra fundo neste corpo necessitado. Tento desesperadamente, segurá-lo. Estou suada, tremendo de puro prazer e permanecendo naquele limbo de êxtase sendo possuída por este homem. Grito, ele rosna e justo nesse que suspiro dizendo seu nome, explodo com um grito de satisfação e dor. Meus membros vibram, convulsiono quase sem força quando jogo minha cabeça para trás em seu peito. Don se lança sobre mim, tornando tudo mais intenso quando ele se move totalmente fora de controle, em algum momento parei de me tocar e estou com minhas mãos em seu pescoço, minhas costas contra seu peito, sua mão segurando minha cintura e a outra beliscando meu seio direito. Meu corpo cansado, mas ainda excitado e tremendo, reage. Movo meus quadris tentando dar-lhe o mesmo prazer. Dominic é um amante compreensivo, percebi que se certifica de que tenha atingido pelo menos dois orgasmos antes de buscar o seu. Agora é minha vez de dar tudo de mim. E faço isso me movendo, primeiro em círculos e depois começo a subir e descer em seu pau. Ele suspira, amaldiçoa por perder essa aparência de homem frio. Segura minha cintura com as duas mãos e perde todo o controle quando investe contra minha boceta. Sorrio para mim mesma, porque seus movimentos bruscos são os mais agradáveis. Um Dominic que não para é como um coquetel exótico.

— Senhor, *oh, senhor...*

— Isso mesmo, Emi. Bem no meu pau, *cara mia*. Venha até mim! Foda-se, Cristo! — rosna —. Merda!

O orgasmo devastador me atinge de tal forma que não consigo segurar-me mais, caio para frente ainda agarrada a ele. E minhas paredes se contraem, sugando seu pau. É como se tivesse vida própria e decidisse ficar perto de Cavalli para sempre.

— Oh, Cristo — clama —. Tão bom. Oh, Emilie.

Então, nesse momento, o prazer o atinge com um grunhido muito viril e ele acaba desabando sobre mim.

Ambos ofegantes, suados e exaustos. Foi incrível.

— Meu pau está quebrado — diz ofegante.

Sorrio recuperando minha respiração normal.

— Isso foi alucinante — admito.

— Alucinante é uma magnífica palavra.

CAPÍTULO 23

Emilie

O amanhecer começa a surgir no infinito, rompendo em um azul turquesa e iluminando um céu alaranjado, é esplendoroso vê-lo em primeiro plano, é uma sensação mágica, que envolve uma paz que acalma, a mão do meu prometido está no meu quadril me segurando junto ao seu corpo. Dominic descansa, perdido em uma paz assustadora, acaricio os contornos angulares de seu rosto e suspiro. Sua mão cede quando tento me levantar. Ao fazer isso, suspiro de espanto. «*Que diabos?*».

— Dominic! — grito, batendo em seu peito.

As linhas duras de seus lábios se curvam em um pequeno sorriso.

— Eu a trouxe enquanto dormia — murmura, puxando meu corpo contra o seu. Outro grito de surpresa e excitação deixa meus lábios, olho para todos os lados espantada, rindo e me sento sobre seu abdômen nu.

— Estamos em um iate!

— Sim, *cara mia*. Olhe para a ilha — ordena de forma gentil, abrindo finalmente seus olhos sonolentos. Saio de cima de seu corpo, correndo até a proa da embarcação preta usando apenas sua camisa azul. É perfeito, tudo é muito bonito. Grito olhando a ilha, estamos ancorados perto de um pequeno pedaço de terra, chamá-la de ilha não seria um termo correto, é apenas um pequeno aglomerado de terra no meio do mar aberto, o surpreendente são as rosas e flores plantadas. Rosas vermelhas, brancas e flores alaranjadas.

— *Nonna* o criou — explica, abraçando-me por trás e apoiando a cabeça em seu peito —. Quando era pequena, ela nos trazia para este lugar, Damon e eu a ajudamos a construir a irrigação de água doce e a terra.

— Marcela é sua *nonna*?

— Sim, ela é minha mãe no seu real sentido.

— O que aconteceu com seu irmão? Com sua mãe?

Fica tenso, suas mãos pressionando minha cintura.

Simplesmente estraguei tudo. Dominic é um homem reservado, não me permite entrar em sua vida ou em seu passado. Não tenho esse direito. Isso me assusta a maneira como quero conhecê-lo terrivelmente, quebrar seus segredos, apoiar seus medos.

Quero que volte para casa e possa contar-me sobre seu dia, mesmo que deixe de fora os detalhes macabros de tudo isso.

Dominic é a única pessoa que cuidou de mim, que à sua maneira me protege. Ainda sou contra o nosso casamento, as mentiras e a maneira rude como acabei ao seu lado. Algumas noites não consigo parar de pensar na morte de um homem inocente, outras me associo às lembranças do meu encontro com o pai de Dominic, a forma como fui transformada em um brinquedo ou em Roth Nikov agarrado à vida, em sua luta e que graças a isso hoje eu vivo. Naquela noite, nós nos salvamos. Sem perceber, acaricio a cicatriz em meu pulso. Minha mãe me marcou, deixou uma marca indelével, uma alma fragmentada, mas Gabriel Cavalli arruinou minha capacidade de confiar cegamente em alguém. Ele apunhalou os sonhos de uma garota, sua confiança e amor-próprio. Confiei em um monstro que prometeu minha liberdade e a proteção de minha família.

Por causa de Gabriel idealizei meu pai, colocando sua imagem em um pedestal, quando a realidade era bem diferente.

Não posso culpar Holden, mesmo que quisesse, por seu envolvimento com a máfia; Joseph Greystone foi quem nos trouxe a este mundo quando decidi trabalhar para um Cavalli.

O homem irrepreensível, que era diretor da CIA, vendeu-se ao patriarca por alguns milhões e, conseqüentemente, entregou seus filhos para a máfia, pensei que sua dívida tivesse sido paga quando dei a Gabriel as provas necessário para mergulhar os russos em uma guerra entre o cartel colombiano, pensei ter comprado minha liberdade quando desenhei as rotas de acesso aos laboratórios de metanfetaminas na América Latina, da Colômbia ao México. Meu pai tinha todas essas informações.

— Você estudou? — pergunto tateando o terreno.

— Ciências Políticas e Economia.

— Conhece vários idiomas.

— Italiano e inglês são obrigatórios na *famiglia*, nossos filhos deverão aprender os dois idiomas e nossos netos também, o russo foi graças a Roth e entendo espanhol, embora não fale merda nenhuma. Uso um tradutor em minhas reuniões ao ar livre. E minha linda prometida, alguma linguagem oculta?

— Um pouco de francês — sussurro de vergonha.

— Francês?

— Na minha adolescência a língua francesa me pareceu romântica, fiz três semestres.

— Diga-me uma coisa — pede baixinho, enfiando sua cabeça no meu pescoço, seus dentes fazendo caminho nessa parte da minha pulsação onde recebo um beijo cálido.

— Não... — gemo.

— *Hummm*, você tem um gosto delicioso do mar.

— Don.

— Diga alguma coisa para mim, Emi.

— *J'ai voulu aimer un diable avec tant de désir*^[22].

— Porra, nunca encontrei alguém tão *sexy* na minha vida — diz virando meu corpo em seus braços —. Sabe que posso conseguir alguém para traduzir isso, certo?

— Acabei de dizer que você é nojento e te odeio — murmuro, dando de ombros —. Já sabe, nada que não saiba.

— Você é uma mentirosa — brinca, com seu bom humor à tona —. E você, estudou?

— Não, nada.

— Por quê?

— Tenho perfil baixo.

— Por causa do meu pai.

Não é uma pergunta, você sabe que Gabriel queria minha cabeça. A única coisa que sempre me manteve segura foi Roth Nikov, os segredos, as ameaças feitas naquela noite em italiano.

— Gosto do trabalho social: crianças, adolescentes e mulheres agredidas, quero ajudar.

— É por isso que quer o orfanato.

— Sim, ele é o primeiro passo — afirmo olhando para o horizonte.

— É seu, ok? Se ajudar essas pessoas a deixa feliz, então faça.

— Obrigada, esta é a primeira vez que não discutimos.

— É estranho... falar, quero dizer, tenho Roth, mas nós nos conhecemos e algumas coisas não precisam ser ditas.

— Isso é o que fazem os casais, conversam e se comunicam, não é só sexo e briga.

— Gosto disso — confessa, desta vez se aproxima e baixa a cabeça em busca dos meus lábios. Algo entre nós é diferente, talvez um pequeno *clique* tenha

sido acionado entre nós. Gosto dessa versão, desse homem e sei que é por causa da nossa solidão, ele pode permitir-se ser outra pessoa quando ninguém mais está olhando, quando não precisa ter aquela máscara fria de homem cruel. Sua língua faz o seu caminho em minha boca, e uma de suas mãos agarra meu pescoço, é viciante, delicioso e fora deste mundo. Vira e levanta meu corpo, envolvo minhas pernas em torno de seus quadris, sentindo a umidade em minhas dobras e a antecipação de seu toque. Caminha carregando-me em direção à cabine, desce uma pequena escada e entra em um camarote decorado em tons de preto e dourado. Ele me deixa cair na cama, pairando sobre mim. E me demonstra mais uma vez entre beijos urgentes, carícias desesperadas e desejos ocultos, quão bom amante ele é.

Descubro que não estamos sozinhos, três encarregados do barco andam ao redor, Don faz algumas brincadeiras com os meus gritos, a essa altura toda a Itália deve saber que Dominic Cavalli é um excelente gerador de orgasmos, sua boca, seus dedos e Smurf são incríveis em uma cama, tão suada, com o cabelo grudado na testa e gritando seu nome como uma cantora de ópera, terminando quase desmaiada.

Tomamos banho juntos, banho este que ele se aproveite de mim novamente, desta vez minhas mãos nos azulejos e Dominic de joelhos abrindo as bochechas da minha bunda e usando sua gloriosa língua na minha boceta, sou premiada com um terceiro orgasmo. Já exausta, ele cuida de me limpar inteira e de me ajudar a escovar os dentes, depois os cabelos, não tenho como retribuir o favor, se eu não comer alguma coisa, vou acabar no chão sem forças. Graças a Dominic e sua gente, tenho roupas extras no camarote e meus produtos de higiene pessoal, além de um pouco de maquiagem. Seus olhos não se desviam quando coloco minha calcinha, ela é minúscula, apenas um pequeno sutiã triangular em tecido transparente decorado com flores de renda branca entrelaçadas. É um conjunto novo e muito bonito, embora eu não o comprasse, levo um vestido longo verde com alças e sandálias simples, mas elegantes. O familiar diamante em forma de coração no meu peito, brilhando. Don, sozinho em calças brancas de tecido suave e uma camisa de botão combinando, parece um ator de algum filme americano. Ele é lindo e charmoso, o mar combina perfeitamente com ele e seu estado de espírito é totalmente relaxado.

— Está com fome? — pergunta, encontrando meu olhar em seu corpo.

— Faminta.

Assim terminamos sentados sob o sol, com uma mesa cheia de comida; omeletes, frutas cortadas, pães de alho, sucos frescos, queijos e uma garrafa de Coca Cola gelada ao meu lado, seus olhos fixos em mim.

— Saúde — murmuro, levantando minha garrafa de coca e batendo com sua Pepsi —. Por mais dias como este.

— Por uma eternidade com você.

Desconfortável, mas feliz, sorrio antes de tomar um longo gole de refrigerante e abrir caminho para um café da manhã tranquilo. Ambos nos enviando olhares furtivos e meio-sorrisos quando nos olhamos. No final do café da manhã, movem o iate ao redor da ilhota e atracamos em um cais de madeira branca, de mãos dadas caminhamos juntos, desta vez não estava atrás dele, mas sim ao seu lado. A tripulação do navio, dois senhores mais velhos e uma jovem, mantêm distância de nós. Caminhamos entre as rosas brancas e depois as vermelhas, além de algumas flores laranja e roxas onde o sol é mais forte. Não é de areia, é terra negra e uma enorme árvore dá sombra para as flores, abaixo desta, um assento de madeira com pelo menos três lugares e, também um balanço de pneu de veículo pesado pintado de vermelho. Eu me sinto animada e imediatamente começo a balançar como uma garotinha. Don se recusa a contemplar o Mar Mediterrâneo, perdido em lembranças, como mostra seu rosto relaxado, diria que são boas... na sua maioria.

— Empurre-me — peço fazendo um lindo biquinho.

— Você sabia que essa corda tem a minha idade?

— Vinte e nove não é tão velho.

— Se você cair, pode machucar-se de verdade.

— Chaaatoooo — canto —. Você ficará velho logo se não começar a aproveitar a vida, seus filhos vão chamá-lo de vovô.

— Quantos você quer?

— O quê?

— Filhos, quantos você deseja?

Tenho que agir e posso jurar que ouço Hannah em minha cabeça. Merda, isso pode dar muito errado, essa conversa vai acabar com a nossa trégua.

— Não quero ter filhos.

Não para a máfia, não para este mundo e, muito provavelmente, tendo um Dominic seu pai. Observa meu rosto, pensando que estivesse brincando.

— Sabe que fodemos sem qualquer tipo de proteção... Devo saber de uma coisa? Você está tomando alguma medicação sem a minha permissão?

— É o meu corpo — olho para trás, sentindo o desconforto no ar. «Sem sua permissão? Quem diabos ele pensa que é?». Meu dono, é isso.

— Você será minha esposa, em poucos dias oficialmente. Sou um Capo jovem e preciso de descendentes, se não falei de algum método anticoncepcional é porque quero que me dê filhos e quanto mais cedo, melhor, Emilie.

— Sou um ser humano, sabia? Não pode passar a vida decidindo sobre os outros, dando ordens.

— Você será minha esposa, quero filhos ter com você. O que fez?

— Pílulas — sussurro. Fecha os olhos negando, mas quando volto a abri-los, caminha na minha direção abrindo suas mãos. O que fará? Você me agredirá? Bater na minha bunda por ser desobediente?

— Vem aqui agora.

— Não — eu o desafio automaticamente, abrindo meus olhos, com medo. Estamos no meio do mar, pode acabar com a minha vida tranquilamente e depois regressar à vila como se nada tivesse acontecido, ninguém perguntará por mim, Holden provavelmente já se esqueceu de mim.

— Você tem medo de mim?

— Um pouco — digo sinceramente, juntando minhas mãos, evitando que perceba o leve tremor.

— Venha no meu colo, Emilie. Dou minha palavra, não a machucarei.

Desço do balanço e encurto a distância um pouco hesitante. É um lugar agradável, e o tempo compartilhado esta manhã foi pacífico, não quero estragá-lo.

— No meu colo — exige. Levanto meu vestido para conseguir encaixar sobre seu corpo. Geme baixinho assim que me sento sobre ele e suas mãos mecanicamente abraçam minha cintura, descendo perigosamente perto da minha bunda, empurrando contra o meu centro. Droga, ele é a porra de um deus do sexo e descobriu minha fraqueza.

— Nunca levantaria minha mão contra você. Aprenda a confiar em mim, pequena.

— Você matou um homem por minha causa.

— Não, matei um dos meus homens por colocá-la em perigo, pensei que tivesse entendido isso. Ele desobedeceu a minha ordem de levá-la para a

minha cobertura e mantê-la segura. Se quisesse machucá-la fisicamente, teria feito, pequena, não é sobre isso... ok? Nunca a tocara e até mesmo, no sexo, pois se me pedir para parar, eu paro. Ontem à noite queria foder essa bunda linda e você recusou... Aceitei, não sou uma besta com você. Entendeu?

— Por que não comigo?

— Não sei, Emilie, a mesma pergunta me faço todos os malditos dias desde que a conheci — reconhece, juntando sua testa à minha —. Se meus inimigos soubessem a magnitude do poder que você tem sobre mim, não hesitarão em usá-la contra mim. Ninguém deve saber o quanto me importo com você, Emilie. Ninguém, jamais!

— E não pode ser assim como nas últimas horas em público.

— Exatamente, pequena. Esta noite, será um lindo enfeito, não pode falar com os homens a não ser que eu lhe dê permissão... Sei que você não é assim, é teimosa e impõe sua palavra, eu a conheço, ok? Em Nova York pode ser assim, amor, mas não esta noite, Raze estará vigiando-a quando as mulheres quiserem conversar, muitas delas esperam que você tenha medo de mim, que seja tímida e inocente. Para eles você é minha esposa, domesticada e moldada ao meu gosto.

«Amor, acabou de me chamar de *amor*».

— Não sou boa fingindo.

— Faça por mim, por favor.

— Você usa esse “*por favor*” para me manipular.

— Eu uso o sexo, precisa de uma dose extra?

— Não, estou um pouco dolorida — confesso.

— Minha língua pode ajudar.

— Não, obrigada.

— Deveria tentar. — Dando de ombros e seu gesto parece infantil, encantador —. Voltando as pastilhas, se quiser usar, tudo bem..., mas depois de casados teremos essa conversa, ok?

— Está pedindo minha aprovação. — Suspiro impactada.

— São as bases de um relacionamento, conversar, chegar a um acordo, ou assim me disseram.

— Não faça rir, melhor continue sendo *O Capo*.

CAPÍTULO 24

Emilie

A avó de Dominic, Marcela, é minha mão amiga no momento de me arrumar. O período da manhã passa muito rápido, assim que chegamos a vila Don volta sua atitude fria e distante, almoçamos com os rapazes que evitam meu olhar, algumas palavras são ditas em russo às quais Dominic adota sua máscara, tento encontrar sua mão por baixo da mesa... uma aproximação e nada. Cansada de me sentir rejeitada, eu me retiro ao segundo andar, escolhendo os vestidos e colocando-os sobre a cama, não estou pronta para uma festa, a princípio a minha ideia ao vir para a Itália era usar biquinis e algum vestido de *cocktail*. *Nonna* entra no quarto quando estou pensando em sair em busca de alguma *butique* na Itália capaz de ter um vestido elegante do meu tamanho e moderadamente decente. Marcela e duas assistentes sorriem para mim, uma delas provavelmente da minha idade será minha tradutora, porque obviamente Dominic já pensou em tudo.

— Qual é o seu nome?

— Amália, senhora, e ela é minha companheira, Serafina, o senhor nos enviou como suas assistentes.

— Obrigada — sussurro olhando para as roupas, *nonna* tira três dos oito vestidos, mas quando vi o quarto me apaixonei, é perfeito. Don precisa de um enfeite, eu lhe darei um. Sorrindo escolho esse, Amália se encarregada de alisar meus cabelos e depois criar ondas soltas, não sou uma mulher de penteados extravagantes, gosto de tê-los como uma moldura no rosto e meus cabelos causam um efeito alongado em forma de diamante, também pinta minhas unhas com uma delicada cor de creme e maquiagem nos olhos com efeito esfumado preto, realça a esmeralda e os meus cílios são acentuados com a utilização de postiços, nos meu lábios opto um rosa mate suave. Três horas depois, a mulher do espelho é uma estranha, nunca usei uma maquiagem assim, muito menos escolhi um vestido assim. Amália e Marcela aplaudem alegremente e a senhora Serafina me dá um sorriso discreto.

Prevendo uma noite de paixão, minha roupa interior é apenas uma minúscula calcinha de renda preta. Meu vestido é roxo, corte império, decote em V profundo, uma fenda na perna direita e as costas abertas. Ele terá um ataque

cardíaco quando perceber minha ousadia. As mulheres saem do meu quarto quando ainda estou em dúvida diante do espelho escolhendo meus acessórios, uns brincos pequenos e elegantes em combinação com meu anel de prometida, não me livrei do meu novo colar de coração, ele foi muito específico ao pedir que eu nunca o tirasse. Vou descalça pelo corredor, atravesso-o até o quarto de Isabella Cavalli, nele vou até o armário onde me lembro de ter visto uns lindos sapatos dourados, cujas alças formavam uma intrincada cobra. Não os coloco, apenas eu os seguro na mão ao lado da minha bolsa, igualzinho ao ouro, onde só carrego comigo o meu celular — que não tocou nenhuma vez durante toda a viagem — e minha identificação, além de um cartão Dominic.

— Emilie! — grita meu prometido do andar de baixo. Por sua voz, parece irritado —. Como é difícil colocar um vestido!? Estamos atrasados! — insiste. Viro meus olhos demonstrando insatisfação, assim que começo a descer as escadas, Raze dá um olhar de soslaio, seus lábios se curvam em um sorriso zombeteiro. Para minha surpresa ele está trajando roupas formais, ele nega e lhe dou uma piscadela ao passar ao seu lado. Dominic, de costas para mim, tem uma acalorada troca de palavras com Roth, este último tentando tranquilizá-lo enquanto o primeiro pragueja e gesticula com as mãos.

— Se ela não estiver aqui em cinco minutos, iremos sem ela! Ouviu isso, Greystone?!

— Perfeitamente — digo inclinando minha cabeça. Seu comportamento idiota e presunçoso me irrita, mas o terno preto sob medida — realçando esses glúteos moldados e apertados, essas pernas longas e — compensa qualquer tipo de atrevimento. Homens de terno me chamam a atenção, melhor dizendo, Dominic Cavalli me deixa excitada quando usa terno, é como se meu corpo gritasse «Quero ser fogo em sua fogueira! Queimar-me sem rodeios, sem me preocupar com o que dirão!» Ele se vira e é mil vezes melhor, o cabelo penteado para trás, a barba curta e bem feita, sem gravata, dois botões da camisa branca abertos e um lenço azul no paletó. Seus olhos observam meu corpo, uma varredura perfeita de cada lugar indicado.

— Pode ajudar-me, querido? — questiono levantando meus sapatos emprestados ao alto. Eu o flerto algumas vezes, fazendo biquinho e depois com toda intenção, afasto a saia do meu vestido mostrando minha perna e deixando a pele branca a sua vista. Ele age mecanicamente, acho que não entende o que estou pedindo, ou melhor, caiu no meu doce charme. Ele

caminha, encurta a distância em seis passos e vejo no segundo justo quando Roth se inclina para frente, como se essa ação impedisse que Dominic se ajoelhasse na entrada de sua vila, seus homens assistindo ao espetáculo na primeira fila. Ele levanta meu pé e coloca uma das minhas sandálias e depois a outra com um fecho suave, suas mãos sobem pela minha perna quase me fazendo perder o equilíbrio, então ele fica na minha frente. Imponente. Parece ter crescido alguns centímetros, mas é apenas sua postura ameaçadora, uma demonstração de autoridade.

Sorrio, mas ele não e então envolve meu pescoço com força para que as testemunhas vejam como me trata, porém ambos sabemos a verdade, não está exercendo força alguma, depois me beija como uma forma de reivindicação de poder, ego e soberania diante todos. «Você é minha».

Grita seu domínio e eu aceito, cada parte sua foi de algum modo desenhada para mim.

Ao afastar-se, abro os olhos, pois em algum momento devo tê-los fechado... em seguida agarro seu paletó, ofegante.

— Minha — assobia, limpando o batom da minha boca —. Sabe o que penso disso — diz ele, agitado —. E seu vestido é tudo menos inocente, porra! Você está linda, digna de ser minha esposa.

— Obrigada.

Roth limpa a garganta, fazendo com que nós dois recuemos.

— Sabe como usar uma arma, Emilie? — pergunta Roth.

— Não dará uma arma para minha esposa, Roth! — grita Dominic ao meu lado.

Raze apenas tenta esconder sua risada, negando.

— Está levando *sua esposa* no meio de homens perigosíssimos.

— Raze é sua sombra, você se encarrega de vigiar seus passos e eu estarei ao seu lado. Ela é a mulher mais segura do mundo no que me diz respeito, ou estou errado? — pergunta Don, prestes a pular na jugular de Roth.

— Se for pequena... — tento aliviar a tensão —. Não sou especialista, mas sei dominar uma de nove milímetros, embora prefira não ter essa responsabilidade.

— Eu me recuso a fazer isso — diz meu prometido —. Não a deixarei usar uma arma.

— Age como um Neandertal — diz Roth, sem rodeios, vira-se caminhando em direção à limusine preta, Raze segue seus passos com o olhar, negando,

estou perdendo alguma coisa?

— Por que está tão nervoso?

— Roth suspeita de uma armadilha — sussurra Don, estendendo a mão para mim, a qual aceito.

— Uma armadilha? Pensei que fossem seus amigos.

— Não tenho amigos, Emi. A festa é para fazer negócios, mostrar poder e criar alianças.

— Posso ficar se preferir... — ofereço.

— Quero levá-la comigo — diz ele, quando chegamos à porta aberta por um de seus homens —. Permanecerá ao meu lado, em silêncio a maior parte do tempo —. É importante, tente não chamar a atenção.

— Não chamar a atenção? — Ri Raze —. Não percebe *o elefante na sala*^[23]? Ela é um espetáculo luminoso e será o assunto mais comentado entre o lixo italiano, não é inocente, não abaixa a cabeça e eu aposto meu pau que ela não vai ficar calada!

Dito isso, Raze rodeia a limusine e entra no veículo e nós seguimos os seus passos sem comentar nada.

A jornada parece eterna, minha cabeça começou a latejar de tanto ouvi-los discutir em russo e então fiquei zozza. Observei a paisagem por quase duas horas até que coloquei minha cabeça no peito de Dominic, ninguém disse uma palavra, mas todos notaram meu movimento. Beberam *Bourbon* e fumaram charutos que só contribuíram para aumentar a minha dor de cabeça. Fiquei em silêncio, embora isso me incomode muito. Raze está coberto de razão, não sou de ficar calada, não abaixo a cabeça para ninguém, bem, pelo menos não o tempo todo e se algo não for do meu gosto... digo, mas não quero ser a causadora de um possível mal-estar.

Mudei, percebo internamente, quero agradá-lo e provar o meu valor, não sou apenas um rostinho bonito, um enfeite para mostrar ao público e ostentar a bela mulher. Serei uma Cavalli, milhões de olhos me reconhecerão, em breve os canais de entretenimento de Nova York terão fotos minhas por toda parte, aparecerei como a mulher que pegou o herdeiro bilionário de uma das mais importantes instituições financeiras do continente americano. Devo ser perfeita para eles, sem perder minha essência no processo.

“O amor não nos destrói, as pessoas que professam amar-nos, sim.”

Minha mãe repetiu aquelas palavras por horas, enquanto eu sangrava, nesse momento não a entendia, era muito ingênua. Agora sei como são reais.

Joseph Greystone destruiu sua família quando aceitou trabalhar para Gabriel Cavalli, matou minha mãe, seu amor a destruiu. Emma o amou de uma forma intensa, sem limites, deu dois filhos a um homem idealizado, ensinou-me a amá-lo da mesma forma... Ao analisar melhor tudo isso, não posso deixar de reconhecer que Holden tenha tomado a melhor decisão de fugir de casa para morar em Londres, afastando-se desse lixo, mas no final acabou sendo preso por esse mesmo lixo. De alguma forma nós servimos no passado ao mundo sujo da máfia e, agora... estou aqui, na frente de uma casa cheia de assassinos, entrando de mãos dadas com um dos homens mais poderosos do mundo e com dois russos sinistros atrás. Talvez eu também tenha sido criada com um propósito para toda a minha vida.

Os homens de Dominic ficam para trás, esquecidos na estrada e apenas nós quatro passamos para a vila, a tensão em Roth começa a surgir, é inebriante. Don adota sua máscara e Raze permanece vigilante com cada movimento. Uma garçonete nos cumprimenta com taças de champanhe, tento pegar uma, quando meu prometido, ou melhor meu marido esta noite, nega encerrando minha ação. Eu o olho interrogativamente.

— Você não bebe nem come nada que não seja de nossas mãos.

— Por quê? — pergunto confusa.

— Veneno. — Responde baixinho. Neste momento sinto a alma do meu corpo sair, certamente não é um encontro amigável, não são velhos amigos de festa.

— Você só tem Raze e Roth? — pergunto com um nó na garganta.

Ninguém deveria preocupar-se com uma taça envenenado ou uma arma com seu nome gravado nela. Abre a boca para responder e depois a fecha novamente, ele parece um pouco indeciso quando tenta responder novamente e me surpreende inclinando-se para o meu pescoço especificamente, ele beija meu ombro nu e sussurra baixinho, apenas para nós dois.

— E a você, eu a tenho.

— *Lealdade e honra* — repito no mesmo tom de voz —. *Nunca me falhe e terá os dois pelo resto de nossas vidas.*

Pisca, intensificando seu olhar, sem se importar com as pessoas caminhando ao redor, agarra meus lábios com fome, sua língua faz seu caminho para dentro da minha boca e me possui em pé, porque quando me beija de alguma forma me declara sua. «Eu te amo».

As palavras gritam na minha mente, suspiro separando-me «Eu o amo?»

«Não, é impossível». O carinho não nasce do nada, não nasce de dois corpos entregando-se ou de discussões sem sentido. «Então de onde nasceu isso?». Da intimidade, uma carícia, um toque, até o mais ínfimo dos olhares. É o ar da Itália, sim, deve ser isso. Eu não amo Don, eu o odeio, eu o odeio por tirar minha vida, minhas ilusões, meu futuro. «Por um acaso, tinha uma antes de dele? Desejava um futuro ou só existia quando um novo dia chegava?». Trabalhava na editora, lia histórias para preencher uma lacuna, não me socializava, obrigava-me a não abordar o gênero masculino e mantinha um relacionamento mínimo com minha colega de quarto.

Não sentia, meu coração era uma muralha impenetrável, até Dein tentou ganhar meu carinho e eu não lhe permiti nada além de um beijo... Então chegou Dominic, foi instantâneo. Curiosidade, desejo, aquela explosão desenfreada de tê-lo ao meu lado, nesses dias em que não sabia quem ele era, mas sentia essa escuridão, aqueles olhos tristes e aflitos. Não gostava até dois dias atrás, não o queria há algumas horas. Foi nesse dia no orfanato, debaixo desse Cristo crucificado, quando confessou ter nascido naquele lugar e nesse ponto, onde seus olhos condenaram meu coração a cair, a confiar e a ser marcado para sempre.

— Você parece estar bêbada — sussurra, escondendo um sorriso, um sorriso público!

Estou prestes a dizer a maior idiotice desde que o homem andou na lua, mas um casal se junta a nós, uma voz rouca chama o nome do meu prometido e Don perde qualquer indício de humanidade em seu rosto. A mão na minha cintura apertada, seus dedos cravam na minha pele e vejo aquele sorriso sinistro aparecer em seu rosto feio.

— Lucas Piazza — cumprimenta, fingindo cordialidade.

— Bem-vindo à minha casa, Cavalli. Você não me apresentará sua acompanhante?

Curiosa com essa voz exigente, eu o observo. Um homem mais velho, não um velho decrépito, mas um homem maduro, cabelo preto bem cuidado, olhos castanhos comuns, mas de alguma forma assustam e um sorriso zombeteiro adorna seus lábios, ele tenta parecer mais alto adotando uma postura ereta, ele é pequeno, baixa estatura em comparação a Dominic. Ele descaradamente dá uma olhada no meu corpo, umedecendo os lábios quando seu olhar cai sobre o meu decote. Se perder minha cara de pôquer me junto a Dominic, buscando sua proteção. Algo nesse sujeito não me agrada, a garota

ao seu lado é imponente, com cabelos pretos lisos e olhos de cores diferentes, um é cinza e o outro luta entre o verde e o azul, os lábios grossos pintados de um vermelho para combinar com seu vestido, tem um colar... é uma porra de coleira de cachorro! E seu olhar perdido, foi para algum lugar, tem hematomas no pescoço, alguns mais borrados que outros, e é magra, extremamente magra.

— Se você não quer transformar essa celebração em um funeral, eu agradeceria se você parasse de comer minha esposa com os olhos, Lucas. É de péssima educação.

— Sua esposa? — exclama uma voz familiar. Minhas pernas fraquejam, minha respiração fica irregular quando a vejo, sem pensar nas consequências e que sou apenas um enfeite sem voz, eu me afasto de Dominic e corro na direção do pequeno projeto de loira, envolvendo-a em meus braços, emocionada e feliz por tê-la comigo, mas ela não retribui o gesto, pelo contrário, ela me repele empurrando-me discretamente. Ela está mais magra e com olheiras enormes, os ossos dos ombros estão fundos e perdeu o brilho em seu olhar.

— Val... — Suspiro confusa —. O que aconteceu? O que fizeram com você? Como você está aqui?

— Você é uma vadia, não é mesmo, Greystone? Não satisfeita em roubá-lo de mim, também foi atrás do bilhete premiado. Tornar-se esposa do Capo.

— Do que está falando? Como sabe sobre Dominic...?

— Não entendo como ele pode amá-la sendo que você é apenas uma idiota.

— Basta! — Roth ruge chegando até nós, sem se importar quem o vê arrastando Valerie pelo braço, ela não resiste. Amor? Do que diabos ela está falando? Que outro segredo estou perdendo?

CAPÍTULO 25

Emilie

Não preciso ser um gênio para perceber que Lucas Piazza é inimigo do meu prometido. No início, sua mandíbula se contrai quando Dominic diz algumas palavras em italiano; segundo, seus olhos castanhos caem no meu colar pela primeira vez e, nesse momento, a raiva toma conta de seu rosto. Eu, presa pelo pânico e angústia não tento entender suas palavras, estou procurando Valerie e Roth que desapareceram. Raze ainda se mantém ao meu lado, petulante e olhando a todos. As mulheres reunidas em um canto da sala, com seus vestidos de gala conversando entre si, observando-me e rindo, junto a elas está Serafina que se mantém calada erguendo uma taça em minha direção, as outras quase meninas de dezoito anos ou menos, são pequenas harpias.

No fundo da sala, uma orquestra toca uma melodia baixa e rítmica. A maioria dos homens no salão tua como segurança das mulheres, com seus ternos pretos típicos e postura ereta.

— *Se você quer falar de negócios, é melhor ir para a sala privada* — diz Lucas, com os punhos cerrados. A garota, sua escrava na verdade, inclina a cabeça e discretamente me dá uma resenha antes de sair com as harpias, que estremecem com ela —. Sua esposa pode esperar com as outras — murmura, voltando-se para o inglês, algo que agradeço.

— Minha esposa permanecerá ao meu lado, gosto de manter meu gado sob minha proteção.

Filho da puta...! Maldito! «Você é um enfeite». Não é o que sente, está apenas tentando fazê-lo acreditar em uma farsa, certo? Lucas não espera, começa a caminhar pelos corredores iluminados, ouço o suspiro coletivo quando Don toca minha mão indicando o caminho e eles olham para onde estamos indo, passando por algumas portas duplas ele coloca a mão direita aberta nas minhas costas, com uma carícia suave oscilante, olho por cima do ombro para Raze, que nos segue alguns passos atrás, com seus olhos em mim o tempo todo. Roth está certo, isso não é uma festa, é uma armadilha mortal para todos. Se esse homem é o inimigo de Dominic, certamente, está levando-nos para o seu terreno, mas duvido que o Capo fique como um

imbecil ignorante, é outra coisa, um jogo onde se conhece cada jogador, o que está planejando, Don?

— O filho de Michael Romano está aqui — começa nosso anfitrião, abrindo a outra porta dupla.

— Que coincidência — murmura Dominic.

— Sim, foi o mesmo que pensei. Você já conversou com Romano? Ele é amigo da família.

— Deve estar ocupado fodendo a filha de Raffaele Ginore, certo?

Lucas tropeça, seus pés se enroscam um no outro, e cambaleia para a segunda sala cheia de homens altos. É uma atuação engraçada, Raze é o sinal claro do quão correta estou, não evita um pequeno sorriso que se apodera de seu rosto e meu prometido igualmente curva aqueles lábios preciosos em um sorriso zombeteiro.

Esta sala é menor, os homens sentados nas mesas de pôquer; uma espécie de cassino clandestino ou particular, o ar carregado de fumaça de tabaco, mulheres nuas andando com bandejas de bebida em garrafas lacradas, charutos e pó branco em sacos plásticos de «drogas».

Nada disso tem um significado real para mim, sei que é anormal, mas o seguinte que vem aos meus olhos me causa uma verdadeira repulsa... cinco gaiolas localizadas no centro da sala, estratégica e metodicamente, com cinco meninas nuas sozinhas com sapatos de salto alto e cabelos soltos, uma delas ajoelhada com um laço amarrado em suas mãos, como se fosse presente de algum desses homens, ela não pode ter mais de quinze anos, é uma menina. As quatro restantes, parecem um pouco mais velhas, talvez tenham dezoito ou vinte anos, duas delas amarradas nos tetos das gaiolas expostas como um sacrifício e outras inclinadas, mostrando suas bundas ao público. Elas não estão aqui por vontade própria. A vontade de vomitar sobe para minha garganta, luto bravamente para não dobrar-me sobre mim e expulsar tudo o que há no meu estômago.

— Está no meu território, Cavalli — rosna Lucas em resposta a algo.

— Esse é o problema, Piazza, por alguns dias, a Itália parece pequena demais para ser compartilhada.

Don não perde a máscara, nem o comportamento. Lucas é muito fácil de manipular, de levá-lo ao limite.

— O que está insinuando? Temos um acordo — diz, começando a tremer de raiva.

— Eu lhe dei partes da Itália porque no me interessava e você quebrou nosso acordo. Michael atestou isso e agora se encontra rendendo-me honra no inferno — declara Dominic, dando um passo à frente —. Nenhum homem me trai e continua vivendo, Piazza. Nenhum! E você me desrespeitou por acreditar que sou um idiota, depois por olhar para minha esposa mais do que devido.

— Se você me matar, meus homens irão atrás de você — ameaça, olhando ao redor. Ninguém levanta um único músculo para defendê-lo, apenas um garoto de cabelos negros caminha em nossa direção, meu instinto grita para que eu recue e eu o faço, colidindo com o peito de Raze. O jovem inclina a cabeça na direção de Dominic e me lança um olhar fugaz, não, olha para o diamante, por que todo mundo o reconhece? Que significado possui? O recém-chegado coloca a mão no ombro trêmulo de Piazza, aplicando pressão.

— *Il Capi de tutti capi*. Cavaleiros e animais! — grita, deixando-me assustada —. Temos o chefe dos chefes entre nós e sua linda esposa, quantos de vocês já prestaram sua homenagem ao casal feliz?

Um tumulto de aplausos, ovações e xingamentos em italiano enche a sala, junto com taças erguidas. Meu marido não oficial, responde com um breve discurso bem recebido. Não entendo merda nenhuma, Valerie está aqui em algum lugar nesta mansão com Roth, Lucas foi praticamente ameaçado, as mulheres ficam longe dos homens, e têm cinco garotas à venda pelo lance mais alto, pelo menos eu acho.

Dominic passa por entre os homens e se senta em uma mesa redonda, é uma roleta russa, puxa meu corpo para o seu colo, enquanto o jovem de cabelos pretos fala algo no ouvido de Lucas, este último cada vez mais pálido, olha para Dominic, depois para mim e finalmente se vira deixando o lugar. Meu prometido envolve meu corpo, um de seus braços deslizando em volta da minha cintura, segurando-me em seu colo, contra seu peito. Não sabia que meu corpo precisava tanto sentir essa segurança. Cruzei meus dedos um sobre o outro, evitando tremer. Uma garota ofereceu uma das garrafas fechadas e um homem mais velho na frente a abriu, despejando álcool em vários copos, oferecendo um a Dominic, que esperou pacientemente para ver os outros beberem antes de abaixar a cabeça e beber o licor, dois outros homens dos seis que estavam na mesa redonda, fizeram careiras de cocaína e, sem se deixar abater pela minha presença, inalaram o pó, um deles ofereceu a meu prometido e eu respirei fundo quando ele negou sem muita

consideração. Começaram a jogar roleta, dando preferência ao chefe dos chefes. Raze recebeu a ordem de trazer uma taça de vinho branco para mim, não sem antes certificar-se de que pelos menos três pessoas tomassem antes o mesmo conteúdo.

Os enfeites não deveriam falar, nem respirar, mas... Como não olhar para essas garotas, essas gaiolas sem sentir algo? Enfiei minha cabeça em seu pescoço, respirando seu cheiro picante, seu cheiro que acalma meus nervos. Era muito pressão em tão pouco tempo.

— Existem garotas engaioladas... o que farão com elas, Dominic? — pergunto apertando seu paletó. Sentia a impotência nas pontas dos meus dedos, a falta de ar, meu coração disparado. Lágrimas ardem em meus olhos enquanto a descrença se acentuava, estou enlouquecendo, observando essas meninas. Por dias acreditei que viver com Dominic, sendo sua esposa, era a pior coisa que um ser humano poderia sofrer, privando uma mulher de escolher seu próprio marido... Mas isso é uma merda. Essas garotas têm um futuro muito pior, serão vendidas ou presenteadas a estes homens, farão com elas tudo o que desejarem, depois só Deus saberá seu destino. Tenho vivido como uma princesa em sua torre, até a nossa primeira vez foi minha decisão, eu me joguei sobre ele, praticamente lhe implorei, pois até então ele não me havia tocado.

Minha pergunta paira no ar, o tempo começa a passar entre as rodadas de jogo, bebida e carreiras de cocaína. Raze parece tão desconfortável quando olha para o pó branco, os homens falam em seu idioma, então não entendo além de saber que o garoto de cabelos negros é Nicklaus Romano, que agora governa Palermo sob as ordens de Dominic, e quem é o organizador oficial da festa.

Roth entra na sala desarrumado quando inicio minha segunda taça de vinho, cheira a sexo, o cheiro chega a superar o charuto que está sufocando-me. Finjo tossir para ter uma desculpa para sair do salão.

— A fumaça me está sufocando — sussurro.

— Raze, leve-a para sair — ordena Dominic jogando, aparentemente, está perdendo para um dos drogados.

— Don, as garotas — imploro baixinho.

— E o que tem as garotas?

— O que farão com elas?

— Serão vendidas — assobia.

— Quem? Como?

— Isso não lhe interessa, pequena — sussurra baixinho. Não é uma reprimenda.

— Elas são garotas, inocentes, garotas... Não deixe que sejam vendidas, por favor.

— O que você está querendo exatamente?

— Comprá-las, compre-as para mim.

— Emilie...

— Será meu presente de casamento, nenhuma joia será mais valiosa se você comprar essas garotas e dar-lhes liberdade. Para mim, por favor, faça isso.

— Sabe que são apenas cinco em um milhão?

— Não importa, mas eu me sentirei muito mal se sair daqui sem ter feito nada...

— Acabará comendo-a por dentro — olha para as gaiolas e aos homens que as cercam, a garota de joelhos chorando rios de lágrimas, por causa de um deles estar tocando seus seios. É repulsivo e humilhante —. É hora de ir, eu as comprarei e as mandarei para a vila e ficarão sob sua responsabilidade. As coisas esquentarão quando eu estragar a diversão desses homens, volte para casa e espere por mim, estarei de volta em algumas horas. Esteve perfeita esta noite, pequena. Em Nova York será melhor, você verá.

— Vá para casa — peço gentilmente antes de beijar sua bochecha em um ato inocente. Enquanto me afasto, várias cabeças estão olhando para nós, minhas bochechas ficam vermelhas.

— Raze — Dominic o chama —. Leve-a para casa.

— Dominic — insisto, não sairei daqui até ouvir sua ordem.

— Roth, compre as grotas.

E o sorriso no meu rosto não podia ser maior.

Raze caminha ao meu lado, procurando um banheiro ou uma saída, seu humor não é dos melhores e o meu se assemelha ao dele, giramos várias vezes até encontrarmos o banheiro feminino. Amaldiçoo assim que entro, minha bolsa foi deixada na sala de estar com Dominic. Não quero ficar mais um momento nesta casa, faço minhas necessidades e ao sair para limpar minhas mãos, encontro Valerie sentada ao lado da pia, está inalando pelo menos três carreiras de cocaína, seu vestido tem as alças rasgadas e a maquiagem manchada. Ela é minha amiga, talvez não a melhor, mas são dois anos compartilhados. Eu me aproximo com cautela, afastando seus fios quase

loiros de seu rosto bonito, encontrando o ódio.

— Seu segurança é um idiota — murmura, rindo —. Deixa entrar o perigo perto de você.

— Você nunca me machucaria, Valerie... Você é como uma irmã.

— Como está iludida, Emilie! Sabe por que não voltará ao salão? Porque Cavalli deve estar com a puta da Katniss, fazendo-lhe um boquete diante de todos ou coisa melhor... fodendo uma das garotas.

— Isso é mentira... Ele não é assim, não o conhece.

— Aí é onde você se engana, eu o conheço, depois de tudo sou igual a Katniss. Uma puta da máfia, eu os deixo foder-me por um pouco de dinheiro.

— Está drogada...

— Sabe quem me ensinou? Os russos me deram minha primeira carreira de cocaína para foderem minha bunda, sabia que seu Dominic adora foder as bundas de suas putas? Todas de costas, encostadas em algum lugar. Essa notícia voa quando se dedica a esse trabalho, ele já a fodeu como uma puta, Emilie? Hein? E depois, o quê? Ele lhe entrega o coração do primeiro Cavalli, o chefe dos chefes da máfia.

— Do que está falando? — pergunto hesitante, Dominic disse isso... Sua posição favorita, é ter-me de costas, fodendo-me como uma de suas putas. Nunca fui diferente, sou igual a todas. Katniss? Ela está em Nova York, certo? Dominic mentiu para mim? É isso? Uma maldita mentira.

— Seu colar, o coração Cavalli, a joia criada com as cinzas do primeiro Capo.

— Isso não pode ser verdade... você está mentindo... Desvairando, o que está fazendo aqui?

— Explicarei uma coisa. — Ri, afastando-me com um toque —. Sou eu quem consegue as garotas, você se lembra da noite no bar? Eu a levei intencionalmente. Eu a coloquei nos braços do maldito russo para me livrar de você, mas o idiota não fez bem o seu trabalho.

Meus olhos se encheram de lágrimas, vendo essa mulher no corpo de quem um dia foi minha amiga. São a mesma pessoa, o que pude ter feito para Valerie Jason para agir assim comigo? Nada. Preparar seu café da manhã por mais de dois anos. Lembro-me bem daquela noite no bar, como ela desapareceu misteriosamente quando eu mais precisava dela, por quê? Ódio, o ódio motiva e enlouquecem as pessoas e tudo o que seus olhos têm para mim agora, é ódio e ressentimento. Recuo negando, nada disso faz sentido.

— Você era minha amiga! — Suspiro.

— Era, tentei ser, mas me arrebatou seu carinho.

— Do que está falando?! — grito —. Não tirei nada de você!

— Roth! Roth Nikov, meu homem misterioso a quem amei por esses dois anos e me olha como um simples brinquedo... Por sua causa! Ele me enviou para cuidá-la, permanecer ao seu lado protegendo-a, porque era frágil e fraca. Por dois anos a aguentei, sua série idiota, ser amiga de um rato assustador... Fiz isso por ele! Mas ele te ama! Sempre será você!

— Roth não me ama... É diferente.

— Puta desgraçada! — rosna Valerie, dando-me uma bofetada. A dor se espalha pela minha bochecha e rapidamente sinto o saber salgado do sangue na minha boca. Recebo outro golpe no lado contrário, fazendo-me bater contra a parede. Quero lutar, defender-me, mas uma terceira bofetada chega acompanhada de um soco na boca do meu estômago. Grito curvada e vejo um fio vermelho sair da minha boca. Eu tusso tentando pegar um pouco de ar quando recebo um novo tapa. Uma dor mais forte tira o pouco ar que restava dos meus pulmões. Desta vez eu caio no chão, de joelhos. Grito mais alto, esperando que alguém me ouça quando ela me puxa pelos cabelos e me levanta. Cara a cara, vejo a raiva em seus olhos. Então cuspe no meu rosto, por que não me defendo?

— Valerie... — Tusso —. Deixe-me ajudá-la, posso ajudá-la.

— Onde está o seu príncipe agora, cadela?! — grita.

Com a pouca força que tenho, levanto minha mão direita, arranho seu rosto e enfio minha unha no seu olho esquerdo. Grunhe e dessa vez parece tirar toda a raiva quando bate no meu rosto novamente, caio no chão e vejo quando ela vem para cima de mim, levanto a perna e atinjo seu estômago. Ela para, fica surpresa e assustada, mas não paro e repito o golpe. Tudo acontece ao mesmo tempo, de repente Raze empurra violentamente a porta atingindo Valerie que cai para trás com um grito, sua cabeça bate na borda do mármore preto do banheiro, com um som arrepiante, então ela cai no chão, sua cabeça balançando em um ângulo estranho. Quebrado. Como se seus ossos não a segurassem mais, seus olhos arregalados, olhando para mim.

— Não... — implorei, recuando, puxando a saia do meu vestido.

Levanto-me assustada, tremendo, totalmente em pânico. Raze verifica e diz agachado. Ela está morta, eu a matei. «Eu a matei». Saio correndo do banheiro, não consigo olhá-la mais, não posso. Ouço a voz de Raze me

chamando, mas quero chegar à única pessoa no mundo que me dirá que tudo está bem e assim acreditarei. Pela primeira vez, acreditarei em alguém, porque ele é, em parte, a única pessoa capaz de inspirar confiança e proteção em mim. Virando em um dos corredores, eu tropeço no garoto de cabelo preto... Romano.

— Don, onde ele está? Onde está o meu marido?! — grito movendo minhas mãos cheias de sangue, posso sentir o líquido quente em meu nariz e minha boca. Romano não se move, não diz nada.

Ele fala italiano, ele não me entende. Eu me esquivo, correndo para as portas duplas. O homem assobia atrás de mim, mas continuo até abri-las de par em par. Meu mundo está desabando.

As poucas peças que pensei estarem unidas, elas se quebraram.

Dominic Cavalli está no mesmo lugar, a única diferença é que em seu colo tem uma linda mulher, sua mão agora envolve *outra* cintura e sua boca a devora, beija seus lábios pegando-a pelo pescoço, como fez comigo horas antes, ou seja Katniss está aqui, com ele... tomando o meu lugar. Porque ele nunca se importou comigo... As pessoas são apenas peças em seu jogo.

CAPÍTULO 26

Emilie

O que há de errado comigo? Por que todas as pessoas ao meu redor só pensam machucar-me em algum momento? Destruir minhas ilusões de uma vez, sem um sinal prévio, o que há de errado comigo? Por que *agora* isso me machuca? Antes o vi foder uma garota contra a mesa do escritório e não aconteceu nada, não houve este fogo interno ou este sentimento de desespero em meu peito.

Um braço envolve minha cintura, puxando-me para trás e Romano fecha as portas. As lágrimas descem pelo meu rosto, não luto nem grito. Sei quem me tem contra seu peito, é alguém que uma noite no passado me aconchegou da mesma maneira e me embalou até o sol nascer, limpou minhas lágrimas e me prometeu que nunca ninguém me machucaria. Eu o chamei de anjo e ele se proclamou um demônio, selando um juramento onde o sangue era nossa testemunha. *Ele falhou.*

Tropeçando, ambos caminhamos os corredores intermináveis, até encontrar Raze que está um pouco agitado.

— Seu trabalho era cuidar dela — rosna Roth me soltando, busco apoio na parede.

— Não posso ir ao banheiro com ela, posso, gênio? Cuidei do corpo daquela outra, nada com que se preocupar, parece que foi um acidente infeliz.

«Valerie... assassinei a Valerie. Oh, meu Deus».

— Foi um acidente... Ela enlouqueceu.

— Precisamos tirá-la daqui agora, ninguém pode vê-la assim. Emilie, controle-se.

— Controlar-me?! Minha melhor amiga está morta!

Roth embala meu rosto em suas mãos, seu toque diferente do seu irmão Raze, é mais delicado, inclina meu rosto observando meu nariz. Seus dedos acariciam minhas bochechas doloridas. Valerie sabia lutar, não como uma mulher normal, parecia ter treinamento, não tive chance contra seus golpes.

— Você me entregou para ele...

— Conversaremos sobre isso mais tarde.

— Ela me disse que você me ama — sussurro.

— Don não demorará para perceber — avisa em resposta, tira um lenço branco e limpa meu nariz e boca do sangue e minhas bochechas banhadas em lágrimas.

— Ajude-me a escapar, Roth. Deixe-me ir, eu me esconderei bem longe... Por favor — eu imploro.

Seus olhos negros me olham, agarro seus pulsos quando encosta sua testa na minha.

— Ele é meu Capo, meu irmão... Já falhei com ele uma vez, *por sua causa*, não posso repetir isso.

— Roth, por favor.

— Nós a tiraremos daqui — sentenciou, afastando-se. Quero parar de chorar, ser forte, dizer-me que não importa, mas isso é demais para mim. Minha mente se choca entre Valerie e Dominic, não consigo parar de lembrar dos bons momentos, das risadas com minha melhor amiga, tento vê-la como uma vilã, mas não consigo. Não consigo lembrá-la como esta noite.

Prestes a sair, o celular de Roth vibra. Os três se entreolharam, meu coração para quando responde. Dominic ladra uma série de palavras no celular.

— Comigo — diz e desliga o telefone. O jovem Romano vem até nós. Tremo, todo mundo perceberá. Sou uma assassina... Eu a matei. Eles falam em italiano, trocam olhares preocupados entre si, Raze apenas me olha, parece preocupado. Estou zonzinha, quero vomitar. Pontos coloridos dançam nos meus olhos, tento alcançar a parede, segurar algo quando sinto meu corpo ficar fraco, minhas pernas não me respondem e choramingo o nome de Roth enquanto uma figura familiar se encaminha na minha direção rapidamente, seu rosto desprendido. É tarde demais, meu corpo cai no chão. Uma dor surda no meu lado direito e minha cabeça lateja, então perco a consciência.

“Eu te amo”, lembro-me dessas palavras, meu pai me disse em uma manhã de domingo, era meu aniversário e prepararam um bolo de chocolate. Holden estava na porta, de mau humor, e mamãe pulava de alegria, brincando que ele não receberia uma fatia de bolo. Não disse isso, não retribuí esse *te amo*. Nesse momento as emoções e sentimentos não tinham importância real. Agora, no presente, tenho certeza de que alguém acabou de sussurrar essas palavras em meu ouvido, mas quando abro os olhos desorientada, estou no quarto da vila de Cavalli, uma médica em cima de mim, medindo minha

pressão arterial e um soro na minha mão direita. Meu rosto se sente pesado e me dói muito ao tentar falar.

As memórias me sufocam; a luta, Valerie, seus olhos olhando-me já sem vida e Dominic.

— Está tudo bem, senhora Cavalli — a mulher me tranquiliza com um sorriso amigável —. Quer que eu chame o Sr. Cavalli?

Agradeço, mas nego esticando-me até a mesinha de cabeceira, quero um pouco de água. Preciso de um banho, limpar-me de todo este mundo. A mulher grita quando eu tiro a intravenosa, o sangue manchando os lençóis dourados. Saio da cama virando os olhos diante de sua histeria. A porta se abre, Dominic entra como um tornado. Ele para de repente quando me vê, então remota sua marcha na minha direção.

— Não se atreva a tocar-me — assobio.

— Saia — rosna. A mulher sai apavorada, deixando-nos sozinhos.

— O que você quer de mim, Dominic?

— O inchaço está diminuindo — responde em troca.

— Vamos fingir que nada aconteceu? Que você não é um mentiroso?

— Você me odeia da mesma forma — enfatiza, movendo-se até estar completamente ao meu lado.

— Prefiro odiá-lo mil vezes, sentir algo mais do que esse vazio, essa decepção.

— Se for útil para você... sinto muito.

— Não quero seus arrependimentos, não significam nada quando são pela mesma causa! Você mentiu! Você me disse na minha cara que foi só uma vez e que não deveria preocupar-me! Eu acreditei em você! *Isto...!* — Bato no seu peito, essa parte onde a pele é marcada por sua tatuagem —. É uma mentira absurda! *Você não sabe o que é lealdade ou honra!* Se tivesse honra, não mentiria e se você fosse leal, nunca me trairia, você é um homem sem palavra, e em seu mundo, um homem sem palavra, não vale nada! Pensei ter visto algo bom em você, mas estava enganada.

— Não entende.

— Então me explique! Estou aqui! Por que não sou suficiente?!

— Você é suficiente, Emilie. Essa é a máfia, terei mulheres fora do nosso casamento e isso não significa nada, elas não são minha esposa.

— Sua esposa ornamental. Não entendo isso, Dominic, juro que estou tentando... pode acreditar! Mas não posso. Onde fica o amor nisso?

Sentimentos? Fidelidade? Onde eles estão?

— Amor? Todo seu drama é por causa disso? Do *amor*?

— Mereço algo real na minha vida, amor incondicional. — Balanço minha cabeça negando. Nunca entenderá —. Durante anos evitei que alguém entrasse na minha vida, recusei a ideia de romance, os garotos ou alguma aproximação íntima e aí chega você... Eu o deixo entrar, Dominic, abri as portas da minha alma para um homem vazio, sem sentimentos. Tenho pena de você, viver uma vida solitária é deprimente e sei do que estou falando.

—Não preciso de você, Greystone, como ousa falar sobre amor? Sentimentos? Você me conhece muito pouco. Esqueça isso! Não sabe nada sobre minha vida!

— Eu sei que o deixo assustado, que desperto algo em você.

— Não tenho medo de nada, já assassinei sem piedade. Já vi a morte de frente e você, uma garotinha caprichosa, não tem nenhum poder sobre mim.

— Você é um mentiroso tão bom que acredita na sua própria mentira.

— Eu não te amo, Emilie! Não estou nenhum pouco preocupado com você, não passa de uma boceta para foder, uma mulher com barriga para me dar herdeiros. Pare de me idealizar e sonhar com suas histórias estúpidas de amor, não sou um príncipe encantado e muito menos a salvarei. Acostume-se com as outras mulheres da minha vida, haverá muitas Katniss em nosso casamento. As pessoas dizem “eu te amo” constantemente e isso não significa nada, entendeu? Nada! Em algum momento deixam de falar e vão embora.

— É isso... Ela, sua mãe.

— Não a coloque nisso, não tem nada a ver.

— Tem tudo a ver! Acha que não percebi? Tudo ainda está intacto nesta casa, cada detalhe dela, ela o abandonou, certo?

— Voltaremos para casa, seus pertences já estão prontos. Tome um banho e desça.

— Então tudo foi uma mentira?

Preciso ouvir, saber quão errada estava.

— Sim, você não representa nada para mim, não te amo! Você é um meio para se atingir um fim.

Mordo meu lábio inferior, sentindo meus olhos cristalizarem de lágrimas. Como pude acreditar em você? Quando pude deixar de odiá-lo por estar próximo de mim, para sentir isso no meu coração? Meu futuro marido me

olha como se esperasse algo mais. Talvez minha queda, o ponto de ruptura... e quando nenhum de nós diz uma palavra, ele simplesmente se vira e vai embora.

Observo a madeira da porta um pouco mais e o resto faço tudo mecanicamente, tomo banho, arrumo meus cabelos olhando meu rosto inchado, minhas bochechas marcadas e o nariz roxo, tenho um pequeno corte no lábio superior.

Valerie, Valerie... Não consigo parar de olhá-la, seus olhos sem vida, seu pescoço, jogada no chão.

Saímos de vila entre abraços com Marcela, ela tenta dizer-me algo, mas a barreira do idioma nos impede de comunicarmos. Raze vai comigo em um carro e no outro está Dominic e Roth. Essa distância é muito gratificante, sou a primeira a embarcar no avião particular. As pessoas tentam não olhar para o meu rosto e surpreender-se. O voo é longo e incômodo, não durmo porque, tentando, só vejo minha melhor amiga. Raze está encarregado de me dar alguns analgésicos e aproveito para perguntar sobre as garotas engaioladas. Pelo menos sei que não estão mentindo para mim, sou capaz de respirar tranquila ao inteirar-me de que estão a salvo e foram enviadas para suas famílias. Meu futuro marido não perde detalhes e constantemente sinto seus olhos em mim, observando-me de longe. Aterrissar em Nova York é gratificante.

— Quero ir com Roth — peço assim que nos separamos para entrar nos carros. Dominic franze a testa, mas não faz nenhuma objeção à minha exigência. Está estranho, pensando em algo.

— Se tentar escapar, meus homens acabarão com a sua raça, Emilie. Não brinque comigo.

— Não estou fugindo, Dominic.

Isso o surpreende, mas não lhe dou nenhuma explicação adicional. Sei que entenderá de outro jeito já que acaba de despertar um demônio que estava adormecido. Ele me traiu, depois de todas as vezes que jurei lealdade e fidelidade aos seus ideais. Tirou minha virgindade. Se ele quer uma esposa, ele a terá, mas com as minhas regras. Nunca me importei com o poder, muito menos com o dinheiro. Agora, graças a Dominic, tenho planos melhores. Serei sua esposa e ao mesmo tempo seu pior inimigo. Nick, é quem me abre a porta do carro enquanto Dominic ocupa seu BMW preto mate, com Raze.

— Por quê? — questiono ao subir na parte traseira, traz alguns documentos

em suas pernas. Suspira empilhando as folhas —. Quero a maldita verdade e eu quero agora, por que minha melhor amiga tentou matar-me? Por que ela pensava que você está apaixonado por mim? E o mais importante, por que você me colocou na mira de Dominic Cavalli?

Nick é nosso motorista, o carro começa a afastar-se quando Roth nega e ri tristemente, quase em um grito estrangulado.

— Eu a queria para mim.

Isso me tira totalmente do jogo.

Pisco olhando-o de outro jeito... para ele?

— Você me salvou, Emilie, ambos perdemos partes importantes de nossa essência naquela noite. Você a bondade e eu um pouco da escuridão, despertou um sentimento incomparável de proteção em mim, queria mantê-la em uma jaula segura. Gabriel não morreu essa noite, menti para Dominic quando chegou no dia seguinte, contei somente meia verdade e não mencionei seu nome porque não queria comprometê-la. Eu a vigiei a distância, cuidei dos seus passos apagando toda e qualquer informação sua e mantendo-a como um fantasma. E Valerie tinha razão, eu te amo... amo, não como homem, eu te amo com protetor. Para os americanos o amor é carnal, mas para mim, um russo nascido e criado na Bratva, herdeiro do trono depois do meu falecido irmão mais velho, o amor que eu sinto por você, é fraternal. Quero vê-la feliz e segura.

— Em que momento Valerie entra nisso?

— Você foi morar com ela e me aproximei para obter informações, ela descobriu o meu mundo, a máfia, o tráfico de mulheres e queria participar. Eu a treinei para lutar, é por isso que você está tão machucada. Eu a seduzi para mantê-la segura. Val era ambiciosa, ela sempre quis mais e isso a levou aos russos. Ela começou a usar drogas e a querer mais dinheiro, de alguma forma tentando ganhar meu carinho. Você não teve culpa nenhuma na morte de Valerie.

— Eu a matei.

— Não, preciosa, quem a matou fui eu, quando a deixei participar da máfia conhecendo suas fraquezas.

— E Dein? Também fez parte de tudo isso?

— Não, ele é apenas um garoto que gosta de apostar em jogos de azar.

— Estou realmente em perigo ou foi apenas uma mentira?

— Foi real na época, Vladimir se apaixonou por você e quando descobri...

— Você me colocou na mira de Dominic, por que não com você?
— O plano era que Don a rejeitaria assim que soubesse que não era virgem e a entregaria para mim... — confessa, olhando para a paisagem de Nova York assim que passamos pela ponte *Washington* —. Eu me casaria com você para o público e assim garantiria sua proteção completamente.
— Então estava brincando de ser Deus e tudo saiu do controle.
— Podemos dizer que sim — vacila.
— Onde está seu corpo?
— Você é muito nobre para esta vida.
— Minha vida é uma farsa completa, Roth. Os outros escolhem por mim e cansei disso. Quero governar meu próprio destino.
— Seu destino é se casar com o chefe dos chefes.
— Posso ajudar o destino, sabe? Dando um pequeno chute.
— Dominic é um bom homem.
— Não me diga!?! — ironizo —. Você só me tem usado, quer os documentos, certo? Esse foi seu erro? Queimar a evidência? Agora eu me pergunto, o que aconteceria se estes documentos caíssem nas mãos de Vladimir ou melhor ainda, nas mãos dos russos de alto escalão? Sabe quanto dinheiro tem estas contas? Milhões de euros, dólares. Se Dominic descobre que você não lhe contou essa informação, você será um traidor... O que aconteceria, Roth? *Hein?*

Olha para Nick que ficou calado escutando tudo.

— Posso manter seu segredo, meus lábios selados, mas preciso de um favor, porque você roubou minha vida no dia que cruzou meu caminho com Dominic e quero minha liberdade de volta, mesmo que tenha que levar o *chefe dos chefes* entre as minhas pernas, embora o mate com as minhas próprias mãos.

— Não está raciocinando.

— Acho que pela primeira vez estou agindo de forma razoável, desde pequena cada homem ao meu redor decidiu minha vida e cansei de ficar nas sombras quando tenho tanta informação a ponto de travar uma guerra entre os dois lados e vê-los cair enquanto levanto meu próprio império. Dominic não tem ideia, você falhou quando deixou que seus sentimentos governassem seu dever. Então, a meu ver, você tem duas opções; mate-me dentro deste carro ou observe na primeira fila como destruo o segundo Cavalli, afinal de contas, fui a ruína de seu pai.

CAPÍTULO 27

Emilie

A catedral de São Patrício de estilo neogótico apareceu diante dos meus olhos. Minhas mãos começaram a tremer mais forte e meu peito acelerou. Enfim, aqui formalizaria o inferno de vida que teria ao lado de Dominic, ou o sujo, se o olharmos de outra perspectiva. Era irônico casar-se em uma igreja católica tendo uma conexão tão ruim com Deus. Holden saiu primeiro, depois estendeu sua mão ajudando-me a sair. O vento soprou meu véu, era uma manhã fria de domingo. Uma fita branca foi amarrada no topo da entrada do templo. Significava união, na cultura italiana.

— É um casamento italiano grandioso — murmurou Holden. Apertei meus dedos em seu braço. Seu smoking azul escuro, arrumei sua camisa, gola e depois verifiquei sua gravata.

— Eu mesma a escolhi.

— Emilie...

— Estou bem, façamos isso.

— Não tive escolha, Emilie. Eu te amo, você é minha irmãzinha, deveria protegê-la e não sei como fazê-lo sem prejudicar os outros.

Homens de segurança estavam por toda parte, comunicando-se com seus dispositivos em seus pulsos e dois imediatamente carregaram a cauda do meu vestido.

Os flashes das câmeras começaram a vir de todas as direções. Era um circo, o casamento exclusivo de Nova York.

Desde a nossa chegada da Itália, cada um ficou longe do outro, a mesma rotina do passado.

Ele chegava mal-humorado de madrugada e almoçávamos juntos à mesa em um silêncio sepulcral; para Dominic, Raze matou Valerie quando estava em cima de mim no banheiro feminino, sua morte abalou o show business, dizia-se que ela perdeu a vida em um acidente de carro na Sicília, quando estava saindo com seu namorado secreto.

— Terminaria assim, Holden. Nós dois sabíamos disso, nosso pai nos guiou a este destino desde o nosso nascimento. Pelo menos você é livre, sal da máfia. Senti seu corpo ficar tenso. Íamos esperar em uma sala reservada, Roth

cuidaria de trazer Dominic para mim, precisávamos ter uma conversinha antes de dizer *para sempre* na frente de toda a máfia, entre os convidados tínhamos dois xeques árabes, chefes do cartel colombiano e a maior eminência dos russos, Igor Kozlov, que assumiu o poder com a morte do pai dos irmãos Nikov e que garantiria a paz entre os Bratva e os italianos, este casamento traria um novo reinado. Se aceitasse ser sua esposa diante de todas essas testemunhas, seria o primeiro Capo a trazer a paz à máfia. Vladimir Ivanov faria parte do passado, sendo um Bratva seguiria as ordens do chefe e Dominic governaria todos os italianos, tornando-se um dos homens mais poderosos do mundo, os alemães recuariam e os latinos começariam a beijar seus pés.

«Eu lhe darei poder ou desgraça».

Suspirei, levantando o véu com a ajuda do meu irmão quando entramos na pequena sala reservada, estava entorpecida e furiosa, Hannah e Evie não demorariam a entrar.

— Por que não recusou, Holden? O que Dominic podia fazer contra você?

Ele anda nervoso, mordendo o lábio.

— Eu tenho uma filha, um bebê de meses... Rebekah não a ama porque ela é especial.

Merda. Sabia que era algo grande, mas uma pequena Greystone nunca esteve na minha mente. Holden mantém as mãos dentro do seu smoking e abaixa a cabeça.

— Emma tem síndrome de Down, eu a mantenho escondida porque esperava que Rebekah reconsiderasse, primeiro pensei que era depressão pós-parto, depois descobri a verdade... ela não a ama.

Uma dor aguda se instala na boca do estômago... *Emma*, como nossa mãe. Desvio o olhar do meu irmão. É uma criatura indefesa. Ela não é nossa mãe.

— Sei que mamãe a machucou — esclarece Holden, pegando minhas mãos trêmulas —. Que nunca a verá da mesma forma... É nossa mãe, aboborazinha. Vamos deixar de lado estes momentos belos de nossa família. Que Emma marque um começo em nossas vidas. Minha filha é boa, pura, inocente e guerreira como sua tia. Deus! Quero criá-la para ser tão corajosa quanto você e menos covarde do que eu.

— Emma é um novo começo — sussurro, segurando as lágrimas —. Será forte e valente. Juntos a ensinaremos, mas por que não me disse isso antes?

— questiono.

— Você tinha muito problemas, Emilie. Além disso, Savannah me ajuda, quando eu lhe apresente Emma, entenderá porque eu a escolhi... é um bebê lindo, Emilie.

— Don o ameaçou?

— Ele insinuou...

Alguém bate na porta, interrompendo.

Quando a abro, vejo meu futuro marido. Merda.

Meu bom Sr. Dominic evoca respeito, domínio e poder. A luz da catedral ilumina seu rosto angular e frio. Essa máscara gélida em seu lugar. Não mostra nenhuma emoção quando me vê.

Sinto-me mal, tenho vontade de vomitar. É muito cedo para sentir-se assim não tendo nada no estômago e ainda queria devolver o conteúdo. Este homem, se ele não acabar com minha vida nos próximos minutos, ele se tornará meu marido.

— Cuidarei de tudo, Holden — murmuro, abraçando-o, pegando-o desprevenido por alguns segundos e, em seguida, envolvendo meus ombros

—. Eu te amo, meu irmão, e aconteça o que acontecer, farei de tudo para proteger nossa família.

— Eu também te amo, Emilie.

— Dê-me alguns minutos com meu prometido.

Holden acena e segura minhas mãos um pouco mais antes de me soltar e passar para Dominic, que por sua vez mostra alguma emoção naquele rosto. Observando, analisando meu vestido, sua posse.

Meu vestido de dois milhões de corte de sereia, um decote Rainha Anne. A renda envolve minha cintura até meus seios e nas costas um decote profundo, deixando-as descobertas até três diamantes em forma de botões. A longa cauda e um véu que deve cobrir meu rosto. Lindo, envolvendo cada curva do meu corpo e criando outras. O vestido dos sonhos de qualquer garota, inclusive do meu, receio. A joia Cavalli no meu peito, o diamante em forma de coração de um azul profundo pendurado no meu pescoço. Agora que conhecia a verdadeira história e origem da joia, eram as cinzas de Giovani Cavalli, seu tataravô, o primeiro Capo de Nova York, que migrou da Itália na década de 1920, criou a distribuição de bebidas alcoólicas quando era estritamente proibida, conquistou vários estados entre eles Chicago e acabou sendo o governante de 26 estados americanos, anos depois, deu lugar às armas e metanfetaminas. Ele morreu em 1949, foram vinte e nove anos de um

reinado impoluto da *Cosa Nostra*, quando faleceu, sua esposa transformou suas cinzas em diamante e governou como a primeira mulher por cinco anos, antes de morrer de causa natural, segundo contam as más línguas, entregou o colar ao seu filho e o fez prometer que passaria de uma mulher Cavalli para outra, até o momento nenhuma mulher descendente nasceu, todos que nasceram são do sexo masculino e apenas Isabella Cavalli o usou no pescoço por alguns meses, enquanto era a esposa perfeita do pai de Dominic.

E agora estava no meu pescoço, em meu poder, brindando respeito a todos seus homens, uma parte da *Cosa Nostra*.

— Ver a prometida antes do casamento dá azar — murmura da porta.

— Não sabia que era supersticioso.

— E não sou — admite, entrando e fechando a porta atrás dele —. Emilie... devemos conversar.

— É nosso dia de sorte, eu também quero dizer-lhe uma coisa... *Whisky*? — eu o convido, apontando para o frigobar. Ele rosna, não é segredo que ele esteve frequentando diversos bares nos últimos dias, chegava a cobertura bêbado como um barril, certamente depois de se esfregar e foder com Katniss ou alguma de suas amantes, afinal de contas, *devo* acostumar-me com o exército de mulheres dispostas a transar com ele.

— Prefiro ter essa conversa sem álcool.

— Estamos aqui para atendê-lo, não é verdade?

— Emi... — fala baixinho, perdendo sua integridade. Encurta a distância e dou um passo para trás.

— Fique longe de mim — assobio.

— Disse que nunca lhe faria mal... Fisicamente.

— Também disse que se importava e horas depois demonstrou o contrário.

— *Cara mia*, sinto muito... As coisas mudaram.

— Algo em que concordamos, tudo mudou, Dominic, tudo — digo, alisando a saia do meu vestido branco, inocente e puro —. Meu pai trabalhava para o seu, foi estagiário dele nas investigações de inteligência do Governo Federal e Gabriel Cavalli traiu o pai dos Nikov.

— Por que me está dizendo isso agora? Nós nos casaremos em minutos, Emilie — sussurra com raiva, perdendo qualquer indício de ser o chefe dos chefes e passando para aquele homem, que eu achava que era mais humano —. Isso não importa, amor. Quero falar sobre nós, esses erros são deles, não nossos.

— Falar sobre nós? — dou uma gargalhada —. Não há *nós*, Don. Essa é a máfia, lembra? Decisões para um bem maior, deixando de lado os sentimentos.

— Não, escute...

— Quero entrar no negócio — determino. Sua postura fica ereta e ele pisca perplexo —. Quero quarenta e nove por cento do negócio, tenho as rotas, algumas ideias novas de como camuflar a droga, passar sem ser detectado, tenho certeza de que você perde muito nos postos de controle.

— Esquecerei o que me acaba de pedir — diz ele, abrindo a porta, pronto para ir —. Eu a esperarei no altar, Emilie, e pare de bancar a mafiosa.

— Se você sair por essa porta, um *italiano* atirárá em Igor Kozlov, você desencadeará uma guerra.

Não estou mentindo, graças a Roth e seu pequeno segredo de traição, tenho poder suficiente para enviar uma guerra direta entre duas facções que se odiaram até a morte por gerações.

— Só pode estar brincando, não me faça rir.

— Tenho cinco pen drives distribuídos estrategicamente, caso algo me aconteça, no mesmo dia as informações serão enviadas aos principais homens dos carteis mexicano, colombiano, alemão, russo e indiano. Serão muitas mortes, e todos se unirão para exterminar a Sicília.

— Onde ficou a honra e lealdade?

— Junto com minhas esperanças. Eu o avisei, Dominic, e você decidiu ter-me como inimiga. Você tem menos de cinco minutos para começar a decidir, recomendo que passe para o meu nome quarenta e nove por cento, e lhe permitirei que continue comandando seus homens.

— *Mia dolce regina, como ti ho fatto tanto male?*^[24] — pronuncia nessa língua tão erótica, acariciando as vocais em um lamento. Não se preocupa em fechar a porta, nem em parar quando possuído caminha na minha direção, encurralando-me contra a parede, suas mãos no meu pescoço —. Nunca tive dúvidas do seu alcance, do seu poder assustador, foi capaz de me deixar louco de relance e fui um idiota por lutar contra o óbvio, eu me preocupo com você, no entanto, você me apronta isso. Não sei o que é amor, se é sentir um golpe na boca do estômago quando a olho ou como me faz falta que esteja nos meus braços à noite. Antes não olhava a porta que há entre nós, agora sim e só penso quebrá-la quando chego, o silêncio do almoço está acabando comigo. Não sei se te amo, mas não tenho a menor dúvida que é

parte essencial de mim, vê-la traz alívio à minha alma, se é que ainda a tenho. Seu sorriso move montanhas de dor em meu peito... Dê-me uma segunda chance.

— Acha mesmo que acreditarei nesse discurso barato?

Ele encosta sua testa na minha, suspirando e fechando os olhos.

Estou a centímetros de sentir sua boca, mas ele não avança e o agradeço, ainda partes de mim são dominadas com a sua aproximação.

— O quer que eu faça? Eu farei, *cara*... Qualquer coisa.

— Quarenta e nove por cento da Sicília, além disso tirará meu irmão do negócio e seremos uma apenas um casal perante a sociedade, a portas fechadas manterá distância.

Sorri, o maldito filho da puta sorri e depois abre esses lindos olhos azuis.

— Holden lava muito dinheiro, não posso perdê-lo.

— Cuidarei disso, eu o quero fora.

— Feito, cinquenta por cento da Sicília, Nova York permanecerá minha, Holden está fora do mercado e você será minha esposa sob todas as leis, humanas e celestiais. A única distância que teremos será um suspiro entre nossos corpos quando eu a foder de vez em quando. Sem mais mulheres, eu prometo. Eu lhe mostrarei ao longo do nosso casamento, que será a única para mim — sentencio, deixando-me sem fôlego, depois delinea meu lábio inferior nu, sem nenhum batom —. Você é uma extensão de mim, pequena, e não a perderei.

Ele termina de selar sua boca com a minha, em um beijo diabolicamente possessivo e feroz, seus dentes se chocam com os meus e eu mal respiro quando ele se afasta, deixando-me excitada, em pé e sai sem dizer mais nada, que porra é essa que acabou de acontecer? Sou dona da metade da Sicília? Ele realmente me deu milhões de dólares tão facilmente? É mais uma de suas manipulações? Claro! Ele é um mentiroso de primeira! Não devo acreditar em merda nenhuma. Holden entra lívido, apontando para trás.

— Ele acaba, *literalmente*, de despedir-me.

«Oh, merda!».

Na igreja pode-se ouvir a canção de *Ave Maria* na voz de uma mulher cantando o estilo de uma ópera italiana. Não tenho buquê, outra tradição; Dominic me daria um no final do corredor, próximo do altar. Os bancos estavam lotados, não conhecia a maioria dos convidados. O centro preparado

para minha entrada, tinha um tapete vermelho, os guardas deixaram cair cauda e Holden apertou minha mão desejando-me força. Respirei fundo antes de dar o primeiro passo na direção da minha destruição. Não sentia nada, estava entorpecida. Uma prima de Cavalli ocupava seu lugar em frente a Dominic e Roth, à sua esquerda, em um smoking preto. Ele parecia imponente, como um cavaleiro da noite.

Holden apertou mais forte e percebi que estava paralisada. Não podia continuar caminhando, *não queria*. Meu corpo inteiro estava em pânico. Dominic se moveu, foi leve, uma única inclinação de seu corpo. Procurei seu olhar, esses olhos azuis. Acaba de ceder parte de seu patrimônio.

Sua boca se formou um mini sorriso, sua cabeça disse concordando comigo. A catedral é muito grande, é imensa e está cheia de gente, mas nesse instante, de alguma forma, senti que éramos só nós. Meus pés se moveram, guiados e atraídos para o *Don da máfia*.

Disposta a governar um mundo novo, criar uma lenda entre a Ordem.

Holden entregou minha mão ao meu futuro marido, que por sua vez a pegou e então me entregou o mais lindo buquê. Era em forma de cachoeira, com rosas vermelhas e lindos lírios brancos.

Uma carícia foi depositada na minha mão trêmula.

— Está linda — sussurrou para mim. Não conseguia esperar mais —. Aceite minhas rosas, meu cortejo a você.

Cortejo? As outras rosas significavam isso? Algum tipo de tradição italiana da qual desconheço?

— Obrigada — afirmei admirando o buquê.

— Não se merecem — murmurou, ambos virando para o padre. Nesse momento tive algo claro, Dominic Cavalli acreditava poder comprar tudo, inclusive meu corpo. A verdade é que meu corpo era seu, minha alma, por outro lado... não tinha preço. Perdeu esse direito junto com sua traição.

O padre começou seu sermão de abertura, os convidados se levantaram. De onde estava podia avistar Hannah, um sorriso pequeno e caloroso em um lindo vestido com decote em coração e um vermelho vivo. Ao mesmo tempo, aquilo floresce na entrada da catedral. Eu era a única coisa branca, até o padre usava uma túnica vermelha e dourada. Dominic era preto, gravata vermelha delicada em uma camisa branca, e uma mecha do seu cabelo chocolate desordenada, além de uma barba deliciosa e perfeita.

— Eu, Dominic Cavalli Schiavone, prometo cuidá-la, Emilie Greystone

Stuart, na saúde e na doença. Ser-te fiel na alegria e na tristeza, respeitá-la todos os dias de nossas vidas e proteger sua alma como se fosse a minha até que a morte nos separe.

Não prometeu que me amaria, porque isso não entrou em sua vida. Se alguma parte de seu peito latejava, não estava destinado para ser meu. A realidade batendo forte, arrasando. Nunca me amaria, isso não estava destinado a acontecer.

E doeu, foi opressor, insuportável e torturante. Ele não me ama, eu não o amo. Amor é algo que não acontece em nossas vidas, nem seremos fiéis e muito menos nos respeitaremos. Nenhum valor será oferecido em nosso casamento, porque somos uma farsa. Uma mentira pública.

— Emilie Greystone Stuart, aceita Dominic Cavalli Schiavone como seu legítimo marido? Prometendo ser fiel na prosperidade e na adversidade, na saúde e na doença, respeitá-lo e amá-lo até que a morte os separe?

Um silêncio extremo atingiu a catedral, nenhuma alma respirou nesse instante. Vi a Holden dar um passo, sua postura endireitando-se, esperando o momento de me salvar. Incapaz de falar, as lágrimas encheram meus olhos. Dominic continuou olhando para o padre, imponente, mas apertou minha mão levemente.

— Sim, eu aceito.

Nossos anéis foram colocados, o padre declarou outras coisas. Mas não conseguia concentrar-me, nem chorei. Nunca mais seria essa Emilie Greystone.

— Senhor, abençoe estas arras, e derrame abundância sobre seus filhos.

— Emilie Greystone, receba as arras como benção de Deus e sinal de nossos bens para compartilhar. — Dominic finaliza, colocando doze moedas nas minhas mãos.

— Nosso Senhor, que fez nascer o amor entre vocês, guie seu caminho — diz o padre fazendo o sinal da cruz diante de nós —. O que o Senhor uniu, jamais o homem separe. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

— Amém. — Todo falaram uníssono.

— Agora os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Dominic girou sem emoção, suas mãos retiraram meu véu. Um sorriso arrogante surgiu em seus lábios e finalmente se inclinou e me beijou. Sua mão deslizou-se no meu pescoço, inclinando meu rosto ainda mais. A outra sobre minhas costas percorrendo toda a minha coluna.

Uma onda de aplausos nos fez recuar, ambos ofegantes. Dominic mais chateado, seus olhos azuis procurando algo mais profundo em mim. Minhas pernas pararam de falhar, nós dois piscamos. Esse beijo... *Deuses*.

Fomos atacados pelos convidados, não conheço a maioria, ao contrário de Dominic.

Passamos minutos recebendo elogios e conselhos depois recebemos uma chuva de pétalas de rosas vermelhas e arroz. Tivemos uma sessão de fotografia pessoal na mansão onde nosso segundo casamento e festa aconteceriam. Hannah teve o cuidado de nos separar, tinha que mudar par um segundo vestido, um mais recatado. Desta vez um pouco mais curto, revelando minhas pernas e meus cabelos soltos, uma coroa de flores minúsculas no topo. Dominic segurou minha mão durante toda a cerimônia civil. Desta vez ninguém hesitou em aceitar e assinar.

Roth e a prima de Don, nossas testemunhas. Separamo-nos mais uma vez quando tentamos falar. Pois tínhamos que nos preparar para a entrada na festa.

— Que beijo! — Hannah canta —. Emilie, Jesus! Vocês estavam prestes a colocar fogo na catedral.

— Não sei o que aconteceu — admiti. A maquiadora não saía de cima de mim. Hannah estava conosco.

— Dominic, isso aconteceu. — comentou minha ex-chefe, retirando-se.

Toquei meus lábios novamente. Foi um bom beijo.

A maquiadora continuou seu trabalho. Tomei um aperitivo e tomei bastante Moët Rosé Impérial.

Meu vestido de dois milhões voltou, desta vez sem a cauda longa e o véu. Precisava da minha liga, Evie deixou claro que mais tarde trariam as joias. Alisei o tecido, olhando no espelho quando vi a figura atrás de mim.

— Olá, esposa. — Ele dissimulava muito bem. Sua voz enganosamente doce.

— Querido, deveria estar na festa e não aqui bisbilhotando.

— Só estou olhando o que é meu, *esposa*.

— Claro — rosnei. Tomei outra taça, esvaziando seu conteúdo.

Alguém bateu na porta, Evie enfiando sua cabeça. Ela sorriu maliciosamente ao ver Dominic, entrou sem me olhar. Trazia consigo uma caixa de Tiffany. Algo desconhecido se instalou em meu ventre. Queria agarrá-la pelos

cabelos, sua bruxa maldita.

— Venha aqui — ordenou-me. Observei a bruxa e um único sinal do meu marido foi suficiente. Ela saiu da sala. Caminhei até meu esposo, encostando minhas sandálias em seus sapatos brilhantes.

— Dizer por favor e obrigado não é pecado.

— Esposa, por favor, deixe-me tocá-la.

— Assim é melhor, não acha?

— Está mais segura de si mesma.

— Agora sou uma Cavalli.

Afastou meu corpo ligeiramente. Na casa caixa havia uma liga, não era uma qualquer, era feita do mesmo ouro rosa do meu pingente, mas com diamantes brancos. Três gotas de chuva, era parecido com meu anel de compromisso a exceção da esmeralda. Sem dizer uma única palavra, ergueu meu vestido. Deuses, até hoje isso foi a coisa mais erótica que já aconteceu na minha vida. Seus dedos subiram sobre meu joelho e um pouco mais. Senti sua respiração na parte interna das minhas coxas, depois uma coceira deliciosa sobre minha calcinha de renda. Um sorriso ardente tomou conta de minhas bochechas.

— Mais tarde... — foi sua promessa.

— Não me tocará.

— Pode mentir à vontade, se isso a faz viver melhor consigo mesma, mas eu senti, minha esposa. Na catedral perdeu uma batalha interna, você me deseja e isso está acabando com você.

Devo ter sempre em mente estas palavras quando deixa a joia na minha coxa com uma carícia a mais. Era meu inimigo, este homem não pretendia realmente sentir nada. E eu estava tremendo com sua carícia.

Sem dizer mais nada, ele pegou minha mão. Firmes e cheios de propósitos saímos do quarto.

Os garçons serviram mais de catorze pratos entre saladas, massas, sopas, pães, frios, frutas, queijos, azeitonas, cogumelos, pimentões e alguns mariscos. Dominic ficou satisfeito com tudo, todos os convidados do nosso casamento comeram como um bom italiano.

Seus olhos brilharam quando foi servida a sobremesa. Amêndoas cobertas com caramelo. Lembrou-se de sua mensagem, na qual admitia amar o caramelo. Não hesitei em levar um pedaço à sua boca. Ele gemeu baixinho.

— Evie, é uma glória.

Hannah, que estava concentrada em Landon, virou ao escutá-lo.

— Emilie solicitou especificamente para você.

Dominic virou seu rosto e a satisfação preencheu seu rosto.

— Foi feito pelas tradições.

Não acho que tenha acredita muito. Sua enorme mão envolveu a minha, depois a levou até seus lábios onde beijou meus dedos.

— A melhor esposa que um homem jamais terá.

O maestro de cerimônias anunciou nossa primeira dança como o Sr. e Sra. Cavalli.

Entre aplausos, de mãos dadas caminharam até o centro do salão. Flores silvestres rodeando tudo. Faróis iluminando a tenda. Sua mão na minha cintura e outra um pouco mais elevada. *Can't Help Falling in Love*, uma versão para piano executada pela banda acústica. Coloquei minha cabeça em seu peito, por segundos sonhando com outro mundo. Imaginando outro começo, as razões mais nobres de uma união selada no amor. Aspirei seu aroma forte, varonil, essas especiarias picantes. Meu nariz brincando em seu peito, alguns míseros segundos senti seu coração mais rápido. Seu corpo baixou a guarda e levantei os olhos encontrando seu rosto bem perto. Piscando alguma luz, mas não deixo de olhá-lo, Dominic também não, e continua o ritmo suave. Vi meu reflexo em seus olhos, frágil e pequena. Um pequenino pardal perdido, sem rumo, nos braços de seu caçador.

Um novo mundo apareceu no meu horizonte.

Agora era Emilie Cavalli.

A nova mulher da máfia siciliana.

Continuará...

SOUNDTRACK

Play with fire - Sam Tinnesz
Natural - Imagine Dragons
Fractures - Illenium
Demons - Hayley Kiyolo
Talk Dirty - Jason Derulo
Who I am - The Score
Trampoline - Zayn feat Shaed
Love lies - Khalid feat Normani
Flames - Zayn
Scared to live - The Weeknd
Heaven - Julia Michaels
How do you sleep? - Sam Smith
Like that - Millie Bae
You don't own me - Grace
Paint it black - Ciara
Break my heart - Dua Lipa
Conversations in the dark - John Legend
My, oh my - Camila Caballo
Grind me Down - Lilliana Wilde
Born for this - The Score
Stronger – The Score
Monster in me - Little Mix
My Strange addiction - Billie Eilish
Break Up Song - Little Mix
In the end - Linkin Park

Expectations - Lauren Jauregui
(Himno oficial de Emilie/Dominic)

Castle - Halsey
Can't Help Falling in love - Haley Reinhart

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Cecilia Pérez de “*Divinas Lectoras*” por tornar isso possível. Nos últimos meses, seu constante apoio e amor tem sido muito gratificante. Isso me levou a inspirar-me e a seguir em frente com cada novo projeto. Graças a ela e ao seu trabalho, hoje, você minha linda leitora tem o prazer de ler esta linda criação.

Obrigado Ceci, você é um anjo divino.

Meu agradecimento especial a esta linda mulher, companheira e amiga. Marisol Moran, uma das administradoras da “*Locasxlalecturaromantica*” sem ela, nada disso seria possível. Ela não só me apoiou, como também tem sido uma amiga da literatura e foi quem inspirou todo este caminho de autopublicar, bem como dar a oportunidade a Dominic de ser descoberto pelo mundo e me levou a conhecer outra mulher incrível. E minhas garotas “*Gleenlunaticas*” em nosso grupo de WhatsApp compartilhando nosso amor por esses garotos, são minha fonte de inspiração. Britney, Edith, Val, Andrilu, Montserrat, Gris e Daiana. Elas são as melhores, nunca mude, eu as amo. Alex, meu amigo, meu irmão e meu parceiro. Obrigado por sempre me empurrar para realizar meus sonhos, por dar-me esses momentos em que me perdia na escritura e você ainda estava lá para ser mãe e pai dos nossos filhos.

Quem fui, quem sou e o que espero ser é por vocês. Até a próxima entrega.

Gleen Black.

BIOGRAFIA DO AUTOR

Grislanddy L. Hernández nasceu na República Dominicana, é uma mulher apaixonada pelo romance, fato este que a motivou a escrever. O pseudônimo Gleen Black nasceu por causa de sua predileção por roupas escuras.

Sua paixão pelas letras foi descoberta quando tinha apenas oito anos, deixando-se envolver em um mundo de fantasia com sua primeira história lida.

Em sua opinião não há nada melhor do que escrever de pijama, tem como hobby colecionar post-it e os preenche com frases tiradas de seus livros favoritos. Um mural e seu esposo são testemunhas fieis dessa pequena fascinação, amar colar frases e repassá-las para reviver as histórias e seus personagens.

Ela é mãe de dois filhos, mora na *Big Apple*, rodeada de amigos e familiares. Amante da natureza, é fã das redes sociais e adora escrever e ler no inverno com os seus melhores aliados: um café e milhares de ideias.



La

Reina Del Capo

Em breve...

CONTEÚDO

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)7

[Capítulo 10](#)3

[Capítulo 11](#)4

[Capítulo 12](#)1

[Capítulo 13](#)2

[Capítulo 14](#)1

[Capítulo 15](#)30

[Capítulo 16](#)6

[Capítulo 17](#)3

[Capítulo 18](#)3

[Capítulo 19](#)5

[Capítulo 20](#)5

[Capítulo 21](#)

180

[Capítulo 22](#)8

[Capítulo 23](#)2

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)⁶

[Capítulo 26](#)⁴

[Capítulo 27](#)¹

[Soundtrack](#)²

[Agradecimientos](#)³

[Biografía del autor](#)⁴

Próxima romance (La reina del capo)

[Tabla De Contenido](#) 256

[1] Braço direito e conselheiro do Capo.

[2] Agência central de inteligencia.

[3] Nome combinado de Anastasia e Kate, personagens fictícios.

[4] É uma bela dama.

[5] Filé de costela.

[6] Porque farei tudo isso.

[7] É uma série de TV americana criada por Shonda Rhimes.

[8] Minha querida, partirei aquele filho da puta ao meio.

[9] Bratva significa irmandade em russo. É uma organização criminosa, máfia russa.

[10] Criança.

[11] Ela é minha prometida, a quem Bratva não respeitou.

[12] Homem feito é um membro completamente iniciado na máfia.

[13] O chefe de todos os chefes.

[14] Subchefe governante de distritos em nome do Capo. Responsável direto pela organização se o Capo estiver morto, doente ou preso.

[15] Borboleta acorrentada.

[16] Minha maldita rainha.

[17] Presidente de um clube de motoqueiros.

[18] Está molhada e escorregadia, minha rainha.

[19] O inferno conhece minha alma, Deus me perdoe por roubar sua luz.

[20] Você é uma boa mulher, salvará meu menino. Tem muito sofrimento em sua alma, dor da perda e abandono.

[21] Minha bela rainha.

[22] Nunca desejei tanto um demônio.

[\[23\]](#) Frase americana que alude um problema ou risco que é evidente, mas ninguém deseja discutir.

[\[24\]](#) Minha doce rainha, como pude machucá-la tanto?